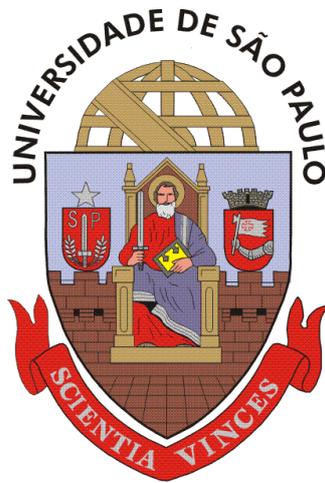


UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

**DEPARTAMENTO DE LETRAS MODERNAS
LÍNGUA, LITERATURA E CULTURA ITALIANAS**



JULIANA HASS

***FUMAÇA! FUMAÇA! FUMAÇA!* O CÓDIGO DE PERELÁ: A LEVEZA DO
ROMANCE FUTURISTA DE ALDO PALAZZESCHI**

São Paulo

2012

HASS J.	<i>FUMAÇA!</i> <i>FUMAÇA!</i> <i>FUMAÇA!</i> O CÓDIGO DE PERELÁ: A LEVEZA DO ROMANCE FUTURISTA DE ALDO PALAZZESCHI		MESTRADO FFLCH/USP 2012
----------------	--	--	--

JULIANA HASS

FUMAÇA! FUMAÇA! FUMAÇA! O CÓDIGO DE PERELÁ: A LEVEZA DO
ROMANCE FUTURISTA DE ALDO PALAZZESCHI

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Língua, Literatura e Cultura Italianas do Departamento de Letras Modernas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Roberta Barni

São Paulo

2012

Aos meus exemplos de vida, Marina e José Carlos, com amor, admiração e gratidão pela compreensão, carinho, presença, amor incondicional e incansável apoio para que esta dissertação pudesse ser concluída. Obrigada por serem meus pais, minha fonte de inspiração e de ensino diário.

AGRADECIMENTOS

À Prof^a. Dr^a. Roberta Barni, que nos anos de convivência muito me ensinou, contribuindo para meu crescimento pessoal, científico e intelectual. Agradeço o empenho, o apoio, a confiança, a compreensão, a sabedoria, a partilha do saber e as valiosas contribuições para este trabalho. Acima de tudo, muito obrigada por me acompanhar nesta jornada, pela exigência, por estimular o meu interesse pelo conhecimento e pela vida acadêmica e por me apresentar Perelà.

A todos os professores da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, responsáveis pela transmissão e construção do conhecimento por mim adquirido nestes anos.

Às Prof^{as}. Dr^{as}. Adriana Iozzi Klein, Doris Natia Cavallari, Elisabetta Santoro e Letizia Zini Antunes, pela atenção e apoio durante o processo de definição, orientação e produção.

Aos colegas do Programa de Pós-Graduação em Língua, Literatura e Cultura Italianas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo com os quais tive a oportunidade de conhecer e trocar conhecimentos, em especial à Giselle Larizzatti Agazzi, agora amiga, que me apoiou e aconselhou ao longo deste percurso.

À Universidade de São Paulo, pela oportunidade de realização do curso de mestrado.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, pela concessão da bolsa de mestrado.

À Università degli Studi di Firenze por me possibilitar o acesso aos registros bibliográficos do acervo existente na biblioteca da Faculdade de Letras e Filosofia.

Aos meus familiares que sempre me deram amor e força, valorizando meus potenciais.

Ao Renato de Carvalho Najjar, pelo amor, alegria e atenção sem reservas.

A todos os meus amigos e amigas que sempre estiveram presentes me incentivando com carinho, compreensão e dedicação. À Ana Paula Biasus pelas dicas e pela contribuição nesta dissertação.

Aos meus colegas de trabalho, em particular à Rosângela Gouveia Neves dos Santos, Fabiana Valeriano e Bruna Frattini Martins, e a todas as pessoas que participaram, direta ou indiretamente, contribuindo para realização deste trabalho.

Gli uomini che prendono sul serio gli altri mi fanno
compassione, quelli che prendono sul serio sé stessi
mi fanno sganasciare dalle risa.¹

ALDO PALAZZESCHI

¹ Os homens que levam os outros a sério me dão compaixão, aqueles que lavam si mesmos a sério me fazem morrer de rir.
(Tradução nossa).

RESUMO

O objetivo principal da presente pesquisa é apresentar o romance futurista *Il Codice di Perelà*, de Aldo Palazzeschi, e fazer o cotejo entre os originais da primeira (1911) e da última (1958) edições desta obra, para garantir um ponto de vista privilegiado sobre o romance e sua evolução ao longo do tempo. Palazzeschi é um autor que oscila entre a tradição e a criação, já que ele sempre apresenta novidades, não raro subvertendo a matéria da “escola” ou do “movimento” do qual se aproxima, o que conduz a novas formas que modificam, portanto, a tradição. Com isso, tornam-se evidentes a independência e as características peculiares do autor, se comparado aos seus contemporâneos. A narrativa do romance é realizada predominantemente por meio de breves diálogos conduzidos por várias vozes, com ritmos rápidos e dissonantes, conferindo à obra um caráter teatral. Por outro lado, o protagonista, precisamente por ser bastante diferente do gênero humano, apenas com sua presença imprime ao texto um tom fabular, além de fazer com que a história adquira características épicas. Ademais, a supremacia da síntese, do dinamismo, da compenetração e da velocidade, expressos com palavras essenciais e “em liberdade”, o uso de onomatopeias, de concisão, de justaposição de estilos, todos esses elementos heterogêneos – que ainda assim resultam em um texto harmonioso - ao conferir originalidade à estrutura do romance, também o ligam aos valores mais caros ao Futurismo, sobretudo ao que diz respeito ao Manifesto técnico da literatura futurista. O estudo mostra, também, como este romance coloca em prática, ao longo de sua narrativa, os preceitos do Manifesto palazzeschiano “Il controdolore”. Por fim, essa dissertação também propõe, em anexo, a versão brasileira do romance: *O código de Perelá*.

Palavras-chave: Aldo Palazzeschi; *Il Codice di Perelà*; futurismo; *Il Controdolore*; romance futurista; tradução, *O Código de Perelá*.

ABSTRACT

The main objective of this research is to present Aldo Palazzeschi's futuristic novel *Il Codice di Perelà* and make the comparison between the first (1911) and last (1958) original editions of this work to ensure a privileged point of view over the romance and its evolution over time. Palazzeschi is an author that oscillates between tradition and creation, since he always presents news, often subverting the subject of "school" or of "movement" to which he approaches, leading to new forms and modifying therefore the tradition. Hence the independence and the peculiar characteristics of the author become apparent if compared to his contemporaries. The novel narrative is accomplished mainly through short dialogues from various voices, with fast and dissonant rhythms, granting the work a theatrical tone. In the other hand, the protagonist, precisely because of his difference among mankind, just his presence adds to the book a fable tone, besides making the story to acquire epic characteristics. Furthermore, the synthesis' supremacy, the dynamism, the interpenetration and speed, expressed with essential words and "freely", the use of onomatopoeia, the brevity, the juxtaposition of styles, all these heterogeneous elements - which still result in a matching text - imprint originality to the novel structure, also bind it with the most important Futurism values, especially with regard to the technical Manifesto of Futurist literature. The study also shows how this novel puts into practice throughout its narrative, the precepts of the Manifesto palazzeschiano, "Il controdolore". Finally, this dissertation also proposes, attached, the Brazilian version of the novel: *O código de Perelá*.

Keywords: Aldo Palazzeschi; *Il Codice di Perelà*; futurism; *Il Controdolore*; futuristic novel; version, *O Código de Perelá*.

RIASSUNTO

Lo scopo principale della presente ricerca è quello di presentare il romanzo futurista *Il Codice di Perelà* di Aldo Palazzeschi, e confrontare la prima (1911) e l'ultima (1958) edizione dell'opera, per assicurare un punto di vista privilegiato sul romanzo e la sua evoluzione nel tempo. Palazzeschi è un autore che oscilla tra la tradizione e la creazione, poiché presenta sempre delle novità, sovvertendo spesso la materia della "scuola" o del "movimento" cui si avvicina, per sfociare in forme nuove che modificano la tradizione. Si evidenziano così l'indipendenza e le caratteristiche peculiari dell'autore se paragonato ai suoi contemporanei. La narrazione del romanzo avviene soprattutto mediante brevi dialoghi a più voci, con ritmi veloci e dissonanti, che conferiscono all'opera un carattere teatrale. D'altra parte, il protagonista, proprio per la sua spiccata differenza dal genere umano imprime un tono favoloso al testo, oltre a far sì che la storia acquisisca caratteristiche epiche. Inoltre, la prevalenza di sintesi, dinamismo, compenetrazione e velocità, espressi con parole "in libertà"; l'uso di onomatopee, di concisione, la giustapposizione di stili, tutti elementi eterogenei – che ciò nonostante risultano in una testualità armoniosa – mentre conferiscono originalità alla struttura del romanzo, lo ricollegano ai valori più cari al Futurismo, soprattutto per quanto riguarda il Manifesto tecnico della letteratura futurista. La ricerca mostra inoltre come questo romanzo metta in pratica, lungo la narrazione, i precetti de "Il Controdolore", manifesto palazzeschiiano. Infine, questa dissertazione propone in allegato la traduzione brasiliana del romanzo, intitolata *O Código de Perelá*.

Parole-chiave: Aldo Palazzeschi; Il Codice di Perelà; futurismo; Il Controdolore; romanzo futurista; traduzione; O Código de Perelá.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
I - ALDO PALAZZESCHI	14
I.1. Quem é Aldo Palazzeschi?	14
I.2. Do Crepuscularismo ao Futurismo	23
I.3. O autor e o Futurismo	34
II – O ROMANCE FUTURISTA <i>IL CODICE DI PERELÀ</i>	45
II.1. Sinopse	45
II.2 O Código de Perelá: Uma Obra Mista	49
II.3. O Contrador: Manifesto que Fundamenta o Código de Perelá	53
II.4. A Temporalidade no Código de Perelá	72
III - AS EDIÇÕES DE 1911 E DE 1958 DO ROMANCE <i>IL CODICE</i>	83
IV – CONCLUSÃO	126
V – BIBLIOGRAFIA	129
VI - ANEXO	132
VI.1 L’ Incendiario	132
VI. 2 Visita alla Contessa Eva Pizzardini Ba.....	140
VI. 3. Il Controdolore – Manifesto futurista – 1914.....	143
VI.4. Nota Geral da Tradutora	151
VI.5. O Código de Perelá	15

INTRODUÇÃO

Aldo Giurlani nasce em Florença, em 2 de fevereiro de 1885. Quando completa dezoito anos de idade, se inscreve na “Regia Scuola di Recitazione: Tommaso Salvini”, pois, quando criança, frequentava todas as noites o teatro, onde fez sua cultura e nasceu a vontade de ser ator: o teatro é sua verdadeira paixão.

No entanto, próximo aos vinte anos, esta ardente paixão se esfria e, então, começa a escrever poesias. Assim, em 1905, com a publicação de *I cavalli bianchi*, surge Palazzeschi escritor, sobrenome adotado de sua avó materna com o intuito de poupar o pai do escândalo de ver seu nome estampado nos jornais. Posteriormente, desiste definitivamente de sua carreira teatral, mas o teatro está sempre presente em suas produções.

Suas primeiras obras – *I cavalli bianchi*, *Lanterna* e *Poemi* – possuem temas do crepuscularismo, porém, Palazzeschi, desde sua primeira publicação, oscila entre a tradição e a criação: o autor apresenta novidades, que muitas vezes subvertem a matéria crepuscular e que conduzem a novas formas, modificando, portanto, a tradição: são, por conseguinte, produções que se aproximam e, ao mesmo tempo, se distanciam da escola crepuscular, tornando-se claras e evidentes a independência e as características do autor. A partir de 1909 essas características ficam mais evidentes, afastando Palazzeschi do crepuscularismo e aproximando-o do futurismo.

Em seu percurso como escritor, Palazzeschi conhece F. T. Marinetti, o que motivou sua adesão ao movimento futurista. Em março de 1911 *Il Codice di Perelà*, é publicado pelas “Edizioni Futuriste di ‘Poesia’”, com o subtítulo *romance futurista*. Nele se narra a história de Perelà, (desenvolvida em um arco de uma semana) um homem de fumaça, nascido do fogo de uma chaminé, “L’utero nero”, mantido aceso por três velhas. No entanto, quando Perelà completa trinta e três anos, o fogo se apaga: ele resolve, então, sair da chaminé, calçar um par de botas que encontra ao lado da lareira e caminhar até a cidade.

Chegando lá, começa a interagir com os habitantes que o batizam Perelà, das iniciais dos três nomes das velhas que repete obsessivamente: Pena, Rete e Lama. Esta cidade, o reino de Torlindao, é uma monarquia absolutista: primeiramente, Perelà é idealizado, exaltado por ser fora do comum, tornando-se objeto de honra e atenção. Inicia uma peregrinação pelas principais instituições do reino: é apresentado ao Rei e à

Rainha, às pessoas mais importantes da cidade, aos expoentes da cultura oficial e, também, às nobres mulheres da corte, sendo que uma delas, a Marquesa Oliva di Bellonda, se apaixona por ele.

O mestre de cerimônias declara na “ordem do dia” que o Rei deseja que Perelà elabore um código legislativo, cuja falta afligia o Estado havia muito tempo: o “Codice di Perelà”, justamente. Porém, Perelà “não consegue concluir” sua missão, porque Alloro, o mais antigo serviçal do reino e seu admirador, atea fogo ao próprio corpo, almejando tornar-se, também, um homem de fumaça. A responsabilidade da morte é atribuída a Perelà que, com isso, passa a ser considerado perigoso para o reino: é injuriado, detido, processado e condenado à prisão perpétua em uma pequena cela no alto do monte Calleio. Oliva di Bellonda consegue a permissão do Rei para construir uma chaminé e acender um fogo para alimentar seu amado, que foge dali como uma nuvem de fumaça.

Em razão de a narrativa do romance ser realizada predominantemente por meio de breves diálogos de várias vozes, com ritmos rápidos e dissonantes, o livro possui um caráter teatral e a história se desenvolve de maneira unidimensional e unidirecional. E justamente por Perelà ser um homem de fumaça e, portanto, diferente do gênero humano, a obra, além de possuir um tom fabular, aproxima-se das produções épicas. A energia de todos os personagens, conferida pelo caráter teatral do texto e multiplicada pela rapidez da narrativa, faz com que *Il Codice di Perelà* seja dinâmico e adquira a dimensão do movimento ao longo do desenvolvimento de sua história.

Além disso, o predomínio da síntese, do dinamismo, da compenetração e da velocidade, expressas com palavras essenciais e “em liberdade”, o uso de onomatopeias, da concisão, da justaposição de estilos, elementos de natureza diferente, mas que apresentam harmonia entre si, imprimem originalidade na estrutura do romance.

Considerado por vários críticos como um romance experimental, pode-se afirmar, inclusive, que *Il Codice di Perelà* é uma experiência da prática do manifesto palazzeschiano, visto que cada item apresentado em suas conclusões está reportado do primeiro ao último capítulo do livro.

Posteriormente, novas edições com variantes foram publicadas: a segunda de 1920, a terceira de 1943, a quarta de 1954 e a última de 1958. Com isso, foi elaborado um estudo, o cotejo entre os originais da primeira (1911) e da última (1958) edições, utilizando apenas o primeiro capítulo do romance, “L’Utero Nero”. Ademais, o texto “Dal ‘Codice di Perelà’ all’ ‘Uomo di Fumo’”, de Ignazio Baldelli, é a base para o

cotejo, em que serão apontadas as principais diferenças levantadas por Baldelli entre a primeira edição (1911) e a penúltima (1954) que também aparecem na edição de 1958 e acrescentadas outras diferenças relevantes, para o estudo da evolução do romance.

Em 15 de janeiro de 1914, na revista “Lacerba” de Papini e Soffici, é publicado o manifesto palazzeschiano *Il Controdolore*, uma paródia da vida por meio da inversão de valores da realidade: ele nega a dor por meio da farsa, da zombaria e do riso. A despeito da influência pirandelliana, Palazzeschi, em seu manifesto, também continua muito original: seu humorismo, sempre com certo tom irônico, progride entre as polaridades da dor e da alegria, do choro e do riso, do trágico e do cômico, do pessimismo e do otimismo, geralmente relacionado com fatos cotidianos.

Apesar de Palazzeschi e Marinetti terem opiniões convergentes em diversos assuntos, *Il Controdolore* mostra, também, que ambos possuíam personalidades muito diferentes. Após a clamorosa recepção da parte dos vanguardistas, o autor rompe sua relação com Marinetti e com o futurismo, pois sua personalidade independente e sua posição pacífica servem de obstáculo para a campanha dos futuristas a favor da guerra. Em 1914, declara oficialmente na revista “Lacerba” que a partir daquele instante ele não estaria mais ligado o movimento futurista.

Em síntese, a criação de Palazzeschi foi intensa e cobre um longo período de tempo: inicia com seu volume de versos *I cavalli bianchi* (1905), terminando com seu romance *Stefanino* (1969); são sessenta e quatro anos de produção literária. E o autor sempre mantém “uma marca de estilo original, na qual é de se reconhecer a característica típica de uma personalidade autônoma, exuberante, caprichosa”.

I. ALDO PALAZZESCHI

I.1. QUEM É ALDO PALAZZESCHI?

Io sono un intuitivo, non un letterato, un teorico. (...) Dal palcoscenico mi sono quindi reso conto che il teatro vero si svolgeva in platea: il teatro della vita in cui ognuno è attore. Così son divenuto spettatore e ho cominciato a scrivere. Avevo un modesto bagaglio culturale, e forse debbo l'essere quel che sono, "un caso particolare", proprio a questo. Sono più debitore a quel che non ho letto, che a quel che ho letto. (Petroni, dicembre 1973 – gennaio 1974, apud MAGHERINI; MANGHETTI, 2002, p. 4)².

Aldo Giurlani, filho único de Alberto Giurlani e Amalia Martinelli, proprietários de uma loja de luvas e gravatas, nasce em Florença, em 2 de fevereiro de 1885.

Assim que termina os estudos primários, Aldo estuda no "Istituto Tecnico L.B. Albierti" onde, em 1902, forma-se contador. Seus pais pretendiam que o escritor prosseguisse com os estudos econômicos e comerciais, razão pela qual o matriculam na "Reale Scuola Superiore di Commercio di Ca' Foscari".

Contudo, contrário aos planos dos pais, quando completa dezoito anos de idade, Aldo se inscreve na "Regia Scuola di Recitazione: Tommaso Salvini":

Reagivo a tutta la retorica di cui m'avevano imbottito. Avevo la testa piena di poesia lirica, patriottica. "Il giuramento di Pontida", la "Rapsodia garibaldina" di Marradi... Via, via lontano da codeste cose! Io ero stato mandato alle scuole commerciali, perché essendo figlio unico di un bravo uomo di commercio, avrei dovuto fare la stessa fine. Ma quegli studi non mi piacevano per nulla e a un bel momento mi stufai. E siccome durante gli anni di scuola io ero andato a teatro tutte le sere, e era lì che mi ero fatta una

² Eu sou um intuitivo, não um literato, um teórico. (...) Do palco percebi então que o verdadeiro teatro se desenvolvia na plateia: o teatro da vida no qual cada um é ator. Assim me tornei espectador e comecei a escrever. Tinha uma modesta bagagem cultural, e talvez tenha de ser o que sou, "um caso particular", apenas isso. Sou mais endividado com aquilo que não li, do que com aquilo que li. (Petroni, dezembro 1973 – janeiro 1974, p. 98).

cultura, mi venne in mente di fare l'attore.³ (LIVI, 1971, apud MAGHERINI; MANGHETTI, 2002, p. 4)

O teatro é sua verdadeira paixão, pois desde criança seu pai o levava para assistir às peças teatrais de onde saía compenetrado e absorto:

La verità è che il teatro mi aiutava a conoscere la vita di cui avevo una curiosità struggente, me ne apriva le porte, mi spingeva e sosteneva nel cammino, forniva delle risposte ai tanti interrogativi che mi pungevano la pelle, e altri ne faceva sorgere, nuovi nuovi, che facevano un pizzicore!⁴ (DEI, 2004, CXXX)

No entanto, após quatro anos de estudos de arte dramática, impulsionado por dúvidas em relação à sua vocação artística, Palazzeschi começa a reconsiderar a importância que de fato o teatro tem em sua vida:

Verso i vent'anni, però, questa cocente passione per il teatro si affievolì, si raffreddò a un tratto: la grande baracca teatrale che aveva fornito cibo alla mia voracità di adolescente perdé di fascino, di attrazione. Si fece sentire il bisogno di una sosta, di una tregua dopo un tumulto disordinato e febbrile. E allora cominciai a scrivere delle poesie che parrebbero in aperto contrasto con il travaglio interiore che m'aveva esasperato fin lì. Proponendomi il massimo della semplicità nell'esprimermi; delle notazioni semplici, delle pure linee, ispirate a soggetti campestri un po' estatici e in cui l'umanità non prendeva maggior posto di un albero, di una statua o di una fonte. Alberi su vie di campagna, ville coi loro parchi un po' abbandonati e misteriosi, piccoli santuari, tabernacoli e chiese, un po' abbandonate anche quelle, folle mute. Mi pareva che in quei luoghi appartati, solitari e silenziosi, si fosse rifugiato lo spirito umano e la poesia. Dopo tanta magniloquenza e magnificenza di espressione vedevo la poesia come il filo chiaro dell'acqua che scaturiva da

³ Reagia a toda retórica que tinham me impingido. Tinha a cabeça cheia de poesia lírica, patriótica. “O juramento de Pontida”, a “Rapsódia garibaldina” de Marradi... Longe, bem longe dessas coisas! Eu fora mandado para a escola comercial, porque sendo filho único de um bom comerciante, deveria ter o mesmo fim. Mas aqueles estudos não me agradavam em nada e a certa altura me cansei. E visto que durante os anos de escola eu ia ao teatro todas as noites, e era ali que tinha me dado uma cultura, ocorreu-me ser ator.

⁴ A verdade é que o teatro me ajudava a conhecer a vida da qual tinha uma curiosidade pungente, abria suas portas para mim, me impulsionava e sustentava no caminho, fornecia algumas respostas aos tantos interrogativos que me punham, e fazia surgir outros tantos, bem novos, que davam um comichão!

una sorgente.⁵ (PALAZZESCHI, 1937, apud MAGHERINI; MANGHETTI, 2002, p.5)

Assim, em 1905, com a publicação do livro *I Cavalli Bianchi*, uma coletânea de poesias, surge Aldo Palazzeschi escritor. A descoberta pela vocação poética faz com que ele adote do sobrenome Palazzeschi, o mesmo da avó materna, uma mulher pela qual nutre grande admiração, com o intuito de “esconder-se”, principalmente para poupar seu pai do escândalo de ter um filho poeta:

Tra i molti dispiaceri che ho dato a mio padre, facoltoso commerciante fiorentino che sognava per me una carriera seria nel mondo degli affari, uno almeno gliel'ho risparmiato: quello di vedere il suo onorato cognome finire sui giornali. Quando decisi che non avrei saputo far altro che scrivere, adottai il cognome della nonna materna che si chiamava Anna Palazzeschi ed era una donna straordinaria. Le sue favole hanno reso la mia fanciullezza come un giardino incantato. No, mio padre non ha mai contrastato la mia vocazione, anche se non l'ha mai approvata. Venimmo presto a un compromesso e ciascuno di noi tenne fede alla propria parte. Io me ne andai liberamente per la mia strada e ottenni qualcosina con le mie poesie, i miei racconti, i miei romanzi. Insomma, non posso lamentarmi di nulla perché ho sempre fatto solo quello che mi andava di fare.⁶ (GRIECO, 1969, apud MAGHERINI; MANGHETTI, 2002, p.3)

Palazzeschi desiste definitivamente da carreira teatral, porém sua experiência com o teatro está sempre presente em suas obras poéticas e na prosa. Em 1906 começa a elaborar seu segundo livro de poesias *Lanterna*, publicado em 1907 junto ao

⁵ Por volta dos vinte anos, porém, esta ardente paixão pelo teatro se abrandou, esfriou de repente: o grande aparato teatral que tinha fornecido alimento à minha voracidade de adolescente perdeu seu fascínio, sua atração. Senti a necessidade de uma pausa, de uma trégua após um tumulto desordenado e febril. E então comecei a escrever poesias que pareceriam em aberto contraste com o tormento interior que me tinha exasperado até ali. Propondo-me o máximo da simplicidade no exprimir-me; algumas anotações simples, algumas linhas puras, inspiradas em sujeitos campestres um pouco estáticos e em que a humanidade não tomava lugar maior do que o de uma árvore, de uma estátua ou de uma fonte. Árvores pelos caminhos do campo, casas com seus parques um tanto abandonados e misteriosos, pequenos santuários, pequenas tabernas e igrejas, também um tanto abandonados, multidões mudas. Parecia-me que naqueles lugares isolados, solitários e silenciosos, tivesse se refugiado o espírito humano e a poesia. Após tanta grandiloquência e magnificência de expressão, eu via a poesia como o fio claro d'água que brotava de uma nascente.

⁶ Entre os muitos desgostos que dei para meu pai, rico comerciante florentino que sonhava para mim uma carreira séria no mundo dos negócios, pelo menos de um eu o poupei: aquele de ver o seu honrado sobrenome terminar nos jornais. Quando decidi que não saberia fazer nada além de escrever, adotei o sobrenome de minha avó materna que se chamava Anna Palazzeschi e era uma mulher extraordinária. As suas fábulas fizeram de minha infância um jardim encantado. Não, meu pai nunca se contrapôs à minha vocação, apesar de nunca ter aprovado. Chegamos rápido a um acordo e cada um de nós se manteve fiel ao próprio papel. Eu fui embora livremente pelo meu caminho e consegui ganhar um pouco com minhas poesias, as minhas histórias, os meus romances. Em suma, não posso me queixar de nada porque sempre fiz apenas aquilo que eu queria fazer.

“Stabilimento Tipografico Aldino”; em janeiro de 1907 sai seu primeiro romance *:riflessi*, começando, também, a trabalhar imediatamente em seu segundo romance *Il Codice di Perelà* e em novas poesias.

Em maio de 1909, são publicados os *Poemi di Aldo Palazzeschi a cura di Cesare Blanc*⁷, que lhe trazem o primeiro reconhecimento, em especial de Marinetti, que o define como um futurista; em novembro do mesmo ano, Palazzeschi entrega-lhe pessoalmente um novo livro de poesias com o título *Sole mio* o qual sai na marinettiana “Edizioni Futuriste di ‘Poesia’” com o título *La Regola del Sole*. Com isso, nasce a amizade entre Palazzeschi e Marinetti, o que motivou sua adesão ao movimento futurista.

Ao lado de Marinetti e Armando Mazza, em 12 de janeiro de 1910, Palazzeschi participa da célebre noite futurista, no “Politeama Rossetti di Trieste”, onde declama *La Regola del Sole*. Mais tarde encontrará Boccioni, Carrà e Russolo que estão fundando o grupo dos pintores futuristas e, em março, as “Edizioni Futuriste di ‘Poesia’”, dirigidas por Marinetti, publicam *L’incendiario*, um livro de poesias, volume que foi retirado de circulação devido ao caráter intervencionista do prefácio.

Em março de 1911 *Il Codice di Perelà*, é publicado pelas “Edizioni Futuriste di ‘Poesia’”, com o subtítulo *romance futurista*. Apesar do sucesso do romance ser bastante inferior àquele do *L’incendiario*, Palazzeschi o considera sua obra-prima: ele se refere ao romance como “la mia favola più aerea, il punto più elevato della mia fantasia”⁸ e, por isso, dedicará muito tempo de seu trabalho ao livro. Segundo Luciano De Maria, em “Marinetti e i futuristi”, tal afirmação mostra a predileção de Palazzeschi por esse livro, bem como uma clara compreensão dos valores do autor em termos literários.

A antologia “I poeti futuristi”, de 1912, traz algumas poesias dos *Poemi* e do *L’Incendiario*, e Palazzeschi continua publicando alguns contos como, por exemplo, *Il globo* e *L’angelo* na “La Riviera Ligure”. É ampla a colaboração do autor com a revista “Lacerba” de Papini e Soffici, desde o primeiro volume até julho de 1913. Suas poesias e prosa, que contêm certa ironia, o diferenciam sensivelmente dos demais futuristas.

⁷ Ele próprio, Palazzeschi, custeia a publicação do livro, e utiliza o expediente irônico do editor Cesare Blanc, nome de seu gato, inaugurado na segunda edição do volume poético “Lanterna”.

⁸ “a minha fábula mais aérea, o ponto mais elevado de minha fantasia”.

Em 15 de janeiro de 1914, na mesma revista, é editado o manifesto palazzeschiano *Il Controdolore*, uma paródia da vida por meio da inversão de valores da realidade. Palazzeschi quer, na verdade, provocar seus leitores, assim como faziam os futuristas nas noites futuristas em teatros, pois os únicos valores positivos são aqueles invertidos: ele nega a dor por meio da farsa, da zombaria e do riso.

Nesse período, o autor passava por um momento de depressão devido à situação europeia em relação à Primeira Guerra Mundial: “Mi offrite una guerra che à per mezzo la morte e per fine la vita, io ve ne domando una che abbia per mezzo la vita e per fine la morte”.⁹ (PALAZZESCHI, 1914, apud MAGHERINI; MANGHETTI, 2002, p.8).

Com isso, Palazzeschi decide romper com o movimento futurista, principalmente pela posição intervencionista dos futuristas com a qual o autor não concordava:

Malinconia.

Vedo taluno dei miei amici guardarmi con aria corruciata, forse con una punta di un certo disprezzo. In un'ora come questa la mancanza di entusiasmo da parte mia è una colpa grave. Io vedo ancora le cose, anzi, anche queste cose cogli stessi miei occhi.¹⁰ (PALAZZESCHI, 1915, apud MAGHERINI; MANGHETTI, 2002, p.8)

Sua colaboração com a revista “Lacerba” continua assídua até o último fascículo publicado, quando, em julho de 1916, o autor é convocado para a guerra. Ao regressar dos campos de batalha, Palazzeschi vive em Florença: trata-se de um período pobre do ponto de vista bibliográfico, mas decisivo pela perspectiva literária. A produção criativa do autor torna-se intensa: sua experiência militar se reflete em *Due imperi... mancati*, um discurso polêmico, apresentado como se fosse um ato de acusação contra a guerra, publicado em 1920 pela “Vallecchi”, a qual torna a reproduzir, no mesmo ano, o livro *Il Codice di Perelà*; essa mesma editora publica, em 1921, a primeira coletânea de contos *Il Re bello* e, em 1926, *La Piramide*.

⁹ “Ofereçam-me uma guerra que tem por meio a morte e por fim a vida, eu lhes peço uma que tenha por meio a vida e por fim a morte”.

¹⁰ Melancolia./ Vejo alguns de meus amigos olharem-me com ar ressentido, talvez com uma ponta de certo desprezo. Em uma hora como esta, a falta de entusiasmo de minha parte é uma culpa grave. Eu ainda vejo as coisas, aliás, também essas coisas com meus próprios olhos.

Além de alguns contos e outras prosas que saem em vários jornais e revistas, a “Mondadori” publica, em 1931, na “Collezione Romantica”, sua tradução de “Tartarino di Tarascona” de Daudet. Palazzeschi também escreve as duas obras mais importantes do período entre guerras: *Stampe dell’800*, publicada em 1932 pela editora “Treves”, e *Sorelle Materassi*, editada em 1934 pela editora “Vallecchi”:

Le *Stampe dell’800* non sono che un libro d’infanzia, e tanto infantile come nessuno, credo, aveva mai pensato di scrivere. (...) Ora siccome libri di ricordi ce ne furono sempre parecchi e siccome il mio particolarmente rappresentava un filo molto tenue, lo circondai dei particolari del tempo ricostruendone il quadro con una certa dovizia di colore, per modo che il vero argomento vi corre in mezzo come un ruscelletto nascosto tra le fronde. Non è un libro documentario, ma pittoresco, preso tutto dalla realtà. (...) Credevo di avere scritto un libro per quelli della mia generazione ai quali piacesse con me scrivere e rievocare quell’ambiente che avevamo vissuto insieme; ebbene, si sono interessati ad esso, e per altra ragione, i giovanissimi, che vi hanno intravisto una femminilità insospettata che li ha fatti riflettere e sognare.¹¹ (Palazzeschi, 1937, apud MAGHERINI; MANGHETTI, 2002, p.8)

O segundo romance obtém um grande sucesso de público e de crítica, tendo o mérito de ter iniciado o retorno ao romance realista que, no pós-guerra, ressurge renovado e fortificado:

A quell’epoca mi interessava soprattutto lo studio della donna senza amore, insomma la figura classica della zitella. *Sorelle Materassi* è il risultato di questo mio tenero ma disincantato interessamento. (...) Io non so se queste donne senza amore sono più disgraziate o più felici delle altre.¹² (GRIECO, 1969, apud MAGHERINI; MANGHETTI, 2002, p.10)

¹¹ As *Stampe dell’800* são nada mais do que um livro de infância, e tão infantil como ninguém, acredito, nunca tinha pensado em escrever. (...) Agora, visto que desde sempre houve muitos livros de memórias e visto que o meu representava particularmente um fio muito tênue, o cerquei com os detalhes da época, reconstituindo o quadro com certa riqueza de cor, de modo que o verdadeiro argumento corre ali no meio como um pequeno riacho escondido entre os ramos. Não é um livro documentário, mas pittoresco, todo tirado da realidade. (...) Acreditava ter escrito um livro para aqueles da minha geração, aos quais agradasse escrever comigo e reevocar aquele ambiente que tínhamos vivido juntos; pois bem, se interessaram por ele, e por outra razão, os muitos jovens, que vislumbaram ali uma feminilidade insuspeita que os fez refletir e sonhar.

¹² Naquela época me interessava sobretudo o estudo da mulher sem amor, em suma a figura clássica da solteirona. *Sorelle Materassi* é o resultado deste meu tenro, mas desencantado interesse. (...) Eu não sei se essas mulheres sem amor são mais desgraçadas ou mais felizes do que as outras.

São reproduzidos, ainda pela “Vallecchi”, seu segundo livro de contos *Il palio dei buffi* (1937), suas *Poesie* (1942) e *Romanzi straordinari 1907-1914* (1943), no qual consta uma nova edição do livro *Il Codice di Perelà e Tre imperi... mancati*, polêmico texto sobre o fascismo e a guerra:

Vivo la situazione spirituale degli uomini del nostro tempo. Non sono cristiano alla cieca, come forse lo si era un secolo fa. Ma le dirò che è la guerra che riattizza il cristianesimo. Ho scritto *Due imperi... mancati* nel 1920 e *Tre imperi... mancati* nel 1945. Sono libri che non amo e non vorrei averli scritti, soprattutto il secondo. Comunque in essi c'è un fondo cristiano: la guerra riavvicina a Dio.¹³ (CAVALLI, 1972, apud MAGHERINI; MANGHETTI, 2002, p.12).

Mais tarde publica o romance *I Fratelli Cuccoli* (1948), com o qual recebe o “Premio Viareggio *ex aequo*”:

I fratelli Cuccoli racchiudono la massima parte e il punto più elevato della gioiosa e insieme dolorosa poesia della mia anima. Quel protagonista, davanti al quale i critici si sentirono disorientati giudicandolo un troppo audace miscuglio di realtà e di surrealismo, è il personaggio che più mi assomiglia. Si vede che io stesso fui un'audace mescolanza di surreale e di realtà. Ed è scopo evidente di quel lavoro il superamento della ricerca psicologica.¹⁴ (ACCROCCA, 1960, apud MAGHERINI; MANGHETTI, 2002, p.12)

No mesmo período, o autor colabora com a produção cinematográfica de alguns filmes, dentre eles “Ti ritroverò”, produzido pela “Lux Film”, em 1949.

Em dezembro de 1951, é publicada uma coletânea de contos *Bestie del 900*, o romance *Roma* (1953), com o qual recebe o “Premio Valdagno Marzotto”:

Il romanzo (*Roma*) lo immaginai vedendo tanti di quegli uomini cattolici integrali, sentendo una certa atmosfera nella quale giganteggiavano, sempre

¹³ Vivo a situação espiritual dos homens do nosso tempo. Não sou cristão às cegas como, talvez, se fosse um século atrás. Mas vou dizer ao senhor que é a guerra que reatiga o cristianismo. Escrevi *Due imperi... mancati* em 1920 e *Tre imperi... mancati* em 1945. São livros que não amo e que não os queria ter escrito, sobretudo o segundo. De qualquer maneira, neles tem um fundo de cristianismo: a guerra reaproxima a Deus.

¹⁴ *I fratelli Cuccoli* contém a máxima parte e o ponto mais elevado da alegre e ao mesmo tempo dolorosa poesia da minha alma. Aquele protagonista, diante do qual os críticos se sentiram desorientados julgando-o uma mistura muito ousada de realidade e de surrealismo, é o personagem que mais me assemelha. Vê-se que eu mesmo fui uma ousada mistura de surreal e de realidade. E o objetivo evidente daquele trabalho é a superação da busca psicológica.

più isolate, talune figure di nobili. Alla fin fine, si vede che il Principe, attorno al quale ruota tutto un ambiente nuovo, tutto un mondo nuovo, spregiudicato, vano, falso, è sullo stesso piano del servitore. Che cosa hanno in comune Filippo di Santo Stefano e il sor Checco? Ma la fede, la comunanza di virtù, di ideali, di religione, insomma!¹⁵ (LUGARESI, 22 febbraio 1974, apud MAGHERINI; MANGHETTI, 2002, p.13).

Surge, em 1954, uma nova edição do *Il Codice di Perelà* com o título *Perelà uomo di fumo*. Em 1958, o romance foi reescrito e editado pela “Mondadori” com o título original (“Il Codice di Perelà”) e como edição definitiva nas *Opere giovanili*, tomo II, de “Tutte le opere”, (“Classici contemporanei italiani”), com uma importante “Premissa” do autor, a qual contém as velhas poesias, os primeiros três romances e uma seleção de prosas da revista “Lacerba”.

Em abril de 1957, Palazzeschi assina um contrato com a editora “Mondadori”, que começa a publicar o conjunto de sua obra: *I romanzi della maturità* (1960); *Il piacere della memoria*, que contém prosas autobiográficas (1964); *Il buffo integrale*, uma coletânea de contos com a qual conquista o “Premio Gabriele D’Annunzio” (1966); *Ieri oggi e... non domani*, uma coletânea de poesias publicada pela “Vallecchi” (1967); *Il Doge*, bem acolhido pela crítica (1967); *Cuor mio*, que contém as poesias escritas a partir do segundo pós-guerra (1968); *Stefanino* (1969) e *Storia di un’amicizia* (1971).

Em setembro de 1972 publica no “Specchio” a coletânea de poesias *Via delle cento stelle* e, em 1971, o livro *Il Codice di Perelà* foi adaptado para encenação teatral pelo diretor Roberto Guicciardini; o texto *Perelà uomo di fumo*, assinado por Palazzeschi e pelo diretor, foi publicado na revista “Sipario” número 299.

Continua muito ativo, inclusive nos últimos anos de vida, seguindo com interesse os debates literários dos escritores e poetas da nova vanguarda, os quais o tinham como referência intelectual. Morre em 17 de agosto de 1974, e em seu testamento designa como herdeira a Faculdade de Letras da Universidade de Florença.

Em suma, a criação de Palazzeschi foi intensa e cobriu um longo período de tempo: inicia com seu volume de versos *I cavalli bianchi* (1905), terminando com seu

¹⁵ Imaginei o romance (*Roma*) vendo inúmeros homens católicos integralistas, sentindo certa atmosfera na qual se agigantavam, cada vez mais isoladas, algumas figuras de nobres. No final, enfim, se vê que o Príncipe, em torno do qual gira todo um ambiente novo, um mundo inteiro novo, desabusado, vão, falso, está no mesmo plano que o servidor. O que tem em comum Filippo di Santo Stefano e o senhor Checco? A fé, a comunhão de virtudes, de ideias, de religião, em suma!

romance *Stefanino* (1969); são sessenta e quatro anos de produção literária. Giorgio Pullini define a personalidade do autor, e consequentemente as características de suas publicações, de maneira concisa e interessante:

L'interesse maggiore delle *Poesie* di Palazzeschi resta ancorato soprattutto al fatto che esse, (...), mantengono sempre una loro cifra originale, in cui è da riconoscere l'impronta tipica di una personalità autonoma, esuberante, estrosa. (...). Perciò lo incontriamo crepuscolare, ma a suo modo; drammatico e sofferto, ma a suo modo; funambolico e futurista, ma a suo modo, senza che nessuno di questi stili possa direttamente affiliarsi ad una scuola e racchiudersi in una definizione schematica.

Ed è proprio questo innato spirito di autonomia che gli permetterà anche in seguito di partecipare alla prima guerra mondiale ricavandone degli acquisti tutti personali; e di passare attraverso il fascismo senza aggregarsi e senza, d'altro lato, cristallizzarsi nel formalismo; e attraverso l'ultima guerra e il dopoguerra concepando (...) due romanzi attuali, ma senza allinearsi con le ultime scuole d'avanguardia (...). Caso unico nel Novecento italiano di uno scrittore tutt'altro che scontoso, eppure nettamente immune da ogni condizionamento di ambiente e di cultura.¹⁶ (PULLINI, 1972, pp. 7-8).

¹⁶ O interesse maior pelas Poesias de Palazzeschi fica ancorado sobretudo no fato que elas, (...), sempre mantêm uma marca de estilo original, na qual é de se reconhecer a característica típica de uma personalidade autônoma, exuberante, caprichosa. (...). Por isso o encontramos crepuscular, mas a seu modo; dramático e ressentido, mas a seu modo; funambulesco e futurista, mas a seu modo, sem que nenhum desses estilos possa filiar-se diretamente a uma escola e fechar-se em uma definição esquemática. E é justamente este espírito inato de autonomia que lhe permitirá, depois participar da primeira guerra mundial tirando daí suas pessoais aquisições; e passar pelo fascismo sem se agregar e sem, por outro lado, cristalizar-se no formalismo; e pela última guerra e pelo pós-guerra concebendo (...) dois romances atuais, mas sem alinhar-se com as últimas escolas de vanguarda (...). Caso único no século XX italiano de um escritor que, longe de ser arreado, ainda assim era claramente imune a todos os condicionamentos de ambiente e de cultura.

I.2 DO CREPUSCULARISMO AO FUTURISMO

“Da cosa nasce cosa. Fatto per cui una volta messi al mondo bisogna far qualcosa, e ogni cosa è uguale in fondo. Ma chi nessuna cosa fa nessuna cosa avrà: Ahaaaaaaaaa!”¹⁷ (PALAZZESCHI, 1972, p. 7).

Aldo Palazzeschi inicia sua carreira como escritor, produzindo poemas com características muito próximas ao crepuscularismo: não podia ser diferente no início do século XX. Mas antes de tudo, é fundamental falar sobre a poesia crepuscular para que se possa entender o “Aldo Palazzeschi crepuscular”, ainda que o autor siga essa tendência com um traço marcante, que chama a atenção e o distingue dos demais poetas.

Os poetas ditos crepusculares surgem em meio a uma polêmica em relação à linguagem: aspira-se um modo de escrever diferente, uma poesia que renegue o canto e busque o teor da prosa e do discurso.

O repertório de seus temas é bem definido, sendo ele: a sonolenta e monótona vida provinciana, a banalidade do cotidiano, a melancolia, o tédio, o cansaço de viver, o desiludido contentamento sobre si mesmo, a incapacidade de estabelecer uma relação com o mundo, a volúpia do sofrimento e da autopiedade, a crueldade do próprio destino, o anti-heroísmo, os parques silenciosos com suas esculturas corroídas pelo tempo, a mobília patética, o pequeno burguês, a reevocação do passado com certa ironia destrutiva. Segundo Pullini:

L’adesione al mondo concreto è, perciò, apparentemente realistica e si risolve, in sostanza, in una elegia del passato minutamente rivissuto anche nei suoi aspetti di costume e di vita quotidiana e in un abbandono al presente già sentito nell’imminenza del suo disfacimento (e, perciò, quasi allontanato nel tempo, prima ancora che sia esaurito nella sua attualità) o ammorbidito nelle

¹⁷ “De coisa nasce coisa. Por isso, uma vez colocados ao mundo, é preciso fazer algo, e todas as coisas são iguais no fundo. Mas quem nada fizer, nada terá: Ahaaaaaaaaa!”.

sfumature dei suoi contorni per farlo partecipe dell'autocommiserazione del poeta per se stesso.¹⁸ (Pullini, 1972, p. 9)

Ao trabalhar os temas comuns da poesia crepuscular, há poetas que desenvolvem esquemas quase inteiramente narrativos; que exploram o assunto da crueldade do próprio destino, enfatizando a morte precoce; que destacam as cores; que privilegiam a melopeia e aqueles que, como Palazzeschi, realizam em seus poemas uma combinação íntima de todos eles:

(...) E c'è chi, come Palazzeschi, li riassume un po' tutti e poi li scavalca tutti, sottolineando gli stessi temi fino a svuotarli di tenerezza e a farli diventare fantomatici e macabri; oppure riconquista lo stato di candore del bambino per abbandonarsi all'invenzione di un mondo surreale ma fermo nei suoi pieni colori e nelle sue forme plastiche; e, infine, comincia ad esaltarsi per un'intima carica vitale e a far saltellare le parole per il bisogno di dire la sua gioia di esistere e di trasmetterla alle cose in una sarabanda folle di sgambetti e di scoppiettii sonori. Quindi crepuscolare, e poi quasi espressionista, e poi surrealista, e poi futurista, e poi tutti questi stili insieme e nessuno d'essi in modo preciso e totale.¹⁹ (PULLINI, 1972, p. 10)

E é preciso, como afirma Adele Dei (2002, p. XI), “(...) sollevare Palazzeschi da quel sospetto di marginalità e di irrelevanza che è in fondo solo il segno della sua personalissima individualità, del suo non aderire mai del tutto a nessuna etichetta, a nessuna linea programmatica prefissata”²⁰, justamente pelo fato de Palazzeschi, nas várias fases de sua produção como escritor, aproximar-se dos movimentos literários contemporâneos, mantendo, no entanto, certa independência e, portanto, características peculiares.

¹⁸ A adesão ao mundo concreto é, por isso, aparentemente realística e se resolve, na essência, em uma elegia do passado, minuciosamente revivido também em seus aspectos de costume e de vida cotidiana e em um abandono ao presente já sentido na eminência de sua dissolução (e, por isso, quase distanciado no tempo, ainda antes que seja esgotado em sua atualidade) ou abrandado nas nuances de seus contornos para fazê-lo partícipe da autocomiserção do poeta por si mesmo.

¹⁹ (...) E há quem, como Palazzeschi, meio que os resume todos e depois os ultrapassa, enfatizando os mesmos temas até esvaziá-los de brandura e torná-los misteriosos e macabros; ou então reconquista o estado de candor da criança para abandonar-se à invenção de um mundo surreal, mas firme em suas cores plenas e em suas formas plásticas; e, enfim, começa a exaltar-se por uma íntima carga vital e a fazer as palavras saltitar pela necessidade de dizer sua alegria de existir e transmiti-la às coisas em uma sarabanda de rasteiras e de pipocamentos sonoros. Daí crepuscular, e depois quase expressionista, e depois surrealista, e depois futurista, e depois todos esses estilos juntos e nenhum deles de modo preciso e total.

²⁰ “(...) elevar Palazzeschi a partir da impressão de marginalidade e de irrelevância que é no fundo somente o sinal da sua personalíssima individualidade, do seu nunca aderir de tudo a nenhuma etiqueta, a nenhuma linha programática prefixada.”

Para que se possa entender a originalidade de Aldo Palazzeschi, serão brevemente comentados os poemas que abrem seus três primeiros livros (*I cavalli bianchi*, *Lanterna* e *Poemi*) exatamente por serem produções que se aproximam e, ao mesmo tempo, se distanciam do crepuscularismo.

I cavalli bianchi, publicado em 1905, contém uma coletânea de vinte e cinco poesias, todas escritas em versos livres e “che aveva provocato, secondo Palazzeschi, lo scandalo e il rifiuto degli editori”²¹ (Dei, 2002, p. XIII). Suas poesias, apesar de serem fechadas e não se comunicarem entre si, são todas baseadas em um esquema poético composto de “centro” e “exterior”, de impessoalidade e de um lirismo compassado por meio de uma combinação agradável e harmoniosa de sons, com modelos rítmicos semelhantes:

I cavalli bianchi sono un libro compatto, anomalo e indecifrabile (...). Le venticinque poesie sono rigidamente chiuse e incommunicabili, ma insieme replicano, (...), la stessa costante figurativa: un centro arcano, dove avvengono apparizioni e prodigi, o comunque se ne conserva un’immobile e rituale memoria, e un esterno dove la gente passa e guarda senza partecipare, in un perpetuo pellegrinaggio ottuso e quasi penitenziale. (...) Nessuno dice io nei *Cavalli bianchi*, tutti costruiti su un’impersonalità anche grammaticale. (...) E non a caso tutte le poesie sono costruite sulla coppia durativa di presente e gerundio, e si bloccano dopo un numero limitato di versi, costrette ad un arresto ecolalico, ad un echeggiamento reiterato da filastrocca che torna su se stessa (...) ogni testo si può smontare e ridurre al suo scheletro schematico, rispecchiabile e moltiplicabile in altri componimenti paralleli.²² (DEI, 2002, p. XV-XVI)

Essa estrutura remete suas àquele modelo formal dos poemas épicos, que parte do mito para chegar à fábula. De fato, a dimensão da fábula está presente em todo o livro:

²¹ “que tinha provocado, segundo Palazzeschi, o escândalo e a recusa dos editores”

²² *I cavalli bianchi* são um livro compacto, anômalo e indecifrável (...). As vinte e cinco poesias são rigidamente fechadas e incommunicáveis, mas juntas reproduzem a mesma constante figurativa: um centro secreto, onde acontecem aparições e mistérios, ou, de todo modo, dele se guarda uma memória imóvel e ritual, e um exterior, por onde as pessoas passam e olham sem participação, em perpétua peregrinação obtusa e quase penitencial. (...) Ninguém diz eu nos *Cavalli bianchi*, totalmente fundamentados numa impessoalidade até gramatical. (...) E não por acaso todas as poesias são constituídas pela dupla duradoura de presente e gerúndio, e param após um número limitado de versos, obrigadas a uma suspensão ecolálica, a uma ressonância reiterada da melopeia que volta sobre si mesma (...) cada texto pode ser desmontado e reduzido ao seu esqueleto esquemático, que pode ser refletido e multiplicado em outras composições paralelas.

È proprio il mondo della favola ad offrire la più utile, se pure non esclusiva, chiave di lettura dei *Cavalli bianchi*. A prototipi favolosi sono rapportabili le varie figure ricorrenti, ma l'assenza di ogni sviluppo narrativo le sospende in posizioni fisse, le condanna a ripetere le loro funzioni. (...) I molti incantesimi dei *Cavalli bianchi* sono quelli delle fiabe e dei miti (...); ma anche la Bibbia, o la storia sacra dell'educazione infantile, valgono talvolta da lontano repertorio, si inseriscono alle radici dell'immaginario. Corrispondono a computi non realistici, ma appunto favolosi e convenzionali²³ (DEI, 2002, p. XVIII - XIX)

“A cruz” é o poema de abertura dos *I cavalli bianchi*:

LA CROCE

Laddove le vie fan crocicchio,
poggiata a un cipresso è la Croce.
Sul nero del legno risplendono i numeri bianchi:
ricordo del giorno.
La gente passando si ferma un istante
e sol con due dita toccando leggero quel legno,
fa il Segno di Croce.²⁴ (PALAZZESCHI, 2002, p. 7)

A cruz, além de simbolizar a fé cristã das pessoas que passam, que param por um instante, tocam-na com dois dedos e fazem o “Sinal da Cruz”, representa, também, a morte, percebida pelos números brancos que resplandecem na madeira. Esse símbolo é assinalado anteriormente, *lá onde os caminhos se cruzam* (“Laddove le vie fan crocicchio”), e está ligado aos demais versos, compostos por seis, nove, doze e quinze sílabas poéticas, por meio da rima “-egno” (“legno” e “segno”), pelo gerúndio (“passando” e “toccando”), pelo tom íntimo e ao mesmo tempo melancólico, pela cena misteriosa e soturna e, finalmente, pelas cores (ou ausência delas) “branco” e “preto”

²³ É justamente o mundo da fábula que oferece a mais útil, senão exclusiva, chave de leitura de *I Cavalli bianchi*. A protótipos fabulosos remetem-se as diversas figuras recorrentes, mas a ausência de qualquer desenvolvimento narrativo as suspende em posições fixas, as condena a repetir suas funções. (...) Os muitos encantos dos *Cavalli bianchi* são os das fábulas e dos mitos (...); mas também a Bíblia, ou a história sacra da educação infantil; valem por vezes como um repertório distante, se inserem nas raízes do imaginário. Correspondem a cálculos não realistas, mas, precisamente, fabulosos e convencionais.

²⁴ A CRUZ/ Lá onde os caminhos se cruzam/ apoiada em um cipreste está a Cruz./ No escuro da madeira resplandecem os números brancos:/ lembrança do dia./ As pessoas passando param um instante/ e somente com dois dedos tocam de leve aquela madeira,/ fazem o Sinal da Cruz.

que causam no leitor uma sensação de inquietação e denotam uma incerteza, por parte do poeta, em relação ao seu mundo objetivo e subjetivo, ao mundo criado por sua inteligência e imaginação, principalmente quando substitui a palavra *cruz* (“croce”) por *aquela madeira* (“quel legno”).

Ainda em *I cavalli bianchi*, é interessante notar a poesia “Ara Mara Amara”, justamente por se tratar do tema “três velhas”, imagem essa que aparecerá novamente em outras produções do autor, em particular no *Il Codice di Perelà* com a tríade *Pena, Rete, Lama*:

Ara Mara Amara

In fondo alla china,
fra gli alti cipressi,
è un piccolo prato.
Si stanno in quell'ombra
tre vecchie
giocando coi dadi.
Non alzan la testa un istante,
non cambian di posto un sol giorno.
Sull'erba in ginocchio
si stanno in quell'ombra giocando.²⁵ (PALAZZESCHI, 2002, p. 16)

Em fevereiro de 1907 é publicada a segunda coletânea de poesias, *Lanterna*, junto ao “Stabilimento Tipografico Aldino” que, assim como o livro anterior, foi custeado pelo próprio autor.

É um volume composto por quinze poesias, todas em versos livres, sendo eles de seis ou de nove sílabas métricas com acento na segunda, na quinta e na oitava sílabas, muitas vezes alternados entre si, que possuem tamanho maior em relação aos *Cavalli bianchi*. A melodia dos versos é menos circular, efeito obtido por meio da diminuição de sucessões harmoniosas de fonemas, que são quase livres de repetições e com combinações um pouco mais dissonantes, tornando-se mais narrativos e teatrais pela inserção de diálogos:

²⁵ Ara Mara Amara/ No fundo da ladeira,/ entre os altos ciprestes,/ há um pequeno prado./ Estão naquela sombra/ três velhas/ jogando dados./ Não levantam a cabeça um instante,/ não trocam de lugar um só dia./ Na grama ajoelhadas/ estão naquela sombra jogando.

(...) in *Lanterna*, dove si assiste a una sorta di nobilitazione dei personaggi e degli ambienti, a un sovraccarico iconografico e decorativo (...) che si replicano con l'ampliarsi degli spunti narrativi. Il titolo (...) evoca la notte, il contrasto luce-ombra, favorisce l'apertura di spazi immaginativi e visionari (...). Gli spettatori cominciano a rivendicare una funzione attiva, un principio di intervento, in opposizione con il centro irradiante della scena (...).²⁶ (Dei, 2002, pp. XXI-XXII).

A “Torre Burla” é o primeiro poema do livro:

TORRE BURLA

È proprio nel mezzo alla valle,
 non alta, rotonda, nerissima,
 à piatta la cima:
 né porta né foro vi luce.
 La valle, grandissima valle,
 abonda di fango,
 i fiori, pochissimi,
 vi nascono grassi e sbiaditi,
 le ortiche vi crescono alte.
 Nel mezzo, non alta, rotonda,
 come ombra, padrona superba del piano
 la Torre rimane.
 La sera, ogni sera, al tramonto,
 ognuno s'appressa e n'ascolta il romore,
 romore che tutti ormai sanno:
 voltare di foglio,
 voltare leggero di foglio.
 Ognuno ne ascolta,
 la sera, il romore e si guarda.
 - Si legge là dentro!
 - Si legge una pagina al giorno!
 - Chi legge?

²⁶ (...) em *Lanterna*, na qual se nota uma espécie de enobrecimento dos personagens e dos ambientes, uma sobrecarga iconográfica e decorativa (...) que se replicam com o ampliar-se dos motivos narrativos. O título (...) evoca a noite, o contraste luz-sombra, favorece a abertura de espaços imaginativos e visionários (...). Os espectadores começam a reivindicar uma função ativa, um princípio de intervenção, em oposição ao centro irradiante da cena (...).

- Qual libro?
 - È un vecchio che legge,
 un vecchio con barba bianchissima!
 Il libro racconta una storia...
 - La storia dev'essere lunga,
 da tanto è il voltare di foglio!
 - È un giovine invece che legge,
 un bimbo coll'ali dorate!
 La storia è assai breve,
 ma è scritta una sola parola ogni foglio!
 - Il Sole vi legge!
 È il libro del Sole!
 La sera al tramonto è il voltare di foglio!
 La sera col lieve spirare dell'ultimo raggio!
 E invece lo scritto è piccino e fittissimo,
 neppure le lenti potenti lo fanno capire! -
 Oh! È lunga la storia, assai lunga!
 Ognuno ne ascolta la sera il voltare di foglio.²⁷ (PALAZZESCHI, 1907, pp. 7-8)

Primeiramente, tem-se a descrição de uma natureza insólita se comparada àquelas presentes nos poemas crepusculares (La valle, grandissima valle,/ abbonda di fango,/ i fiori, pochissimi,/ vi nascono grassi e sbiaditi,/ le ortiche vi crescono alte.).

Ali, no meio do vale, dentro de uma torre redonda e não muito alta, há um “personagem” ocupado com a leitura de um livro. As vozes tecem opiniões que consideram válidas sobre o ruído emitido, todas as noites, pelo virar das folhas do livro: “- Si legge là dentro!/ - Si legge una pagina al giorno!/ - Chi legge?/ - Qual libro?/ - È un vecchio che legge,/ un vecchio con barba bianchissima!/ (...) - È un giovine invece che legge,/ un bimbo coll'ali dorate!”. São afirmações de cunho fabuloso e mitológico, pois a história, lida supostamente por um velho com barbas muito brancas, é longa. Ou

²⁷ TORRE BURLA/ É justamente no meio do vale,/ não alta, redonda, pretíssima,/ tem o topo plano:/ nem porta nem abertura ali ilumina./ O vale,/ grandíssimo vale,/ abunda de lama./ as flores,/ pouquíssimas,/ ali nascem gordas e desbotadas./ as urtigas ali crescem altas./ No meio, não alta,/ redonda,/ como sombra,/ dona soberba do plano/ a Torre permanece./ À noite,/ todas as noites,/ ao por do sol,/ todos se apressam e ali escutam o rumor/ rumor que todos já sabem:/ virar de folha,/ virar leve de folha./ Todos escutam,/ a noite, o rumor e olham./ - Se lê lá dentro!/ - Se lê uma página ao dia!/ - Quem lê?/ - Que livro?/ - É um velho que lê,/ um velho com barba branquíssima!/ O livro conta uma história.../ - A história deve ser longa,/ faz tempo que se ouve o virar de folha!/ - Ao contrário, é um jovem que lê,/ uma criança com asas douradas!/ A história é muito breve,/ mas está escrita uma só palavra em cada folha!/ - O Sol as lê!/ É o livro do Sol!/ À noite ao por do sol é o virar de folha!/ À noite com o leve extinguir-se do último raio!/ E, ao contrário, o escrito é pequenino e muito basto,/ nem mesmo as lentes potentes o fazem entender!/ - Oh! É longa a história, muito longa!/ Todos escutam à noite o virar de folha.

se for verdade que é curta, com uma só palavra por página, é lida por um jovem, uma criança de asas douradas: nisso se percebe uma relação entre a idade do leitor (tempo) e tamanho da história (velho/ longa; jovem/ curta).

No desfecho do poema, o tom fabuloso e mitológico torna-se ainda mais intenso: como se trata do livro do Sol, a história, apesar de pequenina, é muito densa, tão profunda e intensa que nem mesmo as lentes potentes são capazes de ajudar o leitor a compreendê-la, sendo, portanto, uma história muito longa de se ler (“È il libro del Sole! / (...) E invece lo scritto è piccino e fittissimo, / neppure le lenti potenti lo fanno capire! - Oh! È lunga la storia, assai lunga!”). Por todos esses motivos a Torre é considerada “burla”, pois somente ela possui a resposta do enigma que seus expectadores tentam desvendar.

Em 1908, Aldo Palazzeschi, juntamente com “Stabilimento Tipografico Aldino”, publica *:riflessi*, seu primeiro livro em prosa. O romance é dividido em duas partes: a primeira é narrada por Valentino de maneira epistolar, ou seja, quando volta para a casa de Bemualda, após quinze anos de ausência, o protagonista escreve para seu grande amigo Johnny contando, desde a primeira à última carta, tudo sobre si, sobre suas perturbações, seus medos, seu estado de ânimo e tudo aquilo que descobre.

Na segunda parte, agora narrada por diversas vozes, por meio de telegramas, notícias de jornais etc. que anunciam, primeiramente, o suposto suicídio de Valentino com versões diferentes; depois o desmentimento, uma vez que o corpo não foi encontrado, sendo, com isso, levantada a hipótese de uma fuga e, por fim, Valentino é exposto ao ridículo com a ideia de que ele havia se juntado à sua mãe em um monastério espanhol.

O romance, segundo Cangiano Mimmo, está diretamente relacionado aos dois livros anteriores e, também, já anuncia o caminho para o tema sobre a leveza, tão apreciado por Palazzeschi:

La prima parte di *:riflessi* è davvero, come rilevato dalla critica, un'opera in stretta continuità con i due libri di poesie che la precedono, perché partecipa dello stesso tentativo di acquisizione di una valenza mitica di verità (di identità) che coincida col grado zero della morte (...).²⁸ (MIMMO, 2012, p. 4)

²⁸ A primeira parte de *:riflessi* é realmente, como a crítica enfatizou, uma obra em estrita continuidade com os dois livros de poesias que a precedem, porque participa da mesma tentativa de aquisição de uma valência mítica de verdade (de identidade) que coincide com o grau zero da morte (...).

Mediante la figura dell'antitesi Palazzeschi inaugura la sua personale (e paradossale) via alla *leggerezza*: “nulla è costante salvo l'instabilità stessa”. Ogni frammento riportato si vuole infatti compiuto in se stesso, (...), ogni frammento, nella sua oracolarità, vorrebbe darsi come irrelato sistema filosofico contenente, in piena evidenza, la sua piccola, ma compiuta e autoritaria, verità. Ora però quando queste voci cominciano a essere soggette sia al divenire, (...), sia al reciproco essere discordanti, ecco che il lettore, impossibilitato dall'assenza di ulteriori informazioni, a parteggiare decisamente per l'una o per l'altra, avverte quelle stesse voci per ciò che realmente sono (...).²⁹ (MIMMO, 2012, p. 6)

Em 1909 é publicado *Poemi*, a terceira coletânea de poesias de Aldo Palazzeschi. O livro, novamente custeado pelo autor, está dividido em seções, precedidas por um título, que contém poemas relacionados entre si mediante o ponto de vista temático e estilístico: “Chi sono?”; 1) “Galleria Palazzeschi”: “Piccoli paesi in grande”; “Marine”; “Ritratti”; “Caricature”; “Tele dispari”; 2) “Le mie Ore”: “Ore sole”; “La casa Le cose Le anime Gli animali Il mio passatempo”; 3) “Il Frate Rosso”.

O poema *Chi sono?* está isolado, como se fosse uma das partes, pelo fato de ser independente do restante da obra:

CHI SONO?

Son forse un poeta?

No, certo.

Non scrive che una parola, ben strana,

la penna dell'anima mia:

“follia”.

Son dunque un pittore?

Neanche.

Non ha che un colore

la tavolozza dell'anima mia:

“malinconia”.

Un musico, allora?

Nemmeno.

²⁹ Mediante a figura de antítese, Palazzeschi inaugura a sua pessoal (e paradoxal) via para a leveza “nada é constante, salvo a própria instabilidade”. Cada fragmento reportado quer de fato se concluir em si mesmo, (...), cada fragmento, na sua forma oracular, queria apresenta-se como sistema filosófico desvinculado contido, em plena evidência, em sua pequena, mas completa e autoritária, verdade. Agora, porém, quando estas vozes começam a serem sujeitos seja do devir, (...), seja do recíproco ser discordante, eis que o leitor, impossibilitado pela ausência de ulteriores informações, a tomar partido resolutamente por uma ou por outra, percebe aquelas mesmas vozes para aquilo que realmente são (...).

Non c'è che una nota
 nella tastiera dell'anima mia:
 “nostalgia”.
 Son dunque... che cosa?
 Io metto una lente
 davanti al mio cuore
 per farlo vedere alla gente.
 Chi sono?
 Il saltimbanco dell'anima mia.³⁰ (PALAZZESCHI, 2002, p. 367)

Desde o título, “Quem sou?”, está presente o cerne de um problema: a procura, por parte do poeta, de suas características próprias, que possibilitam a sua identificação e o seu reconhecimento.

A poesia pode ser considerada como um retrato irônico e divertido do próprio poeta em relação a sua identidade e ao seu papel na sociedade: sua caneta escreve somente “loucura”, palavras estranhas, transgredindo a norma culta ou aquilo que é universalmente aceito; a paleta do pintor possui apenas as cores de sua alma, que é composta por “melancolia”; não existem notas musicais no teclado da alma do músico, mas somente a “nostalgia”. O poeta consegue, então, uma definição para si mesmo: um artista popular itinerante, que faz exposições e vende a sua arte em praças públicas, um saltimbanco. E para isso deve, além de tudo, mostrar sua intimidade mais profunda, colocando uma lente em seu coração, para que todos possam ver sua alma.

Nessa poesia estão presentes: o verso livre, por meio do uso de diversas divisões silábicas; o ritmo, melódico, é composto por versos de três, seis ou nove sílabas poéticas; a tendência para a musicalidade é conferida pelo esquema estrutural repetido quatro vezes: pergunta, resposta negativa e final com a rima “-ia” (“follia”, “malinconia”, “nostalgia”), tendo por mecanismo coesor entre as partes, além da rima, os substantivos que remetem à profissão (poeta, pintor, músico e saltimbanco), suas ferramentas de trabalho (caneta, paleta, teclado e lente) e a negação. Além da presença do jocoso com o “saltimbanco” e a “lente” que, junto com a provocação do riso pelo ridículo, pela extravagância, por ser estapafúrdio, torna o poeta independente e subversor da poesia crepuscular:

³⁰ QUEM SOU?/ Sou talvez um poeta?/ Não, certamente./ Só escreve uma palavra, bem estranha,/ a caneta da alma minha:/ “insânia”./ Sou então um pintor?/ Também não./ Só tem uma cor a paleta da alma minha:/ “melancolia”./ Um músico, portanto?/ Nem mesmo./ Não tem além de uma nota/ no teclado da alma minha:/ “nostalgia”. Sou então... o quê?/ Eu coloco uma lente/ diante de meu coração/ para mostrá-lo às pessoas./ Quem sou?/ O saltimbanco da alma minha.

(...) per la prima volta il poeta (o il non poeta) presenta se stesso (...) Palazzeschi, proprio quando tocca i temi canonici crepuscolari, come la negazione della propria identità di poeta, e sembrerebbe quindi sancire un allineamento, nello stesso tempo ne prende però le distanze, indirizza il luogo comune in una direzione diversa e tutta personale, sterza sul divergente modello dell'artista saltimbanco e funambulo, e sull'elogio della follia.³¹ (DEI, 2002, pp. XXVI-XXVII).

Como se pode perceber, embora essas produções possam temas do crepuscularismo, tais como, “melancolia”, “nostalgia”, “crueldade do próprio destino”, entre outros, Palazzeschi, desde sua primeira publicação, oscila entre a tradição e a criação: o autor apresenta novidades que despertam interesse, que muitas vezes subvertem a matéria crepuscular e que conduzem a novas formas, modificando, portanto, a tradição. Assim, tornam-se claras e evidentes a independência e as características do autor.

Já no primeiro livro suas poesias são destituídas do abandono próprio, da languidez e acrescidas de um tom de divertimento. Mais palazzeschiana ainda é a inserção de um personagem: a gente ou as pessoas; o verso livre, por meio do uso de diversas divisões silábicas, uma vez que o autor renega os esquemas métricos utilizados no passado e a presença de diálogos que teatralizam seus poemas.

A partir de 1909 essas características tornam-se mais marcantes, afastando o autor do crepuscularismo e aproximando-o do futurismo:

I *Poemi* restano nell'insieme un libro fortemente eterogeneo, composito e bifronte, che alterna al versante comico, grottesco e irridente quello misterioso e fiabesco. Segnano un momento di passaggio, una deviazione di rotta che mantiene però ancora ben vive e presenti le vecchie suggestioni.³² (DEI, 2002, pp. XXV-XXVI)

³¹ (...) pela primeira vez o poeta (ou o não poeta) apresenta a si mesmo (...) Palazzeschi, justamente quando trata dos temas canônicos crepusculares, como a negação da própria identidade de poeta, e pareceria, portanto, sancionar um alinhamento, ao mesmo tempo, porém, toma distância deles, endereça o lugar-comum em uma direção diferente e toda pessoal, dá uma guinada para o modelo divergente do artista saltimbanco e funambulo, e para o elogio da loucura.

³² Os *Poemi* permanecem sendo, em seu conjunto, um livro fortemente heterogêneo, compósito e bifronte, que alterna a vertente cômica, grotesca e zombeteira com aquela misteriosa e fabulista. Marcam um momento de passagem, um desvio de rota que mantém, porém, ainda bem vivas e presentes as velhas sugestões.

I.3 O AUTOR E O FUTURISMO

Il poeta si diverte, / pazzamente, / smisuratamente! / Non lo state a insolentire, / lasciatelo divertire / poveretto, / queste piccole corbellerie / sono il suo diletto. (*E Lasciatemi Divertire!* (canzonetta). Palazzeschi, 1910)³³

A participação efetiva de Aldo Palazzeschi no movimento futurista é confirmada pela sua ampla colaboração, com poesias e prosas, na revista *Lacerba* (1913-1915), promovida por Papini, Soffici e Palazzeschi, que se caracterizava por um forte cunho irracionalista e vanguardista. Os três representam, segundo Asor Rosa, no livro *Storia Europea della Letteratura Italiana*, a ala da anarquia burguesa e do vanguardismo em si, como forma de mentalidade e de vida. A revista se torna órgão de sua rebeldia, e se eles flertam com a vanguarda autêntica, isto é, a futurista, não se deixam, no entanto, aprisionar por ela. Além disso, seu relacionamento com Marinetti – que começou, em 1909, com a publicação de *Poemi* e terminou, em 1914, com a declaração oficial, na revista *Voce*, de seu rompimento com Marinetti e os futuristas – e a publicação de, pelo menos, três textos denominados pelo próprio autor como vanguardistas: *L'Incendiario*, *Il Controdolore* e *Il Codice di Perelà*:

Io sono una specie di naufrago, ovvero gli *editori seri* non mi getterebbero la loro ancora. Ò il mio editore per le cose mie ma sarei ben più contento di affidarle alla cura di “Poesia”. Scrisse a Marinetti: mi volete con voi? Ero tutto intento a finire un volume di prose dal quale spero, e che amo perché lo vivo da molto tempo, ò lasciato in tronco quello per ordinare un libro di poesie col quale mi piacerebbe però esordire fra i valorosi compagni futuristi. Se Marinetti vorrà, io sono a sua disposizione. Io sono futurista in un certo senso, in altro forse c'è ancora in me qualche cosa di decrepito che non so se a Marinetti possa soddisfare completamente. In ogni modo nulla di male. (...) L'arte italiana vive in un immane catafalco di secoli ormai, ci vuole piccone per rovesciarla, piccone sempre... ma qualche volta possono bastare le punte

³³ O poeta se diverte, / loucamente, / desmesuradamente! / Não o insultem, / deixem-no divertir-se / pobrezinho, / estas pequenas asneiras / são o seu prazer. (Deixem-me divertir! (cançoneta). Palazzeschi, 1910).

delle dita.³⁴ (PALAZZESCHI, 14 ottobre 1909, apud MAGHERINI; MANGHETTI, 2002, p.6)

O livro de poesias *L'Incendiario* oficializa a adesão de Aldo Palazzeschi ao movimento futurista, com sua publicação, em 1910, pelas “Edizioni futuriste di ‘Poesia’”. No entanto, o autor obtém os primeiros reconhecimentos como escritor, sobretudo dos futuristas, com a publicação de *I cavalli bianchi* e *Poemi*, cujas poesias já parodiavam aquelas produções decadentes e simbolistas ligadas à “escola crepuscular”:

Caro collega,

Ho ricevuto con vivissimo piacere i vostri poemi, e, guidato da un infallibile istinto, ne ho intrapresa immediatamente una lettura attentissima.

I vostri poemi mi hanno vivissimamente interessato per tutto ciò che rivelano in voi di non ancora espresso e di sicuramente originale. Vi è – nel vostro volume – come già nei *Cavalli bianchi*, un odio formidabile per tutti i sentieri battuti, e uno sforzo, talvolta riuscitissimo, per rivelare in un modo assolutamente nuovo un’anima indubbiamente nuova. Questo, noi sentimmo tutti, qui in redazione di “Poesia”, lieti di spalancarne le porte, poiché “Futurismo” vuol dire anzitutto: sprigionamento degli istinti vergini e puri, fuori dal terriccio dei luoghi comuni, delle sensazioni cooperative, e dei leit-motiv ossessionanti.

Le mando in omaggio la collezione di “Poesia” e l’ultimo libro di Cavacchioli, invitandola formalmente a collaborare con noi al grande rovesciamento della vecchia imbecillità italiana. Le faccio sapere intanto che dei suoi *Poemi* parlerà lungamente in “Poesia” Paolo Buzzi.

Gradisca, con tutta la simpatia della redazione di “Poesia”, l’espressione della mia alta considerazione. F.T. Marinetti³⁵ (Palazzeschi, 1978, p. 3).

³⁴ Eu sou uma espécie de náufrago, quer dizer, os *editores sérios* não me lançariam sua âncora. Tenho o meu editor para minhas coisas, mas ficaria muito mais contente ao confiá-las aos cuidados de “Poesia”. Escrevi a Marinetti: querem-me com vocês? Estava todo absorto para terminar um volume de prosas que me dá esperanças, e que amo porque o vivo há muito tempo; deixei-o bruscamente para organizar um livro de poesias com o qual gostaria, porém, de estreitar entre os valorosos companheiros futuristas. Se Marinetti quiser, eu estou à sua disposição. Eu sou futurista em certo sentido, em outro talvez ainda haja em mim algo de decrépito que não sei se poderia satisfazer Marinetti completamente. De qualquer maneira nada de errado. (...) A arte italiana já vive em um enorme catafalco há séculos, é preciso a picareta para derrubá-la, a picareta sempre... mas algumas vezes as pontas dos dedos podem ser suficientes. (14 de outubro de 1909).

³⁵ Caro colega./ Recebi com muitíssimo prazer os seus poemas, e, guiado por um instinto infalível, comecei imediatamente sua leitura muito atenta./ Seus poemas me interessaram muitíssimo por tudo aquilo que revelam do senhor, aquilo ainda não expresso e certamente original. Há – no seu volume – como já em *Cavalli bianchi*, um ódio formidável por todos os caminhos conhecidos, e um esforço, às vezes muito bem sucedido, para revelar de maneira absolutamente nova uma alma indubitavelmente nova. Isto, todos nós sentimos, aqui na redação de “Poesia”, felizes de escancarar as suas portas para o senhor, uma vez que “Futurismo” quer dizer acima de tudo: libertação dos instintos virgens e puros, fora do terriço dos lugares comuns, das sensações cooperativas, e dos leit-motiv obcecantes. Mando-lhe como brinde a coleção de “Poesia” e o último livro de Cavacchioli, convidando-o formalmente a colaborar conosco para a grande virada da velha imbecilidade italiana. Saiba, enquanto isso, que Paolo Buzzi falará longamente de

L'Incendiario, dedicado “a F.T. Marinetti/ anima della nostra fiamma”³⁶, se abre com a premissa “Rapporto sulla Vittoria Futurista di Trieste” escrita por F.T. Marinetti, que trata da primeira “serate futuriste”³⁷, realizada em 12 de janeiro de 1910, no teatro “Politeama Rossetti”; a seguir há “Le Fanfare della Stampa”, composto por: “Trieste Elettrizzata”, “La Vittoria Strepitosa”, “I Significati del Futurismo Secondo Paolo Arcari” e “Il Futurismo e la Satira”.

A primeira parte, sem um título específico, compreende onze poemas: “L'Incendiario”, “Villa Celeste”, “La Fiera dei Morti”, “Il Principe e la Principessa Zuff”, “La Morte di Cobò”, “La Regola del Sole”, “Le Carovane”, “La Città del Sole Mio”, “Le Beghine”, “Visita alla Contessa Eva Pizzardini Ba”, “E Lasciatemi Divertire! (Canzonetta)”.

Segue a segunda parte, intitulada “Al mio bel castello”, que é composta por dez poemas: “Quando Cambiai Castello”, “Le Mie Passeggiate”, “Il Mio Castello e il Mio Cervello”, “La Ciociara in Lutto”, “La Mano”, “L'Orologio”, “Cherubina”, “Ginnasia e Guglielmina”, “Il Ballo”, “Il Pranzo e La Visita di Mr. Chaff”.

São poesias longas, quase sempre compostas por mais de cem versos, nos quais se percebe uma predominância da narração e, em especial, da teatralização.

Comentaremos aqui o primeiro poema, *L'Incendiario*, que intitulou a coletânea de poesias, pelo fato de ser emblemático e ter uma relação estreita com o romance *Il Codice di Perelà*. Por ser um poema longo, composto por mais de duzentos versos, ele não será inserido na íntegra³⁸, mas faremos os comentários a partir de fragmentos cuidadosamente selecionados.

Nos primeiros dez versos têm-se a apresentação e a descrição da cena na qual a poesia, escrita em versos livres, se desenvolve: “In mezzo alla piazza centrale/ del paese,/ è stata posta la gabbia di ferro/ con l'incendiario./ Vi rimarrà tre giorni/ perché tutti lo possano vedere./ Tutti si aggirano torno torno/ all'enorme gabbione,/ durante

seus poemas em “Poesia”./ Aceite, com toda a simpatia da redação de “Poesia”, a expressão da minha alta consideração. F. T. Marinetti.

³⁶ “A F.T. Marinetti/ alma da nossa chama.”

³⁷ “noites futuristas”.

³⁸ O poema completo encontra-se no anexo.

tutto il giorno,/ centinaia di persone.”³⁹ (Palazzeschi, 1910, p. 69). O público curioso, representado pelo coro de vozes (o que remete às produções épicas), é interrompido pelo poeta:

Bisogna esser roba poco pulita/ per aver compassione/ di questa sorta di persone!/ Largo! Largo! Largo!/ Ciarpame! Piccoli esseri/ dall’esalazione di lezzo,/ fetido bestiame!/ Ringollatevi tutti/ il vostro sconcio pettegolezzo,/ e che vi strozzi nella gola!/ Largo! Sono il poeta!/ Io vengo di lontano,/ il mondo ò traversato,/ per venire a trovare/ la mia creatura da cantare!/ Inginocchiatevi marmaglia!/ Uomini che avete orrore del fuoco,/ poveri esseri di paglia!/ Inginocchiatevi tutti!/ Io sono il sacerdote,/ questa gabbia è l’altare,/ quell’uomo è il Signore!⁴⁰ (Palazzeschi, 1910, pp. 72 - 73)

Posteriormente, após discursar sobre a repressão do mundo e o conformismo da massa, o poeta liberta seu prisioneiro:

Tu mi guardi, senza parlare,/ tu non parli,/ e i tuoi occhi mi dicono:/ uomo, poco farai tu che ciarli./ Ma fido in te!/ T’apro la gabbia va’!/ Guardali, guardali, come fuggono!/ Sono forsennati dall’orrore,/ la paura gli à tutti impazzati./ Potete andare, fuggite, fuggite,/ egli vi raggiungerà!/ (...)/ Avrò un urlo di gioia!/ Ci sei passato tu!/ E dopo mi sentirò lambire le vesti,/ le fiamme arderanno/ sotto la mia casa.../ griderò, esulterò,/ m’avrai data la vita!/ Io sono una fiamma che aspetta!/ Va’, passa fratello, corri, a riscaldare/ la gelida carcassa/ di questo vecchio mondo!⁴¹ (Palazzeschi, 1910, pp. 79 – 80)

Segundo Adele Dei, a negação do poeta, presente na coletânea de poesias anterior (*Poemi*), é dissipada nesse livro, ocorrendo, portanto, a afirmação do “ser poeta”:

³⁹ “No meio da praça central/ do lugarejo,/ foi colocada a jaula de ferro/ com o incendiário./ Ficarà af três dias/ para que todos possam ver./ Todos giram em torno/ da enorme jaula,/ o dia todo,/ centenas de pessoas.”

⁴⁰ É preciso ser coisa imunda/ para ter compaixão/ deste tipo de pessoa!/ Abram caminho! Abram caminho! Abram caminho!/ Trastes! Pequenas criaturas/ que exalam fedor,/ fétido gado!/ Engulam todos vocês/ a sua bisbilhotice infame,/ e que se entale em suas gargantas!/ Abram caminho! Sou o poeta!/ Eu venho de longe,/ atravessei o mundo,/ para vir encontrar/ a minha criatura para cantar!/ Ajoelhem-se gentalha!/ Homens que tem horror do fogo,/ pobres criaturas de palha!/ Ajoelhem-se todos!/ Eu sou o sacerdote,/ esta jaula é o altar,/ aquele homem é o Senhor!

⁴¹ Você me olha, sem falar,/ você não fala,/ e os seus olhos me dizem:/ homem, pouco fará, você, que tagarela. / Mas confio em você!/ Abro a jaula para você, vá!/ Veja, Veja como fogem!/ Estão furibundos pelo horror,/ o medo enlouqueceu todos eles./ Podem ir, fujam, fujam,/ ele alcançará vocês!/ (...)/ Darei um grito de alegria!/ Você passou aqui!/ E depois sentirei minhas roupas sendo roçadas,/ as chamas arderão/ sob a minha casa.../ gritarei, exultarei,/ me terá dado a vida!/ Eu sou uma chama que espera!/ Vá, passa irmão, corre, para aquecer/ a gélida carcaça/ deste velho mundo!

Se la raccolta del 1909 iniziava con la negazione del proprio essere poeta (“Son forse un poeta?/ No certo”) nell’*Incendiario* si grida invece una decisa quanto orgogliosa rivendicazione (“Largo! Sono il poeta!”) e la coppia poeta-incendiario si oppone apertamente, con un inusuale carico di aggressività, alla repressione del mondo, al conformismo della folla, mira a una liberazione. La poesia (...) tende a relegare quindi l’io-poeta in una vaga sudditanza, ma nei componimenti successivi la duplicità si riassume, ed emerge un unico eroe.⁴² (DEI, 2002, pp. XXXV-XXXVI)

As técnicas utilizadas por Palazzeschi, em especial a liberdade métrica do verso livre, o dinamismo de movimentos e o coro vozes que reproduzem a sociedade, ridicularizando-a, – se trata, precisamente, de uma massa que supervaloriza coisas pouco importantes, que julga por aparências e que age sem reflexão – causam um efeito humorístico em seus poemas. Essas técnicas, que fogem completamente das estruturas poéticas tradicionais, estão muito próximas àquelas utilizadas no romance *Il Codice di Perelà*.

Em março de 1911, é publicado na “Edizioni Futuriste di ‘Poesia’” o livro *Il Codice di Perelà*, com o subtítulo “Romanzo Futurista”⁴³ e com a seguinte dedicatória: “Affettuosamente dedico: al pubblico! quel pubblico che ci ricopre di fischi, di frutti e di verdure, noi lo ricopriremo di deliziose opere d’arte”⁴⁴.

Considerado pelo autor sua obra-prima, o livro pode ser lido como uma fábula que entrelaça elementos alusivos a significados alegóricos, pois Perelà representa uma grande alegoria do homem daquela época, um homem completamente esvaziado de sentido. Mas o livro será analisado mais adiante, no capítulo III.

Pode-se perceber que, não por acaso, o poema *L’incendiario* está diretamente relacionado com o próprio protagonista do *Codice*, Perelà, justamente por ser um homem de fumaça, nascido do fogo de uma chaminé e com capítulo “La fine d’Alloro”,

⁴² Se a coletânea de 1909 começava com a negação do próprio ser poeta (“Seria eu talvez um poeta? Não, decerto!) no *Incendiario* se grita, ao contrário, uma reivindicação tão decidida quanto orgulhosa (“Abram caminho! Sou o poeta!”) e a dupla poeta-incendiário se opõe abertamente, com uma carga de agressividade não usual, à repressão do mundo, ao conformismo da multidão, objetiva uma libertação. A poesia (...) tende a relegar, portanto, o eu-poeta a uma vaga subordinação, mas nas composições seguintes a dualidade se absorve totalmente, e aflora um único herói.

⁴³ “Romanzo Futurista”.

⁴⁴ Affettuosamente dedico: ao público! àquele público que nos cobre com vaias, com frutas e com legumes, nós o cobriremos com deliciosas obras de arte.

pelo fato de o personagem (“Alloro”) atear fogo no próprio corpo para se tornar, também, um homem de fumaça:

(...)

– In questo caso egli sbaglierebbe la sua propaganda. – Disse uno con un tono di straordinaria importanza.

– Come come come? Propaganda autoincendiaria? È formidabile! – Ripeté un altro con una pancia enorme ed una grossa faccia violacea.

– L’incendiario di se stesso! – Incalzò uno piccolo piccolo con un vocino da lucherino, con due baffettini aghiformi e le lenti sopra un nasino così fino sulla costola da sembrare una lama di coltelo.⁴⁵ (PALAZZESCHI, 2004, p. 280)

Há, ainda, no livro *L’incendiario*, o poema *Visita alla Contessa Eva Pizzardini Ba*⁴⁶ que está diretamente ligado ao depoimento de *Cloe Pizzardini Ba*, no capítulo “Il Thè” do romance. No primeiro, “Eva” conversa com “Aldo” sobre a mesmice da vida; no segundo, igualmente, “Cloe” relata a “Perelà” considerações sobre “suas quotidianas reservas”:

(1º) - Buona sera Contessa./ - Buona sera carissimo Aldo./ - Oggi giornata bella, Contessa./ - Troppo bella, carissimo Aldo,/ non fa né freddo né caldo./ - E la noia, Contessa?/ - Ah! Oh! Ih! Hum!/- Sempre la stessa!/- Già. Questo mi dite di nuovo?/ Bravo. (...) Che governo pitocco!/- Ma... di nuovo?/ - Di nuovo?/ - E dire che vorrei, solo per una volta,/ vedermi nuova nel mio specchio./ - Come?/ - Nuova, diversa da sempre,/ e diversa da tutte./ (...) - Basta basta basta/ mio carissimo Aldo,/ non crediamo di dirci/ qualche cosa di nuovo,/ sensazione nuova, io già non provo,/ la cerco, ma non la trovo.⁴⁷ (PALAZZESCHI, 1910, pp. 173-177)

(2º) Ditemi francamente, non le trovate un pochino esagerate?

⁴⁵ - Neste caso ele erraria a sua propaganda. – disse alguém com um tom de extraordinária importância./ - Como, como, como? Propaganda autoincendiária? É formidável! – Repetiu outro com uma barriga enorme e uma grande cara violácea./ - O incendiário de si mesmo! – Insistiu um baixinho com uma vozinha de pintassilgo, com dois bigodinhos em forma de agulhas e as lentes sobre um narizinho tão fino na aresta que parece uma lâmina de faca.

⁴⁶ O poema completo encontra-se no anexo.

⁴⁷ (1) – Boa noite Condessa./ - Boa noite, caríssimo Aldo./ - Hoje o dia está bonito, Condessa./ - Muito bonito, caríssimo Aldo./ não faz nem frio nem calor./ - E o tédio, Condessa?/ - Ah! Oh! Ih! Hem!/- Sempre o mesmo!/- É verdade. Isto me diz de novo? / Muito bem. (...) Que governo miserável!/- Mas... de novo?/ - De novo?/ - E dizer que gostaria, só por uma vez,/ ver-me nova em meu espelho./ - Como?/ - Nova, diferente de sempre,/ e diferente de todas./ (...) – Chega, chega, chega/ meu caríssimo Aldo./ não acreditemos estar nos dizendo / algo de novo,/ sensação nova, eu já não sinto,/ procuro-a, mas não a encontro.

Io considero questo fatto semplice e comune, come una quotidiana necessità della nostra vita. Non so concedergli nessun fascino di mistero, e non vale per me più né meno del mio pranzo o della mia colazione. (...) ⁴⁸
(PALAZZESCHI, 2004, p. 180)

Em 15 de janeiro de 1914, na revista *Lacerba*, é publicado o manifesto palazzeschiano *Il Controdolore*, cujas “conclusões” sintetizam a base de toda sua intenção ⁴⁹:

CONCLUSIONI Noi futuristi vogliamo guarire le razze latine, e specialmente la nostra, dal dolore cosciente, lue passatista aggravata dal romanticismo cronico, dall'affettività mostruosa e dal sentimentalismo pietoso che deprimono ogni italiano. Vogliamo perciò sistematicamente: **1. Distruggere il fantasma** romantico ossessionante e doloroso delle cose dette gravi, estraendone e sviluppandone il ridicolo, col sussidio delle scienze, delle arti, della scuola. **2.** Combattere il dolore fisico e morale con la loro stessa parodia. Insegnare ai bambini la massima varietà di sberleffi, di boccacce, di gemiti, lagni, strilli, per preservarli dagli abituali pianti. **3.** Svalutare tutti i dolori possibili, penetrandoli, guardandoli da ogni lato, anatomizzandoli freddamente. **4. Invece di fermarsi nel buio del dolore, attraversarlo con slancio, per entrare nella luce della risata.** **5.** Crearsi fino da giovani il desiderio della vecchiaia, per non essere prima turbati dal fantasma di essa, poi da quello di una giovinezza che non potemmo godere. Sapersi creare la sensazione di tutti i possibili mali fisici e morali nell'ora di maggior salute e di serenità della nostra vita. **6.** Sostituire l'uso dei profumi con quello dei puzzi. Fate invadere un salone da ballo da un odore fresco di rose e voi lo cullerete in un vano passeggero sorriso, fatelo invadere da quello più profondo della merda (profondità umana stupidamente misconosciuta) e voi lo farete agitare nell'ilarità, nella gioia. Voi prendete ai fiori le loro cime, i loro petali: siete dei superficiali; essi vi domandano quello che ci avete in fondo al vostro corpo di più intimo, di più maturo per la loro felicità: sono più profondi di voi. **7.** Trarre dai contorcimenti e dai contrasti del dolore gli elementi della nuova risata. **8.** Trasformare gli ospedali in ritrovi divertenti, mediante five o' clock thea esilarantissimi, café-chantants, clowns. Imporre agli ammalati delle fogge comiche, truccarli come attori, per suscitare fra

⁴⁸ (2) Diga-me francamente, não acha que elas são um tantinho exageradas?/ Eu considero este fato simples e comum, como uma necessidade cotidiana da nossa vida. Não sei conceder-lhe nenhum fascínio de mistério, e para mim não vale nem mais nem menos que meu almoço ou que meu café da manhã. (...) E o que o senhor diria, enfim, se lhe confessasse ainda que, quando muito, deixaram pequenos resquícios na minha memória, algum estribeiro indomável... algum simples jardineiro...

⁴⁹ O manifesto completo encontra-se no anexo.

loro una continua gaiezza. I visitatori non potranno entrare nei palchetti delle corsie se non dopo esser passati per un apposito istituto di laidezza e di schifo, nel quale si orneranno di enormi nasi furuncolosi, di finte bende, ecc. ecc. **9.** Trasformare i funerali in cortei mascherati, predisposti e guidati da un umorista che sappia sfruttare tutto il grottesco del dolore. Modernizzare e rendere confortables i cimiteri mediante buvettes, bars, skating, montagne russe, bagni turchi, palestre. Organizzare scampagnate diurne e bals masqués notturni nei cimiteri. **10.** Non ridere nel vedere uno che ride (plagio inutile), ma saper ridere nel veder uno che piange. Istituire società ricreative nelle stanze mortuarie, dettare epitaffi a base di bisticci, calembours e doppi sensi. Sviluppare perciò quell'istinto utile e sano che ci fa ridere di un uomo che cade per terra e lasciarlo rialzare da sé comunicandogli la nostra allegria. **11.** Trarre tutto un nuovo comico fecondo da una mescolanza di terremoti, naufragi, incendi, ecc. **12.** Trasformare i manicomi in scuole di perfezionamento per le nuove generazioni.⁵⁰ (PALAZZESCHI, 2004, pp. 1230 – 1232)

Com a ideia do “Controdolore” Palazzeschi quer negar a dor por meio da farsa, da zombaria e do riso. O homem, segundo o autor, não é feito para sofrer: a dor é transitória, porque a vida é alegria. A felicidade é eterna e o riso é mais profundo que o choro. De acordo com Palazzeschi, os melancólicos devem ser hospitalizados; é necessário transformar os hospitais em “lugares divertidos” e os funerais em cortejos com máscaras grotescas; não rir ao ver uma pessoa que ri, mas rir ao ver alguém que

⁵⁰ **CONCLUSÕES** Nós futuristas queremos curar as raças latinas, e principalmente a nossa, da dor consciente, calamidade saudosista agravada pelo romantismo crônico, pela afetividade monstruosa e pelo sentimentalismo compassivo que deprimem todo italiano. Queremos, portanto, sistematicamente: **1. Destruir o fantasma** romântico obsessivo e doloroso das coisas chamadas graves, extraíndo e desenvolvendo delas o ridículo, com o subsídio das ciências, das artes, da escola. **2.** Combater a dor física e moral com sua própria paródia. Ensinar às crianças a mais ampla variedade de esgares, caretas, gemidos, queixas, berros, para protegê-los dos prantos habituais. **3.** Desvalorizar todas as dores possíveis, penetrando-as, olhando-as por todos os lados, dissecando-as friamente. **4. Em vez de parar na escuridão da dor, atravessá-la com impulso, para entrar na luz da risada.** **5.** Criar para si, desde jovem, o desejo da velhice, para não sermos perturbados primeiramente por seu fantasma, depois por aquele de uma juventude que não pudemos desfrutar. Saber criar para si a sensação de todos os possíveis males físicos e morais na hora de plena saúde e serenidade de nossa vida. **6.** Substituir o uso dos perfumes por aquele dos fedores. Façam um salão de baile se invadido por um cheiro fresco de rosas e vocês o ninarão em um vão sorriso passageiro, façam-no invadir por aquele mais profundo da merda (profundidade humana estupidamente menosprezada) e o farão agitar na hilaridade, na alegria. Vocês pagam das flores suas hastes, suas pétalas: são uns superficiais; elas pedem a vocês o que vocês têm no fundo de seus corpos, de mais íntimo, de mais maduro para sua felicidade: são mais profundas do que vocês. **7.** Extrair das contorções e dos contrastes da dor os elementos da nova risada. **8.** Transformar os hospitais em locais divertidos, mediante five o' clock thea hilariantes, café-chantants, clowns. Impor aos doentes alguns aspectos cômicos, maquiá-los como atores, para suscitar entre eles uma alegria constante. Os visitantes não poderão entrar nos balcões nobres dos corredores hospitalares a não ser depois de terem passado por um especial instituto de feiura e de nojo, em que se enfeitarão com enormes narizes furunculosos, com curativos falsos, etc. etc. **9.** Transformar os funerais em cortejos mascarados, predispostos e conduzidos por um humorista que saiba como tirar proveito de todo o grotesco da dor. Modernizar e tornar confortables os cemitérios mediante botequins, bares, skating, montanhas-russas, saunas, academias de ginástica. Organizar excursões diurnas e bals masqués noturnos nos cemitérios. **10.** Não rir ao ver aquele que ri (plágio inútil), mas saber rir ao ver aquele que chora. Instituir sociedades recreativas nos necrotérios, ditar epitáfios à base de trocadilhos, calembours e duplos sentidos. Desenvolver, portanto, aquele instinto útil e saudável que nos faz rir de um homem que cai no chão e deixá-lo levantar-se por si mesmo comunicando-lhe a nossa alegria. **11.** Obter de tudo um novo cômico fecundo a partir de uma mistura de terremotos, naufrágios, incêndios, etc. **12.** Transformar os manicômios em escolas de aperfeiçoamento para as novas gerações.

chora. Afirma, também, que é indispensável saber rir da doença, da velhice e da morte. Percebe-se que o autor deseja provocar as pessoas, assim como faziam os futuristas nas “noites futuristas” dos teatros:

In fondo accetto questo mondo con un sorriso. La mia ironia non è pessimista. Vedo il mondo più bello e piacevole di come lo vedono tanti altri. Perché soprattutto mi piace questa ansia di rinnovamento che c'è oggi. Questo diffuso senso di gioventù. Questo desiderio di fare assolutamente qualcosa, di voler vivere, senza afflosciarsi sulle orme del passato, sulla retorica, sull'ovvio delle cose già scoperte e assaporate. Questa smania, questa inquietudine mi lascia ben sperare anche se adesso ne vediamo le intemperanze, gli errori, le esasperazioni. Ma penso che sia un fermento utilissimo, anzi necessario.⁵¹ (ANGELINI, aprile 1971, p. 6)

Afirma, ainda, que tudo isso deve ser ensinado aos jovens, às novas gerações, pois, para que cresçam bem, é primordial que se habituem ao riso, a única arma eficaz conta a dor:

Spira buon vento, però i giovani scrittori devono far bene attenzione agli argomenti e ai problemi troppo grossi che eccedendo di peso possono portare a fondo. E noto una carenza dell'umorismo. La crisi dell'umorismo rivela una crisi della civiltà. Un popolo che non ha umoristi non è un popolo civile.⁵² (RODA, maggio 1956, p. 6)

Nada melhor do que reproduzir, aqui, o texto “O Poeta Futurista Aldo Palazzeschi”, escrito por Marinetti, em 1º de junho de 1913, para “proclamar na Itália o talento originalíssimo e a personalidade extraordinária do poeta futurista Aldo Palazzeschi”, que sintetiza de maneira interessante a personalidade futurista de Palazzeschi:

⁵¹ No fundo aceito este mundo com um sorriso. A minha ironia não é pessimista. Vejo o mundo mais bonito e agradável de como tantos outros o vêem. Porque sobretudo me agrada esta ânsia de renovação que existe hoje. Este disseminado sentido de juventude. Este desejo de fazer absolutamente alguma coisa, de querer viver, sem enfraquecer sobre os rastros do passado, sobre a retórica, sobre o óbvio das coisas já descobertas e provadas. Esta impaciência, esta inquietude me deixa bem esperançoso, ainda que agora vejamos suas intemperanças, erros e exasperações. Mas penso ser este um fermento muito útil, aliás, necessário.

⁵² O vento é favorável, porém os jovens escritores devem prestar bastante atenção aos argumentos e aos problemas excessivamente grandes que, excedendo em peso, podem levar para o fundo. E noto uma carência do humorismo. A crise do humorismo revela uma crise da civilização. Um povo que não tem humoristas não é um povo civilizado.

(...) noi futuristi siamo riusciti a far proclamare in Italia l'ingegno originalissimo e la personalità eccezionale del poeta futurista Aldo Palazzeschi. I critici però dichiarano, (...), che Palazzeschi «non è futurista».

(...) Se volessero e sapessero leggere, comprenderebbero invece che Palazzeschi ha dato, primo e solo, appunto *nell'Orologio*, il grido della libertà umana, sintetizzando tragicamente, in una forma lirica e drammatica assolutamente nuova, l'agitazione febbrile ed esasperata dell'*io* che si sforza di rompere la sua gabbia ferrea di determinismo o di fatalità.

Nell'*Orologio*, come in tutte le poesie dell'*Incendiario*, Palazzeschi è assolutamente originale. Egli entra in tutte le zone di tristezza umana: cimiteri, ospedali, conventi, viuzze di città morte, ma dopo aver congedato con una risata ironica tutti i sacri custodi di questi luoghi (...). Passeggia di notte nei giardini primaverili, ma per scoprire i mali costumi dei fiori. Entrando in un cimitero, Palazzeschi cataloga filosoficamente le facce dei morti, contratta uno scheletro e se ne ritorna con un teschio sotto il braccio, mangiando delle caldarroste nel più nostalgico dei tramonti.

L'ingegno di Palazzeschi ha per fondo una feroce ironia demolitrice che abbatte tutti i motivi sacri del romanticismo: Amore, Morte, Culto della donna ideale, Misticismo, ecc. L'opera di Aldo Palazzeschi (...) costituisce gran parte della poesia futurista (...).

Coll'apparente incoscienza d'un bambino, guidato però da un fiuto sicuro, il poeta Palazzeschi ha insegnato all'Italia, a ridere allegramente dei professori, infischandosi, meglio e più d'ogni altro, di tutte le regole, di tutti i divieti stilistici e linguistici. E *lasciatemi divertire* è il più bel trattato d'arte poetica, e insieme lo schiaffo più poderoso che abbiano mai ricevuto in faccia i passatisti d'Italia.

Spirito rivoluzionario e assolutamente futurista in tutte le sue opere, Palazzeschi diede, nel suo *Codice di Perelà*, il primo romanzo sintetico, senza legami né ponti esplicativi, senza quei capitoli grigi pieni di belle zeppe necessarie, nelle quali Flaubert si rammaricava di aver sciupato tanto ingegno.

Questa sincerità assoluta, unita ad un profondo disprezzo per ogni armonia tradizionale hanno spinto Palazzeschi ad usare coraggiosissimamente dell'onomatopea. Egli obbedisce in ciò ad un naturale desiderio di nutrire con elementi brutali di vita la sua ispirazione lirica, liberandola da ogni solennità scolastica. (...).⁵³ (F.T. Marinetti, 2005, pp. 62-65)

⁵³ (...) nós futuristas fomos capazes de proclamar na Itália o talento originalíssimo e a personalidade extraordinária do poeta futurista Aldo Palazzeschi. Os críticos, porém, declaram (...) que Palazzeschi “não é futurista”. / Se quiséssem e soubéssem ler, compreenderiam, ao contrário, que Palazzeschi deu, primeiro e sozinho, justamente no *Orologio*, o grito da liberdade humana, sintetizando tragicamente, em uma forma lírica e dramática absolutamente nova, a agitação febril e exasperada do *eu* que se esforça

A propósito do *Controdolore*, Luigi Fontanella afirma que esse manifesto é o texto “mais programaticamente oficial” da participação de Palazzeschi no movimento futurista:

Il Controdolore, infatti, costituisce uno dei manifesti basilari, dichiaratamente riconosciuti del futurismo italiano (...). Va precisato che, curiosamente, il titolo di questo manifesto futurista era in origine proprio L'antidolore, che, trovato da Marinetti “di un passatismo da inorridire”, fu da lui cambiato in Il Controdolore.⁵⁴ (FONTANELLA, giugno 2009, p.158-159)

Palazzeschi e Marinetti tinham opiniões convergentes em diversos assuntos, mas *Il Controdolore* nos deixa claro, também, que ambos possuíam personalidades muito diferentes:

A proposito del controdolore aggiungo che lo intitolai “L'antidolore” e quando lo consegnai a Marinetti lo lesse davanti a me tutto d'un fiato (...) solo il titolo lo lasciava freddo: “Antidolore” faceva pensare a Gesù Cristo, diceva Marinetti, quanto di meno futurista si potesse immaginare, e discutemmo insieme per cambiarlo in controdolore. Ma io che sono geloso della mia personalità anche nel minimo dettaglio, nell'opera completa ho riportato il titolo primitivo messo da me.⁵⁵ (PALAZZESCHI, 2004, p. CXXXVI)

para quebrar a sua jaula férrea de determinismo ou de fatalidade./ No *Orologio*, como em todas as poesias do *Incendiario*, Palazzeschi é absolutamente original. Ele entra em todas as regiões da tristeza humana: cemitérios, hospitais, conventos, vielas de cidades mortas, mas após ter se despedido com uma risada irônica de todos os sagrados guardiões destes lugares (...). Passeia à noite nos jardins primaveris, mas para descobrir os maus costumes das flores. Entrando em um cemitério, Palazzeschi cataloga filosoficamente os rostos dos mortos, contrata um esqueleto e volta com uma caveira embaixo do braço, comendo castanhas assadas no mais nostálgico dos pores-do-sol./ O talento de Palazzeschi tem por pano de fundo uma feroz ironia demolidora que abate todos os motivos sacros do romantismo: Amor, Morte, Culto da mulher ideal, Misticismo etc. A obra de Aldo Palazzeschi (...) constitui grande parte da poesia futurista (...)./ Com a aparente inconsciência de um menino, guiado, porém, por um faro seguro, o poeta Palazzeschi ensinou à Itália a rir alegremente dos professores, não se importando, melhor e mais do que qualquer outro, com nenhuma regra, com nenhuma proibição estilística e linguística. E *lasciatemi divertire* é o mais belo tratado da arte poética, ao mesmo tempo a bofetada mais poderosa que os saudosistas da Itália já receberam na cara./ Espírito revolucionário e absolutamente futurista em todas as suas obras, Palazzeschi deu, em seu *Codice di Perelà*, o primeiro romance sintético, sem ligações nem pontes explicativas, sem aqueles capítulos cinzentos cheios de belas cunhas necessárias, nas quais Flaubert lastimava ter desperdiçado tanto talento./ Esta sinceridade absoluta, unida a um profundo desprezo por qualquer harmonia tradicional levaram Palazzeschi a usar muito corajosamente a onomatopeia. Nisto ele obedece a um desejo natural de alimentar com elementos brutais de vida a sua inspiração lírica, libertando-a de qualquer solenidade escolar.

⁵⁴ O *Controdolore*, de fato, constitui um dos manifestos basilares, declaradamente reconhecidos pelo futurismo italiano (...). É preciso especificar que, curiosamente, o título deste manifesto futurista na origem era exatamente *L'antidolore*, que Marinetti achou “de um saudosismo horripilante”, e que o trocou por *Controdolore*.

⁵⁵ A propósito do *Controdolore* acrescento que o intitulei “L'antidolore” e quando o entreguei a Marinetti, ele o leu inteiro diante de mim de uma só vez (...) só o título o deixava frio: “L'antidolore” fazia pensar em Jesus Cristo, dizia Marinetti, o que de menos futurista se pudesse imaginar, e discutimos juntos para mudá-lo em *Controdolore*. Mas eu que sou ciumento de minha personalidade

Palazzeschi foi futurista por apenas cinco anos (de 1909 a 1914), sempre de uma maneira peculiar, conservando suas características e sua independência. Salvatore Guglielmino afirma, a propósito de Palazzeschi: “(...) non lo interessa né l’esaltazione della macchina, né l’attivismo vitalistico, bensì la sollecitazione verso la distruzione delle strutture tradizionali, il ripudio di ogni remora razionale e logico-discursiva.” (GUGLIELMINO, 1978, p. I/98).⁵⁶

Após a clamorosa recepção por parte dos vanguardistas, o autor romperá sua relação com Marinetti e com o futurismo, pois sua personalidade independente e sua posição pacifista não lhe permitem concordar com a campanha dos futuristas a favor da guerra. Em 1914, declara oficialmente na revista “Lacerba”: “Da oggi io non ho più nulla a che fare con il movimento futurista. Se F.T. Marinetti si servisse del mio nome per il suo movimento lo farebbe abusivamente”⁵⁷. (PALAZZESCHI, 2004, p. CXXXVIII)

II. O ROMANCE FUTURISTA *IL CODICE DI PERELÀ*

II.1 SINÓPSE

“Affettuosamente dedico: al pubblico! quel pubblico che ci ricopre di fischi, di frutti e di verdure, noi lo ricopriremo di deliziose opere d’arte”⁵⁸ (Aldo Palazzeschi, 1911)

até o mínimo detalhe, na obra completa trouxe de volta o título primitivo que eu dera. (a Maria Luisa Belleli, 4 de setembro de 1970).

⁵⁶ “(...) não está interessado nem na exaltação da máquina, nem o ativismo vitalista, mas sim a destruição das estruturas tradicionais e o repúdio de qualquer freio racional e lógico-discursivo”.

⁵⁷ A partir de hoje eu não tenho mais nada a ver com o movimento futurista. Se F.T. Marinetti se servisse do meu nome para o seu movimento o faria abusivamente.

⁵⁸ Afetuosamente dedico: ao público! àquele público que nos cobre com vaias, com frutas e com legumes, nós o cobriremos com deliciosas obras de arte.

O livro “Il Codice di Perelà”⁵⁹, escrito entre 1908 e 1911, foi publicado em 1911 com o subtítulo “Romanzo Futurista”⁶⁰.

A obra está estruturada em dezesseis capítulos: “L’Utero Nero” (O Útero Negro); “Il Thè” (O Chá); “Dio” (Deus), “Il Ballo” (O Baile); “Visita a Suor Mariannina Fonte. Suor Colomba Mezzertino” (Visita à irmã Marianinha Fonte. Irmã Pomba Mezzertino); “Ala” (Asa); “Il Prato dell’amore” (O Prado do amor); “Iba” (Iba); “Villa Rosa” (Vila Rosa); “Delfo e Dori” (Delfo e Dori); “La Fine d’Alloro” (O Fim de Louro); “Il Consiglio di Stato” (O Conselho de Estado); “Perché?” (Por quê?); “L’indisposizione di Perelà” (A Indisposição de Perelà); “Il Processo di Perelà” (O Processo de Perelà) e “Il Codice di Perelà” (O Código de Perelà). Neles se narra a história de Perelà, um homem de fumaça, nascido do fogo de uma chaminé, “L’utero nero”, mantido aceso por três velhas: Pena, Rete e Lama, – que Perelà considera mães – enquanto conversam sobre diversos assuntos, como a guerra, o amor e até a filosofia. Mas quando Perelà completa trinta e três anos, a conversa entre as velhas termina e o fogo se apaga. Pouco depois, o homem de fumaça sai da chaminé, calça um par de botas que acha ao lado da lareira e resolve caminhar até a cidade.

Assim, chega a um lugar não bem identificado do ponto de vista geográfico e temporal, e começa a interagir com os habitantes que o batizam Perelà, das iniciais dos três nomes das mães que ele repete obsessivamente. Este lugar, o reino de Torlindao, configura-se como uma monarquia absolutista: ali Perelà, em um primeiro momento, é idealizado, exaltado por sua diferença com o gênero humano, tornando-se objeto de honras e atenção. Inicia uma peregrinação pelas principais instituições deste universo: é apresentado ao Rei e à Rainha, às pessoas mais importantes da cidade, aos expoentes da cultura oficial e, também, às nobres mulheres da corte, que lhe prometem amores e paixões sensuais. Uma delas, Oliva di Bellonda, se apaixona por ele.

O Rei pede a Perelà que elabore um código legislativo, cuja falta afligia o Estado havia muito tempo: o “Codice di Perelà”, justamente. O protagonista, no entanto, “não consegue concluir” sua missão, porque Alloro, criado de corte e seu admirador, ateia fogo ao próprio corpo com a esperança de tornar-se, também, um homem de fumaça. A responsabilidade da morte é atribuída a Perelà que, por esse motivo, passa a ser

⁵⁹ “O Código de Perelà”.

⁶⁰ “Romance Futurista”.

considerado perigoso para o reino: é injuriado, detido, processado e condenado à prisão perpétua em uma pequena cela no alto do monte Calleio. Oliva di Bellonda consegue, então, a permissão do Rei para construir uma chaminé e acender um fogo para alimentar seu amado, que foge dali como uma nuvem de fumaça.

Após uma primeira e entusiasmada recepção, principalmente por parte dos futuristas e dos autores ligados à revista “Lacerba”, o romance cai no esquecimento por algumas décadas, embora novas edições com variantes tivessem sido publicadas em 1920, 1943, 1954 e 1958.

O mérito da redescoberta do romance é de Luigi Baldacci que, em 1956, dedica ao romance um ensaio publicado na revista “Belfagor”, para celebrar os sessenta anos do escritor. Neste ensaio, Baldacci afirma que *Il Codice di Perelà* é, sem dúvidas, “o livro mais feliz e importante de Palazzeschi”. Com esse escrito, o crítico deslocou a atenção crítica para esse primeiro romance de caráter futurista.

Posteriormente, foram publicados inúmeros textos críticos, como, por exemplo, as análises de:

Alberto Asor Rosa e Edoardo Sanguineti, cada um com seu escrito reunidos no volume “Palazzeschi oggi”⁶¹, que consideram ser Perelà uma expressão da utopia existente entre literatura e ideologia, provocada pela guerra.

Anthony Julian Tamburri, em seu texto crítico “Il codice di Perelà: svelamento del código”⁶², expõe que o romance é, na verdade, um manifesto da filosofia “controdoloriana”, que aparece como tal só depois da publicação do romance, e precisamente no manifesto futurista *Il Controdolore* (1914), veiculado pela revista “Lacerba”.

Fausto Curi, em seu ensaio intitulado “Palazzeschi e Nietzsche”⁶³, afirma que o romance possui sugestões relacionadas às ideias de Friedrich Nietzsche e à figura do príncipe Myskin de Dostoiévski. Além disso, Curi considera necessária uma interpretação psicanalítica da obra, que compare Perelà às fantasias do subconsciente.

⁶¹ Caretti, L. *Palazzeschi oggi: atti del Convegno: Firenze, 6-8 novembre 1976*. Milano: Il Saggiatore, 1978.

⁶² Tamburri, A. J. *Il codice di Perelà: svelamento del codice*. In: “Una semiotica della ri-lettura: Guido Gozzano, Aldo Palazzeschi, e Italo Calvino”, publicado pela Franco Cesati Editore, em 2003,

⁶³ Curi, F. *Palazzeschi e Nietzsche*. In: “Palazzeschi europeo: Atti del Convegno Internazionale di Studi Bonn-Colonia, 30-31 maggio 2005”. Firenze: Società Editrice Fiorentina, 2007.

Guido Guglielmi, em seu texto crítico “Capricci e maschere”⁶⁴ relaciona elementos do texto com diversas interpretações simbólicas e sociológicas.

Luciano De Maria, em sua introdução para a edição de 1973 (Mondadori) do romance, relaciona a história de Perelà à de Jesus Cristo, levantando os diversos aspectos que lhe permitem o cotejo: os trinta e três anos de ambos; a chegada inesperada ao mundo, desprovida de qualquer intervenção paterna; a postura das pessoas que participam da história, primeiro considerando-o herói e, posteriormente, levando-o a um processo e a uma condenação; a reflexão na colina, longe da cidade e de seus habitantes, muito parecida com a que ocorre no “Monte da Oliveiras”; o “Monte Calleio” que remete o “Monte Calvário”; a ascensão ao céu e a mensagem deixada aos homens: O Código de Perelá.

Marco Forti escreveu sobre os vários tipos de escritura que aparecem no romance. Em 1978, em seu texto “Romanzi straordinari”⁶⁵, o crítico ressalta, principalmente o uso de diálogos e de monólogos; o caráter teatral que o constante dialogismo institui; as histórias dentro da história do romance; e o estilo, que ele considera uma antecipação do surrealismo; a natureza fantástica e a presença do realismo mágico.

Piero Pieri aprofunda a pesquisa dos significados do romance e analisa as relações literárias com o expressionismo e o futurismo, em seu ensaio “L’Uomo di Fumo”⁶⁶. No texto crítico “Il Codice di Perelà di Palazzeschi. L’altro del fumo, l’oltre dell’uomo”⁶⁷, o autor conduz uma análise que conclui ser o romance uma parábola niilista.

Como se nota por esse breve relato, as interpretações são bastante diversas. O que chama a atenção, no entanto, é que cada uma delas parece ter seu fundamento comprovado. Cada uma dessas interpretações tem um fundo de verdade. No entanto, nenhuma dessas leituras críticas parece capaz de esgotar as diversas sugestões que o texto enceta.

⁶⁴ Guglielmi, G. *Capricci e maschere*. In: “L’udienza del poeta. Saggi su Palazzeschi e il futurismo”. Torino: Einaudi, 1979.

⁶⁵ Forti, M. *Romanzi straordinari*. In: “Palazzeschi oggi”, op. cit.

⁶⁶ Pieri, P. *L’Uomo di Fumo*. In: “Ritratto del saltimbanco da giovane. Palazzeschi 1905-1914”. Bologna: Patron, 1980.

⁶⁷ Pieri, P. *Il Codice di Perelà di Palazzeschi. L’altro del fumo, l’oltre dell’uomo: Tra favola e romanzo*. In: “Griseldaonline. Portale di Letteratura”. Dipartimento di Filologia Classica e Italianistica Alma Mater Studiorum – Università di Bologna. <http://www.griseldaonline.it/temi/l-altro/il-codice-di-perela-palazzeschi-pieri.html> (consultado em 5/12/2012)

Para este trabalho, no entanto, serão ressaltadas as ideias relacionadas ao uso de diálogos, de monólogos, ao caráter teatral, às histórias dentro da história, à natureza fantástica do texto e, também, aquelas que mostram o romance como “um manifesto da filosofia controdoloriana”, justamente por nos parecerem as mais pertinentes e que mais se destacam na obra.

II.2. O CÓDIGO DE PERELÁ: UMA OBRA MISTA

“[Em arte] o impossível verossímil é preferível ao possível não acreditável” (Aristóteles).

Como foi dito anteriormente, *Il Codice de Perelà* possui um caráter teatral. A teatralidade do livro salta aos olhos à primeira vista, precisamente por logo começar com um diálogo entre Perelá e uma velha, os episódios serem apresentados pela sequência de diversos diálogos “encenados” (mimesis) à frente do leitor, dialogicamente, com raríssimas intervenções de um narrador. Nele também está presente o coro, nas vozes da sociedade do Reino de Torlindao que, além de causar, às vezes, um efeito humorístico, remete às produções épicas. Isso porque esse coro de vozes é representado no livro de uma maneira muito peculiar: a “vociferação”, como diz Montale, ou seja, a linguagem coletiva, na forma de “vozeria”, que o poeta considera ser uma das características palazzeschianas:

(...) il linguaggio collettivo, la vociferazione. Ma non si tratta per nulla di un linguaggio qual esso potrebbe apparire se fosse registrato da un dittafono. È un linguaggio indiretto, ripensato dall'autore e riplasmato in lunghe onde o meglio in lunghe lasse che veramente non tanto si leggono quanto si vedono

e chiedono di essere esplorate da capo a coda e più spesso dal fondo alla cima.⁶⁸ (Montale, 1974, p. 181)

Devido à presença de diálogos “encenados”, é interessante percorrer o conceito de “mimesis” – imitação, no sentido total que a palavra expressa. Segundo Aristóteles, em sua “Arte Poética”, a imitação é “instintiva no homem, desde a infância” e isso é justamente aquilo que o diferencia de “outros seres vivos”: a imitação faz com que o homem obtenha seus “primeiros conhecimentos” e sinta “prazer”. Assim, podemos dizer que *Il Codice di Perelà* é inerente à arte dramática, porque nele há a ideia de uma visão de mundo dinâmico, em que os personagens se destacam pela maneira como conseguem imitar a realidade. No “teatro” é possível mostrar apenas a cena que está sendo representada, portanto, não há como acontecer, concomitantemente, eventos diferentes e, no livro, temos diversos exemplos, como o que vem a seguir, em que há uma cena, representada pelos personagens, por vezes, acompanhada pelo coro de vozes, configurando um “teatro”:

- Silenzio!
 - Facciano silenzio!
 - Come è commosso!
 - Silenzio!
 - Parla il Ministro!
 - Dio mio!
 - Silenzio!

“Gentili dame, illustri cavalieri qui adunati, io ò l'altissimo onore di annunziarvi, che dietro proposta del Consiglio, con Reale conferma, ed approvazione dell' eminentissimo nostro Arcivescovo, l'opera del nuovo Codice per il nostro amato paese è affidata totalmente a questo sapiente, a questo superiore, a questo eccezionale uomo che è Perelà. (...)”⁶⁹
 (PALAZZESCHI, 2004, p. 216)

⁶⁸ (...) a linguagem coletiva, a vozeria. Mas não se trata de modo algum de uma linguagem como se mostraria se fosse gravada por um ditafone. É uma linguagem indireta, reconsiderada pelo autor e remodelada em longas ondas, ou melhor, em longas coplas que, realmente não se leem tanto quanto se veem, e pedem para ser exploradas de cabo a rabo e, muitas vezes, de cima a baixo.

⁶⁹ - Silêncio! - Façam silêncio! - Como está emocionado! - Silêncio! - O Ministro está falando! - Meu Deus! - Silêncio! “Gentis damas, ilustres cavalheiros aqui reunidos, eu tenho a altíssima honra de anunciar-lhes que em decorrência da proposta do Conselho, com confirmação Real, e aprovação do nosso eminentíssimo Arcebispo, a obra do novo Código para o nosso amado território está confiada totalmente a este sábio, a este superior, a este extraordinário homem que é Perelá.

Ademais, Aristóteles afirma, ainda, que a “imitação de uma ação é o mito (fábula)”. Assim, além do enredo do *Codice di Perelà* se desenvolver em um reino não bem identificado do ponto de vista geográfico e temporal – o que remete ao imaginário – Perelà, por si só, o transforma em fábula, uma vez que ele é um homem de fumaça, nascido do fogo de uma chaminé (útero negro) e possui três mães; estes três elementos fabulosos, juntos configuram o mito:

- Signore, in nome del Re, della Regina, e di tutta la corte, io vi saluto ospite della reggia.

Il Re è stato informato della vostra presenza in questa città ed ha subito espresso il desiderio di avervi sotto il tetto regale.

Le guardie reali non ànno punto esagerato portandoci le vostre notizie, voi siete davvero l’uomo più singolare che si sia mai veduto sotto tutti i regni di questo mondo.

(...)

Voi siete, signor Perelà, un uomo purificato, e questo vi renderà ai nostri occhi un essere privilegiato ed eccezionale.

- Chi sa il Re come ne godrà!⁷⁰ (PALAZZESCHI, 2004, pp.144-150)

Denominado pelo próprio Palazzeschi como “romance” futurista, no *Il Codice di* ocorre, ao mesmo tempo, várias partes de uma ação – a série de acontecimentos pela qual passam ou que produzem os personagens e que configuram o assunto da obra –, justamente por se apresentar nos moldes narrativos, em que é possível mostrar, simultaneamente, diversos eventos. No exemplo a seguir, temos a representação simultânea de várias “pequenas cenas”– diversos acontecimentos – dentro de uma “grande cena” (“O Baile”):

- Ànno detto che la Catulva darà una recita in onore di Perelà.

- La signora Dalle Camelie.

- Ed Enos Copertino suonerà negli *entr’actes*.

- Ti piace la mia tolettina?

⁷⁰ - Senhor, em nome do Rei, da Rainha, e de toda a corte, eu o saúdo como hóspede do palácio real./ O Rei foi informado da sua presença nessa cidade e imediatamente expressou o desejo de tê-lo sob o teto real./ A guarda real não exagerou nem um pouco trazendo-nos notícias sobre o senhor, o senhor é realmente o homem mais singular que já se viu em todos os reinos deste mundo./ (...)/ - O senhor é, senhor Perelá, um homem purificado, e isso o tornará a nossos olhos um ser privilegiado e excepcional./ - Com certeza o Rei ficará contente com isso!

- Molto, molto carina. Quelle tre rose lì sono indovinatissime. E il mio abitino è carino?
- Un *rêve*.
- Molto semplice.
- Ma ti fa così carina.... quindici anni!
- La metà allora.
- Solamente?
- Cattiva!

- Ài veduto Giorgio?
- Com' è puntuale eh?
- Gli ò imposto di giungere qui dieci minuti prima di me.
- Perché?
- Non ti sei accorta quando entra che io già sono in sala?
- Non ci ò mai guardato.
- È uno scandalo.
- Ci guarderò.
- Se ne accorgono tutti.
- E con Federico poi come siete?
- Non me ne parlare! Mi ànno fatto impazzire sai, morire!
- Che mi dici!
- Giorgio voleva sfidarlo.
- Ebbene?
- Non ò voluto.
- Perché?
- Ma ti pare! E se mi si ammazzano? Ne ò bisogno ve', di tutte e due.
- Ài ragione.
- Ma Giorgio è un fanciullo, un ragazzo da schiaffi ecco tutto!
- Che cattiva mamma! ⁷¹ (PALAZZESCHI, 2004, pp. 214-215)

⁷¹ - Disseram que a Catulva vai representar em homenagem a Perelá./ - A senhora Das Camélias./ - E Enos Cobertinha tocará nos *entr'actes*.

- Você gostou de minha produção?/ - Muito, muito bonitinha. Aquelas três rosas ali caíram como uma luva. E o meu vestidinho, é bonitinho?/ - Um *rêve*./ - Muito simples./ - Mas te deixa tão bonitinha... quinze anos! - A metade, então./ - Só?/ - Malvada!

- Você viu o Giorgio?/ - Como é pontual, né?/ - Impus-lhe que chegasse aqui dez minutos antes de mim./ - Por quê?/ - Você não percebeu que quando ele entra, eu já estou na sala?/ - Eu nunca percebi isso./ - É um escândalo./ - Vou observar./ - Todos percebem./ - E com Federico, então, como estão?/ - Nem me fale nisso! Fizeram-me enlouquecer, sabe, morrer! - Mas o que você está dizendo! Giorgio queria desafiá-lo./ - E aí?/ - Eu não quis./ - Por quê?/ - Imagine só! E se eles se matam? Eu preciso dos dois, viu?/ - Tem razão./ - Mas Giorgio é um garoto, um moleque malcriado, é isso! - Que mãezinha malvada!

Como podemos perceber, as técnicas utilizadas por Palazzeschi, em especial as “palavras em liberdade” – aquelas que, como diz Marinetti em seu Manifesto “Destruição da sintaxe. Imaginação sem encadeamentos e Palavras em Liberdade” (1913), mostram que a única preocupação do narrador é apresentar para o leitor todas “as vibrações” do seu “eu”, sem se preocupar com a sintaxe, com a pontuação, enfim, munir-se de palavras essenciais sem ordens convencionais e com dinamismo dos movimentos –, conferido pelo caráter teatral da obra e pelo coro vozes, fogem completamente das estruturas canônicas do romance: o livro é, ao mesmo tempo, fábula, “teatro” e romance. Contudo, os diversos gêneros contidos, muitas vezes justapostos, estão harmonicamente dispostos na obra.

IL.3 A CONTRADOR: MANIFESTO QUE FUNDAMENTA O CÓDIGO DE PERELÁ

Se credete che sia profondo ciò che comunemente s'intende per serio siete dei superficiali. Bisogna abituarsi a ridere di tutto quello di cui abitualmente si piange (...). L'uomo non può essere considerato seriamente che quando ride. (...) Quello che si dice il dolore umano non è che il corpo caldo ed intenso della gioia ricoperto di una gelatina di fredde lagrime grigiastre. (...) nulla è triste profondamente, tutto è gioioso. (...) Bisogna educare al riso i nostri figli. (Palazzeschi, 1914)⁷²

Com *Il controdolore*, como foi dito no capítulo anterior, Palazzeschi nega a dor por meio do riso, da farsa e da zombaria, justamente porque, ele só aceita “este mundo com um sorriso” e, portanto, a “ironia” o autor “não é pessimista”. O manifesto se

⁷² Se vocês acreditam que seja profundo aquilo que comumente se entende por sério, vocês são superficiais. É preciso habituar-se a rir de tudo aquilo pelo que habitualmente se chora (...). O homem só pode ser considerado seriamente quando ri. (...) Aquilo que se chama de dor humana nada mais é do que o corpo quente e intenso da alegria coberto por uma gelatina de frias e cinzentas lágrimas. (...) nada é triste profundamente, tudo é alegre. (...) É preciso educar nossos filhos ao riso.

encerra com “doze mandamentos” que procuram resumir a ideia toda da ‘contrador’– **1. Distruggere il fantasma** romantico (...). **2.** Combattere il dolore fisico e morale con la loro stessa parodia. (...). **3.** Svalutare tutti i dolori possibili, (...). **4. Invece di fermarsi nel buio del dolore, attraversarlo con slancio, per entrare nella luce della risata.** **5.** Crearsi fino da giovani il desiderio della vecchiaia, (...). **6.** Sostituire l'uso dei profumi con quello dei puzzi. (...). **7.** Trarre dai contorcimenti e dai contrasti del dolore gli elementi della nuova risata. **8.** Trasformare gli ospedali in ritrovi divertenti, (...). **9.** Trasformare i funerali in cortei mascherati, (...). **10.** Non ridere nel vedere uno che ride (plagio inutile), ma saper ridere nel veder uno che piange. (...). **11.** Trarre tutto un nuovo comico fecondo da una mescolanza di terremoti, naufragi, incendi, ecc. **12.** Trasformare i manicomi in scuole di perfezionamento per le nuove generazioni⁷³. Esses preceitos, segundo Hirdt, são considerados por Palazzeschi como “leis fundamentais da existência humana”, pois a “risada”, para o autor, é “o juiz de tudo aquilo que existe”:

Nel modo più categorico Palazzeschi, all’inizio del XX secolo, si misura con questo aspetto del rapporto tra nichilismo e umorismo; alle origine è la tavola dei comandamenti futurista *Il contro dolore* (...). Essa si basa, con i suoi dodici comandamenti, su convinzioni fisiologiche che Palazzeschi dichiara essere leggi fondamentali dell’esistenza umana da raccomandare. (...) un sensualismo materialistico strettamente legato all’agnosticismo di Nietzsche e di Bergson. In altre parole, l’essenza del proprio oggetto di conoscenza, come infine quella della realtà oggettiva, avanza in primo piano: la *risata* è nel volto e nell’udito di Palazzeschi, con una struttura ben articolata, il giudice di tutto ciò che esiste. Questo mostra *Il contro dolore*, e Palazzeschi occupa la posizione nuova ed originale del padre spirituale futurista che, (...) si schiera a favore di una forma di vita sostenibile tra *orrore e divertimento*.⁷⁴ (HIRDT, 2007, pp.30-31)

⁷³ **1. Destruir o fantasma** romântico (...). **2.** Combater a dor física e moral com sua própria paródia. (...). **3.** Desvalorizar todas as dores possíveis, (...). **4. Em vez de parar na escuridão da dor, atravessá-la com impulso, para entrar na luz da risada.** **5.** Criar para si, desde jovem, o desejo da velhice, (...). **6.** Substituir o uso dos perfumes por aquele dos fedores. (...). **7.** Extrair das contorções e dos contrastes da dor os elementos da nova risada. **8.** Transformar os hospitais em locais divertidos, (...). **9.** Transformar os funerais em cortejos mascarados, (...). **10.** Não rir ao ver aquele que ri (plágio inútil), mas saber rir ao ver aquele que chora. (...). **11.** Obter de tudo um novo cômico fecundo a partir de uma mistura de terremotos, naufrágios, incêndios, etc **12.** Transformar os manicômios em escolas de aperfeiçoamento para as novas gerações.

⁷⁴ Da maneira mais categórica Palazzeschi, no início do século XX, se mede com este aspecto da relação entre niilismo e humorismo; às origens disso está a tábua dos mandamentos futuristas *Il contro dolore* (...). Ela se baseia, com seus doze mandamentos, em convicções fisiológicas que Palazzeschi declara serem leis fundamentais da existência humana a serem recomendadas. (...) um sensualismo materialista estritamente ligado ao agnosticismo de Nietzsche e de Bergson. Em outras palavras, a essência do próprio objeto de conhecimento, como enfim aquela da realidade objetiva, avança em primeiro plano: a *risada* está no rosto e no ouvido de Palazzeschi, com uma estrutura bem articulada, o juiz de tudo aquilo que existe. É isso que *Il contro dolore*

Em relação ao humorismo, Palazzeschi, além de Nietzsche e de Bergson, também foi influenciado pelos ensaios e pelas narrativas de Pirandello. Segundo a teoria apresentada no ensaio pirandelliano (*L'Umorismo*), o humorismo está diretamente atrelado ao “modo particular de considerar o mundo” e, portanto, nas obras humorísticas há sempre a reflexão. Essa análise se baseia na maneira em que o artista se relaciona com a vida e com o mundo que o rodeia, ou seja, é fundamentada, também, em sua existência:

(...) l'opera d'arte è creata dal libero movimento della vita interiore che organa le idee e le immagini in una forma armoniosa, di cui tutti gli elementi han corrispondenza tra loro e con l'idea-madre che le coordina. La riflessione, durante la concezione, come durante l'esecuzione dell'opera d'arte, non resta certamente inattiva: assiste al nascere e al crescere dell'opera, ne segue le fasi progressivamente e ne gode, raccosta i varii elementi, li coordina, li compara. (...) La coscienza, in soma, non è una potenza creatrice, ma lo specchio interiore in cui il pensiero si rimira; si può dire anzi ch'essa sia il pensiero che vede sé stesso, assistendo a quello che esso fa spontaneamente.⁷⁵ (PIRANDELLO, 1993, p. 78)

Para caracterizar o humorismo, Pirandello mostra as diferenças existentes entre este e a ironia, chegando à conclusão que a risada humorística, diferentemente da “ingênua” risada cômica, é causada por um sentimento contrastante, que a limita e a restringe, passando, assim, do cômico para o humorismo: a risada existe, mas junto com ela há, também, a compaixão por aquele que se ri.

Para Pirandello, a comicidade surge mediante a percepção do contrário: se constata uma inadequação ou aquilo que é ridículo e, com isso, desponta a risada (o julgamento daquilo que foi verificado). O humorismo está intrinsecamente ligado à comicidade, logo, tem origem no sentimento do contrário.

No entanto, segundo Pirandello, o humorismo é a superação da comicidade, uma vez que nele está presente a reflexão: a risada permanece, porém a meditação profunda

mostra, e Palazzeschi ocupa a posição nova e original do pai espiritual futurista que, (...) toma o partido de uma forma de vida sustentável entre *horror* e *diversão*.

⁷⁵ (...) a obra de arte é criada pelo livre movimento da vida interior que organiza as ideias e as imagens em uma forma harmoniosa, na qual todos os elementos correspondem entre si e à ideia-mãe, que as coordena. A reflexão, durante a concepção, assim como durante a execução da obra de arte, não permanece inativa: assiste ao nascer e ao crescer da obra, segue suas fases progressivas e goza com elas, aproxima os vários elementos, coordena-os, compara-os. (...) A consciência, em suma, não é uma potência criadora, mas o espelho interior no qual o pensamento se mira; pode-se dizer, antes, que ela é o pensamento que vê a si mesmo, assistindo aquilo que ele faz espontaneamente. (Tradução de Dion Davi Macedo, p. 131)

faz com que a pessoa que ri consiga analisar o seu estado de ânimo, permite passá-lo por um crivo e pesar a atitude daquele que provoca o riso. Além disso, ela absolve, uma vez que, ao refletir sobre o estado de ânimo, também se aprende a relativizá-lo e a perceber as razões daquilo que foi anteriormente negado:

Vedo una vecchia signora, coi capelli ritinti, tutti uniti non si sa di quale orribile manteca, e poi tutta goffamente imbettata e parata d'abiti giovanilli. Mi metto a ridere. *Avverto* che quella vecchia signora è *il contrario* di ciò che una vecchia rispettabile signora dovrebbe essere. Posso così, a prima giunta e superficialmente, arrestarmi a questa impressione comica. Il comico è appunto un *avvertimento del contrario*. Ma se ora interviene in me la riflessione, e mi suggerisce che quella vecchia signora non prova forse nessun piacere a pararsi così come un pappagallo, ma che forse ne soffre e lo fa soltanto perché pietosamente s'inganna che, parata così, nascondendo così le rughe e la canizie, riesca a trattenere a sé l'amore del marito molto più giovane di lei, ecco che io non posso più riderne come prima, perché appunto la riflessione, lavorando in me, mi ha fatto andar oltre a quel primo avvenimento, o piuttosto, più addentro: da quel primo *avvenimento del contrario* mi ha fatto passare a questo *sentimento del contrario*. Ed è tutta qui la differenza tra il comico e l'umorismo.⁷⁶ (PIRANDELLO, 1993, pp.78-79)

Assim, apesar da percepção do contrário (que provoca a risada), a reflexão faz com que haja a análise das causas e, conseqüentemente, se aprenda a perceber na inadequação cômica uma contradição inerente à própria natureza humana.

Em suma, a filosofia de Pirandello mostra que entre a comicidade e o humorismo existe uma “linha tênue” que os separa: basta, apenas, perceber que aquilo que faz rir nada mais é do que um traço da característica humana.

A despeito da influência de Pirandello, Palazzeschi, em seu manifesto, também continua muito original: seu humorismo, sempre com certo tom irônico, progride entre

⁷⁶ Vejo uma velha senhora, com os cabelos retintos, todos untados sabe-se lá com qual horrível óleo, e também toda desajeitadamente maquiada e vestida com roupas juvenis. Ponho-me a rir. *Avverto* que aquela velha senhora é *o contrário* do que uma velha e respeitável senhora deveria ser. Assim posso, a uma primeira vista e superficialmente, deter-me nesta impressão cômica. O cômico é exatamente uma *advertência do contrário*. Mas se agora a reflexão intervém em mim e sugere que aquela velha senhora talvez não tenha nenhum prazer em vestir-se quase como um papagaio, mas que talvez sofra com isso e somente o faz porque se engana piamente que, assim vestida, escondendo todas as rugas e canícies, consiga reter para si o amor do marido muito mais jovem do que ela, eis que eu não posso mais rir disso como antes, precisamente porque a reflexão, trabalhando em mim, fez-me ir para além daquela primeira advertência, ou de preferência, mais adentro: daquela primeira *advertência do contrário* fez-me passar a este *sentimento do contrário*. E aqui está toda a diferença entre o cômico e o humorístico. (Tradução de Dion Davi Macedo, p.132)

as polaridades da dor e da alegria, do choro e do riso, do trágico e do cômico, do pessimismo e do otimismo, geralmente relacionados a fatos cotidianos:

Che sia il più giovane Palazzeschi (nato nel 1885) ad essere influenzato da Pirandello e non il contrario, è dimostrato dalla sua lettura, databile al 1904, della prima raccolta di novelle, *Beffe della morte e della vita* (Firenze, Lumachi, 1902), (...). Ciò che nell'Ottocento si sviluppa come umorismo e che alla svolta del Novecento trova compimento nell'opera di Pirandello nella teoria (saggistica) e nella prassi (narrativa), costituisce la base per la concezione e la creazione artistica del Palazzeschi novelliere e romanziere. Non si tratta di un riferimento alle differenze, senza le quali l'originalità assoluta di Palazzeschi non si sarebbe realizzata. La modernità contemporanea dell'umorismo raggiunge, piuttosto, sarcasticamente, il suo apice attraverso un'abbondanza di episodi quotidiani. (...) Dal punto di vista *umoristico* Palazzeschi prosegue, in assoluto, nei romanzi e nelle novelle, il cammino intrapreso da Pirandello.⁷⁷ (HIRDT, 2007, pp.35-37)

Além disso, Palazzeschi utiliza o humorismo em suas produções, porque, para ele, “um povo que não tem humoristas não é um povo civil.”:

(...) secondo me, l'umorismo è il segno più sicuro su cui misurare il grado di civiltà di un popolo: un popolo senza umorismo e senza umoristi io lo considero barbaro. E la stessa ironia non è che un mezzo disinfettante di quel tanto di falso e di poco intelligente che è nella nostra vita quotidiana e nella nostra società: un modo signorile di stigmatizzare l'ipocrisia. Il signore si serve dell'ironia, l'uomo volgare dell'ingiuria e del pugno.⁷⁸ (CAMON, 1965, p. 46)

⁷⁷ Que seja o mais jovem Palazzeschi (nascido em 1885) a ser influenciado por Pirandello, e não o contrário, é demonstrado por sua leitura, que pode ser datada de 1904, da primeira coletânea de contos *Beffe della morte e della vita* (Firenze, Lumachi, 1902), (...). Aquilo que no século XIX se desenvolve como humorismo e que na virada do século XX encontra realização na obra de Pirandello na teoria (ensaio) e na prática (narrativa), constitui a base para a concepção e a criação artística do Palazzeschi contista e romancista. Não se trata de uma referência às diferenças, sem as quais a originalidade absoluta de Palazzeschi não teria se realizado. A modernidade contemporânea do humorismo alcança, antes, sarcasticamente, seu ápice através da abundância de episódios cotidianos. (...) Do ponto de vista *humorístico* Palazzeschi prossegue, em absoluto, nos romances e nos contos, o caminho percorrido por Pirandello.

⁷⁸ (...) na minha opinião, o humorismo é o sinal mais seguro para se medir o grau de civilização de um povo: um povo sem humorismo e sem humoristas eu o considero bárbaro. E a própria ironia nada mais é do que um meio desinfetante daquele tanto de falso e de pouco inteligente que está em nossa vida diária e em nossa sociedade: um modo senhoril de estigmatizar a hipocrisia. O senhor se serve da ironia, o homem vulgar da injúria e do soco.

Considerado por vários críticos como um romance experimental, podemos afirmar, sem sombra de dúvida, que *Il Codice di Perelà* é, outrossim, um experimento de prática do manifesto palazzeschiano, visto que cada item do “Código” sintetizado nos preceitos finais é posto em prática na narrativa dos episódios do romance, do primeiro ao último capítulo do livro, como mostraremos a seguir.

“1. **Destruir o fantasma romântico (...)**”:

L’Utero Nero

- (...)
- Vedete, vedete questo pozzo? Affacciatevi, guardate. Si sono or ora calate laggiù due fanciulle e non è possibile trarle fuori.
- A quest’ora saranno morte!
- Aiutateci signore!
- Dicono che questo pozzo non abbia fondo!
- Come erano belle!
- (...)
- Erano nate per salutar l’aurora!
- Per amore! Per amore!
- Si sono volute uccidere!
- Tutte e due erano invaghite di uno stesso uomo!
- Fino alla perdizione!
- Egli è là che piange e si rotola sulla terra, sua madre lo tiene, altrimenti si sarebbe già calato nel pozzo!
- Due fanciulle!
- Veneziane!
- Erano venute qui ad infilare le perle alle dame della città.
- E per amore ànno troncate le loro giornate.
- Amavano uno stesso uomo?
- Sì, signore.
- E perché si sono gettate nel pozzo?
- Bella, perché erano infelici. Come poteva egli con un cuore solo corrispondere a due cuori così ardenti?
- E allora una sola doveva gettarsi nel pozzo.
- Tacete, cosa sapete voi? ⁷⁹ (pp. 142-143. Grifo nosso)

⁷⁹ O Útero Negro/ (...) - Estão vendo, estão vendo este poço? Debrucem-se, olhem. Agora mesmo desceram lá embaixo duas mocinhas e não é possível tirá-las de lá. / - A essa hora devem estar mortas./ - Ajudem-nos senhor! / - Dizem que este poço não tem

Il Ballo

- Sai che cosa dobbiamo fare?
- Che?
- Dobbiamo incominciare da stasera a non perderlo un momento di vista Perelà.
- Per fare?
- Ma ti pare? Noi possiamo esercitare una grande influenza su di lui. Se vogliamo andare al parlamento!
- E come?
- Se egli si innamorasse perdutamente di una di noi?
- Ma è che non può innamorarsi.
- Ma se s'innamorasse?
- Sì.
- Noi potremmo influenzarlo in modo da fargli scrivere tutto quello che vorremmo noi.
- È vero.
- Eppoi, non detta?
- Già, è vero.
- Lo faremmo dettare a noi, che dicesse pure tutto quello che vuole, noi scriveremmo quello che vorremmo noi.
- È vero.
- Capisci?
- Naturalmente.
- Ma il guaio è che lui non può amare, non senti, non dorme, non mangia, non fa nulla quel benedetto uomo.
- È di fumo...
- Ma come si fa ad essere così insensibile?⁸⁰ (pp. 213-214. Grifo nostro)

fundo./ - Como eram lindas!/ - (...)/ - Nasceram para saudar a aurora!/ - Para o amor! Para o amor!/ - Quiseram se matar!/ - As duas estavam apaixonadas pelo mesmo homem!/ - Até a perdição!/ - Ele está lá chorando e rolando pelo chão, a mãe dele o segura, caso contrário já teria descido no poço!/ - Duas mocinhas!/ - Venezianas!/ - Vieram aqui para fazer colares de pérolas para as damas da cidade./ - E por amor acabaram com seus dias./ - Amavam um mesmo homem?/ - Amavam, senhor./ - E por que se atiraram no poço?/ - Ora bolas, porque eram infelizes. Como podia ele, com só um coração, corresponder a dois corações tão ardentes?/ - E então somente uma devia se atirar no poço./ - Cale-se, o que é que o senhor sabe?

⁸⁰ O Baile/ (...) - Sabe o que devemos fazer?/ - O quê?/ - Devemos começar a partir desta noite a não perder um só momento Perelá de vista./ - Para quê?/ - O que você acha? Nós podemos exercer uma grande influência sobre ele. Se quisermos ir ao parlamento!/ - E como?/ - Se ele se apaixonasse perdidamente por uma de nós?/ - Mas é que ele não pode se apaixonar./ - Mas se ele se apaixonasse?/ - Sim./ - Nós poderíamos influenciá-lo de modo a fazer-lhe escrever tudo aquilo que quisermos./ - É verdade./ - E aí, depois ele não vai redigir?/ - Sim, claro./ - Vamos fazer com que ele o dite para nós, vai poder dizer tudo o que quiser. Nós escreveremos o que nós quisermos./ - É mesmo./ - Entende?/ - Naturalmente./ - Mas o problema é que ele não pode amar, não sente, não dorme, não come, aquele bendito homem não faz nada./ - É de fumaça.../ - Mas como é que pode ser tão insensível?

Il Prato dell'Amore

- Parlano il linguaggio dell'amore. Voi potete supporre che i più brillanti e svariati argomenti siano trattati da quella gente. Ebbene: nessun argomento, e il loro repertorio può giungere fino, a venti o venticinque parole uguali per tutti, qualcuno ne à appena disponibili quattro o cinque, taluni compongono tutta la loro eloquenza di silenzio rotto qua e là dai monosillabi più ebeti.

(...)

- Pensano costoro?

- Neanche, la vita dell'uno si riversa in quella dell'altro per modo che nessuno vive più la propria vita ma quella dell'amore.⁸¹ (p. 242. Grifo nosso)

“2. Combater a dor física e moral com a sua própria paródia. (...)”:

Il Thè: *La Contessa Carmen Ilario Denza*

Io ebbi, signor Perelà, un'adolescenza molto precoce, fino dai dodici anni presi un'imponentissima aria maschia, e la mia figura si delineò in ogni suo dettaglio virile. (...)

Quando a quindici anni lasciai il monastero sentivo già addosso, (...) un bisogno spingente terribile di avvicinarmi ad un uomo. (...).

Non riuscivo più a soffocare in me il male, soffrivo, soffrivo, passavo le intere notti a dibattermi sul pavimento, mi comprimevo, mi pestavo, martirizzavo le mie carni ribelli, mi facevo male, ma nulla, nulla, nulla.

La mia faccia si faceva di un orribile colore rosso vinastro e delle chiose vi rimanevano sempre qua e là. Questo faceva sì che gli uomini si occupassero ancora meno di me. (...)

Nella mia famiglia vi furono in quegli anni tre o quattro lutti strettissimi e così tutta vestita di nero io appariva, più che una fanciulla, una grossa vedova.

Avevo oramai venticinque anni e non il primo uomo si era avvicinato a me, ed io avrei accettato l'ultimo degli uomini oramai.

(...)

⁸¹ O Prado do Amor/ (...) - Falam a linguagem do amor. O senhor pode supor que os mais brilhantes e variados argumentos sejam tratados por todas aquelas pessoas. Pois bem: nenhum argumento, e o repertório deles pode atingir vinte ou vinte e cinco palavras iguais para todos, alguém mal dispõe de quatro ou cinco, outros compõem toda a sua eloquência de silêncio quebrado aqui e ali pelas monossílabas mais estúpidas./ (...)/ - Eles pensam?/ - Tampouco, a vida de um se derrama na do outro de modo que ninguém vive mais a própria vida, mas aquela do amor.

Una notte fuggii scendendo dalla mia finestra giù sul balcone del giardino, uscii risoluta di stendermi col primo uomo che fosse passato. Andai per le vie deserte, andai là sotto le caserme, là dove tanti uomini giacevano. (...) Dopo, ritrovai un po' la coscienza (...). Corsi a casa, pensai che (...) avrei fatto salire un uomo dalla finestra, avrei introdotto nella mia stanza un domestico, ma essere trovata, presa lì, no no no, Dio! Che orrore! Fuggii, e salii su dal balcone, riuscii a scavalcare la finestra della mia stanza.

Pochi giorni dopo, fu da mio padre un amico, egli veniva mandato dal conte Ilario Denza.

Non ci eravamo mai veduti, ci incontrammo, e in poche settimane il mio matrimonio fu celebrato.

(...)

Nel breve tempo del fidanzamento io e il mio fidanzato fummo assai poco assieme, e non fummo mai soli sino al giorno delle nozze.

Il conte Ilario Denza fu su di me con quella violenza, credo, di ogni altro uomo sano e robusto. Non intendo fare a lui carico alcuno, ma io... io, quello che dovei soffrire, a quale prezzo di angoscia e di lagrime, io ottenni di rimanere inerte e di lasciarlo agire. (...)

All'alba fuggii da mia madre, le dissi che se il conte si fosse fatto su me un'altra volta io mi sarei uccisa in quel momento.

Fu pattuita la nostra divisione il giorno stesso. Un'aspettativa bestiale, feroce, di dieci anni, una lacerazione lunga, interminabile, occulta di tutto il mio spirito, che si chiuse nell'ultimo grido di dolore alla lacerazione della mia carne, col disgusto supremo di tutti i miei sensi.⁸² (pp. 177-180. Grifo nosso)

⁸² O Chá/ (...) *A condessa Carmem Hilário Denza.*/ Eu tive, senhor Perelá, uma adolescência muito precoce, desde os doze anos assumi um ar másculo muito imponente, e a minha figura se delineou viril em todos seus detalhes. (...)/ Quando aos quinze anos eu deixei o monastério já sentia em mim, (...) um impulso terrível de me aproximar de um homem. (...)/ Não conseguia mais sufocar este mal em mim, sofria, sofria, passava noites inteiras me debatendo no chão, me comprimia, me esmagava, martirizava minhas carnes rebeldes, me machucava, mas nada, nada, nada./ O meu rosto ficava com uma horrível coloração vermelha violácea e algumas manchas permaneciam aqui e ali. Tudo isso fazia com que os homens reparassem menos ainda em mim. (...)/ Na minha família houve naqueles anos três ou quatro lutos fechadíssimos e assim toda vestida de preto parecia, mais que uma donzela, uma viúva enorme./ Já tinha nestas alturas vinte e cinco anos e sequer o primeiro homem tinha se aproximado de mim, e eu teria aceitado o último dos homens./ (...)/ Uma noite fugi descendo pela minha janela até a varanda do jardim, saí resolvida a deitar-me com o primeiro homem que passasse. Fui pelas ruas desertas, fui até aos quartéis, lá onde tantos homens estavam deitados. (...). Depois, retomei um pouco a consciência (...). Corri para casa, pensei que (...) poderia mandar subir no meu quarto um empregado doméstico, mas ser surpreendida, pega ali, não, não, não, Deus! Que horror! Fugi, e subi pela varanda para atravessar a janela do meu quarto./ Poucos dias depois, foi até meu pai um amigo, vinha mandado pelo conde Hilário Denza./ Jamais tínhamos nos visto, nos encontramos, e em poucas semanas foi celebrado o meu matrimônio./ (...)/ No breve período de noivado eu e meu noivo estivemos pouco tempo juntos, e nunca estivemos sozinhos até o dia da núpcia./ O conde Hilário Denza jogou-se sobre mim com aquela violência, acredito, de qualquer outro homem saudável e robusto. Não o culpo de coisa alguma, mas eu... eu, o que tive que sofrer, e a que preço de angústia e de lágrimas, eu consegui ficar inerte e deixá-lo agir. (...)/ Ao amanhecer fugi até minha mãe, lhe disse que se o conde se jogasse sobre mim outra vez eu me mataria na hora./ A nossa separação foi acordada no mesmo dia. Uma expectativa animal, feroz, de dez anos, uma laceração longa, interminável, oculta em todo meu espírito, que se concluiu no último grito de dor à laceração da minha carne, com desgosto supremo de todos os meus sentidos.

“3. Desvalorizar todas as dores possíveis (...)”:

Il Processo di Perelà

La marchesa solleva un braccio pure tenendo la testa bassa, si fa un relativo silenzio.

- Sì, insultate... bestemmate... è bene... è bene, perchè voi non bestemmate le cose grandi! — Urla, fischi. — Voi non vi potreste meglio tradire!

(...) Voi benediceste ciecamente un giorno la sorte che ve lo aveva mandato, ed ora colla stessa cecità lo condannate.

Uomini vili! che non sapete servirvi che di insulti o di menzogna! — Urla, fischi, rumori osceni. — Voi preparate a quest'uomo la stessa pena che date ai ladri e agli omicidi, ma egli è stato nuovo con voi, riuscite almeno ad essere nuovi con lui! — Urla, fischi, trombette, rumori di ogni genere, la Marchesa grida a perdifiato, ma solamente i più vicini la possono udire.

- La fine di Alloro non è la prova più grande del suo potere? E quando anche egli avesse fatto tutto e tutti abbruciare col suo incanto non sarebbe egli il più grande, il più infinitamente grande di tutti gli uomini?

(...)

I rumori crescono, si raccolgono qua e là alcune invettive, alcuni insulti, al banco del ministro grande can can dei campanelli.

- Silenzio!

- Uomini dai visi arcigni, verdi per il tossico della vostra invettiva, guardatelo! Egli è là sereno, immutabile, tranquillo! Che cosa à egli detto per discolarsi? “Io sono leggero”. E io pure da questo momento mi sento leggera, come lui, e sfido, sfido le ire di tutti, tutti vi sfido, che siete tutti contro me sola!

- Fatela tacere!

- È una donna!

- È innamorata!

- Guardatemi, guardatemi in volto! I miei occhi brillano, e le mie labbra sorridono! Io sono felice in mezzo a voi perchè mi avete lasciata sola con lui!

- Basta!

- Basta !

- Siete donna!

- Siete innamorata!

- È la vostra difesa!

- È la vostra condanna!

- In mezzo a loro, io mi sento sola con te, come fossimo nel mezzo del deserto soli! Sì! E ti posso dire ora finalmente: t'amo!

- Puttana!⁸³! (pp.331-333. Grifo nosso)

“4. Em vez de parar na escuridão da dor, atravessá-la com impulso, para entrar na luz da risada.”:

Il Consiglio di Stato

- Pilone se avete qualche cosa da dire...
- Oggi è una bellissima giornata, proprio bella, un magnifico e vivido splendore di sole, gli uomini sono tutti fuori senza ombrello, e si gongolano, passeggiano stupidamente sculettano come delle oche, dondolando fra di loro, strofinandosi, rimescolandosi come le rane in una pozzanghera... Ad un tratto il cielo si annuvola, in quattro e quattr’otto vien giù un bell’acquazzone; tutti scappano, saltano di qua, saltano di là i ranocchi, gridano, scivolano, si rintanano le vecchie talpe, e s’annaffiano tutti che è un piacere. Ah! Ah! Ah! Ah!
- Che uomo sconveniente!
- Domani il temporale si è dileguato e non si vedono che passare rapidamente, altissime e leggere le ultime nubi scariche. Tutti quelli che passano ànno sotto il braccio il loro ombrello, e se lo tengono stretto stretto i macacchi e le bertucce, nessuno passa senza. Giunge la sera, non è piovuto. Ah! Ah! Ah!
- Ma che manieracela di ridere!
- Che paradossi santo Iddio!
- Ebbene?
- Che cosa intendete di dirre col questo vostro discorsetto?
- Che siete una manica d’ imbecilli!
- E di Perelà che cosa ne pensate?
- Quello che penso di voi.⁸⁴ (p. 288. Grifo nosso)

⁸³ A Marquesa ergue um braço mantendo ainda a cabeça baixa, fazem um silêncio relativo./ - Sim, insultem... amaldiçoem... é bom... é bom, porque vocês só amaldiçoam coisas grandes! – Berros, assovios. – vocês não poderiam se trair melhor! (...) Vocês um dia abençoaram cegamente a sorte que o tinha mandado aqui, e agora com a mesma cegueira o condenam./ Homens covardes! Que só sabem servir-se de insultos ou de mentiras! – Berros, assovios, rumores obscenos. – Vocês preparam para este homem a mesma pena que dão para os ladrões e para os homicidas, mas ele foi original com vocês, consigam pelo menos ser originais com ele! – Berros, assovios, cornetas, rumores de todo tipo, a Marquesa grita até perder o fôlego, mas somente os mais próximos podem ouvi-la./ - O fim de Louro não é a prova maior do seu poder? E mesmo que ele tivesse feito tudo e todos queimar com o seu encanto ele não seria o maior, o infinitamente maior de todos os homens?/ - (...) Os rumores crescem, pegam aqui e ali algumas ofensas, alguns insultos, no balcão do ministro grande tim, tim das campanhas./ - Silêncio!/ - Homens de caras arrogantes, verdes pelo tóxico de suas ofensas, olhem-no! Ele está lá sereno, imutável, tranquilo! O que ele disse para se desculpar? “Eu sou muito leve.” E eu também deste momento em diante me sinto leve, como ele, e desafio, desafio as iras de todos, desafio todos vocês, que estão todos contra mim, sozinha!/ - Façam-na calar!/ - É uma mulher!/ - Está apaixonada!/ - Olhem-me, olhem-me no rosto! Os meus olhos brilham, os meus lábios sorriem! Eu estou feliz no meio de vocês porque me deixaram sozinha com ele./ - Chega!/ - Chega!/ - A senhora é mulher!/ - A senhora está apaixonada!/ - É a sua defesa!/ - É a sua condenação!/ - No meio deles, eu me sinto sozinha com você, como se estivéssemos no meio do deserto sozinhos! Sim! E posso te dizer agora finalmente te amo...!/ - Puta!/

“5. Criar-se desde jovem o desejo da velhice (...)”:

Ala

Ed ecco Ala, la portinaia del cimitero.

Affondata in una poltrona la vecchia custode non perde mai d’occhio la soglia. La sua faccia avvolta in una pezzuola sembra una noce molto secca dentro il suo mezzo guscio.

Questa donna, vedete, nessuno sa quando sia nata, essa stessa è immemore del tempo. Si crede ch’ella abbia più di trecento anni.

- E come à potuto resistere?

- Voi sapete, signor Perelà, che la morte si serve di una falce per raccogliere le erbe dalla terra e trasportarle nel suo fienile, ebbene, quando ella vi giunge carica del suo fastello non un istante si riposa, ma colla massima fretta posa, e fugge ancora al lavoro. È tale la sua fretta nell’uscire di qui, che giunta alla soglia fa come un piccolo salto celerissimo e la sua lama non tocca mai la terra per raccogliere questo filo.⁸⁵ (pp. 237-238. Grifo nosso)

“6. Substituir o uso dos perfumes por aqueles do fedor. (...)”:

Iba

Quella mattina ecco giungere alla soglia della reggia, Iba (...) l’alcoolizzato, notissimo in città, il più famoso ubriacone, l’uomo a cui l’alcool aveva poco a poco ingrossata la lingua fino a impedirgli di parlare, il lazzo dei monelli nella strada e di tutti gli ubriaconi nelle più immonde bettole, l’uomo che la mattina i vigili raccoglievano per le vie come uno sconcio ammasso di lordure...

⁸⁴ -Pilhão se tem algo para dizer.../ - Hoje está um belíssimo dia, realmente bonito, um magnífico e vívido esplendor de sol, os homens estão todos lá fora sem grada-chuva, e se regozijam, passeiam estupidamente rebolando como patos⁸⁴, balançando entre eles, encontrando-se, esfregando-se, misturando-se como as rãs em uma poça d’água... de repente o céu se anuvia e num piscar de olhos cai um belo aguaceiro; todos fogem saltando as sapo daqui e dali, gritam, escorregam, as velhas toupeiras se entocam, e todos se regam que dá gosto de ver. Ah! Ah! Ah!/- Que homem inconveniente!/- Amanhã o temporal se amansou e só se veem passar rapidamente, altíssimas, leves, leves, as últimas nuvens descarregadas. Todos aqueles que passam têm embaixo do braço seus guarda-chuva, e os macacos e berberes seguram-no bem apertado, ninguém passa sem. Chega a noite, não choveu. Ah! Ah! Ah!/- Mas que maneira horrível de rir! Que paradoxos, santo Deus!/- E então?/- O que pretende dizer com este seu discursozinho?/- Que são um bando de imbecis!/- E de Perelá o que pensa?/- Aquilo que penso de vocês.

⁸⁵ Asa/ - (...) Eis Ala, a porteira do cemitério. Afundada em uma poltrona a velha vigia nunca perde de vista a soleira. A sua cara envolvida em um trapo parece uma noz muito seca dentro de sua meia casca./ - Esta mulher, veja, ninguém sabe quando nasceu, ela mesma é esquecida do tempo. Acredita-se que ela tenha mais de trezentos anos./ - E como pôde resistir?/- O senhor sabe, senhor Perelá, que a morte se serve de uma foice para recolher as ervas da terra e transportá-las em seu palheiro, pois bem, quando ela chega ali, carregada com sua paveia, não descansa um só instante, mas com a máxima pressa a deixa ali, e foge de novo para o trabalho. Sua pressa em sair daqui é tanta, que chegando à soleira, dá como um pequeno salto rapidíssimo, e a sua lâmina nunca toca a terra para recolher este fio.

(...)

Ecco che da una finestra viene giù un grosso involucre che va ad infrangersi proprio sulla testa del Re: merda!

Allora, da tutte le finestre di tutte le case di tutta la città piovve su lui nelle più svariate maniere la stessa cosa! I postiglioni saltarono via, abbandonarono i cavalli per sottrarsi al getto, i cavalli incominciarono ad andare piano, colla testa bassa, come ad un convoglio funebre, come se lo sfregio li avesse irreparabilmente avviliti, e il convoglio continuò lentamente per le vie deserte, senza nessuna guida, sotto l'oscura bufera.

Solamente il Re, impassibile sorrideva, ma il suo sorriso non si vedeva più, la bocca ne era piena, gli occhi... tutto ne grondava, e il bicchiere ancora alto ne traboccava continuamente, e i cavalli, la berlina, tutto ne era colmo. (...)

Quando il convoglio reale rientrò così trionfalmente nella reggia, fino all'ultimo domestico, tutti erano fuggiti esterrefatti.

(...)

Le tappezzerie della sala del trono, la porpora della berlina reale (...), fu dovuto tutto bruciare, la reggia inondata di acqua, e tutta la città allagata per alcuni giorni onde pulirla dall'incoronazione di questo Re. Nessuno osò aprire le proprie finestre per una settimana.⁸⁶ (pp. 248-252. Grifo nosso)

“7. Extrair das contorções e dos contrastes da dor os elementos da nova risada.”:

Perché?

Un fanciullo che si trovava nel mezzo della via gli si fece vicino e gli dette una spinta alla quale Perelà barcollò ripetutamente sulle scarpe ed andò a battere poi nel muro; allora il fanciullo, raggianti di incosciente malvagità per il colpo riuscito, gli tornò presso e con un'altra spinta lo gettò dall'altro lato della via, e corse allora un altro fanciullo ad aiutare il compagno nell'opera, e se lo sbalottarono dall'uno all'altro, eppoi un altro eppoi un altro ancora, ne fecero come un giuoco, uno di quei palloni ripieni di gas, che si

⁸⁶ Iba/ (...) Naquela manhã eis que chega à entrada do palácio real, Iba, (...) o alcoólatra, muito conhecido na cidade, o mais famoso bebedor, o homem ao qual o álcool tinha aos poucos engrossado a língua até impedir-lhe de falar, a piada dos moleques pela rua e de todos os bebedores nas tabernas mais imundas, o homem que pela manhã os vigias recolhiam pelas ruas como um monte de sujeira infame.../ (...)/ Eis que de uma janela vem para baixo um grande invólucro que vai se arrebentar justamente sobre a cabeça do novo Rei: merda! Então, de todas as janelas de todas as casas de toda a cidade chove sobre ele nas mais variadas maneiras a mesma coisa! Os postilhões saltaram fora, abandonaram os cavalos para escapar do arremesso, os cavalos começaram a andar devagar, com a cabeça baixa, como em um comboio fúnebre, como se o insulto os tivesse irreparavelmente aviltado, e o comboio continuou lentamente pelas ruas desertas, sem nenhum guia, sob a tempestade sombria./ Somente o Rei sorria impassível, mas o seu sorriso quase não se via mais, a sua boca estava cheia, os olhos... tudo nele pingava, e o copo ainda no alto transbordava continuamente, e os cavalos, a berlinda, tudo estava cheio. (...)/ Quando o comboio real voltou tão triunfalmente para o palácio real, até o último serviçal, todos tinham fugido estarecidos./ (...)/ As tapeçarias da sala do trono, a púrpura da berlinda real (...), foi preciso queimar tudo, o palácio real foi inundado de água, e toda a cidade foi alagada por alguns dias para limpá-la da coroação deste Rei. Ninguém ousou abrir as próprias janelas por uma semana.

manipolavano dall'uno all'altro gridando ridendo follemente. E in breve furono tanti, un nuvolo, uno più perfido dell'altro, uno più accanito dell'altro nel giuoco. Perelà in mezzo, livido, umiliato, senza difesa contro lo sciame terribile, si sentiva travolgere dai piccoli urti, e le grida, le risa gli ferivano il cuore. Alle finestre, alle porte delle case nessuno inveiva più, tutti ridevano sconciamente, fino a smascellarsi, e la flotta dei bimbi aumentava, incalzati e punzecchiati dai grandi a non lasciar finire l'indovinato giuoco, e Perelà in mezzo piangente, avvilito nella più atroce maniera, guardava i grandi mentre veniva così ferocemente travolto dai piccoli, e il suo sguardo pietoso pareva dire : “perchè?”

(...)

La scena fu delle più umilianti che a uomo sieno mai toccate, le piccole teste inconse avevano incoscitamente trovata la maniera più orribile, più feroce per umiliare un uomo. E tutti intorno ridevano sconciamente alle porte, alle finestre, senza scomporsi, “bene! bravi!” gridavano quando la ferocia degli insetti raggiungeva il culmine, per aizzarli sempre di più. E l'uomo naufrago là in mezzo abbandonato, passava dall'uno all'altro sbalottato, avvilito, assolutamente impotente a difendersi per la sua estrema leggerezza contro uno solo dei fanciulli, divenuto il giuoco più ridicolo nel mezzo della via, e l'espressione piangente della sua povera faccia diceva: “perchè? perchè?”⁸⁷ (pp. 307-309. Grifo nosso)

“8. Transformar os hospitais em lugares divertidos (...)”:

L'Indisposizione di Perelà

Perelà è chiuso nelle sue stanze indisposto.

È venuto il medico di corte a visitarlo ma à detto che non sapeva assolutamente che cosa fare, non è nemmeno riuscito a trovare il cuore ed il polso dell'infermo, à concluso rifiutandosi ad ogni costo a prodigare le sue

⁸⁷ Um garoto que se encontrava no meio da rua se aproximou dele e lhe deu um empurrão com o qual Perelá cambaleou repetidamente sobre os sapatos e depois bateu no muro; então o menino, radiante de irresponsável maldade pelo golpe bem sucedido, voltou junto dele e com outro empurrão o jogou para o outro lado da rua, e outro menino então correu para ajudar o companheiro na ação, e o fizeram rodopiar de lado para outro, e depois outro e ainda outro, o fizeram dele como um brinquedo, um daqueles balões cheios de gás, que manipulavam de um lado para o outro, gritando e rindo loucamente. E em breve foram tantos, uma nuvem, um mais perverso que o outro, um mais cruel que o outro na brincadeira. Perelá no meio, lívido, humilhado, sem defesa contra o enxame terrível, se sentia arrastar pelos pequenos choques, e os gritos, as risadas lhe feriam o coração. Às janelas, às portas das casas ninguém agredia mais, todos riam indecentemente, até gargalhar, e a frota dos meninos aumentava, incitados e espicaçados pelos adultos para não pararem o jogo tão acertado, e Perelá no meio, chorando, humilhado da maneira mais atroz olhava os adultos enquanto era tão ferozmente arrastado pelos pequenos, e o seu olhar piedoso parecia dizer: “por quê?”/ (...) / A cena foi uma das mais humilhantes que a um homem já ocorreu, as pequenas cabeças inconscientes, tinham inconscientemente encontrado a maneira mais horrível, mais feroz de humilhar um homem. E todos à volta riam indecentemente às portas, às janelas, sem perder a compostura, “muito bem! bravo!” gritavam, quando a ferocidade dos insetos alcançava o auge, para incitá-los cada vez mais. E o homem, naufrago lá no meio, abandonado, passava de um para o outro sacudido, abatido, absolutamente impotente para se defender por sua extrema leveza contra só um dos meninos, transformado na brincadeira mais ridícula no meio da rua, a expressão chorosa do seu pobre rosto dizia: “por quê? por quê?”.

cure ad un uomo di fumo, ed à aggiunto ritenere l'indisposizione una bella fandonia, uscendo dalla stanza à scosso le spalle in una maniera abbastanza villana senza neanche salutare Perelà.

Non è una fandonia, Perelà si sente male davvero, dopo la scena nella via, scampato solo quando i monelli furono stufi del loro giuoco, rientrato nella reggia, ieri sera, si sentiva male, proprio male, tutte le sue membra erano lacerate, non poteva dire preciso dove avesse una pena, ma certo era sofferentissimo, avvilito, umiliato, i suoi begli occhi grigi erano ancora piangenti, si sentiva la testa vuota ed era di tratto in tratto serpeggiato da brividi fortissimi.⁸⁸ (p.313. Grifo nosso)

“9. Transformar os funerais em cortejos mascarados (...)”:

Villa Rosa

(...) Essi non muoiono mai, e considerano la morte come un caso eccezionale. Quando ànno un morto a mano non la finiscono più, fanno vomitare i sassi, lo girano, lo rigirano, lo portano a spasso lo posano, lo ripigliano su, lo posano ancora, è un'indecenza credetemi, ne aspirano le fetide esalazioni con tutta la voluttà dei loro sensi, e non si stancano mica a cullarselo sulle spalle, e non si seccano mai la gola di gridargli attorno. Gli è che sono nati carcassa, caro signor Perelà, e sentono già dalla nascita il fetore del morto venir fuori dal loro corpo (...). Quando poi un d'essi muore, ecco la cuccagna, gli si stringono tutti addosso bene bene, e si assicurano così che il fetore che annebbia l'aria è tutto di quello morto, e gli si accerchiano più che sia possibile, anzi, se lo pigliano su, e via in giro per parteciparne l'esalazione al prossimo, e si gonfiano, si gonfiano in una loro espressione sodisfatta, sentite, essi vi dicono con quella loro faccia, sentite questo orribile fetore che noi andiamo portando in giro? Questo sconcio che attossica l'aria? Sentite che riprovevole cosa? Ebbene non siamo mica noi sapete, è costui che abbiamo qua sopra, è lui, è lui solamente!⁸⁹ (p. 263. Grifo nosso)

⁸⁸ Perelá está fechado em seus aposentos, indisposto./ O médico da corte foi visitá-lo, mas disse que não sabia absolutamente o que fazer, sequer conseguiu encontrar o coração e o pulso do enfermo, concluiu recusando-se peremptoriamente a oferecer seus cuidados para um homem de fumaça, e acrescentou considerar a indisposição uma verdadeira lorota, saindo do aposento deu de ombros de uma maneira bastante grosseira sem ao menos cumprimentar Perelá./ Não é uma lorota, Perelá está passando mal de verdade, após a cena da rua, só consegui se pôr a salvo quando os garotos estavam fartos de sua brincadeira, ao voltar ao palácio real, ontem à noite, estava passando mal, muito mal, todos os seus membros estavam dilacerados, não podia dizer precisamente do que padecia, mas com certeza estava sofrendo muito, prostrado, humilhado, seus belos olhos cinza estavam ainda chorosos, sentia a cabeça vazia e era de tempos em tempos acometido por calafrios fortíssimos.

⁸⁹ Vila Rosa/ (...) Eles nunca morrem, e consideram a morte como um caso excepcional. Quando têm um morto por perto não param mais, fazem vomitar as pedras, giram-no, giram-no de novo, o levam para um passeio o colocam, o pegam de novo, o colocam outra vez, é uma indecência acredita-me, inspiram suas fétidas exalações com toda a volúpia de seus sentidos, e não se cansam, de jeito nenhum, de embalá-lo nos ombros, e suas gargantas nunca ficam secas de tanto gritar à sua volta. Fato é que nasceram carcaça, caro senhor Perelá, e sentem desde o nascimento o fedor de morto sair de seu corpo, (...). Quando então um deles morre, eles fazem a festa, todos se amontoam muito bem em cima dele, e se asseguram assim que o fedor que cobre o ar é todo daquele morto, e se aproximam o máximo possível, aliás, apoderam-se dele, e saem dando voltas para compartilhar a exalação com o próximo, e se

“10. Não rir ao ver aquele que ri (plágio inútil), mas saber rir ao ver aquele que chora. (...)”:

La Fine d’Alloro

Sotto l’ampia volta del sotterraneo s’incomincia, fra la nube del fumo che si dilegua, a distinguere. Nel mezzo, in terra, una grande spianata di cenere e di carboni ancora qua e là accesi; al soffitto, dall’anella centrale, scende una catena di ferro, fino a due metri dal suolo, a quella è appeso in fondo... come un crocicchio di tronchi carbonizzati, che si dondolano in mezzo orizzontalmente. Pareva proprio l’unione di due tronchi d’albero così rudimentalmente congiunti, e non era che un ultimo avanzo umano: Alloro.

(...)

Ecco giunge correndo, ansando, una giovine donna scarmigliata, trafelata, non è stato più possibile trattenerla, si è divincolata come un rettile e si è sgusciata fra le mani pietose che la tenevano. Giunge cogli occhi sbarrati e al suo apparire alla soglia del sotterraneo spalanca la bocca come se dovesse ingoiare tutta l’aria dell’universo nei suoi polmoni d’un sol colpo perchè il suo grido possa arrivare fino al cielo.

- Folle! Folle! Padre mio! Padre mio! Che ài fatto? Che ài fatto? Folle! Folle!

E io che non ò immaginato! Credevi di poter divenire come Perelà!

(...)

- Non è possibile!

- Perchè non è possibile? Possibilissimo, sperava diventare di fumo!

- È rimasto di carbone.⁹⁰ (pp. 276-279. Grifo nosso)

envaidecem, se envaidecem numa expressão satisfeita, ouça, eles dizem com aquela cara deles, sente este horrível fedor que nós levamos para passear? Este indecoro que contamina o ar? Sente que coisa reprovável? Muito bem não somos nós sabem, é ele que temos aqui em cima, é ele, é só ele!

⁹⁰ O Fim de Louro/ (...) Sob a ampla abóbada do subterrâneo começa-se, entre a nuvem de fumaça que se dissipa, a distinguir. No meio, no chão, uma grande esplanada de cinzas e de carvão ainda aqui e ali acesos; no teto, do círculo central, desce uma corrente de ferro, a cerca de dois metros do solo, na qual está pendurado no fundo... como um cruzamento de troncos carbonizados, que se balançam horizontalmente no meio. Parecia realmente a união de dois troncos de árvore tão rudimentarmente ligados e não era nada mais que um último resto humano: Louro./ (...) / Eis que chega correndo, ofegando, uma jovem mulher despenteada, esbaforida, não foi mais possível segurá-la, se desvencilhou como um réptil e escorregou das mãos piedosas que a detinham. Chega com os olhos arregalados e ao aparecer à soleira do subterrâneo escancara a boca como se devesse sorver todo o ar do universo em seus pulmões de uma só vez para que o seu grito pudesse depois chegar até o céu./ - Doido! Doido! Meu pai! Meu pai! O que você fez? O que você fez? Doido! Doido! E eu que nem imaginei! Você acreditava poder se tornar como Perelá?/ (...) / - Não é possível! / - Por que não é possível? Muito possível, esperava se tornar de fumaça! / - E ficou de carvão.

“11. Obter de tudo um novo cômico fecundo a partir de uma mistura de terremotos, naufrágios, incêndios, etc.”:

Delfo e Dori

Questi due piccoli villaggi, signor Perelà, sono i più graziosi dei nostri dintorni. Sulle rive di questo grosso fiume vivono la loro vita fraterna guardandosi amorosamente. (...) Ma questa bella pace non regnò sempre fra loro, e questo fiume che s’abbandona nel mare in un ultimo flutto di dolcezza, (...) fu un giorno un campo di una stranissima battaglia.

(...)

I due paesi si odiavano dai tempi più remoti. (...) Non una sola pietra veniva mossa di qua senza ch’essa ricadesse di là come un bolide d’odio e d’ira.

Un giorno imperversò un orribile temporale su questi villaggi e ben otto saette caddero insieme sulle piccole case di Dori, senza che una sola vittima si avesse a lagnare. (...)

Che cosa era successo? Non era successo nulla, avevano entrambi conquistato il paese rivale, la guerra non poteva essere più vittoriosa.⁹¹

(pp.269-272. Grifo nosso)

“12. Transformar os hospícios em escolas de aperfeiçoamento para as novas gerações.”:

Villa Rosa

(...) Vi faremo conoscere il principe Zarlino, il pazzo volontario, ovvero il pazzo dilettante, o meglio ancora, il più pazzo di tutti qua dentro (...).

- (...) Vi avranno detto che io sono il pazzo volontario... il pazzo dilettante non è vero?... che io sono il matto più matto di tutti i matti! Non vuol dire, questo a me non interessa, ciò che si può dire non mi riguarda. (...).

Signor Perelà, io poteva essere il re, ma sentivo che dopo due giorni io sarei stato quel re che voleva essere tutto fuori che il re. Io vivo qua dentro la mia vita cerebrale che mi fa essere tutto! Dicono che sono pazzo, benissimo, che cosa me ne importa, sono venuto ad albergare in un manicomio per questo, dunque... ma badate però non sono pazzo come vogliono gli altri, sono pazzo come voglio io. Ecco il mio sistema. (...)

⁹¹ Delfo e Dori/ Estes dois pequenos vilarejos, senhor Perelá, são os mais graciosos dos nossos arredores. Nas margens desse grande rio eles vivem sua vida fraterna olhando-se amorosamente. (...) Mas esta bela paz nem sempre reinou entre eles, e este rio que se abandona no mar em uma última onda de doçura, (...) foi um dia campo de uma estranhíssima batalha./ (...) Os dois lugarejos se odiavam desde os tempos mais remotos. (...) Nem uma única telha era movida daqui sem que ela recaísse ali como uma bólide de ira./ Um dia um horrível temporal castigou estes vilarejos e nada menos que oito raios caíram juntos sobre as pequenas casas de Dori, sem que uma única vítima se lamentasse. (...) / O que tinha acontecido? Não tinha acontecido nada, ambos tinham conquistado a aldeia rival, a guerra não podia ser mais vitoriosa. (...).

Non meno di una volta la settimana io mi diletto impartire la benedizione papale. Fuori questa operazione mi era quasi impossibile, credetemi era impossibile.

(...)

Mi piace di spogliarmi nudo innanzi a tutti, poi sono re, sono fabbro, sono ragno, sono tavola, sono il sole, sono la luna sono tutto quello che mi pare e piace. Una notte io fui cometa, fra le due torri della villa era appesa la mia coda di tela d'argento illuminata da appositi riflettori elettrici, e rimasi lassù un'intera notte, e mi sentii veramente cometa, io non fui più uomo, nulla, io fui astro.

(...)

Ora ditemi un poco mio caro amico, posso io uscire per le comuni vie con una coda di tela d'argento lunga settantacinque metri? Appena mi scorgono mi prendono, mi legano e mi portano qua dentro come un matto.⁹² (pp. 258-265. Grifo nosso)

Enfim, “Bisogna educare al riso i nostri figli”⁹³:

Dio

- Dite, voi credevi, dite, che la Regina avesse altri occhi? Altre mani? Altro sorriso? Le dame della città ieri certo v'intrattennero allegramente, ma io... io sono la Regina...

- Dio.

- La Regina frugare non può nel suo passato, e s'ella scruta nell'avvenire, ahimè, voi la vedete raccogliere una spada pesante bagnata di sangue, e trascinarsi via con quella, via lontano, via... scomparire.

(...)

- Maestà, per tante volte io ò sentito qui dentro pronunziare una parola, mi volsi e non potei vedere...

- Una parola?

⁹² Vila Rosa/ (...) Faremos o senhor conhecer o príncipe Zarlino, o louco voluntário, ou o louco amator, ou melhor ainda, o mais louco de todos aqui dentro. (...) / O senhor há de ter ouvido que eu sou o louco voluntário... o louco amator, não é verdade?... que eu sou o louco mais louco de todos os loucos! Não quer dizer nada, isto não me interessa, aquilo que se diz não me diz respeito. (...) / Senhor Perelá, eu poderia ser o rei, mas sentia que após dois dias eu teria sido aquele rei que queria ser tudo menos o rei. Eu vivo aqui dentro a minha vida cerebral que me faz ser tudo! Dizem que sou louco, muito bem, o que me importa, vim para me hospedar em um manicômio, então... mas atenção, não sou louco como os outros querem, sou louco como quero eu, eis o meu sistema. (...) / Não menos que uma vez por semana eu me deleito em dar a bênção papal. Lá fora esta operação me era quase impossível, pode acreditar era impossível. (...) / Eu gosto de me despir tirar a roupa e ficar nu na frente de todos, depois sou o rei, sou ferreiro, sou aranha, sou mesa, sou o sol, sou a lua, sou tudo aquilo que me dá prazer. Uma noite eu fui cometa, entre as duas torres do casarão estava pendurada minha cauda de tela de prata iluminada por apropriados refletores elétricos, fiquei lá em cima uma noite inteira, e me senti cometa de verdade, eu não fui mais homem, nada, eu fui astro. (...) / Agora me diga uma coisa meu caro amigo, eu posso sair pelas ruas comuns com uma cauda de tela de prata com setenta e cinco metros de comprimento? Assim que me notarem me prendem, me amarram e me trazem para cá como um louco.

⁹³ É preciso educar nossos filhos com o riso.

- Sì. Dio.
- Oh ! Non ci badate, io ci ò fatto tanto l'abitudine che non me ne accorgo quasi più. Venite, guardate, è il mio pappagallo, è qui alla finestra nella stanza vicina, venite.
- Vedete come è bello? Io non riuscii ad insegnargli una cosa soltanto, nulla volle imparare, ritenne solo questa parola che udì chi sa come... e la ripete sempre. È strano non è vero? Egli dice una grande parola, e non può capirne il significato, che volete, povera bestiola, che sappia lui che è Dio!
- Voi lo sapete invece?
- E come? E chi non lo sa? Dio! Ma Dio è... Dio! Tutti bene lo sappiamo noi, ma lui... (...).⁹⁴ (pp. 203-205. Grifo nosso)

Visita a Suor Mariannina Fonte. Suor Colomba Mezzertino...

(...)

- Ecco suor Mariannina Fonte penitente.
- Quante volte peccaste suora Fonte?
- Un dì tre volte, signor Perelà.
- Ec ora voi dimandate sempre perdono del vostro peccato?
- Ogni dì tre volte.
- Ed ecco suor Colomba Mezzertino.
- Penitente?
- Peccatrice ella non è, signor Perelà, suor Colomba portò qui il fiore della sua purezza e lo conserva, ella prega per i peccatori.⁹⁵ (pp. 233-234. Grifo nosso).

Il Codice di Perelà

- Uditte! Tutti! Venite qua! Correte! Qua.... con me! Vili! Vili tutti! Correte....
- La Marchesa Di Bellonda!
- (...)

⁹⁴ Dio/ (...) - Diga, o senhor acreditava, diga, que a Rainha tivesse outros olhos? Outras mãos? Outro sorriso? As damas da cidade certamente ontem lhe entretiveram alegremente, mas eu... eu sou a Rainha.../ - Deus./ - A Rainha não pode remexer seu passado, e se ela indagar o futuro, ai de mim, o senhor a vê recolher uma espada pesada banhada de sangue, e arrastar-se com ela, ir embora para longe, ir... desaparecer./ (...)/ - Majestade, por tantas vezes eu ouvi aqui dentro pronunciar uma palavra, me virei e não pude ver.../ - Uma palavra?/ - É. Deus./ - Oh! Não ligue, eu já estou tão acostumada que quase nem percebo mais. Venha, olhe, é o meu papagaio, está aqui na janela na sala ao lado, venha./ Vê como é bonito? Eu não consegui ensinar-lhe uma coisa sequer, não quer aprender nada, guarda na memória só esta palavra que ouviu sabe-se lá como... e a repete sempre. É estranho não é verdade? Ele diz uma grande palavra, e não pode compreender o significado dela; como quer, pobre animalzinho, que ele saiba quem é Deus!/ - Mas a senhora sabe?/ - Como? Quem não sabe? Deus! Mas Deus é... Deus! Todos nós sabemos bem, mas ele...

⁹⁵ Visita à Irmã Marianinha Fonte./ Irmã Pomba Mezzertino.../ (...)/ - Eis a irmã Marianinha Fonte penitente./ - Quantas vezes pecou, irmã Fonte?/ - Um dia três vezes, senhor Perelá./ - E agora a senhora sempre pede perdão por seu pecado?/ - Todos os dias três vezes./ - E aqui está a irmã Pomba Mezzertino./ - Penitente?/ - Pecadora ela não é, senhor Perelá, a irmã Pomba trouxe para cá a flor da sua pureza e a conserva, ela reza pelos pecadores.

- Udite! Lassù!... nella cella... Perelá... non c'è più! Io sono andata a portargli il fuoco per la notte, non c'è più... la cella è vuota... sotto il camino non ci sono più che le sue scarpe!...

(...)

- Seguitemi... seguitemi tutti... via... andiamo via a uccidere... a raccontare... per uccidere... bisogna uc... Ah!...

- È pazza!

- È caduta pazza!

- È caduta pazza, pigliatela!

- No! Non vi avvicinate!... è caduta morta. À voluto troppo correre... povera donna, le è scoppiato il cuore.⁹⁶ (pp. 350-351. Grifo nosso)

Como esses exemplos deixam claro, acreditamos ter comprovado que O Código de Perelá é realmente um instrumento para a prática do manifesto palazzeschiano, em que Palazzeschi que “educar com o riso” seus leitores, uma vez que no romance é demonstrado que o riso está presente em todas as manifestações humanas: sejam elas felizes ou infelizes.

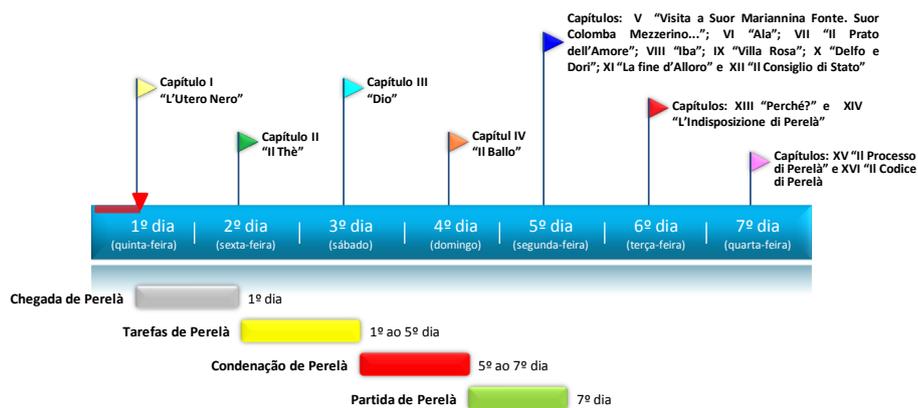
II.4. A TEMPORALIDADE NO CÓDIGO DE PERELÁ

Bisogna sputare ogni giorno sull'*Altare dell'Arte*! Noi entriamo nei domini sconfinati della libera intuizione. Dopo il verso libero, ecco finalmente **le parole in libertà**!⁹⁷ (Marinetti, 11 maggio 1912).

A história de Perelá se desenvolve ao longo de uma semana: começa em uma quinta-feira, no período da manhã, e termina na quarta-feira à noite da semana seguinte, como se pode observar na linha do tempo traçada a seguir:

⁹⁶ Ouçam! Todos! Venham aqui! Corram! Aqui... comigo! Covardes! Todos covardes! Corram.../ - A Marquesa Oliva De Bel'Onda!/(...)/ - Ouçam! Lá em cima!... na cela... Perelá... não está mais lá! Eu fui levar-lhe o fogo para a noite, não está mais lá... a cela está vazia... sob a chaminé não tem nada mais do que os seus sapatos!.../(...)/Sigam-me... sigam-me todos... vamos... vamos embora para matar... para contar... para matar... é preciso mat... Ah!.../ - Está louca!/ - Caiu louca!/ - Caiu louca, agarrem-na!/ - Não! Não se aproximem!... caiu morta. Quis correr demais... pobre mulher, explodiu-lhe o coração.

⁹⁷ É preciso vencer todos os dias no *Altar da Arte*! Nós entramos nos domínios da livre intuição. Após o verso livre, eis finalmente **as palavras em liberdade**! (Marinetti, 11 de maio de 1912).



Capítulo I – “L’Utero Nero”⁹⁸ (1º dia, quinta-feira)

De manhã, Perelá chega à cidade onde se desenvolve a história, falando e repetindo para si mesmo as palavras: “Pena! Rete! Lama! Pena! Rete! Lama! Pe... Re... La...”⁹⁹. As primeiras pessoas que o encontram são uma velha e, posteriormente, os vigias do Rei, a escolta a cavalo, que fazem as inspeções na cidade e em seus arredores; todos percebem que se trata de um ser estranho, um homem feito de fumaça, que responde a todas as perguntas com “Io sono... io sono... molto leggero, io sono un uomo molto leggero”¹⁰⁰. Assim, Perelá entra no mundo dos homens para vê-lo, conhecê-lo e nele é aceito. A ação progride por meio das interações entre os personagens nela envolvidos e de dois monólogos de Perelá: um em relação à guerra e outro sobre o amor.

Conhece-se sua história mediante os breves diálogos com as pessoas que encontra: viveu por aproximadamente trinta e três anos no topo de uma chaminé da casa de três velhas, (Pena, Rede e Lâmina), que o alimentavam com um fogo perene e, também, com as conversações e reflexões por elas tecidas que o formaram e o educaram. Mas, um dia, de repente, as conversas entre as velhas terminam e o fogo se

⁹⁸ O Útero Negro.

⁹⁹ Pena! Rede! Lâmina! Pena! Rede! Lâmina! Pe... Re... La...

¹⁰⁰ Eu sou... eu sou... muito leve, eu sou um homem muito leve.

apaga. A partir daí, Perelá percebe que é um ser vivo e resolve descer da chaminé: ao lado, encontra um par e botas muito bonito e brilhante com o qual lhe é possível permanecer no chão e caminha em direção à cidade.

Ao entrar em um mundo que ele só conhece por meio das palavras, Perelá desperta a curiosidade de todos e é batizado pelas iniciais dos nomes de suas mães – Pe-Re-Lá – que repete sempre: chega ao palácio real onde continua a dar explicações sobre si enquanto as pessoas tentam desvendar o mistério de sua formação, levantando várias hipóteses em relação a ele e suas três mães. O palácio real está rodeado pelo povo, devido à curiosidade, e algumas personalidades da cidade são admitidas diante de Perelá para dizer quem são e o que esperam dele, obtendo em troca apenas breves comentários, perguntas ou silêncio. No final do capítulo, o mestre de cerimônias lê a ordem do dia:

Domani venedi a ore cinque le principali dame della città offeriranno un thè d'onore al signor Perelá" (...). Dopodomani sabato a ore cinque Sua Maestà la Regina riceverà il signor Perelá in udienza particolare. Domenica sera ad ore ventuna il signor Perelá sarà presentato al popolo. (...) La stessa sera a ore ventitré gran ballo a Corte con intervento del Re. (...) Sua Maestà nomina il signor Perelá terzo membro nella gravosa compilazione del nuovo Codice del nostro Paese.¹⁰¹ (PALAZZESCHI, 2004, p. 162).

É a partir da “ordem do dia” que se descobre o dia da semana exato em que começa a história.

Capítulo II – “Il Thè”¹⁰² (2º dia, sexta-feira)

Às cinco horas, Perelá encontra as damas mais importantes da cidade e escuta suas opiniões em relação ao papel da mulher na sociedade e suas confidências sobre amores, paixões, ciúmes e invejas. Entre elas está a Marquesa Oliva de Bel’onda que, após conhecer Perelá, acredita ter encontrado sua alma gêmea, o “coração” que tanto procurava.

¹⁰¹ Amanhã, sexta-feira, às cinco horas, as principais damas da cidade oferecerão um chá em honra ao senhor Perelá. (...) Depois de amanhã, sábado, às cinco horas, Sua Majestade a Rainha receberá o senhor Perelá em audiência particular. Domingo à noite, às vinte e uma horas, o senhor Perelá será apresentado ao povo. (...) Na mesma noite, às vinte e três horas, grande baile na Corte com participação do Rei. (...) Sua Majestade o Rei nomeia o senhor Perelá terceiro membro na onerosa compilação do novo Código do nosso País. (Tradução nossa).

¹⁰² O Chá.

Capítulo III – “Dio”¹⁰³ (3º dia, sábado)

Às cinco horas, a Rainha recebe Perelá em encontro particular, no qual afirma pensar como ele em relação às três velhas, Pena, Rede e Lâmina e, mediante um jogo de cartas, chamado “dello Stato”¹⁰⁴, que nunca termina, explica para Perelá como funciona o Estado e seu reino. No desenrolar da conversa, Perelá escuta várias vezes a palavra “Deus”, mas quando se vira não consegue ver quem a pronuncia; é o papagaio da Rainha que aprendeu essa palavra tão grandiosa não se sabe como e, apesar de todas as tentativas, ela não consegue ensinar nenhuma outra palavra para ele. Posteriormente, Perelá acompanha a Rainha em seu passeio cotidiano pelo parque real; diz a ele que todas as rainhas dos reis mortos estão no fundo do parque, arrastando seus mantos de luto; elas vivem nesse parque sombrio e úmido, vagando do lado de dentro dos portões que as prendem. Todas as tardes, ao pôr do sol, a Rainha vai visitá-las.

Capítulo IV – “Il Ballo”¹⁰⁵ (4º dia, domingo)

Às vinte e uma horas, Perelá sai em um cortejo para ser apresentado ao povo, passando por todas as principais ruas da cidade e do subúrbio; a cidade está toda iluminada e nos pontos mais frequentados soam bandas. Às vinte e três horas, grande baile na Corte com a participação do Rei; a Marquesa Oliva de Bel’onda faz uma homenagem a Perelá, usando um vestido cor “cinza fumaça”.

Capítulos: V “Visita a Suor Mariannina Fonte. Suor Colomba Mezzertino...”;

VI “Ala”;

VII “Il Prato dell’Amore”;

VIII “Iba”;

IX “Villa Rosa”;

X “Delfo e Dori”;

¹⁰³ “Deus”.

¹⁰⁴ “do Estado”.

¹⁰⁵ “O Baile”.

XI “La fine d’Alloro”

XII “Il Consiglio di Stato”¹⁰⁶ (5º dia, segunda-feira)

Perelá, acompanhado por três cavalheiros, começa seu primeiro dia de inspeção, para conhecer o reino cujo código deverá redigir.

Capítulo V: Enquanto Perelá está para entrar no carro, Louro, o velho servidor do Rei, se aproxima e entrega-lhe uma carta escrita pela Marquesa Oliva de Be’londa, que nela declara seu amor por ele. Perelá visita a penitente suor Marianinha Fonte e a virgem suor Pomba Mezzertino que ora pelos pecadores; posteriormente, é levado em visita ao monastério.

Capítulo VI: Perelá questiona sobre a morte e sobre a vida, e conhece Asa, a porteira e velha guardiã do cemitério.

Capítulo VII: Perelá descobre como funciona o amor e as sensações que provoca em cada um dos amantes.

Capítulo VIII: Perelá conhece a cela onde está preso o ex-Rei alcoólatra Iba e é lembrado que a sucessão do trono neste reino é feita pela riqueza, ou seja, quando um rei morre o homem que fornece para o Estado a quantidade maior de ouro será o novo Rei, exatamente como a Rainha já tinha explicado com o jogo de cartas chamado “do Estado”. Iba era a pessoa que tinha a maior quantidade de dinheiro, mas não sabiam como ele o havia conseguido, porque era pobre, bebedor e estava sempre bêbado, mal conseguindo ficar em pé; Iba havia reinado apenas por quatro dias; o Estado, após descobrir que ele havia entregado apenas parte de seu dinheiro (ele tinha escondido do Estado a metade do seu dinheiro: crime que em Torlindao recebe a pena à prisão perpétua, sem necessidade de processo), trancou-o em uma cela murada. Mediante um buraco, passam para Iba cem litros por dia do melhor vinho produzido em suas vinícolas.

¹⁰⁶ “Visita à Irmã Marianinha Fonte. Irmã Pomba Mezzertino”; “Asa”; “O Prado do Amor”; “Iba”; “Vila Rosa”; “Delfo e Dórios”; “O fim de Louro”; “O Conselho de Estado”.

Capítulo IX: Perelá chega ao manicômio Vila Rosa e, após receber explicações sobre todos os loucos ali internados, conhece Príncipe Zarlino, louco voluntário, que optou por morar no hospício porque lá dentro ele pode ser tudo aquilo que quiser e que lhe dá prazer.

Capítulo X: Perelá conhece os dois pequenos vilarejos de Delfo e Dori, nos quais seus habitantes vivem fraternamente, olhando uns aos outros com amor. No entanto, não foi sempre assim: em tempos remotos os habitantes dos dois vilarejos se odiavam e haviam travado entre si uma guerra sem nenhum motivo aparente. No entanto, ambos venceram a guerra, pois Delfo conquistou o território de Dori, e Dori o de Delfo. No final desse capítulo é declarada a ordem do próximo dia: “Domani mattina a ore dieci, sulla Piazza d’Armi, Il signor Perelà passerà in rivista le truppe”¹⁰⁷. (PALAZZESCHI, 2004, p. 272)

Capítulo XI: Ao crepúsculo, quando o carro com Perelá retorna, o palácio real está em alvoroço. Louro, o velho servo do reino, ateou fogo no próprio corpo. Ninguém sabia o motivo que o levava a cometer esse ato, até a filha de Louro dizer que ele tentara se tornar de fumaça também, imitando Perelá, que foi acusado por aquela morte. Todos se voltam contra ele. Assim, Perelá passa de herói amado a ser odiado, mesmo não tendo culpa. A revista militar marcada para o dia seguinte de manhã é cancelada e para a mesma noite é convocado o Conselho de Estado.

Capítulo XII: O Conselho de Estado é instituído e as personalidades do reino discutem se Perelá é culpado ou não pela morte de Louro; chegam à conclusão de que é necessário um processo, que ouça, inclusive, a opinião pública, para decidir qual será a pena de Perelá.

Capítulos XIII “Perché?”

e XIV “L’Indisposizione di Perelà”¹⁰⁸ (6º dia, terça-feira)

Capítulo XIII: No período da manhã, acontece o enterro de Louro; Perelá se pergunta por que ninguém, desde a noite anterior, apareceu em seus aposentos para conversar

¹⁰⁷ “Amanhã de manhã, às dez horas, na Praça das Armas, o Senhor Perelá passará em revista as tropas”.

¹⁰⁸ “Por quê?” e “A Indisposição de Perelá”.

com ele, para explicar aquilo que estava acontecendo; às duas horas, desce para o pátio do palácio, mas o carro não está lá à sua espera, como nos outros dias; vai até o portão, sai e caminha em direção às colinas, imerso em seus pensamentos. Lá encontra uma menina com quem conversa: ela nunca esteve na cidade e, por isso, não sabe sobre Perelá. O sol começa a se pôr e Perelá resolve voltar para a cidade, onde chega tão logo o sol se põe; alguns meninos começam a espancá-lo e ninguém faz absolutamente nada para impedir os maus tratos.

Capítulo XIV: Perelá, indisposto, fica fechado em seus aposentos; sente-se realmente mal; enquanto Perelá está absorto em seus pensamentos, entra a Marquesa Oliva de Bel’onda que precisou lutar corpo a corpo com os guardas para conseguir vê-lo: somente a Rainha interveio para deixá-la, entrar. Foi até lá para dizer a Perelá que o ama, que lamenta muito pelo acontecimento com os meninos, ocorrido na noite anterior, e que estará sempre ao seu lado. Assim que a Marquesa vai embora, a porta se abre novamente e um cavaleiro entra para transmitir-lhe o seguinte recado: “Signor Perelá, voi siete chiamato domattina alle ore dieci dinanzi al ministero dela giustizia. Preparate la vostra difesa e i vostri difensori”¹⁰⁹. (PALAZZESCHI, 2004, p. 316)

Capítulos XV “Il Processo di Perelà” e XVI “Il Codice di Perelà”¹¹⁰ (7º dia, quarta-feira)

Capítulo XV: Várias testemunhas são ouvidas e Perelá é condenado, por unanimidade, a permanecer preso em uma pequena cela no alto do monte Calleio. A Marquesa Oliva de Bel’onda, sua única defensora, consegue intervir em seu favor, obtendo do Rei a permissão de ter em sua cela uma pequena chaminé onde pudesse ser aceso um fogo para aquecer e alimentar Perelá.

Capítulo XVI: Às duas horas, as sentinelas do palácio real abrem o portão de onde saem os dois primeiros tambores, em seguida Perelá, atrás dele outros dois tambores e, logo depois, segue um cortejo; Perelá atravessa pela última vez a cidade, é conduzido para o monte em meio aos insultos da multidão que assistem à cena. Perelá e é trancado

¹⁰⁹ Senhor Perelá, o senhor foi chamado amanhã de manhã, às dez horas, perante o ministério da justiça. Prepare a sua defesa e os seus defensores.

¹¹⁰ “O Processo de Perelá” e “O Código de Perelá”.

na cela. Ao pôr do sol, uma pequena nuvem em forma de homem aparece no céu. A Marquesa Oliva de Bel'onda começa a gritar, porque, ao levar o fogo para cela, percebe que Perelá não está mais lá; ela morre de ataque cardíaco após correr muito. Algumas vozes anônimas procuram no céu um sinal da presença de Perelá.

A história de Perelá – cuja duração é de uma semana – começa em *media res* (no meio ao invés do início), uma vez que os personagens, o cenário e a progressão narrativa foram introduzidos pelos próprios personagens que falam entre si sobre o presente e o passado. Assim, os eventos acontecem sob os olhos do leitor, predominantemente por meio de diálogos, prevalecendo, portanto, o “aqui e agora”.

Se considerarmos que o número de páginas corresponde ao tempo de duração de cada evento, percebemos que não há um equilíbrio na dimensão dos dias narrados – 1º dia: 26 páginas; 2º dia: 35 páginas; 3º dia: 4 páginas; 4º dia: 19 páginas; 5º dia: 45 páginas; 6º dia: 17 páginas e 7º dia: 31 páginas – ou seja, existem três blocos distintos, do ponto de vista temporal, que são mais ou menos homogêneos entre si: o primeiro (1º, 2º, 5º e 7º dias), o segundo (3º dia) e o terceiro (4º e 6º dias).

O primeiro bloco, com uma média de 28 páginas para cada dia, está relacionado, na devida ordem: à chegada de Perelá ao reino; ao relato das damas da corte em relação às leis do Estado, além de suas confidências amorosas; às inspeções realizadas por Perelá em algumas instituições; e ao processo, condenação e fuga de Perelá. O segundo, composto por apenas 4 páginas, corresponde ao relato da Rainha sobre a sucessão do trono e o que acontece com as Rainhas quando seu Rei morre. Finalmente, o terceiro, com uma média de 18 páginas para cada dia, condiz, respectivamente: ao baile; às reflexões de Perelá acerca do comportamento humano e ao seu sentimentos em relação ao homem.

Como podemos perceber, o tempo de duração dos eventos está diretamente relacionado à importância que cada um deles possui na história. O primeiro bloco, por apresentar acontecimentos importantes e fundamentais para a constituição, o desenrolar e a conclusão da história, ele se mostra enfatizado, do ponto de vista temporal, em relação aos demais. O segundo por ser uma explicação, por meio de um jogo, de um evento prático e funcional, é menor quando comparado aos outros. Por fim, pelo fato de o terceiro bloco relacionar-se às questões éticas e morais presentes na sociedade, ele está na média de tempo em relação aos demais.

Além disso, como se pode observar, a história de Perelá acontece em um período de tempo relativamente curto, ao levar em consideração a densidade dos eventos

ocorridos, uma vez que o protagonista passa de herói amado a um ser odiado em uma semana:

- 1) **Chegada de Perelá:** Perelá nasce, chega à cidade onde é idealizado, exaltado, recebe honra e atenção e a ele é conferida uma missão importante para o reino;
- 2) **Tarefas de Perelá:** Cumpre rigorosamente as ordens a ele tecidas – recebe em sua presença as pessoas mais importantes da cidade e os expoentes da cultura oficial; participa do chá de honra oferecido pelas nobres mulheres da corte; do encontro particular com a Rainha; do cortejo pela cidade; do grande baile com a participação do Rei e da peregrinação pelas principais instituições do reino;
- 3) **Condenação de Perelá:** Passa a ser considerado perigoso para o reino e, por isso, é injuriado, detido, processado e condenado à prisão perpétua em uma pequena cela no alto de um monte;
- 4) **Partida de Perelá:** Foge de sua prisão como uma nuvem de fumaça.

No item quatro do **Manifesto Futurista** lê-se a seguinte passagem: “4- Noi affermiamo che la magnificenza del mondo si è arricchita di una bellezza nuova: la bellezza della velocità”¹¹¹, ou seja, a velocidade trouxe engrandecimento para o mundo, enriquecendo-o com uma nova beleza. Para os futuristas, conforme afirmado no Manifesto técnico da Literatura futurista, essa velocidade pode ser adquirida em textos poéticos e literários por meio do lirismo essencial e sintético, da imaginação sem encadeamento lógico e das “palavras em liberdade”. A liberdade absoluta das imagens, expressas com palavras sem fios condutores sintáticos e sem pontuação, o uso de onomatopeias, de laconismos, de palavras essenciais e a justaposição de estilos, conferem uma nova estruturação e movimento àquilo que é representado e garantem um ritmo rápido e fluido ao texto.

Pelo fato de a narrativa do Código de Perelá ser realizada predominantemente por intermédio de breves diálogos de várias vozes, com ritmos rápidos e dissonantes, o romance possui um caráter teatral. Essa teatralização faz com que a história se desenvolva de maneira unidimensional e unidirecional, no período de sete dias, tendo

¹¹¹ Nós afirmamos que a magnificência do mundo se enriqueceu de uma beleza nova: a beleza da velocidade.

por essência, assim, a síntese intuitiva e, conseqüentemente, a velocidade inconsciente da “linha reta” preconizada pelos futuristas em “A religião da velocidade”.

Ainda que os personagens e Perelá recorram, por vezes, ao uso de “flashbacks” (exemplo 1), e que a partir do capítulo “Visita à irmã Marianinha Fonte. Irmã Pomba Mezzertino” surja um narrador que narra para o leitor alguns acontecimentos e empresta sua voz ao protagonista (exemplo 2), o ritmo da história não é prejudicado, pois esses mecanismos aparecem “na forma” ou “como fossem” diálogos.

Exemplo 1:

- Ma dunque spiegateci, spiegateci, per amor del cielo, che cosa dobbiamo raccontare al Re?
- Dove io restai fino a stamane, non era già il seno di una qualunque madre, era la sommità di un camino.
- (...)
- Un camino?
- Povero diavolo!
- Ardevano sotto a me costantemente alcuni tronchi, un perenne, mite fuocherello, ed una spira di fumo che saliva su per il camino dove io era. Non ricordo quando in me nacque la ragione, ma io incominciai ad esistere, e gradatamente conobbi il mio essere, udii, capii, sentii. (...) Sotto a me erano tre vecchie che alternativamente leggevano, alternativamente parlavano. Appresi così quello che gli altri uomini apprendono dai loro insegnanti. Pena, Rete, Lama non tralasciarono di prepararmi a nessuna utile cognizioni. Io imparai di guerra, d'amore, di filosofia...
- Anche di filosofia?
- Sì... una filosofia leggera... leggera...¹¹² (Palazzeschi, 2004, pp. 146-147)

¹¹² - Mas então, nos explique, nos explique, pelo amor de Deus, o que devemos contar para o Rei?/ - Onde eu fiquei até esta manhã, não era só o ventre de uma mãe qualquer, era o topo de uma chaminé./ - (...) / - Uma chaminé?/ - Pobre diabo!/ - Abaixo de mim ardiam constantemente alguns troncos, um perene, brando fogueiro, e uma espira de fumaça que ia subindo pela chaminé onde eu estava. Não me lembro quando nasceu em mim a razão, mas eu comecei a existir, e conheci gradualmente o meu ser, ouvi, compreendi, senti. (...) / Abaixo de mim havia três velhas que liam alternadamente, alternadamente falavam. Aprendi, assim, aquilo que os outros homens aprendem com os seus professores. Pena, Rede, Lâmina não deixaram de me preparar sobre nenhum conhecimento útil./ Eu aprendi sobre guerra, sobre amor, sobre filosofia.../ - Também sobre filosofia?/ - Também..., uma filosofia leve... leve...

Exemplo 2:

Intanto Perelá dal momento della scena nel sotterraneo non era più uscito dal suo appartamento. Nessuno si era recato a chiamarlo, nessuno a chiedergli spiegazioni... nulla. “Perché?” Fu convocato il consiglio d’urgenza, la seduta ebbe luogo senza che nessuno si fosse fatto vivo ad avvertirlo, come si era fatto tutte le altre volte, ad invitarlo a parteciparvi. “Perché?” Egli passò la notte pensando a tutte queste faccende, ricordandosi una ad una le facce dei presenti nel sotterraneo al momento del suo arrivo. Quelle facce erano molto cambiate verso di lui, quei gentiluomini lo avevano guardato in una tal maniera che a lui giunse completamente nuova. “Perché?”¹¹³ (Palazzeschi, 2004, pp. 297- 298)

A energia de todos os personagens, conferida pelo caráter teatral do texto e multiplicada pela rapidez da narrativa que domina o tempo e o espaço, faz com que o livro *Il Codice di Perelá* seja dinâmico, adquira a dimensão do movimento e, portanto, da velocidade ao longo do desenvolvimento de sua história.

Palazzeschi escreve, assim, “o primeiro romance sintético, sem relações nem pontos explicativos”, como afirma Marinetti em seu escrito “O poeta futurista Aldo Palazzeschi”:

Spirito rivoluzionario e assolutamente futurista in tutte le sue opere, Palazzeschi diede, nel suo *Codice di Perelá*, il primo romanzo sintetico, senza legami né ponti esplicativi, senza quei capitoli grigi pieni di belle zeppe necessarie, nelle quali Flaubert si rammaricava di aver sciupato tanto ingegno.¹¹⁴ (MARINETTI, 2005, p. 64, grifo nosso).

O predomínio da síntese, do dinamismo, da compenetração e da velocidade, expressas com palavras essenciais e “em liberdade”, o uso de onomatopeias, da

¹¹³ No entanto Perelá desde o momento da cena no subterrâneo não tinha saído de seu quarto. Ninguém foi chamá-lo, ninguém para pedir-lhe explicações... nada. “Por quê?” O conselho foi convocado com urgência, a sessão realizou-se sem que ninguém aparecesse para adverti-lo, como se tinha feito todas as outras vezes, para convidá-lo para participar dela. “Por quê?” Ele passou a madrugada pensando em todos aqueles acontecimentos, recordando-se um a um os rostos dos presentes no subterrâneo no momento de sua chegada. Aqueles rostos tinham mudado muito para ele, aqueles cavalheiros tinham olhado-o de tal maneira que para ele foi inteiramente surpreendente. “Por quê?”.

¹¹⁴ Espírito revolucionário e absolutamente futurista em todas as suas obras, Palazzeschi deu, em seu *Codice di Perelá*, o primeiro romance sintético, sem ligações nem pontos explicativos, sem aqueles capítulos cinza cheios de cunhas, nas quais Flaubert se lamentava em ter desperdiçado tanto talento.

concisão, da justaposição de estilos, todos esses elementos em conformidade e equilíbrio entre si na obra, imprimem originalidade à estrutura do romance.

III AS EDIÇÕES DE 1911 E DE 1958 DO ROMANCE *IL CODICE DI PERELÀ*

Ho riscritto *Perelà* da cima a fondo, parola per parola, senza che ci sia un rigo cambiato. In modo da renderlo di attualità pure essendo centenario. Non ho cambiato nulla, ma da un libro scritto male è risultato un libro quasi scritto bene, senza aver perduto la primitiva freschezza.¹¹⁵ (Palazzeschi, 7 novembre 1953)

A primeira edição do livro *Il Codice di Perelà* foi publicada em 1911: *Il Codice di Perelà, Romanzo Futurista*. Milano: Edizioni Futuriste di “Poesia”, 1911, pp. 1-277. Novas edições, com variantes, foram publicadas posteriormente: a segunda, *Il Codice di Perelà*. Firenze: Vallecchi Editore, 1920, pp. 1-282; a terceira, “Il Codice di Perelà”. In: *Romanzi Straordinari 1907-1914*. Firenze: Vallecchi Editore, 1943, terza edizione definitiva, pp. 175 -462; a quarta, *Perelà Uomo di Fumo*, nuova edizione. Firenze: Vallecchi Editore, 1954; e a última, “Il Codice di Perelà”. In: *Opere Giovanili*. Milano: Arnoldo Mondadori Editore, 1958, pp. 437-705.

Para elaborar esse estudo foi selecionado o primeiro capítulo – “L’Utero Nero” – do romance, considerando que ele fornece uma amostragem exata para os comentários a seguir, justamente por conter a maioria das modificações efetuadas por Palazzeschi, ao longo do romance, em suas revisões, sendo, portanto, suficiente para cumprir o objetivo aqui proposto. A escolha do capítulo “L’Utero Nero” é justificada por ele mesmo, uma vez que se inicia com a “aparição” de Perelà; possui diálogos entre os habitantes do reino e Perelà, e dos habitantes entre si (tom coloquial); diálogos entre Perelà e as

¹¹⁵ Reescrevi *Perelà* de cima a baixo, palavra por palavra, sem que haja uma linha alterada. A fim de torná-lo atual mesmo sendo centenário. Não mudei nada, mas de um livro mal escrito resultou um livro quase bem escrito, sem ter perdido o frescor primitivo. (Palazzeschi, 7 de novembro de 1953).

persoas mais importantes da cidade, os expoentes da cultura oficial e os nobres da corte (tom formal); por incluir monólogos e manifestações públicas, enfim, é o capítulo mais completo em relação às diversidades semânticas e estilísticas presentes no livro.

Além disso, utilizamos o estudo de Ignazio Baldelli¹¹⁶ como base para o levantamento das variantes efetuadas nas edições, pelo fato de ser um texto fundamental em relação ao trabalho de revisão realizado por Palazzeschi. Nas tabelas a seguir, apontaremos as principais diferenças levantadas por Baldelli entre a primeira publicação (1911) e a penúltima (1954), também presentes na de 1958, às quais acrescentamos outras diferenças relevantes, levantadas no primeiro capítulo, para o estudo da evolução do romance. No intuito de facilitar a leitura do cotejo e dos comentários, a edição de 1911 está apontada como (I), e a de 1958 como (II).

Tabela 1 – Primeira pessoa do singular do pretérito imperfeito, na qual a forma em “-a” se alterna com a forma em “-o” em (I), enquanto em (II) aparece somente a forma em “-o”:

1911 (I)	1958 (II)
“L’avevo detto!” (p. 139)	“Ecco! Te l’avevo detto.” (p.969)
“(…) ed io li vedevo carpire (…)” (p. 142)	“(…) li vedevo carpire (…)” (p.972)
“Io vedevo dei campi (…)” (p. 142)	“E vedevo dei campi (…)” (p.972)
“E io vedevo due creature (…)” (p. 144)	“E vedevo due creature (…)” (p.974)
“(…), sentii che io ero una vita.” (p. 147)	
“(…) e le vedevo salire (…)” (p. 144)	
“Io era ormai un uomo.” (p. 147)	“(…) : ero un uomo.” (p.977)
	“Ma non sapevo come (…) che credevo tutti uguali a me.” (p.977)
“(…) Io mi agitava , mi attorceva in uno spasimo terribile, (…), e mi svoltolavo da ogni parte (…)” (p. 152)	“(…) Mi agitavo e mi torcevo in uno spasimo di febbre, (…), e seguitavo a torcermi (…)” (p.984)
“Dove io avevo posato i piedi (…)” (p.152)	“Accanto, dove avevo posato il piede (…)” (p.984)
“(…) Io che mi sentiva così estraneo alla terra (…)” (p. 152)	“(…) Mi sentivo così estraneo al suolo su cui poggiavo incerto (…)” (p.984)
	“(…) mi tenevo attaccato (…)” (p.984)
	“(…) credevo (…), ero giunto (…)” (p. 984)
“Io sapevo tutto senza (…)” (p. 152)	“Come il cieco sapevo tutto (…)” (p.985)
“Io dovevo ora vedere” (p. 152)	“Io dovevo vedere” (p. 985)
“(…) io passeggiava allora (…)” (p. 157)	“(…) passeggiavo com (…)” (p. 991)

¹¹⁶ BALDELLI, I. *Varianti di Prosatori Contemporanei (Palazzeschi, Cecchi, Bassani, Cassola, Testori)*. Firenze: Felice Le Monnier, 1970.

A terminação verbal em “-o” é predominante em ambas as edições. No entanto, a forma em “-a”, claramente arcaica, é utilizada em (I) para marcar o discurso em um ambiente passado, como afirma Baldelli:

Bruno Migliorini (...) notava che i non toscani tra la fine del ‘700 e il principio dell’800, usano tutti –a e che il trionfo di –o si deve alla seconda edizione dei *Promessi Sposi*. Per tutto l’800 ancora si oscilla, ma –a assume sempre più chiaramente un sapore arcaico. Il Migliorini indicava un esempio appunto delle *Stampe dell’800* (1932) “a evocare ambienti del passato”.¹¹⁷ (BALDELLI, 1970, p. 2)

Como a utilização das duas terminações ainda oscilava na virada do século XVII para o XVIII, o leitor daquela época percebia a maior distância temporal provocada pela forma em “-a” se comparada com a terminação em “-o” em um mesmo texto.

Tabela 2 – O particípio passado “veduto” pouco se alterna com a forma “visto” em (I), enquanto em (II) acontece o contrário: a forma “visto” pouco se alterna com “veduto”:

1911 (I)	1958 (II)
“Non vi ànno mai veduto in città?” (p. 137)	“Non vi hanno mai veduto in città?” (p.967)
“Ài veduto come (...)?” (p. 138)	“Hai visto come (...)” (p. 968)
“(...) di averlo veduto scomparire.” (p. 138)	
“No no, l’ò veduto prima (...)”(p. 138)	“No, no, l’ho visto prima (...)” (p. 968)
“Io gli ò veduto benissimo (...)” (p. 138)	“Gli ho visto benissimo (...)” (p. 968)
“Ài veduto che strano colore?” (p. 140)	“Non ho mai visto due (...)” (p. 970)
“(…), à visto passare (...)” (p. 140)	“Hai veduto che colore strano?” (p.970)
“(…) l’ò visto bene da vicino!” (p. 141)	“(…), ha visto passare (...)” (p. 971)
“(…) si sia mai veduto sotto (...)” (p. 145)	“(…) si sia visto sotto (...)” (p. 974)
“(…) l’uomo lo abbiamo visto , (...)” (p.150)	“(…) l’uomo l’abbiamo visto (...)” (p. 982)
“(…) di averlo veduto passare, (...)” (p.153)	“(…) d’averlo visto passare (...)” (p. 985)
“(…) non avete mai veduto (...)” (p. 161)	“(…) non avete mai veduto (...)” (p. 997)
“Io ò veduto qui (...) (p. 161)	
“(…), e quando poi vi ò visto (...)” (p. 161)	

¹¹⁷ “Bruno Migliorini (...) notava que os não toscanos entre o fim do século XVI e o início do século XVII, todos usam –a e que o triunfo de –o se deve à segunda edição dos *Promessi Sposi*. Por todo o século XVII ainda oscilam, mas –a sempre assume mais claramente um sabor arcaico. O Migliorini indicava um exemplo justamente das *Stampe dell’Ottocento* (1932) ‘a evocar ambientes do passado’”.

O particípio passado “veduto”, que era utilizado na língua falada, aparece quase exclusivamente em (I); em (II) se passa para a forma “visto”, conferindo ao texto uma aproximação da forma escrita.

Tabela 3 – Eliminação do “punto” negativo:

1911 (I)	1958 (II)
“(…) non àno punto esagerato (…)” (p. 144)	“(…) non hanno esagerato (…)” (p.974)
“Non à punto aria (…)” (p. 145)	“Non ha aria (…)” (p. 975)

O “punto” negativo, característico da região Toscana e que atualmente está em desuso, era utilizado normalmente como intensificador do pronome negativo, como, por exemplo, “non ho mangiato punto” (não comi nada), ou seja, a negação “non ho mangiato” é intensificada pelo “punto”; e em uma série de expressões, em frases negativas, com significado de “nada”, como, por exemplo, “un cavolo!” (de jeito nenhum!, “nem a pau! ou uma ova!) e “un tubo” (“non ho capito un tubo!” – não entendi nada!), em suma, tinha um aspecto enfático-pleonástico. Com sua exclusão, há um distanciamento da forma arcaica coloquial utilizada em Florença que, segundo Baldelli, é “(…) all’unico fine di una lingua più comune, più media.”¹¹⁸ (BALDELLI, 1970, p. 5).

Tabela 4 – O verbo “domandare” aparece, algumas vezes, em (I) na forma “dimandare”, enquanto em (II) aparece somente como “domandare”:

1911 (I)	1958 (II)
“ Dimandiamogli di che cos’è.” (p. 139)	“Domandagli di che cos’è.” (p. 969)
“(…) non avrete che da dimandare .” (p. 150)	“(…) non avrete che domandare.” (p.982)

No mesmo intuito de alcançar uma língua mais comum, se dá a mudança do infinito da forma “dimandare” em (I) “domandare” em (II).

¹¹⁸ “(…) com único fim de uma língua mais comum, mais média”.

Tabela 5 – Inserção da letra “h” no verbo “avere”:

1911 (I)	1958 (II)
“Non vi à no mai veduto in città?” (p. 138)	“Non vi hanno mai veduto in città?” (p. 967)
“ À i veduto come (...)” (p. 138)	“ Hai visto come (...)” (p. 968)
“No no, l’ ò veduto prima (...)” (p. 138)	“No, no l’ ho visto prima (...)” (p. 968)
“(…) ài sbagliato (...)” (p. 138)	“(…) ti sei sbagliato (...)” (p. 968)
“Io gli ò veduto (...)” (p. 138)	“Gli ho visto (...)” (p. 968)
“Ma egli à ragione!” (p. 139)	“Ma ha ragione” (p. 969)
“(…), à ragione.” (p. 140)	“(…), ha ragione” (p. 970)
“ À i veduto che (...)” (p. 140)	“ Hai veduto che (...)” (p. 970)
“ Ò capito.” (p. 140)	“ Ho capito.” (p. 971)
“(…), à visto passare (...)” (p. 140)	“(…), ha visto passare (...)” (p. 971)
“(…) ài fatto pagare?” (p. 141)	“(…) hai fatto pagare (...)” (p. 971)
“(…) io ò sentito questo (...)” (p. 141)	“(…) ho udito questo (...)” (p. 971)
“(…) à no troncate (...)” (p. 143)	“(…) Hanno voluto troncicare (...)” (p. 973)
“(…) À una cappa (...)” (p. 143)	“(…) Ha la cappa (...)” (p. 973)
“L’ à rubate, l’ à rubate (...)” (p. 143)	“L’ ha rubate, l’ ha rubate (...)” (p. 974)
“(…) à in mano (...)” (p. 144)	“(…) ha nella mano (...)” (p. 974)
“(…) non à no punto exagerato (...)” (p. 144)	“(…) non hanno esagerato (...)” (p. 974)
“Sicuro à tre madri (...)” (p. 146)	“Sicuro, ha tre madri, (...)” (p. 976)
“Io ò conosciuto (...)” (p. 147)	“Io conoscevo (...)” (p. 978)
“(…)! Vi ci à no nascosto!” (p. 149)	“(…)... vi ci avranno nascosto.” (p. 980)
“L’ à detto, (...)” (p. 149)	“L’ ha detto, (...)” (p. 981)
“(…) à bisogno (...)” (p. 150)	“(…) ha sempre bisogno (...)” (p. 981)
“(…) gli à trovati (...)” (p. 151)	“(…) li ha trovati (...)” (p. 983)
“(…) gli à no fatto (...)” (p. 151)	“(…) le hanno fatto (...)” (p. 983)
“(…) à ordinato (...)” (p. 153)	“(…) ha ordinato (...)” (p. 985)
“(…) io ò udito (...). Io le ò fatto (...)” (p. 157)	“(…) ho udito (...). Le ho fatto (...)” (p. 991)
“Gli uomini à no bisogno (...)” (p. 159)	“L’uomo ha bisogno (...)” (p. 994)
“(…) gli à tutti fra la gola (...)” (p. 159)	“(…) li ha tutti per la gola (...)” (p. 994)
“(…) à no veramente creato (...)” (p. 159)	“(…) hanno creato (...)” (p. 994)

O verbo “avere” que na primeira, segunda e terceira pessoas do singular e na terceira pessoa do plural é conjugado com a letra “h” (ho, hai, ha e hanno), em (I) aparece conjugado sem o “h” (ò, ài, à e àno), grafias essas utilizadas em 1911, segundo um texto sobre a “H etimológica”, aos cuidados de *Marco Biffi*, publicado no site da “*Accademia della Crusca*”:

La questione della *h* etimologica affonda le sue radici lontano nel tempo: nell’italiano antico la sua presenza era di gran lunga maggiore rispetto all’uso moderno, in cui è limitato alle forme verbali *hanno, ha, ho, hai* (...). In

queste quattro forme la *h* è stata mantenuta perché consentiva di distinguerle dalle omofone (cioè “che hanno lo stesso suono, la stessa pronuncia”) *anno* (sostantivo), *a* (preposizione), *o* (congiunzione) e *ai* (preposizione articolata); (...). Nel 1911 il Congresso della “Società Ortografica Italiana” avanzò la proposta di indicare questa differenza con l’ausilio dell’accento sulle quattro voci verbali. (...). Attualmente le forme con la *h* sono senz’altro le più diffuse e quelle indicate come corrette dai grammatici e dai linguisti: nella *Grammatica* di Luca Serianni, (...), si precisa che le forme *à, ài, ànno* e *ò* “oggi appaiono grafie non certo erronee, ma di uso raro e di tono popolare.”¹¹⁹ (A cura di Marco Biffi).

Tabela 6 – Eliminação de “pronomes do sujeito”:

1911 (I)	1958 (II)
“(…) io vi saluto (…)” (p. 138)	“Vi saluto (…)”(p. 968)
“ Io gli ò veduto (…)” (p. 138)	“Gli ho visto (…)”(p. 968)
“Ma egli à ragione!” (p. 139)	“Ma ha ragione!” (p. 969)
“(…) voi potreste frodare (…)” (p. 140)	“(…) potreste frodare (…)”(p. 970)
“(…) Egli è pronto (…)” (p. 141)	“(…) È pronto (…)”(p. 971)
“Quante volte io ò sentito (…)” (p. 140)	“Quante volte ho udito (…)”(p. 971)
“(…) ed io li vedevo carpire (…)” (p. 142)	“(…) li vedevo carpire (…)”(p. 972)
“(…) cadono essi schiacciati (…)” (p. 142)	“(…) cadono schiacciati (…)”(p. 972)
“ Io vedevo dei campi (…)” (p. 142)	“E vedevo dei campi (…)”(p. 972)
“(…) volte io sentii (…)” (p. 144)	“(…) volte ho sentito (…)”(p. 974)
“ Io ricordo Pena, (…)” (p. 144)	“Ricordo Pena (…)”(p. 974)
“quando essi ancora (…)” (p. 144)	“(…) quando ancora (…)”(p. 974)
“E io vedevo due creature (…)” (p. 144)	“E vedevo due creature (…)” (p. 974)
“ Io vedo ora (…)” (p. 144)	“Vedo ora (…)”(p. 974)
“(…) voi siete davvero (…)” (p. 144)	“(…) siete veramente (…)”(p. 974)
“(…) all’alba io scesi alla luce.” (p. 145)	“(…) all’alba scesi alla luce.” (p. 975)
“(…) voi dovrete sarbare (…)” (p. 145)	“(…) dovrete serbare (…)” (p. 975)
“Tutto io rammento (…)” (p. 145)	“(…) tutto rammento (…)”(p. 975)
“Quando io scesi esse (….) ed io scesi appunto (…)” (p. 146)	“Quando scesi elleno (…). E scesi appunto (…)”(p. 976)
“(…) ma io incominciai ad (…)” (p. 147)	“(…) incomincia ad (…)”(p. 977)

¹¹⁹ A questão da *h* etimológica afunda suas raízes no tempo: no italiano antigo a sua presença era muito maior em relação ao uso moderno, no qual é limitado às formas verbais *hanno, ha, ho, hai* (...). Nestas quatro formas a *h* foi mantida, porque permitia distingui-las das homófonas (isto é “que têm o mesmo som, a mesma pronúncia”) *anno* (substantivo), *a* (preposição), *o* (conjunção) e *ai* (preposição articulada); (...). Em 1911, o Congresso da “Sociedade Ortográfica Italiana” seguiu com a proposta de indicar esta diferença com o auxílio do acento sobre as quatro vozes verbais. (...) Atualmente as formas com a *h* são, sem dúvida, as mais difundidas e aquelas indicadas como corretas pelos gramáticos e pelos linguistas: na Gramática de Luca Serianni, (...), se ressalta que as formas *à, ài, ànno* e *ò* “hoje aparecem como grafias não exatamente errôneas, mas de uso raro e de tom popular”. (Aos cuidados de Marco Biffi).

“(...) sentii che io ero (...)” (p. 147)	“(...) compresi che (...)” (p. 977)
“ Io era ormai un uomo.” (p. 147)	“(...) ero un uomo (...)” (p. 977)
“ Io imparai di (...)” (p. 147)	“Imparai d’amore (...)” (p. 978)
“ Io non riuscii (...)” (p. 148)	“Non riuscii mai (...)” (p. 979)
“(...) io mi sono (...)” (p. 148)	“(...) mi sono (...)” (p. 979)
“(...) io le ò chiamate.” (p. 148)	“... le ho chiamate” (p. 979)
“(...) cosa pensate di voi ?” (p. 148)	“(...) cosa ne pensate?” (p. 979)
“(...) io sarei giorno (...)” (p. 149)	“(...) sarei giorno (...)” (p. 980)
“(...) quello che voi volete (...)” (p. 150)	“(...) quello che volete (...)” (p. 981)
“(...) io sentii spegnersi (...)” (p. 151)	“(...) sentii spegnersi (...)” (p. 983)
“ Io mi agitava (...)” (p. 152)	“Mi agitavo (...)” (p. 984)
“Dove io avevo posato (...)” (p. 152)	“(...) dove avevo posato” (p. 984)
“ Io che mi sentiva (...)” (p. 152)	“Mi sentivo (...)” (p. 984)
“ Io sapevo tutto (...)” (p. 152)	“(...) sapevo tutto (...)” (p. 985)
“(...) che voi mi prodigate (...)” (p. 153)	“(...) che mi prodigate (...)” (p. 986)
“(...) che voi risponderete (...)” (p. 153)	“(...) che risponderete (...)” (p. 986)
“ Io aspirerei ad essere (...)” (p. 154)	“(...) aspiro ad essere (...)” (p. 986)
“ Io vi prego (...)” (p. 155)	“Vi scongiuro di (...)” (p. 988)
“ Io ò altresì inteso (...)” (p. 156)	“ho udito altresì (...)” (p. 989)
“(...) dunque io vengo (...)” (p. 156)	“(...) vengo perciò (...)” (p. 989)
“Come posso io (...)” (p. 156)	“E come posso (...)” (p. 990)
“(...) che se voi riuscirete (...)” (p. 156)	“(...) che se riuscirete (...)” (p. 990)
“Quando io ò udito (...)” (p. 157)	“Quando ho udito (...)” (p. 991)
“(...) io passeggiava allora (...)” (p. 157)	“(...) passeggiavo con (...)” (p. 991)
“ Io le ò fatto (...)” (p. 157)	“Le ho fatto (...)” (p. 991)
“ Io comporrò per voi (...)” (p. 158)	“Comporrò in vostro (...)” (p. 992)
“(...) noi siamo due (...)” (p. 158)	“(...) non siamo in fondo (...)” (p. 992)
“ Io sono il medico (...)” (p. 158)	“Sono il medico (...)” (p. 995)
“Benone, voi fate una cosa (...)” (p. 159)	“E allora fatene un’altra (...)” (p. 994)
“(...) dove essi strofinano (...)” (p. 159)	“(...) trascinando senza (...)” (p. 994)
“(...) dopo un poco voi non (...)” (p. 160)	“(...) in poco non la (...)” (p. 995)
“(...) io sono certo (...) in fondo voi non siete” (p. 160)	“(...) sono arcisicuro (...) in fondo non siete (...)” (p. 996)

Os pronomes pessoais em italiano normalmente são omitidos. São usados somente quando há a intenção de ressaltar a pessoa que fala, com quem se fala ou de quem se fala. Em (I) os pronomes são utilizados, pois, de acordo com Baldelli, nas primeiras edições há indícios de uma influência das traduções do francês, que estavam muito em voga antes da Primeira Guerra Mundial.

Tabela 7 – Eliminação de possessivos pleonásticos:

1911 (I)	1958 (II)
“ Le loro bocche sembravano (...)” (p. 142)	“E le bocche sembravano (...)” (p. 972)
“(...); le loro voci si facevano (...)” (p. 144)	“ Le voci si facevano (...)” (p. 974)
“(...) giungevo colla mia testa (...)” (p. 148)	“(...) giungevo con la testa (...)” (p. 979)
“(...) avevano il loro segreto (...)” (p. 149)	“(...) dovevano avere un segreto (...)” (p. 980)
“(...) finite il vostro racconto (...)” (p.151)	“(...) finiteci il racconto (...)” (p. 983)
“(...) persero la loro mobilità (...)” (p. 151)	“(...) perdettero a grado a grado l’ immobilità (...)” (p. 984)
“(...) le mie gambe in quelli (...)” (p. 152)	“(...) le gambe dentro (...)” (p. 984)
“(...) le sue labbra sono (...)” (p. 154)	“(...) le labbra sono (...)”
“(...) il suo significato (...)” (p. 157)	“(...) il vero significato (...)” (p. 991)
“(...) la vostra lingua?” (p. 158)	“(...) La lingua?...” (p. 996)

O uso dos possessivos pleonásticos confere maior vigor ao que está sendo expresso em (I). Porém, com sua eliminação em (II) o texto torna-se mais fluido, uma vez que as redundâncias fazem com que o discurso seja demasiado e supérfluo ao mesmo tempo.

Tabela 8 – Piadas e jogos linguísticos:

1911 (I)	1958 (II)
“Color della nebbia caro mio.” (p. 140)	“Colore della nebbia, caro mio, <u>segno che vuole cambiare il tempo.</u> ” (p. 970)
“Quanto gli ài fatto pagare?” (p. 141)	“E quanto gli ha fatto pagare per il dazio? <u>Non è contemplato nelle nostre tariffe.</u> ” (p. 971)
“(...) che uomo buffo.” (p. 143)	“(...) che <u>coso</u> buffo.” (p. 973)
“Ma sicuro, ma sicuro, cosa c’è da farla tanto lunga, nel seno materno non si può vedere che nero. Che cosa si deve vedere?” (p. 146)	“Ma sicuro, sicuro, cosa c’è da farla tanto lunga, nel seno materno non si può vedere che nero. <u>Tu che cosa vedevi, turchino?</u> ” (p. 976)
- “Sarà stato un loro amante, di quelle tre vecchie, e loro per lavarło dal peccato...”	- “Sarà stato un loro amante, di quelle tre vecchie, e loro per lavarło dal peccato...”
- Ma che amante d’Egitto” (p. 149)	- <u>Da giovani dovevano essere delle poco di buono.</u>
	- <u>Delle cialtrone.</u>
	- <u>Qualche pasticcio ci dev’essere sotto.</u>
	- <u>Quelle vecchiette avevano il</u>

	<p>ganzo.</p> <p>- <u>Ma che ganzo d'Egitto!</u>” (p. 980-981)</p>
“(…) Cosa se ne facevano tre vecchie di un paio di stivali?” (p. 151)	<p>- “(…) Che cosa se ne facevano tre vecchie di un paio di stivali?</p> <p>- <u>È olandese senza dubbio.</u></p> <p>- <u>Neanche per sogno, è un baronetto della corte d’Inghilterra.</u></p> <p>- <u>Ancora non vi siete accorti che è papalino.</u></p> <p>- Per me è un turco.” (p. 983)</p>
“(…) Ecco, venite, potete farvi avanti, scuoprite.” (p. 154)	“(…) Venite pure avanti... fermatevi: <u>stop.</u> Scoprite.” (p. 987)
<ul style="list-style-type: none"> - “No! - Ma vi pare? Prego. - Ecco. Grazie. - Grazie. - Riverisco. - Signor Perelà. - Obbligatissimo. - Obbligatissimo” (p. 156-157) 	<ul style="list-style-type: none"> - “No. - <u>Non vuol dire, scusate, lasciate pure, scusate tanto.</u> - <u>Non c’è di che.</u> - <u>Prego.</u> - Ecco. - Grazie. - <u>Ossequi.</u> - Riverisco. - <u>Molto obbligato.</u> - <u>Eccellentissimo.</u> - <u>Illustrissimo.</u> - Obbligatissimo. - <u>Blgtssm...</u>” (p. 989)
“Volete farmi sentire il vostro polso? Benissimo, ottimamente, volete tirar fuori la vostra lingua? Buona buona.” (p. 158)	“Il vostro polso?... Buono... <u>normale.</u> La lingua?... Ottima. <u>Il colorito eccellente.</u> ” (p. 996)

Na mesma linha, em busca de maior comicidade, em (II) há uma grande manifestação de humorismo, mostrando, com isso, maior tendência para empregar frequentemente a ironia.

Tabela 9 – Expressões mais populares:

1911 (I)	1958 (II)
“ <u>Imbecille!</u> ” (p. 138)	“ <u>Salame!</u> ” (p.968)
“(…) asino <u>alla moda!</u> ” (p. 139)	“(…) asino <u>di ultimo modello.</u> ” (p. 969)
“ <u>Bel discorso,</u> (...)” (p. 139)	“ <u>Buona anche questa.</u> ” (p. 969)
“(…) allora <u>le ciarle sono inutili.</u> ” (p. 139)	“E allora saprete che <u>con noi sono pericolose le facezie.</u> ” (p. 969)
“(…) <u>Galantuomo</u> non fate da sordo! (...)” (p. 140)	“(…) <u>Compare,</u> non fate il sordo. (...)” (p. 970)

“(…) che pagano il dazio . (…)” (p. 140)	“(…) che pagano quando si arriva alla gabella . (…)” (p. 970)
“ Che tipo strano! ” (p. 141)	“ Che sagoma .” (p. 971)
“(…) Bel tipo! ” (p. 143)	“(…) Ci vuole una bella faccia tosta .” (p. 973)
“(…) ci canzona .” (p. 143)	“(…) ci piglia in giro .” (p. 973)
“(…) cosa c’è da stupirsi?” (p. 145)	“(…) non hai ancora capito, testa di legno? ” (p. 975)
“(…), cosa vuol dire Gola? Si può chiamare lui Perelà” (p. 146)	- “Io conoscevo un uomo che si chiamava <i>Pagnotta</i> . - Bella novità .” (p. 978)
“(…) uteri mi sembra , (…)” (p. 148)	“(…) uteri, mi pare , (…)” (p. 980)
“Ma che amante d’Egitto!” (p. 149)	“Ma che ganzo d’Egitto” (p. 981)
“(…) trentatré di penitenza.” (p. 150)	- “(…) trentatré di penitenza, è sempre stato così da che mondo è mondo . - Allora ne ha sessantasei. - Vuoi finirla, mondo ladro .” (p. 982)
	(…) Ohibò! Se mi ci attacco io addio Gesù (…)” (p. 992)

São utilizadas expressões mais vivas, da expressão popular oral, causando efeitos fônicos, imagens mais ousadas e, conseqüentemente, um maior efeito humorístico.

Tabela 10 – Palavras substituídas por outras de grau superior:

1911 (I)	1958 (II)
“(…) gli uomini andassero nudi (…)” (p. 141)	“(…) gli uomini corressero nudi (…)” (p. 971)
“(…) due cofani di corallo pieni di perle!” (p. 142)	“(…) cofani di corallo ricolmi di perle.” (p. 973)
“(…) l’uomo più singolare che si sia mai veduto (…)” (p. 144/145)	“(…) l’uomo più straordinario che si sia visto (…)” (p. 974)
“Sì... una filosofia leggera... leggera ...” (p. 147)	“Sì, una filosofia leggera, leggerissima , (…)” (p. 978)
“(…) Certo certo , non può essere altrimenti (…)” (p. 151)	“Certo, certissimo , non può essere che così (…)” (p. 982)
“(…) La porta era aperta (…)” (p. 152)	“(…) La porta era spalancata (…)” (p. 984)
“Il popolo fa ressa alla porta!” (p. 153)	- “La gente fa ressa davanti al cancello. - Una folla enorme .” (p. 985)
“(…) ce ne vorrebbero dieci di uomini di fumo per contentare tutta questa gente!” (p. 153)	“Ce ne vorrebbero cinquanta di uomini di fumo per contentare tanta gente .” (p. 985)
“(…) un uomo come voi è da me	“(…) un uomo come voi, è da me

altamente considerato.” (p. 153) “(…) à sporto la sua dichiarazione d’amore ” (p. 154) “(…) sarebbe stato utile per il cinematografo (…)” (p. 155) “Il nome che pronunziato dal volgo (…)” (p. 157) “Io comporrò per voi un’ode che (…)” (p. 158) “(…) stanno benissimo .” (p. 158) “(…) la vostra lingua? Buona buona .” (p. 158) “(…) sicuro Perelà.” (p. 160) “Anima è spirito .” (p. 161) “Gli altri tombano giù, nell’inferno .” (p. 161) “Perché pesano di più .” (p. 161) “(…) Sua Maestà Il Re nomina Il signor Perelà terzo membro nella gravosa compilazione del nuovo Codice del nostro Paese.” (p. 162)	altissimamente considerato.” (p. 986) “(…) per sporgere la sua dichiarazione di folle amore ” (p. 987) “(…) Sarebbe stato così bello per il cinematografo: utilissimo .” (p. 989) “Il nome che sulle volgarissime labbra della plebe (…)” (p. 991) “Comporrò in vostro onore un inno di tredicimilla versi endecassilibi e un settenario sdrucchiolo (…)” (p. 992) “Stanno magnificamente .” (p. 992) “(La lingua?... Ottima . Il colorito eccellente .” (p. 996) “(…) ottimamente : Perelà” (p. 996) “L’anima è puro spirito .” (p.997) “Gli altri piombano nel profondo dell’inferno stramaledetto .” (p. 997) “Perché pesano troppo .” (p. 997) “(…) Sua Maestà Il Re nomina Il Signor Perelà terzo membro nella gravosa, ponderosa, e ormai troppo attesa compilazione del nuovo Codice del nostro paese.” (p. 998)
--	--

Muitas palavras são substituídas por sinônimos de grau superior o que, além de conferir formas mais literárias, mostram uma intensificação daquilo que é expresso no discurso.

Tabela 11 – Uma série de substantivos é escrita em minúscula em (I), ao passo que em (II) aparecem com letra maiúscula:

1911 (I)	1958 (II)
“(…) Il grande c erimoriere della c orte (…)” (p. 144)	“(…) il grande C erimoriere della C orte (…)” (p. 974)
“(…) e di tutta la c orte, io vi saluto ospite della r eggia” (p. 144)	“(…) e di tutta la C orte io vi saluto ospite della R eggia.” (p. 974)
“(…) p rincipe reale.” (p.153)	“(…) P rincipe del sangue.” (p.985)
“(…) nomina Il s ignor Perelà (…)” (p. 162)	“(…) nomina Il S ignor Perelà (…)” (p. 998)

Observa-se que em (I) tudo que se refere ao Estado e às suas instituições está grafado em letras minúsculas; somente as palavras “Rei”, “Rainha” ou alguma que é pronunciada por personagens pertencentes à corte estão grafadas com maiúscula, em (II), no entanto, estão sempre em letras maiúsculas. Pelo fato da primeira edição ter sido escrita em 1911, época na qual Palazzeschi pertencia ao movimento futurista, tal

escolha deu-se, principalmente, na tentativa de diminuir o poder do Estado, uma vez que os futuristas pregavam as revoluções nas capitais modernas.

Tabela 12 – Palavras destacadas em itálico:

1911 (I)	1958 (II)
“Pena! Rete! Lama! Pena! Rete! Lama! Pe... Re... La...”	“ <i>Pena! Rete! Lama! Pena! Rete! Lama! Pe... Re... La...</i> ” “(…) <i>fumo unica speme.</i> ” (p. 991)
“Pe... re... là...” (p. 157)	“ <i>Pe... re... là... (…)</i> <i>Po...e...si...a...</i> ” (p. 991)
“ <i>Ballate Malate</i> ”. (p. 158)	“ <i>Ballate... malate</i> ”. (p. 992)

O itálico, bastante utilizado em (II), destaca, principalmente, as palavras que possuem um tom irônico, as frases em francês que sempre carregam um tom espirituoso e as siglas ou abreviações. No primeiro exemplo da tabela – “*Pena! Rete! Lama! Pena! Rete! Lama! Pe... Re... La...*” –, os nomes das mães de Perelà seguidos de suas abreviações, quando ditos pelo próprio personagem, estão sempre em itálico, provavelmente para mostrar a importância dessas mulheres para ele.

Tabela 13 – Expressões em francês:

1911 (I)	1958 (II)
	“(…) <i>Monsieur de Perelà, j’espère bien tot de vous rencontrer dans le monde.</i> ” (p. 993)

O acréscimo de expressões em francês, geralmente como dito espirituoso, mostra, novamente, a influência da língua francesa que era muito notável no primeiro pós-guerra.

Tabela 14 – Inserção de substantivos, adjetivos e de algumas formas literárias:

1911 (I)	1958 (II)	
Pena! Rete! Lama! Pena! Rete! Lama! Pe... Re...La...	137	968
	<i>Pena! Rete! Lama! Pena! Rete! Lama! Pe... Re... La...</i>	

-(...) siete (...) forse?	- (...) sareste (...), per caso?
-No, signore, io (...).	- No. Io (...), un uomo per caso sarete voi.
-(...), (...) sì, (...), (...), (...).	- (...) (...), scusate, (...), (...), (...).
-(...) signore?	- (...)?
-(...)... io sono... molto leggero, io sono un uomo molto leggero; (...): (...) Pena, (...) Rete, (...) Lama, (...). Vorreste (...) quello (...) laggiù, (...), (...)?	- (...) leggero... un uomo leggero... tanto leggero... (...), lo so, (...) <i>Pena</i> , (...) <i>Rete</i> , (...) <i>Lama</i> , (...). Sapreste (...) ciò (...) (...) (...)?
-(...).	- (...).
-(...)... (...) forse (...)?	- (...) (...) dunque (...)?
-Quella (...). (...) situata nel mezzo, ed è circondata da mura, ed è guardata (...). (...) sempre (...). (...) Voi andate alla città signore?	- No, (...), e quelle sono le sue mura. (...) posta in mezzo d'un giardino, circondata di altissime cancellate e bene guardata (...). (...) spesso (...). (...) Ma voi siete diretto alla città, signore?
(...).	- (...).
-(...) Di (...)?	- (...) E di (...)?
-(...).	- (...).
-(...) ànno (...)?	- (...) hanno (...)?
-(...).	- (...).
-(...) (...), vedete (...) viene (...)? Sono (...),	- (...), (...) (...) avanza (...), sono (...),(...),(...) una (...) nei dinto-
(...), (...) la (...) nelle vicinanze, io vi (...),(...) (...), (...) qui (...), (...) nel caso, (...). Addio buon viaggio.	138 969 rni. Vi (...), (...), (...), (...) (...), se vi interrogano (...), sospettano con facilità, e (...). Buon viaggio, addio.
-Ài veduto (...)? (...).	- Hai visto (...)? (...).
-(...) (...) mi sembrava di averlo veduto (...).	- (...) gli (...) m'è parso di vederlo (...).
-Scomparire?	
-Sicuro, (...).	- È vero, (...).
-(...) (...) (...)!	- (...) mica (...),(...).
-(...) (...)?	- (...),(...).
-(...).	- (...).
-Lo (...), una (...) caro mio, in (...)!	- Per forza, lo (...). - Una (...), su (...).
-(...) (...), l'ò veduto (...), (...)! -Imbecille!	- (...),(...), l'ho visto (...), (...). - Salame! - Idiota.
-(...), (...), (...) di asino, ài (...).	- (...), (...), (...) d'asino, ti sei (...).
-Io gli ò veduto (...).	- Gli ho visto (...).
-Aveva degli (...).	- Porta gli (...).
-(...) però.	- (...).
-Fermiamoci (...).	- Fermatevi (...).
-(...)?	- (...)?
-(...) far che?	- (...) che fare?
-Per (...), almeno (...).	- Almeno per (...), (...), non si sa mai...
-Per niente io (...) di più.	- Io (...) per niente.

–(...).	– (...)?
–(...) cosa?	– (...)?
	139
–Dite voi.	– Quello che volete.
	970
–(...), (...) alla moda!	– (...), (...) di ultimo modello.
Pena! Rete! Lama! Pena! Rete! Lama! Pe... Re... La...	<i>Pena! Rete! Lama! Pena! Rete! Lama! Pe... Re... La...</i>
–(...)	– (...)
–Alla città.	– Là, in fondo.
–(...) sapete (...) razza di (...)?	– Bel discorso. (...) sapreste (...) (...)?
–(...)... (...)... (...).	– (...)... tanto... (...)... (...). Sì, un uomo.
–(...).	– (...).
–(...)?	– (...)?
–(...).	– (...).
–Bel discorso, ehi (...), (...)?	– Buona anche questa. Ehi, (...), (...)?
–(...).	– (...).
–(...),(...) le ciarle sono inutili.	– (...). E (...) saprete che con noi sono pericolose le facezie.
–Dimandiamogli (...).	– Domandagli (...).
–(...) (...).	– (...), (...).
–(...) (...)?	– (...),(...)?
–(...)... molto (...).	– (...) molto... tanto... tanto (...).
–Volevo (...): (...)?	– Intendevo (...): (...)?
–(...).	– (...).
L'avevo detto! Ecco! Ecco! (...). Un (...)! (...)!	– Ecco! Te l'avevo detto. (...), un (...). (...)! (...)!
–(...) (...), (...) anche (...).	– (...),(...), (...) (...).
–(...) egli à (...)! –Perché (...) poi? –(...) bene (...)?	– (...) ha (...). – In fin dei conti, perché (...)? – (...) (...)?
	– Non si vede bene?
–(...).	– (...).
–(...)...	– (...), ti ho detto.
	140
–(...), à (...).	– (...), ha (...).
–(...), ecco.	– (...).
–(...)!	– (...).
	– E come lustrano.
	– Non ho mai visto due stivali così.
	– Che splendore.
	– Uno specchio.
–(...)...	– (...), vi ho detto.
–(...), è (...).	– (...), quando (...).
–(...)!	– (...)!
–Lo vediamo tutti.	– Si vede troppo bene...
	– A colpo.

–(...)?	–(...)?
–(...).	–(...).
–Sì (...), (...).	– Andiamo, (...), (...).
–Può (...).	– Certo, può (...).
–(...)!	– (...).
–(...)!	– (...).
–(...)!	– (...)!
	– Ti vuoi chetare, giuraddio!
	– Fumo! Fumo! Fumo!
<i>Pena! Rete! Lama! Pena! Rete! Lama!</i> <i>Pe... Re... La...</i>	<i>Pena! Rete! Lama! Pena! Rete! Lama!</i> <i>Pe... Re... La...</i>
–(...) (...)?) Galantuomo (...) da (...)! C'avete niente? (...)?)	– (...), (...)?) Compare, (...) il (...) Ci avete nulla? (...).
–(...)... molto (...).	– (...)... tanto (...).
–Eh caro (...), (...) delle (...) molto leggere (...) il dazio. (...), voi potreste (...) benissimo il governo.	–Caro (...), (...) (...) leggerissime (...) quando si arriva alla gabella. (...) l'erario.
(...)! –Ài (...) strano colore?	– (...)! – Hai (...) colore strano?
–Color (...) (...).	– Colore (...), (...), segno che vuol cambiare il tempo.
–(...)!	– (...).
	971
–(...)?	– (...)?
–Ò (...).	– Ho (...).
–(...)?	– (...)?
–(...)!	– (...).
–Ah! ah! ah! ah! ah!	– Ah! Ah! Ah! Ah!
–(...)!	– (...).
–Venite a sentire, à (...).	– Sentite un po', ha (...).
–Sicuro.	– Senz' altro.
	141
–Ah! ah! ah! ah! ah!	– Ah! Ah! Ah! Ah!
–Pazzo!	
–Quanto (...) ài (...)?)	– E (...) gli hai (...) di dazio? Non è contemplato nelle nostre tariffe.
–(...).	– (...).
–Vi assicuro, (...) poteva (...) (...) à detto di essere molto(...), l'ò visto bene (...)!	– Ve lo posso assicurare, (...) può (...), (...) stesso ha dichiarato di sentirsi tanto (...), l'ho guardato(...).
–Ah! ah! ah! ah! ah!	– Ah! Ah! Ah! Ah!
–(...) vero?	– (...)?
–(...).	– (...).
–(...) quell'uomo là? È un uomo anche lui?	– (...) quello? È anche lui un uomo?
–Ma si capisce, è (...). Egli è (...).	– Certo, (...). È (...).
–(...)!	– (...)?
–(...) come è ben guernito di ferro, di piornbo	– (...) com'è carico d'acciaio, di ferro e

e di acciaio? (...).	piombo? (...).
-(...)! Piombo... ferro... acciaio... (...) molto (...)?	-(...)... acciaio... ferro... piombo... (...) terribilmente (...)?
-Naturalmente. Non (...) mica (...) sul (...) dei confetti. Ma (...) (...)?	-Certo, (...) (...) sopra il (...) delle caramelle. E (...) che (...)?
-(...)... un... (...), sì, (...).	-(...)... molto, (...), (...).
-Che tipo strano!	-Che sagoma.
(...) io ò sentito (...): (...). Pena, Rete, Lama, leggevano (...) guerra, ed (...) ero figurato (...) andassero (...), e (...)	«(...) ho udito (...): (...). <i>Pena, Rete, Lama</i> , parlavano, (...) guerre, e (...) figuravo (...) corressero (...), (...)
facessero leggeri, che (...),(...), (...) di un (...); (...) furtivi, volute serpentine (...), per (...) per (...);	liberassero anche dei calzari perché (...) e (...) (...) d'un (...), leggeri da balzare nell'aria, (...) inattesi e furtivi, (...), (...), (...)...
ed io (...) ad (...) come strumenti. Piombo... acciaio... ferro... Ma (...) essi (...) il peso dei loro arnesi? (...) inseguire (...), e inseguiti come possono velocemente fuggire? Io (...) tutti bollati (...), come se (...)! E (...) bollati (...), quasi che (...).	(...) agli (...) quale arma. Acciaio... ferro... piombo... E (...) tanto peso? (...) aggredire (...), e aggrediti sottrarsi con velocità?
(...) io (...),(...) con stridulo crocrolo sciulo (...), e (...)... (...).	(...) (...),(...) con lento, sordo (...),(...)... (...).»
-(...)! -(...)! Signore! -Signore! Correte! -Venite! -(...)! -(...) (...)! -Dateci aiuto! -Aiuto!	-(...)! -(...)! -Correte, signore. -Anche voi. -(...). -(...), (...)! -Aiuto! -Dateci una mano. -Aiuto! Aiuto!
-(...), venite!	-(...). -Venite!
-(...), vedete (...)? (...), (...). (...) laggiù (...) e (...) trarle (...).	-(...) (...)? (...), (...) laggiù. (...) (...), e (...) tirarle (...).
-(...)! -(...) signore! - (...) (...)! -(...)! -(...) sembravano quattro (...)! -(...) ricci (...) come anelli d'ebano! -Le loro (...) due (...) pieni (...)! -Erano (...)! -(...)! Per amore!	-(...). -(...), per carità. -(...) il (...). -Tanto meglio. -(...)! -(...) erano (...). -(...) riccioli (...) più delle ali d'un corvo. -E le (...) (...) ricolmi (...). -Parevano (...). -(...)! -(...)! Per amore!

–(...)!	– (...).
–(...) di uno (...)!	– (...) dello (...).
–(...)!	– (...).
	– Fino al suicidio.
–(...) e (...), (...), (...) calato nel (...)!	– (...), (...), (...) buttato anche lui dentro il (...).
–(...)!	– (...) veneziane.
–Veneziane!	
–(...) qui ad (...) alle dame della città.	– (...) per (...) alla Regina e a tutte le dame della Corte.
–(...) ànno troncate (...).	– (...) hanno voluto troncàre (...).
–(...) uno (...)?	– (...) lo (...)?
–(...).	– (...).
–(...). (...) (...) (...) (...) (...)?	– (...). (...) (...) (...) (...) insieme (...)?
–E (...) sola (...) gettarsi nel pozzo.	– Ma (...) soltanto (...) buttarsi.
–(...), cosa (...)?	– (...), che ne (...)?
–(...)?	– (...)?
–(...) sola! Bel tipo!	– (...) soltanto. Ci vuole una bella faccia tosta.
–(...), fate-lo (...)!	– (...). Fate-lo (...).
–(...) uomo (...)?	– (...) coso (...).
–(...) mica (...) sapete.	– (...) nemmeno (...).
–(...)?	– (...)?
–È un (...), (...)!	– Un (...), (...).
	– Non è un uomo! Non è un uomo!
–(...).	– (...).
–Un nuvolone! À una (...)!	– Macché! Ha la (...).
–Non è un uomo, non è un uomo!	
–(...) (...), (...) di pelle (...).	– (...), (...), (...) con la (...).
–Guarda (...)!	– Guardate (...).
	974
–L' à (...) , l' à (...)!	– (...), l'ha (...), l'ha rubate di sicuro.
	144
L'amore! (...) io sentii salire fino a me questa parola. Amore.	«Amore! (...) ho sentito questa parola salire fino a me e penetrarmi nel petto.
Io ricordo Pena, Rete, Lama, (...); le loro (...) incerte, tremule, come se la parola (...), (...) dei piccoli uccelli (...), (...), (...) essi (...) inconsci (...). (...).	Ricordo <i>Pena, Rete, Lama</i> (...). Le (...) tremule e incerte, quasi (...) nell'aria, (...) degli uccellini (...) (...) (...) ignari (...).(...).
E io (...) bionde (...) leggere, rosee, (...) un sorriso candido, (...), e le vedevo salire salire (...) di rose...	E (...) dalla chioma d'oro, (...) impalpabili, leggerissime, rosee e azzurre, (...) una gioia candida nel viso, e (...) salire per lo spazio, (...) di fiori.
(...), (...) ... (...) sulla terra...	(...)... (...)...(...) nella polvere... a causa dell'amore in tre...
Io vedo (...) verdi, (...), (...), (...) turchiniccio (...), è (...), à in (...) (...) oblungo (...), guardinga, torva, (...), (...), che (...) dell'acqua gialla (...) del terreno.	Vedo (...) livide, (...), (...) e (...) verdiccio (...). È (...) e ha nella (...) (...): torva, guardinga, (...), (...) perché (...) del liquido giallo (...) della terra.»
–(...), (...) (...)!	– (...), (...), (...).

-(...) Il (...) cerimoniere (...) corte (...) con (...).	- (...), il (...) Cerimoniere (...) Corte (...) circondato da (...).
- (...), (...) corte, (...) reggia. (...) questa (...) ed à subito (...) di avervi (...) tetto regale. (...) ànno punto (...), voi (...) davvero (...)	- (...), (...) Corte (...) Reggia. (...) (...) e ha (...) d'avervi (...) suo tetto. (...) hanno (...), (...) veramente (...) straordinario (...) visto (...).
145 singolare (...) mai veduto	
(...), (...) (...)?	(...), (...)?
- (...).	- (...).
- (...) (...)?	- (...), (...)?
	975
- (...) dove io (...) sempre (...).	- (...) dov'io (...) fino ad oggi, (...).
- Siete stato (...)?	- Avete aspettato (...)?
- Ci sarà stato quanto tutti gli altri, nove mesi.	- Avrà aspettato nove mesi, quanto tutti gli altri.
- Forse più di trent'anni. Anzi, certo, (...) anni.	- Trent'anni e più, anzi certamente, (...).
	- Accidenti.
- Ma ci (...) (...), ci canzona.	- Ci (...), (...), ci piglia in giro.
- (...) à punto aria da (...), taci.	- (...) ha aria di (...), state zitto.
- (...).	- (...).
	- Domandaglielo te.
- (...)?	- (...)?
- (...) (...). Stamane (...) io (...).	- (...) lo (...). Stamani (...) (...).
- Ma che (...)?	- Che (...)?
- (...), nascere (...)?	- (...), ecco. Nascere (...)?
- (...).	- (...).
- (...) uno (...) cosa fa, (...)?	- (...) si (...) che cosa si fa, si (...)?
- (...) nemmeno (...). Ed è nato così grande e grosso?	- (...) neppure si (...).
	- Allora è un neonato.
	- Neonato così grande e grosso?
- (...), cosa c'è (...)?	- (...), non c'è (...).
- (...)?	- (...)?
- No, (...).	- No, queste (...).
- (...) sceso!	- (...) scendere.
- Ma lui (...), cosa c'è da stupirsi?	- Lui (...), non hai ancora capito, testa di legno?
- Ma avendo (...) e forse più, (...), voi (...) un ricordo, una visione di quel tempo.	- Avendo (...) e più, (...), (...) una visione, un ricordo di quel tempo.
- Un ricordo, non una visione. Tutto io (...) ora per ora, ma (...) mi era possibile, (...).	- Non una visione, ma soltanto il ricordo: tutto (...), d'ogni ora e d'ogni attimo, (...) m'era dato, (...).
- Ma allora (...)?	- Dunque (...).
	976
- (...).	- (...).
- Voi vedevate (...)?	- Vedevate (...).

- (...), ma (...), (...). Che cosa si deve vedere?	- (...), (...), (...). Tu che cosa vedevi, turchino?
- (...)!	- (...).
- Si vede che lui (...), (...), (...), ecco tutto!	- E lui invece (...), (...), ecco: (...).
- Utero (...)?	- L'utero (...)?
- Ma naturalmente, (...)?	- Naturalmente, che (...)?
- (...), (...), come (...)?	- (...), (...), come fu che (...)?
- (...) io (...) esse (...), ed io (...).	- (...) (...) elleno (...). E (...), e scoppiasti in pianto, un lungo pianto, diretto, sconsolato.
- Esse? Chi?	- Elleno?... Elleno, chi?
- Pena! Rete! Lama!	- <i>Pena! Rete! Lama!</i>
- Chi (...)?	- E chi (...)?
- (...).	- (...).
- (...), è pazzo!	- (...).
- (...)?	- (...)?...
- (...).	- (...).
- Sì? Avete (...)?	- Voi avete (...)?
- (...)!	- (...).
- (...) à (...), (...), è un uomo strano, (...), (...)?	- (...), ha (...), (...)? Quando uno è strano, (...), si capisce, (...)?
- Pena! Rete! Lama! Pena! Rete! Lama! Pe... Re... La...	- <i>Pena! Rete! Lama! Pena! Rete! Lama!</i> <i>Pe... Re... La...</i>
- (...)!	- (...).
- (...).	- (...).
- (...) (...), (...)?	- (...), (...), (...)?
- (...) re (...) Gola, (...) Gola? (...).	- (...) Re (...) <i>Cozzo</i> , (...) <i>Cozzo</i> ? (...).
- (...) spiegateci, (...), per amor (...), (...) Re?	- (...) chiariteci, (...) per amore (...), (...) Sovrano?
- (...) restai (...) stamane, (...) già (...) di una qualunque (...), era (...).	- (...) rimasi (...) stamattina (...) d'una qualsiasi (...), ma (...).
- (...)!	- (...)!
- (...)!	- (...)!
- (...)!	- (...)!
- (...)!	- (...).
- (...)?	- Ora capisco.
- (...)?	- (...)!
- (...)!	- Ho capito tutto.
- (...)!	- (...).
- Ardevano sotto a me costantemente (...) tronchi, un perenne, (...), ed (...) che saliva su (...) dove io era.	- Sotto a me ardevano perennemente (...) ceppi, un (...), e (...) saliva senza interruzione su su (...) dov'io mi trovavo.
(...), ma io (...), e gradatamente (...), (...), capii, sentii.	(...), la facoltà di conoscere e di capire, (...), e (...) gradatamente (...): (...), sentii, compresi.
(...) in (...) una confusa (...) di voci (...), capii (...) che avevano qualche attinenza con me, sentii che io ero una vita.	(...) sul (...) un'indistinta (...), confuso morormorio di voci (...), finché non mi resi conto (...) aventi una stretta attinenza col mio, conobbi me stesso e loro, imparai a

	conoscere gli altri, compresi che quella era la vita.
Intesi (...) (...), incominciai a (...), a capirne il significato, e sentii ch'esse rimanevano in me non inerti; (...) di un loro (...).	Ascoltai (...) sempre (...), fino a (...) e il loro significato, fino a coglierne le più riposte sfumature. Quelle parole non rimanevano inerti in me, (...) d'un misterioso e delicato (...).
Senza interruzione il fuoco ardeva e la spira rovente (...) la mia vita. Io era oramai un uomo.	Sotto, il fuoco ardeva senza interruzione, e la spira calda (...) ogni facoltà della mia esistenza: ero un uomo. Ma non sapevo come fossero gli altri uomini che credevo tutti uguali a me.
	– Che illusione, poveretto.
	– Disgraziato!
	– Dev' essere stato un gran brutto momento.
	978
Sotto a me (...) (...), alternativamente parlavano.	– Intorno al fuoco (...) sedute su grandissime poltrone (...), o insieme parlavano.
Appresi così (...) gli altri (...) apprendono dai loro insegnanti. Pena, Rete, Lama non tralasciarono (...) a nessuna utile cognizione.	Imparai dalla loro bocca (...) tutti gli (...) imparano prima dalla madre poi dai maestri. <i>Pena, Rete, Lama</i> , non trascurarono (...) ed informarmi sopra ogni utile cognizione del vivere, e mi spiegarono fino alla sazietà, fino all'insistenza d'ogni idea ed argomento, ogni problema, ogni fenomeno.
–Io imparai di guerra, d'amore, di filosofia...	Imparai d'amore e d'odio, di vita e di morte, di pace e di guerra, di lavoro, di gioia e di dolore, di saggezza e di follia, salii con esse le più vertiginose altezze del pensiero e dello spirito...
	– Quante cose deve sapere.
	– Che uomo colto.
	– Di poesia e di filosofia...
–(...)?	– (...)?
–Sì... (...)... leggera...	– Sì, (...), leggerissima, era quella che poteva arrivare fino a me...
–(...)	– (...)
	– Tanto leggera che lascia salire ad altezze inaccessibili. E tutte le cose mi giungevano a questo modo.
–(...) (...)?	– (...), (...)?
–Pena, Rete, Lama.	– <i>Pena, Rete, Lama</i> .
–(...)!	– (...).
–Io ò conosciuto (...) Dato, che prodezze!	– Io conoscevo (...) <i>Pagnotta</i> .
	– Bella novità.
	148
–Quelli (...), (...) solamente tre (...) (...). (...)!	– Ma (...) certamente, (...) soltanto delle (...) convenzionali (...). (...). Avevano

	una ragione di nascondersi a me nel loro vero nome e nella loro stessa identità, una ragione che non seppi mai. Perché mi hanno voluto nascondere tutto? Perché mi hanno abbandonato?
-Ma (...)? Alla cima (...)?	-Ma codeste tre vecchie lo (...), nella (...)?
	979
-(...)? Io non riuscii a scuoprilo mai. (...).	-(...)? Non riuscii mai a scoprirlo. (...).
-(...)?	-(...)?
-(...) stamane io mi (...) di parlare, quando per la prima volta	-(...) stamani mi (...) di poter parlare, quando non appena sceso... -E dagli! -Sotto!
io le ò (...). Pena! Rete! Lama! Pena! Rete! Lama! Pe... Re... La...	-... le ho (...) per la prima volta: <i>Pena! Rete. Lama! Pena! Rete! Lama! Pe ... Re... La...</i>
	-Ora ricomincia a piangere.
-(...).	-(...).
-(...).	-(...), poverino, altrimenti farete piangere anche noi.
-(...) ve', (...) povero diavolo.	-(...), (...) finché vuole.
-(...) a leggere (...) pure la loro buona ragione.	-(...) a chiacchierare e a leggere, (...) un loro perché.
-(...) scaldarsi, o bella!	-(...) riscaldarsi.
-Anche d'estate tenevano il fuoco acceso?	-E tenevano il fuoco acceso anche d'estate? -Sì. -Anche nel mese d'Agosto?
-(...).	-(...).
	-Le vecchie sono tanto freddolose, il caldo non lo Sentono più.
-Allora (...), (...).	-Ma (...), e (...). E voi che cosa ne pensate?
-Ma voi che cosa pensare di voi?	
(...) da (...) di fumo, cellula per cellula, (...) di un (...)? In maniera che tutto (...)...	-(...) a poco a poco da (...) calda che saliva di continuo? Cellula su cellula (...) d'un (...)? In modo che (...)...
-(...) andava fuori (...)?	-(...) usciva (...)?
-(...) colla mia (...).	-(...) con la (...).
-Ah! (...) dunque (...).	-Ah! Ecco! (...) (...) nella parte superiore.
	980
-(...) tutti (...) mi sembra, (...)...	-(...) (...), mi pare, (...)...
-(...) uomo, (...), (...)?	-(...) un giorno, uomo (...), (...)?
-Ecco!	
	149
-(...)! Vi ci ànno (...)!	-(...)... vi ci avranno (...).
	-Vi ci hanno messo. -Ora s'incomincia a capire qualcosa.
-(...) avevano il loro (...).	-(...) dovevano avere un (...).
-Ma è (...), quella di non voler far sapere il loro nome...	-È (...).

	– Chiaro come la luce del sole.
	– Un segreto di fumo.
	– Chi lo sa.
	– Quella di non voler far sapere il loro nome...
–Eppoi (...).	– E (...) con nessuno.
	– Nemmeno con lui.
–(...), io (...) carbonizzato lentissimamente, trasformato, (...) lungo (...), fino a rimanere intatto (...). (...) la più accurata purificazione che il fuoco abbia mai compiuto (...)?	– (...) (...) lentissimamente carbonizzato, (...) (...) Ma io di quel giorno né prima di quel giorno non posso ricordare, fino a rimanere nella forma intatto (...). Solo oggi ho potuto accorgermi di essere d'una materia diversa da quella di tutti gli altri uomini, mentre le mie forme sono le stesse. (...) un'accurata purificazione compiuta dal fuoco (...)?
–(...)!	– (...)!
–(...)!	– (...)!
–(...)!	– (...)!
–(...), (...) (...).	– (...), (...) proprio (...).
–Ma sì, (...) (...).	– Sì, (...), (...).
–(...)!	– (...) della materia.
–(...), (...) tre, (...)...	– (...), (...), (...)...
	– Da giovani dovevano essere delle poco di buono.
	– Delle cialtrone.
	– Qualche pasticcio ci dev'essere sotto.
	981
	– Quelle vecchiette avevano il ganzo.
–(...) amante (...)!	– (...) ganzo (...)!
–(...)?	– (...)?
–(...)!	– (...).
–(...)!	– (...).
–(...)?	– (...)?
–L'à, (...) circa.	– L'ha, (...) e più.
–(...) un amante?	– (...) il ganzo.
–(...), un amante (...)!	– (...)... un ganzo (...).
–(...)!	– (...)...
–(...) pur certo (...), (...),(...) la cosa è naturalissima, se (...) qualcosa (...).	– (...) sicuro, (...), (...): (...), un fenomeno naturalissimo. Se (...) un qualsiasi oggetto (...).
–(...) ti va (...).	– (...) si spande (...).
–Ma siccome (...)	– Siccome (...) spandersi per l'aria, (...)
andar per l'aria; (...) così naturale... (...), (...), costruito di fumo?	150 logico... (...)... (...) a poco a poco... costruito...
Il (...) di un (...) pure essere alla cima del camino! L'utero, (...), à bisogno (...).	il (...) d'un (...) essere in cima a quel camino, l'utero, (...), ha sempre bisogno (...).
–Ma (...)!	– E (...).
–(...) (...)!	– (...), no signori (...).

State (...) (...), (...), (...), che cosa ne dite?	– Statene (...),(...), (...) in quel camino, la ragione per il momento ci sfugge, (...). Che ve ne pare?...
–(...).	– (...)...
–(...) ne dimostri (...).	– Dimostrerò (...), ma non li può avere.
–(...) à (...) e tanto gli ci è voluto...	– (...) ha (...)...
	982
–(...)! Trentatré (...).	– E altrettanto gli ci è voluto per purificarsi. – (...), trentatré (...), è sempre stato così da che mondo è mondo. – Allora ne ha sessantasei – Vuoi finirla, mondo ladro.
–(...), e questo (...) (...) (...) privilegiato ed eccezionale.	– (...) da ogni immondezza umana. Questo (...) sommamente gradito (...), (...) d'eccezione e di privilegio: eccelso.
–(...) ne godrà!	– (...) sarà contento. – La Regina ne impazzirà dalla gioia.
– (...) vadano subito da (...) lo abbiamo (...), (...), (...), è un gran (...), (...). (...) pure (...), poi (...) utile spiegazione. (...) e naturalmente di quello che a (...) possa (...). (...), (...) andate.	– (...) corrano da (...) l'abbiamo (...), (...), è qui fra noi, (...), un (...) perfetto, (...) da parte sua. (...) (...), (...) spiegazioni del caso. (...) di quanto (...) potesse (...). (...),(...), correte. Proprio così, signor Perelà, è la nostra morbosa fantasia che ci fa pensare in primo luogo alle cose complicate, impossibili, assurde, le cose semplici sono le ultime a venire in mente.
–(...), (...) (...) signor Perelà, (...) subito (...), e tutto quello che vi occorrerà (...) da dimandare.	– (...), (...), (...) davvero, (...) (...), e per quanto potrà occorrevi (...) domandare.
–(...) certo, (...) altrimenti, (...), per quale ragione bene non si sa, (...) ce lo rivelano. (...). Ecco... probabilmente sarete (...).	¹⁵¹ – (...), certissimo, (...) così, (...), la ragione non ci è nota fino a questo momento, vedrete che perverremo a conoscerla senz'altro, (...) lo confermano, avremo quanto prima la completa e perfetta rivelazione della vostra identità. La mia fede è assoluta su questo punto. (...) Uhm... probabilmente siete (...).
–(...).	– (...)?
–(...).	983
–Ma che francese!	– (...).
–(...).	– (...).
–Sembra un moschettiere.	
–Ma che moschettiere!	
–(...), (...) dal costume.	– (...), (...) dall'abito.
–Sì sì, è un moschettiere!	– Ma no, è tedesco, un gentiluomo del ciclo romantico.

	– È un veneziano del settecento.
	– Un fiorentino del rinascimento.
–(...).	– (...).
–E vi (...) quelli?	– Vi (...), i suoi?
–(...) gli à (...), gli à (...) stamani (...) via dal suo luogo, (...)	– (...) li ha, (...), li ha (...) stamattina (...) fuori dal suo buco, (...).
–Che (...)! Non sono già (...)! – (...) sue (...) gli ànno fatto fare (...) da un ottimo calzolaio quegli stivali, sono precisi a quelli di tutti i (...).	– Non (...), non sono mica (...). – Sono scarpe uguali in tutto alle nostre, e per di più eseguite da un ottimo calzolaio. – (...) (...) glie le hanno fatte confezionare (...), sono precise a quelle dei (...).
–(...).	– (...).
–Ma vedete (...)! Cosa (...)?	– Vedete (...)! Che cosa (...)? – È olandese senza dubbio. – Neanche per sogno, è un baronetto della corte d’Inghilterra. – Ancora non vi siete accorti che è papalino. – Per me è un turco.
–(...) finite il vostro (...), (...) siete deciso (...)?	– (...), finiteci il (...), (...) decideste (...)?
–(...) io (...) la cantilena, attesi, (...) delle mie vecchie, dopo, (...) là sotto, e tutto attorno a me divenne freddo e silenzioso.	– (...) (...) quella dolce conversazione che mi era tanto familiare; attesi trepidante, ma (...) che alimentava la mia anima. Dov'erano andate le vecchie? La loro voce non si rifaceva sentire. E poco dopo (...), quel fuoco che alimentava pe- 984 renemente il mio corpo, tutto divenne intorno gelido e silenzioso, e credetti che l'ora della morte fosse giunta per me. Invece, le mie (...) perdettero a grado a grado l'immobilità (...), muoversi, attesi ancora sentendomi invadere sempre più dallo sconforto, dalla disperazione, dallo spavento. (...) <i>Pena, Rete, Lama?</i> (...)?) (...) (...)?) Abbandonato per (...)?
Le mie (...) persero la loro immobilità, (...). Attesi trepidante. (...) Pena, Rete, Lama? (...)?) (...) forse (...)?) Per (...)	
	152
Io mi agitavo, mi attorceva (...) terribile, quel luogo mi era divenuto insopportabile, e mi svoltolavo da ogni parte come un globo di una pietanza indigeribile in uno stomaco umano.	Mi agitavo e mi torcevo (...) di febbre, l'angustia del luogo era divenuta intollerabile dopo avere perduta l'immobilità, e seguitavo a torcermi come il globo d'una materia estranea e divenuta ostile in un organo del corpo umano.
(...) alle pareti, e poggiandomi colla (...) e puntando le ginocchia, (...) giù, (...), (...) di una (...), a quelli mi aggrappai e discesi giù giù fino a terra.	(...) alla parete, appoggiandomi con la (...) e facendo forza coi ginocchi, (...) a poco a poco: (...) d'una (...), m'acchiappai ad essa e rapido scesi fino al suolo.

<p>(...) c'era (...) e attorno (...), (...) a terra chiuso. Dove io (...) i piedi, accanto, (...) bellissimi stivali lucidi.</p> <p>Io che mi sentiva (...) alla terra e attratto ancora alla sommità del camino, (...) inconsciamente le mie gambe in quelli (...), (...) (...) sicuro, dritto, piantato, lasciai (...) (...).</p>	<p>(...) era (...), e intorno (...), (...) chiuso e gettato a terra. Accanto, dove (...) il piede, (...) stivali lucidi e bellissimi: i miei.</p> <p>Mi sentivo (...) al suolo su cui poggiavo incerto, e così attratto a risalire, da dovermi reggere forte per non tornar lassù mio malgrado. Istintivamente (...) le gambe dentro gli (...) (...) solo (...) diritto, sicuro, bene piantato in terra e capace di potervi restare. Lasciai (...) alla quale mi tenevo attaccato ancora così forte, (...).</p>
<p>(...), vuote, non un mobile, non una persona, non (...)! (...): Pena! Rete! Lama! Nessuno! (...), piansi, mi (...), e quando credetti che tutto per me (...), che la mia vita fosse finita, mi trovai alla (...). (...) aperta, (...) davanti polverosa la via provinciale che mena (...).</p>	<p>(...): deserte. Non (...), né una persona né un animale né un mobile. (...): <i>Pena! Rete! Lama!</i> Nessuno: nulla. (...): <i>Pena! Rete! Lama!</i> Mi (...); pareva che una bestia mi divorasse il cuore, e allorquando credevo che tutto (...) per me, ero giunto (...). (...) spalancata,</p> <p style="text-align: right;">985</p> <p>davanti (...) polverosa la via che conduce (...).</p>
<p>Io (...) avere mai veduto nulla. Mille storie di uomini, (...) preciso (...), tutti i nomi delle cose, (...). Io dovevo ora vedere.</p>	<p>Come il cieco (...) avere veduto niente. Le storie di tutti gli uomini nelle loro azioni e nei loro sentimenti (...) con precisione (...) fatti, i nomi di tutte le cose (...), come il cieco a cui sia donata per incanto la luce. Io dovevo vedere.</p>
<p>– (...), vogliono vedere, (...).</p>	<p>– (...), vedere, (...).</p>
<p>–Si sa già ovunque il suo nome!</p>	
<p>–Molti dicono di averlo veduto passare, vogliono ad ogni costo vederlo.</p>	<p style="text-align: center;">153</p> <p>– Alcuno afferma d' averlo visto passare nella via e vuol parlargli ad ogni costo.</p>
<p>Il popolo (...) alla porta!</p>	<p>– La gente (...) davanti al cancello.</p> <p>– Una folla enorme.</p>
<p>–Tutte le (...) ànno telefonato (...).</p>	<p>– Le (...) telefonano da ogni parte (...).</p>
<p>–(...) à (...) sia (...) come (...) principe reale.</p>	<p>– (...) ha (...) venga (...), (...) Principe del sangue.</p>
<p>–(...) annunziò (...) particolare.</p>	<p>– (...) annunzia (...) privatissima.</p>
<p>–(...) gran cerimoniere di corte (...) intanto (...).</p>	<p>– (...) grande Cerimoniere della Corte (...).</p>
<p>–(...) domandano di essere (...) dinanzi al signor Perelà. (...)?)</p>	<p>– (...) chiedono d' essere (...) alla vostra presenza. (...)?)</p>
<p>–(...) è sulle (...) di tutti, (...) più che (...)! (...), ce (...) dieci (...) tutta questa (...)! </p>	<p>– (...) è su tutte le (...), (...) che di voi, (...), del vostro castello, delle vostre mamme, delle vostre scarpe... (...)... Ce (...) cinquanta (...) tanta (...).</p>
<p>–(...) in (...) di udienza, (...) venuti.</p>	<p style="text-align: right;">986</p> <p>– (...) nella (...) delle udienze, (...) arrivati.</p>

–Il grande (...) Crescenzo Pacchetto.	– Il (...) della Regina Gastone Speranza.
– Illustrissimo (...) permettetemi (...) insieme ai più devoti ossequi, (...) viva riconoscenza. (...) voi mi (...) (...) (...) altamente (...). (...) voi (...) alla proposta ch'io vengo (...).	– Eccellentissimo (...), permettemi (...) i miei omaggi e (...) devozione. (...) mi (...), sì, dico... (...), (...) altissimamente (...). (...) all'invito che sono (...): aspiro ad essere (...): (...). Nessun ritratista tro-
154 Io aspirerei (...). Sono sicuro che voi (...), ò già molte idee in proposito, (...) nessun ritrattista del mondo potrà competere colla mia opera. Vi prego perciò caldamente di non concedere ad altro lo stesso privilegio.	987 verà mai un modello quanto voi ispiratore, (...) figurerete al fianco della Regina.
(...) ora ch'io (...) (...) l'ultimo mio lavoro che qui e altrove riscosse il plauso incondizionato.	«(...) che (...) inappellabile (...) l'ultima mia opera, quella che mi ha valso il posto che occupo. Anche perché un uomo di sì alto rango non mancherà di formare nella propria casa una vasta pinacoteca, e io conto d'annoverare il vostro nome come quello del mio cliente più illustre, dopo il nome del Sovrano, beninteso.
Ecco, venite, potete farvi avanti, scuoprite. (...) bene osservare, (...), (...) quindicesimo (...), quel (...) le è a fianco si è or ora (...), dove à sporto (...) d' amore.	Venite pure avanti... fermatevi: stop. Scoprite. (...) osservare, (...), (...) sedicesimo (...), il secolo della magnificenza e del genio, e il (...) l'è dinanzi s'è appena (...) dov'egli si trovava per sporgere (...) di folle amore.
(...), in piedi, accenna, coll'indice della sua pallida mano, la finestra, (...) del piccolo rosaio sul davanzale?	(...) è seduta, la vedete? e accenna con l'indice della mano candida la finestra gotica con la sua mistica colonnetta, (...) che sembra scoppiata per miracolo in una notte di attesa? La vedete?
(...), ella gli (...) (...), (...). (...) dire: (...) dichiarazione (...)?	(...), ella (...) nobile (...), (...). (...) gli dicesse: (...) richiesta (...)? L'attesa è finita per voi, e avrete quello che spetta ad un uomo.
Quel fiore (...) vostro (...)?) Come (...) di un (...)?	Il fiore che vi mancava eccolo, v'appartiene, prendetelo e (...) (...) quale (...) del (...).
Non vedete come (...)?) Come ella (...) (...)?)	Osservate con quale occhio (...), e con quanta gioia (...) scarlatta (...) della finestra mistica. Quante cose può dire un pezzo di tela.
(...): La Rosa.	(...): <i>il cavaliere senza la rosa.</i> »
–(...)?	– (...)?
–(...), quel (...).	– «(...), il (...)
–Io vedo invece ch'ella dice, (...)!	– No, no. – No, che? – Ella non dice come voi, ma dice invece: «(...)».
–(...)!(...), ma cosa (...)?) (...) come (...),(...)	– (...)!, (...), che (...)?) (...) che (...)?) E (...) labbra

sue labbra (...) d'amore?	(...) di tenerezza e di baci?
–Ella dice: uscite signore.	– Non si può dire con un sorriso: «uscite», ad un uomo?
–Ma come può (...) ? Se ella (...) ?	– No, no certo, come potrebbe (...) se (...) ?
–Non (...) (...) ?	– E (...) sorridendo (...) ?
– Ma no, ma (...), non si può uscire, (...), io vi voglio vedere accoppiato. (...) as- solutamente (...), (...), (...) mio quadro sarebbe assolutamente svisato... Io vi prego caldamente (...) dir ciò con alcuno, (...) enormemente la mia opera, il vostro appunto in questo momento sarebbe fatale per me. Voi andate, ricuoprite, presto. Io vi ringrazio di questa udienza concessami, e più del privilegio di essere io il primo e il solo vostro ritrattista. Vi ringrazio altresì degli alti elogi veramente immeritati che voi avete voluto così generosamente prodigare alla mia modesta opera.	– No, (...), v'assicuro di no, (...) voglio vedervi rompere l'osso del collo. (...) (...), assolutamente no, (...), (...) quadro ne uscirebbe capovolto.
–(...).	– Vi scongiuro (...) parlarne con chicchessia, (...) la mia opera a fondo, essa mi ha procurato il posto che occupo, e la vostra erronea interpretazione potrebbe riuscirci fatale in questo momento... Venite pure avanti ... fermatevi: stop. Ricoprite.
(...) piano, (...). C'è (...)! –Avreste (...) (...) ?	– (...).
–Ecco, io (...).	– (...), pianino, (...), c'è (...).
–(...) ?	– Abbiate (...), (...).
–Vorreste fingere (...) questo (...) ?	– Io, intanto, (...).
–Vorreste tenere nella mano (...) ? E questo fiammifero, così, in questa, ecco.	– (...) ?
–Volete (...) così ?	– E far finta (...) il (...) ? Così, con molta naturalezza, come se vi trovaste seduto al caffè. Ecco, benissimo
–Volete mettere le braccia così ?	– E tenere fra le dita (...). Nell'altra mano il cerino che avete tolto ora dalla scatola. Benissimo, ottima posa: meravigliosa.
–E la gamba sinistra così ?	– Vogliate compiacervi di (...) in questa maniera.
–(...) levarvi (...) ?	– E le braccia in quest'altra. Posando il dito su questo punto. Preciso, che esattezza!
–(...) !	– (...) togliervi (...) ?
	– (...).
	989 – Per rimmetterli subito, bene inteso: immediatamente.
	– No.
	– Ve li rimetterei io stesso.
	– No.
–(...) (...) pure, sarebbe stato utile (...), ma non vuol dite, lasciate lasciate.	– (...), (...), faremo ugualmente. Sarebbe stato così bello (...): utilissimo.
–(...) !	– (...).
–Ma vi pare? Prego.	– Non vuol dire, scusate, lasciate pure, scusate

	tanto.
	– Non c'è di che.
	– Prego.
–(...).	–(...).
–(...).	–(...).
–Grazie.	– Ossequi.
–(...).	–(...).
	– Molto obbligato.
– Signor Perelà.	– Eccellentissimo.
–Obbligatissimo.	– Illustrissimo.
–(...).	–(...).
	– Blgtssm...
–Il Banchiere Rodella.	– Il banchiere di stato Teodoro Di Sostegno.
–(... venuto (...) nella nostra (...), (...), e a (...) (...) sono per dirvi. Io ò altresì inteso che voi (...) qui (...) (...) bellissime (...).	– (...) giunto a cognizione (...) in questa (...), (...) e (...) al tempo stesso (...) in poche parole sono per dirvi: ho udito altresì che (...) (...) di (...).
–Eccole.	– Queste.
–Benissimo, dunque io vengo per mettervi a disposizione il mio denaro; e questo (...) (...) solamente (...) (...) noi (...) conchiudere (...) i migliori (...).	– Non si può dire ragguardevole il vostro patrimonio; vengo perciò ad offrirvi un'apertura illimitata di credito presso la mia banca: metto a vostra disposizione i miei capitali. E questo, (...),(...) soltanto (...),(...)(...) concludere, associati degli ottimi (...).
	990
–(...)?	– (...)?
–(...) naturalmente.	– (...), senz'altro.
–Io (...)	– Ma io (...).
–Appunto.	– Proprio per questo.
	990
–Come (...) io (...) di guadagno essendo di tale modesta natura?	– E come (...), di così umile natura, (...) di ricchezza?
–Non vuol dire, col fumo, vedete, si possono fare le migliori speculazioni di questo mondo. Basta saper dare il valore alle cose, tutte le cose che ci circondano sono il nostro patrimonio, tutte sono ricchezza nostra se noi sappiamo valercene.	– Amico mio, voi siete di fumo e io, in fondo, sono di carta, ogni mia azione si svolge e si compie per mezzo della carta, badate bene, non occorre neppure che sia pulita, sovente è in condizioni da far pietà una schifezza, ora io posso dimostrarvi come due e due fanno quattro che fra la carta e il fumo la distanza è brevissima, minima. Non solo, ma il fumo non essendo che la sublimazione della carta si lavora cento volte meglio. Lasciate fare a me, non c'è uomo capace di superarmi in tale industria. Voi siete di fumo, io so il fumo che cos'è. E non appena ho sentito di poterne avere in natura mi sono detto subito: non c'è un minuto da perdere,

	e sono corso da voi. Tutte le cose possono diventare moneta sonante dentro le nostre tasche, e il fumo in proporzione illimitata.
(...) (...), il sole, (...) altro (...) enorme (...) (...) voi (...).	(...),(...), che pare una cosa inaccessibile, mai raggiunta, (...) (...) grosso (...),(...) (...). E non vi dico, poi, la luna.
–(...)?	–(...)?
–Già, il sole.	–Proprio lui.
–(...), non può essere che così, (...)...	–(...), (...) e cadrebbe.
–E cadrebbe, naturalmente, anzi, sarebbe (...). ¹⁵⁷	–Sarebbe (...) chi sa da quanto, è un fatto ineluttabile;
–Invece (...) biglietto...	invece, (...) pezzo di carta, leggerissimo, rimane sempre su, come l'aquilone.
–Non è che un pezzo di carta... è leggero...	
–E sta su.	–E voi lo spicciate?
	–Non facciamo altro dalla mattina alla sera. Eccovi il mio indirizzo, potete telefonarmi quando vi piac-
	991 cia. Ho gettato per sommi capi le basi di una nuova società, voi ne sarete presidente, io consigliere delegato: la F. U. S. <i>fumo unica speme</i> . Vedrete dove si può arrivare con questa raffinatissima materia.
	–Forse dove nemmeno voi pensate.
–Ecco. Eccovi il mio indirizzo, e alla prima occasione non mancherò di avvertirvi, tutto quello che può occorrervi subito (...)... Signor Perelà, (...).	–Per tutto quello che vi possa occorrere (...), restiamo intesi, signor Perelà (...).
–(...) Isidoro Scopino.	–(...) Angiolino Dal Soffio.
–(...) io ò (...) pronunciare (...), io passeggiava allora colla (...). (...) pronunciato dal volgo mi aveva lasciato indifferente, sulle labbra di lei à acquistato intero il suo (...).	–(...) ho (...) pronunciare (...), passeggiavo con la (...), bionda come Venere e come Isotta. (...) sulle volgarissime labbra della plebe mi aveva lasciato indifferente, assunse su quelle di lei il vero (...).
Io le ò (...) molte (...) (...), (...) le faccio ripetere la grande parola: poesia. Su quelle labbra Pe...re...là, (...) sfuggire quasi rapidamente, mentre (...) lievemente (...) (...): poesia. Voi sentite il suono (...), quelle vocali o...e... i... a... e quella prima p, che è come la forza del soffio che la anima, e quella s che la spinge e la sostiene, la solleva su su... su...	–Le ho (...) (...) tante (...), (...) prima di spengere, il lume le faccio ripetere tante volte la parola eterna. Quali analogie, quali concomitanze. Sulle sue labbra Pe... re... là... (...) fuggire rapido e leggero, come (...) lieve, (...), (...): Po... e... si... a... Sentite tutto il fascino (...) maliarda? Che cos'è mai una p su quelle labbra, signor Perelà, come la forza del brivido che anima e dà la vita. Chi mi socorrerà a dirvi che sia una s che di sotto la sostiene e la solleva, e la spinge, spingi, spingi, su... più su... sempre più su...
(...), (...), è (...) azzurro, il poeta e l' alito (...),	(...), (...), è un mondo, (...) tutto d'oro, d'oro

<p>che (...) la sua (...). Qual'è l'arte? (...) gonfiare, sino a (...) esso (...).</p>	<p>soltanto, di quello che non fa moneta, ed è il poeta, sul Parnaso (...), col suo alito divino. E (...) l'(...). L'arte qual è? (...) fino a (...) (...) con leggerezza e rapidità, fino a renderlo incandescente perché tutto il mondo lo possa ammirare, perché tutto il mondo lo veda.</p>
	<p>– E voi salite con lui?</p> <p style="text-align: right;">992</p> <p>– Un corpo estraneo? Ohibò! Se mi attacco io addio Gesù, quello non sale altrimenti, resta in terra per sempre. Quando l'ho bene gonfiato lo mando via, io resto sul Parnaso.</p>
<p>–Voi sorvegliate mentre lo gonfiate, il vostro pallone, che nulla ci vada dentro.</p>	<p>– Dovete sorvegliare il vostro globo perché nulla vi capiti dentro mentre lo gonfiate.</p>
<p>–Eh! Basterebbe un granello (...) cosa perché il globo non andrebbe più su. Dentro si deve potere ottenere il vuoto, ecco l'arte del poeta.</p>	<p>– Non vi ha dubbio, basterebbe un granellino (...) materia e quello non salirebbe. Pare ci sia dentro chi lo sa che, in questo globo abbagliante, e invece non c'è nulla. Ottenere il vuoto è l'arte sublime del poeta. Quale innocenza, e che difficoltà: questa è leggerezza.</p>
<p>Io comporrò per voi un'ode che quanto prima vimanderò pubblicata sulla prima rivista della città. Vi è portato il mio libro di versi: <i>Ballate Malate</i>.</p>	<p>Comporrò in vostro onore un inno di tredicimila versi endecasillabi e un settenario sdrucchiolo, ve lo manderò pubblicato sulla più autorevole rivista del paese. Eccovi intanto il mio ultimo libro di versi: <i>Ballate... malate</i>.</p>
	<p>– Peccato, poverine.</p>
	<p>– Non vi prendete pena di ciò.</p>
<p>–E il loro (...) qual'è?</p>	<p>– Di che (...) soffrono?</p>
<p>–Oh nessuno, stanno benissimo.</p>	<p>– Stanno magnificamente.</p>
<p>–E allora (...)?</p>	<p>– E (...)?</p>
<p>–Perché altrimenti (...).</p>	<p>– Altrimenti (...). E se ne occupano pochissimo anche così. Se le vedessero crepare tutte insieme non avrebbero un sospiro per esse, viviamo in tempi di materialismo, senza poesia e senza cuore.</p>
<p>–Voi contate (...), ed (...) poter (...), noi siamo (...): (...) drammatico (...).</p>	<p>Contate (...), (...) (...), non siamo in fondo che (...) e (...) (...). Lo scriveremo, ne ho piena fede.</p>
	<p>– Verrà dopo di me Cristoforo Soffiato, il critico, signor Perelà, messo al mondo per farmi disperare. Vi supplico di non credere a una delle sue parole, è fuori che attende, aspetta che sia useito per entrare, viene sempre dopo di me, è la sua inferiorità, ma ce l'ho sempre alle calcagna, è la mia dannazione. Vi parlerà di me</p>

senza dubbio. E di che vi potrebbe parlare un chiacchierone, un poltrone; *Monsieur de Perelà, j'espère bien tot de vous rencontrer dans le monde.*

–(...) Angiolino Pila (...) Pilone.

–(...) pessimista Guscio Cima, (...) Cimone del Guscio.

–(...) signor Perelà, (...). Io sono una di quelle che comunemente si chiamano linguacce, una linguaccia ecco tutto.

–(...), (...).

(...) à (...) dei suoi simili tutto quello che era possibile dire di sconcio, ecco che è subito

(...) ha (...) della propria specie tutto il male possibile, dicono che è (...). Che cosa intendono con questa parola non si sa, e più li avrà concitati per le feste,

(...), più gli avrà trattati come si meritavano e (...).

(...).

994

Gli uomini àno bisogno (...) sempre dei propri simili, ma la loro intelligenza non ci arriva mai abbastanza e allora inventano la verità detta da qualche altro. Tutte queste baggianate se le stampano, se le passano, se le copiano, se le imparano, eppoi quando le ridicono si accorgono che è proprio quello che avrebbero pensato loro, e così vanno avanti. Ognuno vede tutti i suoi simili affogati nel pantano, e lui li (...) allegro e contento su dall'alto.

L'uomo, ha bisogno (...) del prossimo, è una necessità vitale come l'aria e come il pane, e non avendo coraggio né fantasiaper arrivarci, inventa le verità dette da un altro, e finisce per credere d'averle inventate lui. Con questo sistema vede ognuno il proprio simile affondato nel pantano e lo (...) come se lui non ci fosse dentro fino al collo.

Ma voi ditemi un poco (...),(...) qui (...)?

Ditemi piuttosto (...): come siete capitato da queste parti? Che (...)(...)?

–(...).

–(...).

– Benone, voi fate una cosa, ritornate là (...) ora, (...) gli (...) e sarà meglio per voi, non (...) gli abbiate a (...). Volete diventare (...) tarlo (...)? Gli uomini rodono (...) rodono (...).

– E allora fatene un'altra senza por tempo in mezzo: tornate (...) oggi, sarà meglio per voi, (...) li (...), e non avrete perso nulla. Non (...) dobbiate (...) proprio (...). Aspirate a divenire (...) verme roditore (...)? Essi rosicchiano (...) rosicchiano (...).

Sapete (...) il loro (...)? (...) gli (...)! Gli (...)! (...) spadellati sopra, e vi si rotolano mezzi vivi e mezzi fritti! Oh! (...) gli vomiterebbe ben volentieri tutti all'infinito! Povera terra, (...), gli à tutti fra (...) e lo (...), nessuno le è passato ancora nell'intestino.

E sapete (...) un tale (...)?(...) li (...). Sissignori, li (...).(…) abbarbicati e seguitano a riprodursi con la rapidità degli insetti. (...) non chiederebbe, di meglio che liberarsene rovesciandoli tutti insieme, (...), li ha tutti per (...) e sullo (...), nemmeno uno è riuscito a andarle giù. Ogni tanto dà uno scrollone e ne acciaccia qualcuno, poi fa finta di non vedere e li lascia fare, finché non se ne ricorda e dà un altro scrollone: *ciac!*

(...) i tarli àno veramente creato, inventato, (...) merito: (...)!(...) bene (...), dove essi strofinano le loro sbrindellate miserie, guardate (...) àno pesticciate loro, e per le

(...) gli uomini hanno creato e seguitano a creare sulla terra, di questa (...) vanto: (...).(…) (...) trascinando senza tregua le loro vanità, osservate (...) hanno percorse

<p>quali si trascinano con ogni sorta di attrezzi per stropicciare me- 160 glio che sia possibile la povera terra in modo che (...).</p>	<p>strascicando ogni specie di mezzi affinché il suolo (...). Si</p>
<p>(...) più grandi (...) dei pezzi di roba che gli (...) di una (...). (...) bella (...) sembrano inaccessibili, (...) praticarle, ad introdurvisi, a operarvi, dopo un poco voi (...) quella montagna, l'avranno tutta polverizzata.</p>	<p>995 (...) (...) oggetti che vi (...) d'una (...). (...) (...) appaiono inaccessibili, ebbene, (...) carezzarla, stuzzicarla, graffiarla, bucherellarla, in poco (...) perché se ne saranno fatte tante saliere.</p>
<p>C'è (...) grande, dritto, (...) nobilmente il suo legittimo regno, loro, questi sterpi ambulanti, vi anderanno (...), con dei piccoli strumenti, a furia di stridere, di rosicchiare, col più lungo e più vile lavoro (...), (...) venire (...)! Al momento giusto (...) indietro.</p>	<p>Ecco (...), ampio, forte, dritto, (...) il proprio posto nobilmente sulla terra, il suo regno legittimo, essi incominciano a girargli attorno, gli si mettono (...), e lima, e gratta, e fora, (...) cascare, (...) capitare (...), al momento preciso (...) in là e quello cade, ti senti il suo schianto nel cuore, che è che non è, un giorno verrete a sapere che con quell'albero sono dietro a stuzzicarsi i denti.</p>
<p>Datemi ascolto, non rimanete qui, (...), (...) fidate, se vi fanno tutte queste smorfie (...), essi talvolta innalzano un uomo a furia di spinte, ma credete voi che durino quella fatica per nulla? Lo spingono perché poi si godono un mondo a lasciarlo andar giù di botto!</p>	<p>Date ascolto a me, (...), (...) lasciate allettare dai sorrisi e dalle carezze, dalle lusinghe, (...) se volete vivere, essi godono ad innalzare un uomo per godere il doppio a lasciarlo cadere. Più lo avranno portato su e più sarà bello il colpo.</p>
<p>-(...).</p>	<p>-(...).</p>
<p>-(...)(...), avete ragione, siete di fumo, e allora, ciao, (...)! -Il dottore Agostino Pipper.</p>	<p>-(...)(...), me n'ero dimenticato. E allora rimanete pure, (...): ciao. -Il medico di Corte Sebastiano Pipper.</p>
<p>-Io sono il medico della corte signor Perelà, sono venuto a presentarvi di persona i miei omaggi e intanto per rilasciare al Re il bollettino della vostra perfetta salute. Volete farmi sentire il vostro polso? Benissimo, ottimamente, volete tirar fuori la vostra lingua? Buona buona. Eccovi la mia carta nell'occorrenza che possano venirvi utili i miei servigi. (p. 158)</p>	<p>- Sono il medico della Corte, signor Perelà, dei gentiluomini e delle belle signore. Sapete che cosa sia un medico? Un medico è una fila di cose complicatissime e assurde, e sono giorno e notte perduto per vedere che sia questo inquietantissimo corpo umano che sembra il congegno più perfetto ed è di una grossolana, scandalosa, vergognosa irregolarità. E di una spudoratezza e trivialità che mettono a dura prova lo stomaco di chi esercita la mia professione. Se sapeste con quanta cautela un uomo di scienza</p>
	<p>996 deve manovrare la lingua. Scherzi pure con quella degli altri, ma attento con la sua. Il segreto è tutto qui: nel dire... e nel non dire. Gli argomenti sono sempre buoni e in tuo</p>

		favore, è il fatto che ti frega. Se voi dite, poniamo: «il malato guarirà», quel fetente crepa in meno d'un'ora. E se voi dite invece: «certamente muore», in due giorni guarisce, si rifà, dopo avergli somministrata l'estrema unzione. Il male e la medicina sono i due sposi più bizzarri che sia dato conoscere, non fecero che farsi dispetti nei millenni, dirsi bugie, tendersi lacci e tranelli, guai a fidarsi delle loro moine, solo per questo gusto vivono insieme. Il vostro polso?... Buono... normale. La lingua?... Ottima. Il colorito eccellente. Eccovi la mia carta per quando possano venirvi utili i miei servizi. Signor Perelà SONO ai vostri ordini.
–(...) l'(...).	–(...) Reverendissima il Cardinale (...).	
–(...)?	–(...),(...)?	
–(...).	–(...).	
–(...) (...), sicuro (...). Dunque mio (...) io sono certo di avervi (...), perché (...) voi (...).	–(...),(...). (...), ottimamente: (...). Mio (...) sono arcisicuro di potervi annoverare (...) e predilette, giacché (...).	
–(...).	–(...).	
Ah! No no no, (...), (...) di (...)	– Eh! Che, che, che, che, (...), (...) nel	
(...), (...), e non di corpo, (...) può essere alleggerita se non con (...) peccati; (...).	corpo non conta un bel nulla, (...), e (...) si alleggerisce che con la pratica quotidiana della virtù, e (...) errori, delle colpe, (...). È un atto d'umiliazione col quale si sentirono innalzati ed esaltati perfino i Re, anzi, essi prima di tutti.	
–(...)?	–(...)?	997
–Anima è (...).	–L' anima è puro (...).	
–(...)?	–(...)?	
–(...).	–(...), si rivela al difuori e al disopra dei nostri sensi.	
–Voi dunque (...) salire un uomo (...)?	– Allora voi (...) un uomo salire (...)?	
–Tutti gli (...) noi gli vediamo.	– Gli (...) ce ne possiamo accorgere.	
–(...)?	– (...)?	
–(...) tombano giù, nell'inferno.	– (...) piombano nel profondo dell'inferno stramaledetto.	
–(...) di più.	– (...) troppo.	
–(...) delle loro colpe.	– (...) dei loro peccati.	
–(...).	– (...), ecco.	
–Il cerimoniere (...).	– Signori, si raccomanda un po' di calma e un po' di silenzio, il gran Cerimoniere (...)!	
–(...).	– (...):	
«(...) a (...) le principali dame della città (...) un thè d'onore al signor Perelà.»	«(...) alle (...) precise, le dame della società e della Corte (...) al signor Perelà un thè d'onore.»	

–(...)?	– (...)?
–No. «(...) (...) à dato (...) solenne.	«(...) (...) ha impartito (...) di una particolare intimità, intima quanto possibile, ha ripetuto il Sovrano, e al tempo stesso solenne.
(...) a (...) (...) particolare.	«(...) alle (...) precise, (...) privatissima.
(...) ad (...) (...) sarà presentato (...)(...) tutte (...) della città e sobborghi, (...) corte (...) dai principali nostri (...) nostre dame.	(...) a (...),(...) verrà (...)(...) (...) ⁹⁹⁸ principali della capitale e i suoi sobborghi, (...) Corte (...) e seguito dai nostri principali (...) dame della Corte e della società. Sul colle municipale il Sindaco, che si troverà ad attenderlo, gli rivolgerà il saluto dell'intera cittadinanza.
(...), e (...) nei punti più frequentati (...).	«(...) imbandierata e parata a festa, ceri, lampioncini, fuochi d'artificio e di bengala, mortaretti e scoppi d'esultanza dappertutto, e sulle piazze (...)(...).
(...) gran (...) Re.	(...) (...)Sovrano.»
	– Evviva il Re!
	– Evviva!
(...)! (...)(...) del (...).»	– (...), ho detto! (...), ponderosa, e oramai troppo attesa (...) per il (...).
	– Evviva il Re!
	– Evviva!
	– Evviva il nuovo Codice!
	– Evviva!
	– Evviva il Codice di Perelà!

Ainda que as “palavras em liberdade” estejam sempre presentes, a sintaxe se torna menos desordenada por meio da pontuação, com a inserção de substantivos e adjetivos e de algumas formas literárias. Essa interpolação, além de dar maior clareza ao texto, intensifica a narrativa, uma vez que com ela é acrescentado, também, um tom maior de humorismo, de ironia e de vivacidade por meio do popularismo.

Tabela 15 – Inversões de algumas frases:

1911 (I)	1958 (II)
– Quella è la porta della città. La casa del Re è situata nel mezzo, ed è circondata da mura, ed è guardata dai vigili. (p. 137/138)	– No, è la porta della città, e quelle sono le sue mura. La casa del Re è posta in mezzo d'un giardino, circondata di altissime cancellate e bene guardata dai vigili. (p. 967/968)
– (...) Addio buon viaggio (p. 138)	– (...) Buon viaggio, addio. (p. 968)
– Per far che? (p. 138)	– Per che fare? (p. 968)

– Per vederlo, almeno interrogarlo. (p. 138)	– Almeno per vederlo, per interrogarlo, (...)... (p. 968)
– Per niente io non faccio un passo di più. (p. 138)	– Io non faccio un passo per niente. (p. 968)
– L'avevo detto! Ecco! (...) (p. 139)	– Ecco! Te l'avevo detto. (...) (p. 969)
– “(...) di ferro, di piombo e di acciaio? (...) Piombo... ferro... acciaio... (...)” (p.141)	– “(...) d'acciaio, di ferro e piombo? (...) acciaio... ferro... piombo...” (p.971)
– “(...) mi sentii sicuro, dritto, piantato, (...)” (p. 152)	– “(...) mi sentii diritto, sicuro, bene piantato (...)”
– “Come posso io essere fonte di guadagno essendo di tale modesta natura?” (p. 156)	– “E come posso, di così umile natura, essere fonte di ricchezza?” (p. 990)

Percebe-se uma perda do ritmo poético em (II), daquele ritmo textual que estava muito próximo da poesia palazzeschiana em (I).

Tabela 16 – Os nomes de alguns personagens mudam:

1911 (I)	1958 (II)
Il grande pittore Crescenzo Pachetto.	Il pittore della Regina Gastone Speranza.
Il Banchiere Rodella.	Il banchiere di Stato Teodoro Di Sostegno.
Il poeta Isidoro Scopino.	Il poeta Angiolino Dal Soffio.
Il dottore Agostino Pipper.	Il medico di Corte Sebastiano Pipper.
Il grande filosofo Angiolino Pila detto Pilone.	Il grande filosofo pessimista Guscio Cima, detto Cimone del Guscio.
Sua Eminenza l'Arcivescovo.	Sua Eminenza Reverendissima il Cardinale Arcivescovo.

A maioria dos nomes dos personagens do livro possui um significado repleto de ironia e, geralmente, ridiculariza a função que cada uma delas apresenta. Em (II) a ridiculização é maior que em (I), quase em tom de escárnio, conferindo maior ironia ao texto.

Tabela 17 – Alguns personagens que não aparecem em (I) aparecem em (II); Allora surge em (I) logo no primeiro capítulo, enquanto em (II) surge somente no capítulo “Visita a Suor Mariannina Fonte. Suor Colomba Mezzarino...”:

1911 (I)	1958 (II)
	986
	<u>Il grande scultore nazionale Cesare Augusto Bellezza.</u>
	993
	<u>Cristoforo Soffiato, critico della letteratura nazionale ufficiale.</u>
<p>– Io non sono che un umile e fedele <u>servitore della reggia, Allora, il più vecchio cameriere delle stanze del Re.</u></p>	

Há dois personagens que não aparecem em (I) e que são acrescentados em (II). O primeiro é “Il grande scultore nazionale Cesare Augusto Belezza” (O grande escultor nacional César Augusto Belezza), o qual fica extremamente chateado ao ser questionado por Perelà em relação à escultura de bronze que deseja fazer:

– Illustrissimo signore, mi tengo altamente onorato d’essere ammesso per il primo alla vostra presenza, e vi comunico senz’altro la matura risoluzione, e il dovere insieme, d’assicurare alla patria il vostro monumento. Nel bronzo sacro ai secoli e agli eroi saranno celebrate ed eternate la vostra grandezza e le vostre sembianze.

– Nel bronzo?

– Sicuro, nel bronzo.

– Che intendete dire con ciò? Che con esso non si possono esprimere e riprodurre le cose più leggere? Le chiome fluttuanti di Venere appena sbocciata dalle onde? I veli di tutte le danzatrici d’Ellade di Ninive? La garrula armonia che esce dallo zuffoletto sulle labbra di Narciso, mentre si ammira nello specchio naturale, e lo zeffiro ne sfiora le guance di velluto? Ma sapete che sia il bronzo?

– E sapete che sia il fumo? ¹²⁰ (PALAZZESCHI, 2004, p. 986)

¹²⁰ - Ilustríssimo senhor, me sinto altamente honrado por ser o primeiro admitido em sua presença, e comunico ao senhor sem delonga a madura resolução, e ao mesmo tempo o dever de assegurar à pátria o seu monumento. No bronze sagrado aos séculos e aos heróis serão celebradas e eternizadas a sua grandeza e a sua imagem./ - No bronze?/ - Claro, no bronze./ - Ele não é, o bronze, uma coisa extremamente pesada?/ - O que quer dizer com isso? Que com ele não se podem exprimir e reproduzir as coisas mais leves? Os cabelos flutuantes de Vênus que acabou de desabrochar das ondas? Os véus de todas as dançarinas de Hélide e de

O segundo é “Cristoforo Soffiato, critico della letteratura nazionale ufficiale” (Cristovão Presunçoso, crítico oficial da literatura nacional), que não gosta do fato de ser atendido por Perelà após o seu rival, O Poeta Angelino Do Sopro:

– Non vi meravigliate se mi presento a voi dopo quell’infelice. Volle la sorte ch’io dessi a lui la precedenza, ma ciò non accadrà per molto tempo ancora, e vedrete le cose camminare alla rovescia.

– Chi, l’uomo del pallone?

– Lui in persona. Può aspettare benissimo a cantare quando io abbia parlato, non vi pare? Tanto sappiamo in precedenza quello che dirà, dalla prima parola all’ultima.

– E ve lo fa vedere gonfiato o da gonfiare?

– Che cosa?

– Il pallone.

– Me lo fa vedere gonfiato.

– E voi dovete andare lassù dov’ei lo manda?

– Che cosa?

– Il pallone.

– No, ci va lui, figuratevi un poco, io non mi sposto di un millimetro, ho il cannocchiale. Conoscete il cannocchiale della critica? E il più lungo di tutti, ma è quello che si ripiega meglio. Lo porto nel taschino del panciotto: guardate.¹²¹ (PALAZZESCHI, 2004, p. 993)

Os dois possuem uma fala bastante curta, mas ambas são muito significativas, levando em consideração a vaidade que predomina o caráter deles.

Há, também, a aparição de Alloro (Louro) em (I) o qual é excluído em (II). O fato de Alloro apresentar-se em (I) faz com que o leitor presuma qual será o seu fim no capítulo “La fine di Alloro” (O fim de Louro), pois ele se mostra maravilhado por

Nírive? A eloquência harmônica que sai do flautim nos lábios de Narciso, enquanto se admira no espelho natural, e o zéfiro passa levemente por suas faces de veludo? Mas o senhor sabe o que é o bronze?/ - E o senhor sabe o que é a fumaça?

¹²¹ - Não se espante se me apresento ao senhor depois daquele infeliz. Quis a sorte que eu desse a prioridade para ele, mas isto não acontecerá por muito mais tempo, e o senhor verá as coisas andarem ao contrário./ - Quem, o homem do balão?/ - Ele mesmo. Pode esperar muito bem para cantar depois de eu ter falado, o senhor não acha? Já que sabemos de antemão o que dirá, da primeira à última palavra./ - E o mostra para o senhor inflado ou por inflar?/ - O quê?/ - O balão./ - Mostra-me inflado./ - E o senhor tem que ir lá para cima onde ele o manda?/ - O quê?/ - O balão./ - Não, quem vai é ele, imagine só, eu não me mexo nem um milímetro, tenho o óculo. Conhece o óculo da crítica? É o mais comprido de todos, mas é o que se dobra melhor. Eu o trago no bolsinho do colete: veja.

Perelà ser de fumaça e, por isso, o vê como “um novo Rei, maior e mais belo que todos os outros”, além de considerar-se seu maior devoto e servidor:

– Io non sono che un umile e fedele servitore della reggia, Alloro, il più vecchio cameriere delle stanze del Re. Io ò veduto qui ed amato tanti Re, ed ò gioito per il loro splendore, ed ò pianto per la loro uccisione. Ma oggi quando ò sentito parlare di voi, e quando poi vi ò visto, ò avuto la visione di un nuovo Re, più grande e più bello di tutti gli altri. Ma è vero signore che voi siete proprio di fumo?

– Sì.

– Come poteste voi rimanere sul fuoco senza bruciarvi? Come poteste giungere a questo? La mia piccola mente non arriva a tanto prodigio. Permettetemi signore ch’io vi baci la mano. Consideratemi come il più umile e il più devoto vostro servitore, e qualunque cosa possa fare per voi ricordatevi che mi farete felice solo se mi comanderete, se mi dimostrerete la vostra altissima benevolenza.¹²² (PALAZZESCHI, 2004, pp. 161-162)

As tabelas 1, 2, 3, 4 e 5 mostram que as principais mudanças ocorridas de uma edição para a outra estão relacionadas à modernização do texto, por meio da atenuação de formas arcaicas e da busca de uma linguagem mais comum, com a diminuição de formas florentinas como, por exemplo, “Io che mi **sentiva** così estraneo alla terra (...)”/ “Mi **sentivo** così estraneo al suolo (...)”¹²³ (Tabela 1); “Io gli **ò veduto** benissimo (...)”/ “Gli **ho visto** benissimo (...)”¹²⁴ (Tabela 2); “(...) non ànno **punto** esagerato (...)”/ “(...) non hanno esagerato (...)”¹²⁵ (Tabela 3); “**Dimandiamogli** di che cos’è.”/ “Domandagli

¹²² - Eu nada mais sou que um humilde e fiel servidor do palácio real, Louro, o mais velho criado dos aposentos do Rei. Eu vi e amei aqui tantos Reis, e me alegrei por seu esplendor, e chorei pelo assassinio deles. Mas hoje quando ouvi falar do senhor, e quando depois o vi, tive a visão de um novo Rei, maior e mais belo que todos os outros. Mas é verdade senhor que o senhor é realmente de fumaça?/ - Sou./ - Como o senhor pôde permanecer sobre o fogo sem se queimar? Como pôde chegar a isso? A minha pequena mente não alcança tamanho prodígio. Permita-me senhor que eu lhe beije a mão. Considere-me como seu mais humilde e devoto servidor, e qualquer coisa que eu possa fazer pelo senhor lembre-se que só ficarei feliz se me comandar, se me demonstrar sua altíssima benevolência.

¹²³ “Eu que me sentia tão estranho ao chão (...)”/ “Me sentia tão estranho ao solo (...)”.

¹²⁴ “Eu o vi muito bem (...)”/ “O vi muito bem (...)”.

¹²⁵ “(...) não exagerou nem um pouco (...)”/ “(...) não exagerou (...)”.

di che cos'è.”¹²⁶ (Tabela 4); “Non vi **anno** mai veduto in città?”/ “Non vi **hanno** mai veduto in città?”¹²⁷ (Tabela 5).

As tabelas 6 e 7, por outro lado, evidenciam maior fluidez em (II): “(...) **io** vi saluto (...)”/“Vi saluto (...)”¹²⁸; “(...) quello che **voi** volete (...)”/ “(...) quello che volete (...)”¹²⁹; “(...) cadono **essi** schiacciati (...)”/“(...) cadono schiacciati (...)”¹³⁰ (Tabela 6); “**Le loro** bocche sembravano (...)”/“E **le** bocche sembravano (...)”¹³¹; “(...) giungevo **colla mia** testa (...)”/ “(...) giungevo con **la** testa (...)”¹³²; “(...) finite **il vostro** racconto (...)”/“(...) finiteci **il** racconto (...)”.¹³³ (Tabela 7).

As tabelas 8, 9, 10, 12, 13, 16 e 17 apresentam, respectivamente, um aumento da incidência de: **A**) piadas – “Ma sicuro, ma sicuro, cosa c'è da farla tanto lunga, nel seno materno non si può vedere che nero. Che cosa si deve vedere?”/ “Ma sicuro, sicuro, cosa c'è da farla tanto lunga, nel seno materno non si può vedere che nero. **Tu che cosa vedevi, turchino?**”¹³⁴; **B**) jogos linguísticos, por meio de efeitos fônicos – “- No!/ - Non vuol dire lasciate pure, sarebbe stato utile per il cinematografo, ma non vuol dire, lasciate lasciate./ - No!/ - Ma vi pare? Prego./ - Ecco. Grazie./ - Grazie./ - Riverisco./ - Signor Perelà./ - Obbligatissimo./ - Obbligatissimo”// “- No./ - No vuol dire, lasciate, faremo ugualmente. Sarebbe stato così bello per il cinematografo: utilissimo./ - No./ - Non vuol dire, scusate, lasciate pure, scusate tanto./ - Non c'è di che./ - Prego./ - Ecco./ - Grazie./ - **Ossequi./ - Riverisco./ - Molto obbligato./ - Eccellentissimo./ - Illustrissimo./ - Obbligatissimo./ - Blgtssm...**”¹³⁵ **C**) expressões mais populares – “(...)

¹²⁶ “Vamos perguntar do que ele é feito.”/ “Pergunte do que ele é feito.”.

¹²⁷ “Nunca o viram na cidade?”/ “Nunca o viram na cidade?”.

¹²⁸ “(...) **eu** me despeço (...)”/ “Me despeço (...)”.

¹²⁹ “(...) o que **vocês** quiserem (...)”/ “(...) aquilo que quiserem (...)”.

¹³⁰ “(...) **eles** não caem esmagados (...)”/ “(...) não caem esmagados (...)”.

¹³¹ “As bocas **delas** pareciam (...)”/ “E as bocas pareciam (...)”.

¹³² “(...) eu alcançava com a **minha** cabeça (...)”/ “(...) eu alcançava com a cabeça (...)”.

¹³³ “(...) termine a **sua** história (...)”/ “(...) termine para nós a história (...)”.

¹³⁴ “- Mas claro, mas claro, porque tanto insistir, no ventre materno só se pode ver preto. **O que mais há de ver?** / - Mas claro, mas claro, porque tanto insistir, no ventre materno só se pode ver preto. **Você o que via, azul turquesa?**” (Tradução nossa)

¹³⁵ - Não!/ - Não tem problema pode deixar, teria sido útil para essa encenação, mas não tem problema, deixe, deixe./ - Não!/ - Mas o senhor acha? Pronto./ - Certo./ - Obrigado./ - Obrigado./ - Meus respeitos./ - Senhor Perelà./ - Obbrigadíssimo./ - Obbrigadíssimo. // - Não./ - Não tem problema, deixe, faremos assim mesmo. Teria sido muito bom para essa encenação: muito útil./ - Não./ - Não tem problema, desculpe, pode deixar, mil desculpas./ - Não tem de quê./ - Certo./ - Pronto./ - Obrigado./ - **Meus respeitos./ - Reverências./ - Muito obrigado./ - Excelentíssimo./ - Ilustríssimo./ - Obbrigadíssimo./ - Blgtssm...**

Galantuomo non fate da sordo! (...)”/“(…) **Compare**, non fate il sordo. (...)”¹³⁶; “(...) cosa c’è da stupirsi?”/ “(...) non hai ancora capito, **testa di legno**?”¹³⁷; **D**) imagens mais ousadas, com – **d.1**) palavras substituídas por outras de grau superior – “Sì... una filosofia leggera... **leggera**...”/ “Sì, una filosofia leggera, **leggerissima**, (...)”¹³⁸; “(...) Sua Maestà Il Re nomina Il signor Perelà terzo membro **nella gravosa** compilazione del nuovo Codice del nostro Paese.”/ “(...) Sua Maestà Il Re nomina Il Signor Perelà terzo membro **nella gravosa, ponderosa, e ormai troppo attesa** compilazione del nuovo Codice del nostro paese.”¹³⁹; **d.2**) mudança do nome de alguns personagens – Il grande pittore Crescenzo Pachetto./ Il pittore della Regina Gastone Speranza.; Il grande filosofo Angiolino Pila detto Pilone./ Il grande filosofo pessimista Guscio Cima, detto Cimone del Guscio.¹⁴⁰ e **d.3**) aparição de outros personagens em (II) – “Il grande scultore nazionale Cesare Augusto Belezza”/ “Cristoforo Soffiato, critico della letteratura nazionale ufficiale”¹⁴¹.

A influência francesa, causada pelas traduções do francês que gozou de grande aceitação na sociedade italiana antes da Primeira Guerra Mundial, assim como afirma Baldelli, aparece em (II) geralmente para evidenciar o tom humorístico. Esses elementos conferem a (II) uma ironia mais direta e explícita, tornado o humor do texto mais evidente, se comparado com (I).

As tabelas 11, 14 e 15 mostram que em (II) existe maior disciplina textual: a sintaxe está menos desordenada, o ritmo palazzeschiano adquire maior gramaticalidade, por meio da utilização de uma pontuação mais marcada, com o aumento das vírgulas e com a reiterada substituição dos pontos finais pelas vírgulas, o que doa maior fluidez ao texto; caem, também, muitos pontos de exclamação que foram substituídos por pontos finais, ou por pontos de interrogação, podendo sugerir menos ênfase em algumas

¹³⁶ “(...) Cavalheiro não se faça de surdo! (...)”/“(…) **Compadre**, não se faça de surdo! (...)”.

¹³⁷ “(...) o que tem de estranho? (...)”/“(…) ainda não entendeu, **cabeça dura** (...)”.

¹³⁸ “- Também..., uma filosofia leve... leve...”/ “- Também, uma filosofia leve, levíssima (...)”.

¹³⁹ “(...) Sua Majestade o Rei nomeia o senhor Perelá terceiro membro na onerosa compilação do novo Código do nosso País.”/ “(...) Sua Majestade o Rei nomeia o senhor Perelá terceiro membro na onerosa, ponderosa, e já muito esperada compilação do novo Código do nosso país.”

¹⁴⁰ O grande pintor Pacote Crescente./ O pintor do Palácio Real Gastão Esperança.; O grande filósofo Angelino Pilha mais conhecido por Pilhão./ O grande filósofo pessimista Carapaça Supra-Sumo, mais conhecido por Supra-Sumão da Carapaça.

¹⁴¹ “O grande escultor nacional César Augusto Belezza”/ “Cristovão Presunçoso, crítico oficial da literatura nacional”.

manifestações dos personagens ao longo do discurso. Assim, torna-se nítida a acentuação do tom falado por meio da pontuação, uma maior clareza com a interpolação, a perda do ritmo poético com a inversão de frases, com o rompimento do paralelismo, com o evitar repetições e, finalmente, uma aproximação da forma escrita mais literária. A seguir, será mostrado um trecho inteiro em que aparecem todas as alterações citadas nesse parágrafo:

– Ardevano sotto a me costantemente alcuni tronchi, un perenne, mite fuocherello, ed una spira di fumo che saliva su per il camino dove io era. Non ricordo quando in me nacque la ragione, ma io incominciai ad esistere, e gradatamente conobbi il mio essere, udii, capii, sentii. Udii in principio una confusa cantilena di voci che mi sembrarono uguali, capii che sotto a me esistevano degli esseri che avevano qualche attinenza con me, sentii che io ero una vita.

Intesi giorno per giorno meglio le voci, incominciai a distinguere le parole, a capirne il significato, e sentii ch'esse rimanevano in me non inerti; ma incominciavano la trama di un loro lavoro.

Senza interruzione il fuoco ardeva e la spira rovente saliva ad alimentare la mia vita. Io era oramai un uomo.

Sotto a me erano tre vecchie che alternativamente leggevano, alternativamente parlavano. Appresi così quello che gli altri uomini apprendono dai loro insegnanti. Pena, Rete, Lama non tralasciarono di prepararmi a nessuna utile cognizione.

Io imparai di guerra, d'amore, di filosofia... ¹⁴² (I – PALAZZESCHI, 2004, p. 147– Tabela 13).

– Sotto a me ardevano perennemente alcuni ceppi, un mite focherello, e una spira di fumo saliva senza interruzione su su per il camino dov'io mi trovavo. Non rirordo quando in me nacque la ragione, la facoltà di conoscere e di capire, incominciai ad esistere, e conobbi gradatamente il mio essere: udii, sentii, compresi. Udii sul principio un'indistinta cantilena, confuso mormorio

¹⁴² - Abaixo de mim ardiam constantemente alguns troncos, um perene, brando fogueiro, e uma espira de fumaça que ia subindo pela chaminé onde eu estava. Não me lembro quando nasceu em mim a razão, mas eu comecei a existir, e conheci gradualmente o meu ser, ouvi, compreendi, senti. Ouvi inicialmente uma confusa cantilena de vozes que me pareceram iguais, compreendi que abaixo de mim existiam seres que tinham alguma relação comigo, percebi que eu era uma vida./ A cada dia ouvi melhor as vozes, comecei a distinguir as palavras, a entender o significado delas, e percebi que elas não permaneciam inertes em mim; mas começavam a trama de um trabalho delas./ Sem interrupção o fogo ardia e a espira candente subia para alimentar a minha vida. Eu já era um homem./ Abaixo de mim havia três velhas que liam alternadamente, alternadamente falavam. Aprendi, assim, aquilo que os outros homens aprendem com os seus professores. Pena, Rede, Lâmina não deixaram de me preparar sobre nenhum conhecimento útil./ Eu aprendi sobre guerra, sobre amor, sobre filosofia...

di voci che mi sembravano uguali, finché non mi resi conto che sotto a me esistevano degli esseri *aventi* una stretta attinenza col mio, conobbi me stesso e loro, imparai a conoscere gli altri, compresi che quella era la vita. Ascoltai giorno per giorno sempre meglio le voci, fino a distinguere le parole e il loro significato, fino a coglierne le più riposte sfumature. Quelle parole non rimanevano inerti in me, ma incominciavano la trama d'un misterioso e delicato lavoro. Sotto, il fuoco ardeva senza interruzione, e la spira calda saliva ad alimentare ogni facoltà della mia esistenza: ero un uomo. Ma non sapevo come fossero gli altri uomini che credevo tutti uguali a me.

– Che illusione, poveretto.

– Disgraziato!

– Dev'essere stato un gran brutto momento.

– Intorno al fuoco erano tre vecchie che sedute grandissime poltrone alternativamente leggevano, o insieme parlavano. Imparai dalla loro bocca quello che tutti gli uomini imparano prima dalla madre poi dai maestri. *Pena, Rete, Lama*, non trascurarono di prepararmi ed informarmi sopra ogni utile cognizione del vivere, e mi spiegarono fino alla sazietà, fino all'insistenza d'ogni idea ed argomento, ogni problema, ogni fenomeno. Imparai d'amore e d'odio, di vita e di morte, di pace e di guerra, di lavoro, di gioia e di dolore, di saggezza e di follia, salii con esse le più vertiginose altezze del pensiero e dello spirito...

– Quante cose deve sapere.

– Che uomo colto.

– Di poesia e di filosofia... ¹⁴³ (II – PALAZZESCHI, 2004, pp. 977-978 – Tabela 13).

Como alterações gerais de uma edição para a outra, pode-se notar as aspas, que em italiano geralmente são grafadas por «...» e que se usam para delimitar um discurso direto,

¹⁴³ Abaixo de mim ardiam constantemente alguns cepos, um fogueiro brando, e uma espira de fumaça ia subindo sem interrupção bem alto pela chaminé onde eu me encontrava. Não me lembro quando nasceu em mim a razão, a capacidade de conhecer e de entender, comecei a existir, e conheci gradualmente o meu ser: ouvi, senti, compreendi. Ouvi inicialmente uma cantilena indistinta, confuso murmúrio de vozes que me pareciam iguais, até me dar conta que abaixo de mim existiam seres que tinham uma estreita relação comigo, conheci a mim mesmo e a eles, aprendi a conhecer os outros, compreendi que aquela era a vida. A cada dia escutei bem melhor as vozes, até distinguir as palavras e o significado delas, até colher as menores nuances. Aquelas palavras não permaneciam inertes em mim, mas começavam a trama de um misterioso e delicado trabalho. Abaixo, o fogo ardia sem interrupção, e a espira quente subia para alimentar cada faculdade da minha existência: era um homem. Mas não sabia como eram os outros homens que acreditava serem todos iguais a mim./ - Que ilusão, pobrezinho./ - Desgraçado!/ - Deve ter sido um momento muito ruim./ - Em volta do fogo estavam três velhas que sentadas em poltronas enormes liam alternadamente, ou falavam juntas. Aprendi de suas bocas aquilo que todos os homens aprendem primeiro com a mãe e depois com os mestres. *Pena, Rede, Lâmina* não deixaram de me preparar e me informar sobre todos os conhecimentos úteis para viver, e me explicaram até à saciedade, até à insistência sobre cada ideia e argumento, cada problema, cada fenômeno. Aprendi sobre amor e ódio, vida e morte, paz e guerra, trabalho, alegria e dor, sabedoria e loucura, subi com elas para as mais vertiginosas alturas do pensamento e do espírito.../ - Quantas coisas deve saber./ - Que homem culto./ - Poesia e filosofia...

para colocar em evidência uma palavra, uma frase, um título ou um elemento da frase, para citar as palavras de alguém, para citar em um contexto italiano uma palavra ou expressão estrangeira ou dialetal ou, então, para introduzir uma citação; em (II) surgem com função diferente das anteriormente citadas: aparecem no meio da fala de uma personagem para marcar uma pausa ou, então, estão pautadas na musicalidade, dando ritmo ao discurso, e, geralmente, elas são abertas e fechadas quando o discurso direto do personagem termina, mas não são fechadas quando o mesmo personagem continuará seu discurso posteriormente. Nesse caso, elas são repetidas no início do parágrafo em que o personagem retoma a fala e fechadas quando ele termina seu discurso. Em (I) elas aparecem apenas na fala do mestre de cerimônias e do ministro da justiça, sempre abertas e fechadas somente no final do discurso, muito provavelmente para marcar que é uma exposição oral, feita em público e impessoal.

Além disso, o que diz respeito às grafias minúsculas e maiúsculas, como, por exemplo, em (I) “(...) e di tutta la corte, io vi saluto ospite della reggia” e em (II) “(...) e di tutta la Corte io vi saluto ospite della Reggia”¹⁴⁴, elas realmente causam um estranhamento por parte do leitor, que está acostumado a visualizar apenas letras maiúsculas em palavras relacionadas ao Estado e às instituições sociais. Se for verdade que Palazzeschi pretendia diminuir o poder tanto de um quanto da outra, seu objetivo foi atingido, principalmente quando grafa essas palavras com maiúsculas nos discursos de alguns personagens pertencentes à corte, mostrando para o leitor que, no fundo, poucos cidadãos do reino respeitam seu Estado: aliás, logo no início do primeiro capítulo isso já é apontado, quando a “pobre velha” conversa com Perelà, afirmando que “aqueles cidadãos sempre matam os Reis deles”.

Em suma, as transformações feitas por Palazzeschi em seu romance original foram mais em relação à normalização e à gramaticalização do texto. Segundo Fontanella:

È stato già puntualmente rivelato – a cominciare dallo stesso Palazzeschi che ha dato spiegazione sommaria – che i rimaneggiamenti apportati al *Codice* con disinvolta disistima verso l’originalità sperimentalistica della prima edizione, furono di tipo restaurativo e tali da alterare il dettato originario del romanzo, fino a renderlo estraneo a se stesso e volgendolo a “complessivi

¹⁴⁴ “(...) e de toda a corte, eu o saúdo como hóspede do palácio rea.”/ “(...) e de toda a Corte, eu o saúdo como hóspede do Palácio Rea.”

canoni di normativa, di regolarizzazione, di grammaticalizzazione” (Marchi 1991, p. 216.)¹⁴⁵ (FONTANELLA, 2009, p. 163).

IV – CONCLUSÃO

Apresentar Aldo Palazzeschi, o seu romance futurista *Il Codice di Perelà* e fazer o cotejo entre os originais da primeira (1911) e da última (1958) edições desta obra foram os objetivos propostos nesta dissertação.

Para tanto, a disposição aqui traçada foi, primeiramente, levantar a biografia do autor, mostrar o percurso de suas produções do crepuscularismo ao futurismo e, acima de tudo, sua relação com o movimento futurista. Esse trajeto é importante, uma vez que Palazzeschi é um autor geralmente mais conhecido por outros romances, posteriores ao Código de Perelá, com características bastante diferentes deste, mas, sobretudo por ser pouco conhecido mesmo no âmbito dos estudos literários e italianísticos no Brasil: a intenção foi a de trazer um novo olhar sobre o autor.

Aldo Palazzeschi é um autor que sempre esteve além de seu tempo: suas criações possuem uma marca estilística muito original, na qual se percebe sua personalidade autônoma. Por mais que Palazzeschi tenha flertado com “escolas” ou “movimentos” artísticos e literários então vigentes, seus textos sempre carregam essa marca pessoal e, não raro, inovações capazes de modificar a tradição. Foi assim com sua poesia e foi assim com Perelà.

Ademais sua produção foi rica, intensa e importante para a literatura italiana e cobre um longo período de tempo: começa com seu volume de versos *I cavalli bianchi* (1905) e termina com seu romance *Stefanino* (1969) – são sessenta e quatro anos de produção literária (!). No entanto, objetivo deste trabalho foi focalizar *Il Codice di Perelà*, o seu romance futurista. Pela novidade desse escrito, por seu frescor estilístico,

¹⁴⁵ Já foi pontualmente revelado – começando pelo próprio Palazzeschi que deu explicação sumária – que os remanejamentos trazidos para o Código, com desdém em relação à originalidade experimental da primeira edição, foram de tipo restaurador e tais para alterar o ditado originário do romance, até torná-lo estanho a si mesmo e dirigindo-o para “cânones de normativas gerais, de regularização, de gramaticalização”.

por ter seu nascimento ligado ao Futurismo, um dos movimentos de vanguarda da Itália – que inspirou escolas artísticas e literárias. Mas também por ser um romance praticamente desconhecido, ou conhecido apenas por um restrito círculo de apreciadores, mesmo na Itália, consideramos válido nosso objetivo de apresentar esta obra ao leitor brasileiro.

Num segundo momento, a proposta foi de entender a construção do *Il Codice di Perelà* por meio dos aspectos críticos de Aldo Palazzeschi, indicando as principais questões associadas ao livro e à cultura social da época. Assim, pelo fato do romance ser uma “obra mista”, que foge completamente das estruturas canônicas tradicionais, por possuir, ao mesmo tempo, elementos da fábula, do teatro e também narrativos, recorremos ao auxílio da “Arte Poética” de Aristóteles, que elucidou alguns aspectos da arte teatral.

Além disso, *Il controdolore* – manifesto futurista palazzeschiano – é o alicerce da obra, uma vez que em todos os capítulos Palazzeschi nega a dor por meio do riso, da farsa e da zombaria. Essa negação está diretamente associada ao humorismo e Palazzeschi, a despeito das influências de Nietzsche e de Bergson, também foi influenciado tanto pelos ensaios quanto pelas narrativas de Pirandello. A filosofia presente no ensaio pirandelliano – *L’Umore* – mostra, em suma, que entre a comicidade e o humorismo há uma “linha tênue” a separá-los: segundo este autor, é suficiente apenas perceber que aquilo que faz rir nada mais é do que um traço da característica humana. Palazzeschi, em seu manifesto, continua muito original: seu humorismo, sempre com certo tom irônico, progride entre as polaridades da dor e da alegria, do choro e do riso, do trágico e do cômico, do pessimismo e do otimismo, geralmente relacionado com fatos cotidianos.

A temporalidade do livro também é um fator determinante. A história de Perelà se desenvolve ao longo de uma semana: começa numa quinta-feira, no período da manhã, e termina na quarta-feira da semana seguinte: é um período de tempo bastante curto se comparado à densidade dos eventos e à quantidade dos fatos “narrados”.

Para o Palazzeschi do Futurismo, o que mais interessa diz respeito às palavras... Pelo fato de a narrativa do Código de Perelá ser realizada predominantemente por intermédio de breves diálogos de várias vozes, com ritmos rápidos e dissonantes, o romance possui um caráter teatral. As técnicas utilizadas por Palazzeschi, em especial as “palavras em liberdade” (mote do futurismo), o dinamismo de movimentos e a rapidez da ação, desenhada com as breves pinceladas dos diálogos, por vezes intercalados pelo

“coro de vozes” fazem com que a história se desenvolva de maneira veloz, unidimensional e unidirecional. Mais um traço que confere velocidade ao texto é o seu lirismo essencial, sintético, a liberdade absoluta das imagens, expressas também com o uso de onomatopeias, de laconismos, com palavras sintéticas e justaposição de estilos. Todos esses traços imprimem ao texto uma estrutura inusitada e original, dão movimento ao universo representado e garantem um ritmo rápido e fluido ao romance.

Sabe-se que a primeira edição do livro *Il Codice di Perelà* foi publicada em 1911. Mais tarde surgiram novas edições com variantes: a segunda de 1920, a terceira de 1943, a quarta de 1954 e a última de 1958. Diante disso, trabalhamos em conjunto com as edições de 1911 e de 1958, isto é, a primeira edição, explicitamente pertencente ao futurismo, e a última e definitiva edição elaborada pelo autor, sobretudo por acreditarmos que a contraposição entre as duas forneceria mais pontos de observação. Na verdade, se for levado em consideração que a primeira publicação foi elaborada na época em que Palazzeschi vivia sua fase de adesão ao movimento futurista, e que somente após mais de quarenta anos saiu a última edição, com uma declaração do próprio autor afirmando que reescrevera totalmente o livro, criando um novo romance sem ter mudado uma única linha, não resta dúvida de que os comentários tecidos a partir do cotejo entre elas são mais valiosos e, conseqüentemente, mais proveitosos para esta pesquisa.

Para elaborar esse estudo, foi utilizado apenas o primeiro capítulo, “L’Utero Nero”, pois ele forneceu a amostragem exata para os comentários tecidos. Além disso, o texto “Dal ‘Codice di Perelà’ all’‘Uomo di Fumo’”, de Ignazio Baldelli, foi a base para o cotejo, justamente por ser um estudo fundamental em relação ao trabalho de revisão realizado por Palazzeschi. Utilizando tabelas, apontamos, no original de ambas as edições, as principais diferenças levantadas por Baldelli entre a primeira edição (1911) e a penúltima (1954), que também aparecem na edição de 1958, e acrescentamos outras diferenças relevantes para o estudo da evolução do romance.

Apesar da famosa declaração de Palazzeschi que reproduzimos há pouco, verificamos que as transformações do romance original para a última edição dizem mais respeito à normalização e à gramaticalização do texto do que a uma “lapidação” do texto, como o autor pretendia – “de um livro mal escrito resultou quase um livro bem escrito”. No fundo, ele realmente tornou o livro “de atualidade mesmo sendo centenário”, mas o texto, embora tenha sido escrito há cento e um anos, ainda hoje é

atual não só em relação às palavras em si, mas, também, no que se refere aos temas abordados.

Sem sombra de dúvida, Palazzeschi foi um escritor autêntico. Eugênio Montale tinha toda razão ao afirmar que ele era “o mais jovem entre os mais jovens” escritores, e que uma página sua “seria reconhecida imediatamente, mesmo que não tivesse sua assinatura”.

Finalmente, fizemos a tradução do romance: *O Código de Perelá*. Entendendo a tradução, em primeiro lugar, como uma leitura em profundidade, acreditamos que o seu exercício nos mostrou elementos essenciais de reflexão sobre o texto, sendo, portanto, fundamental para a elaboração deste trabalho. Além disso, ainda não possuímos a versão brasileira desse livro, e pensamos ser interessante para o leitor brasileiro ter acesso à obra.

V – BIBLIOGRAFIA

ANGELINI, C. *Incontro con Palazzeschi. Del mondo di oggi mi piace la smania*. In “La Fiera Letteraria”, XLVII, 9, 11 aprile 1971, p. 6.

ARISTÓTELES. *Arte Poética*. In: file:///C:/site/livros_gratis/arte_poetica.htm (Consultado em 20/09/2012)

ASOR ROSA, A. *Storia Europea della Letteratura Italiana. Vol. III. La letteratura della nazione*. Torino: Einaudi, 2009, p. 176-184

AUBERT, F. H. *As (In)fideliades da tradução: servidões e autonomia do tradutor*. Campinas: Editora da Universidade de Campinas – UNICAMP, 1993.

BALDACCI, L. *Uno Scrittore in Libertà*. In: “Aldo Palazzeschi: Tutti i Romanzi”. Milano: Mondadori, 2004.

BALDELLI, I. *Varianti di Prosatori Contemporanei (Palazzeschi, Cecchi, Bassani, Cassola, Testori)*. Firenze: Felice Le Monnier, 1970.

BIFFI, M. *H etimologica: grafie ànno, à, ò e ài per hanno, ha, ho, hai*. In: “Redazione Consulenza Linguistica Accademia della Crusca”. <http://www.accademiadellacrusca.it/it/lingua-italiana/consulenza-linguistica/domande-risposte/h-etimologica-grafie-nno-per> (Consultado em 21/09/ 2012)

CAMON, F. *Aldo Palazzeschi*. In: “Il Mestiere di Poeta”. Milano: Lerici, 1965.

DEI, A. *Giocare col fuoco. Storia di Palazzeschi Poeta*. In: "Aldo Palazzeschi: Tutte le poesie". Milano: Mondadori, 2002.

_____. *Cronologia*. In: "Aldo Palazzeschi: Tutti i Romanzi". Milano: Mondadori, 2004.

ECO, U. *Dire quasi la stessa cosa: Esperienze di traduzione*. Milano: Studi Bompiani, 2007, VII Ed.

FEBBRARO, P. *La tradizione di Palazzeschi*. Roma: Alberto Gaffi editore in Roma, 2007.

FONTANELLA, L. *Palazzeschi e Il Futurismo Fiorentino: Appunti e Precisazioni*. In: "APOLLONI, I.; ARRIGO, N. (Org.) *Rivista di Studi Italiani: Futurismo come Attualità e Divenire*", Anno XXVII, n° 1, giugno 2009.

<http://www.rivistadistudiitaliani.it/rivista.php?annonum=2009e1> (Consultado em 15/10/2012)

GUGLIELMINO, S. *Guida al Novecento: Profilo letterario e Antologia*. Terza Edizione Ampliata. Milano: Principato Editore Milano, 1978.

HIRRDT, W. *Pirandello e Palazzeschi*. In: "Jung, W.; Tellini, G. (Org.) *Palazzeschi europeo: Atti del Convegno Internazionale di Studi Bonn-Colonia, 30-31 maggio 2005*". Firenze: Società Editrice Fiorentina, 2007.

LUGARESI, G. *Il romanzo di Palazzeschi sui teleschermi. "Roma" in Tv*. In: "Il Gazzettino", 22 febbraio 1974.

MAGHERINI, S.; MANGHETTI, G. (Org.). *Il codice della libertà. Aldo Palazzeschi (1885-1974)*. Milano: Biblioteca Nazionale Braidense, 2002.

MARINETTI, F. T.; DE MARIA, L. (Org.). *Teoria e Invenzione Futurista*. Milano: Mondadori, 2005.

MIMMO, C. *Contro l'identità: il primo romanzo di Palazzeschi*. In: <http://www.italianisti.it/FileServices/Cangiano%20Mimmo.pdf> (Consultado em 09/10/2012)

MONTALE, E. *Il Doge*. In: "PICCHI, M. (Org.) *Galleria: rassegna bimestrale di cultura. Aldo Palazzeschi, Anno XXIV, n° 2 - 4, marzo - agosto 1974*". Palermo: Salvatore Sciascia Editore, 1974.

PALAZZESCHI, A.; DEI, A. (Org.). *Aldo Palazzeschi: Tutte le Poesie*. Milano: Mondadori, 2004.

_____.; TELLINI, G. (Org.). *Aldo Palazzeschi: Tutti i Romanzi*. Milano: Mondadori, 2002.

_____. *Da cosa nasce cosa*. In: "Annalisa Cima, *Incontro Palazzeschi*", 1972, p. 7.

_____. *Lantern*. Firenze: Stab. Tipografico Aldino, 1907.

_____. *Lettera di Aldo Palazzeschi a Paolo Buzzi*. Settignano, 14 ottobre 1909.

_____. *Lettera a F. T. Marinetti del maggio 1909*. In: “Carteggio Marinetti – Palazzeschi”. Milano: Mondadori, 1978. p. 3.

_____. *L’Incendiario*. Milano: Edizioni Futuriste di “Poesia”, 1910.

_____. *Neutrale*. In: “Lacerba”, II, 24, 1 dicembre 1914, p. 327.

PIRANDELLO, L. *L’Umorismo. A cura di Maria Argenziano*. Roma: Tascabili Economici Newton, 1993.

_____. *O Humorismo*. São Paulo: Experimento, 1996. Tradução e notas de Dion Davi Macedo.

PULLINI, G. *Aldo Palazzeschi*. Milano: Mursia, 1972.

RODA, E. *32 domande ad Aldo Palazzeschi*. In: “Tempo”, XVIII, 19, 10, maggio 1956, p. 6.

Dicionários

AZEVEDO, F. F. S. *Dicionário Analógico da Língua Portuguesa: Idéias Afins / Thesaurus*. Portugal: Lexikon, 2010.

BENEDETTI, I. C. (Org.). *Dicionário Martins Fontes – Italiano – Português*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

HOUAISS, A. *Dicionário Houaiss de Sinônimos e Antônimos*. São Paulo: Publifolha Editora, 2008.

_____. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2004.

MARI, G. *Manuali Hoepli: Vocabolario Hoepli della Lingua Italiana*. V.1 (A – Istor). Milano: Ulrico Hoepli Editore Libraio della Real Casa, 1913.

_____. *Manuali Hoepli: Vocabolario Hoelpli della Lingua Italiana*. V.2 (Istor – Z). Milano: Ulrico Hoepli Editore Libraio della Real Casa, 1913.

AULETE DIGITAL: *Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa*. Portugal: Lexikon.

DEVOTO, G. E OLI, G.C. *IL DEVOTO-OLI 2012*, ver. 1.1.0. Milano: Mondadori education (cf Firenze: Le Monnier), 2011.

PARAVIA, DE M. *Dizionario Italiano De Mauro Digitale*. Torino: Dima Logic, s/data.

LO ZINGARELLI 2013. Ristampa 2013 della Dodicesima edizione. Bologna: Zanichelli Editore, 2012.

NOVO DICIONÁRIO ELETRÔNICO AURÉLIO, versão 1.0, 4ª edição de O Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa, atualizada e revista conforme o Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 7 de maio de 2008. Editora Positivo.

VI – ANEXO

VI.1 L' Incendiario¹⁴⁶

A F. T. MARINETTI
anima della nostra fiamma.

In mezzo alla piazza centrale
del paese,
è stata posta la gabbia di ferro
con l'incendiario.
Vi rimarrà tre giorni
perchè tutti lo possano vedere.
Tutti si aggirano torno torno
all'enorme gabbione,
durante tutto il giorno,
centinaia di persone.
– Guarda un pochino dove Tanno messo!
– Sembra un pappagallo carbonaio.
– Dove lo dovevano mettere?
– In prigione addirittura.
– Gli sta bene di far questa bella figura!
– Perchè non gli avete preparato
un appartamento di lusso,
così bruciava anche quello!
– Ma nemmeno tenerlo in questa gabbia!
– Lo faranno morire dalla rabbia!
– Morire! E' uno che se la piglia!
– E' più tranquillo di noi!

¹⁴⁶ PALAZZESCHI, A. *L'Incendiario*. Milano: Edizioni Futuriste di "Poesia", 1910, pp. 67–80

- Io dico che ci si diverte.
 - Ma la sua famiglia?
 - Chi sa da che parte di mondo è venuto!
 - Questa robaccia non à mica famiglia!
 - Sicuro, è roba allo sbaraglio!
 - Se venisse dall'inferno ?
 - Povero diavolaccio!
 - Avreste anche compassione?
- Se v'avesse bruciata la casa
non direste così.
- La vostra l'è bruciata?
 - Se non l'è bruciata
poco c'è corso.
À bruciato mezzo mondo
questo birbaccione!
 - Almeno, vigliacchi, non gli sputate addosso,
infine è una creatura!
- Ma come se ne sta tranquillo!
 - Non à mica paura!
 - Io morirei dalla vergogna!
 - Star lì in mezzo alla berlina!
 - Per tre giorni !
 - Che gogna!
 - Dio mio che faccia bieca
 - Che guardatura da brigante!
 - Se non ci fosse la gabbia
io non ci starei!
 - Se a un tratto si vedesse scappare?
 - Ma come deve fare?
 - Sarà forte quella gabbia?
 - Non avesse da fuggire!
 - Dai vani dei ferri non potrà passare?
- Questi birbanti si sanno ripiegare

in tutte le maniere!

- Che bel colpo oggi la polizia!
- Se non facevan presto a accaparrarlo,
ci mandava tutti in fumo!
- Si meriterebbe altro che berlina!
- Quando l'anno interrogato,
à risposto ridendo
che brucia per divertimento.
- Dio mio che sfacciato!
- Ma che sorta di gente!
- Io lo farei volentieri a pezzetti.
- Buttatelo nel fosso!
- Io gli voglio sputare
un'altra volta addosso!
- Se bruciassero un pò lui
perchè ridesse meglio!
- Sarebbe la fine che si merita!
- Quando sarà in prigione scapperà,
è talmente pieno di scaltrezza!
- Peggio d'una faina!
- Non vedete che occhi che à?
- Perchè non lo buttano in un pozzo?
- Nel cisternone del comune!
- E ci sono di quelli
che avrebbero pietà!
- Bisogna esser roba poco pulita
per aver compassione
di questa sorta di persone!

Largo! Largo! Largo!

Ciarpame! Piccoli esseri
dall'esalazione di lezzo,
fetido bestiame!

Ringollatevi tutti

il vostro sconcio pettegolezzo,
e che vi strozzi nella gola!
Largo! Sono il poeta!
Io vengo di lontano,
il mondo ò traversato,
per venire a trovare
la mia creatura da cantare!
Inginocchiatevi marmaglia!
Uomini che avete orrore del fuoco,
poveri esseri di paglia!
Inginocchiatevi tutti!
Io sono il sacerdote,
questa gabbia è l'altare,
quell'uomo è il Signore!

Il Signore tu sei,
al quale rivolgo,
con tutta la devozione
del mio cuore,
la più soave orazione.
A te, soave creatura,
giungo ansante, affannato,
ò traversato rupi di spine,
ò scavalcato alte mura!
Io ti libererò!
Fermi tutti, v'ò detto!
Tenete la testa bassa,
picchiatevi forte nel petto,
è il *confiteor* questo,
della mia messa!
T'anno coperto d'insulti
e di sputacchi,
quello sciame insidioso
di piccoli vigliacchi.

Ed è naturale che da loro
tu ti sia fatto allacciare:
quegl'insetti immondi e poltroni,
sono lividi di malefica astuzia,
circola per le loro vene

il sangue verde velenoso.
E tu grande anima
non potevi pensare
al piccolo pozzo che t'avevan preparato,
ci dovevi cascare.
Io ti son venuto a liberare!
Fermi tutti!
Ti guardo dentro gli occhi
per sentirmi riscaldare.
Rannicchiato sotto il tuo mantello
tu sei senza parole,
come la fiamma: colore, e calore!
E quel mantello nero
te l'àn gettato addosso
gli stolidi uomini vero,
perchè non si veda che sei tutto rosso?
Oppure te lo sei gettato da te,
per ricuoprire un poco
l'anima tua di fuoco?
Che guardi all'orizzonte?
Se s'alza una favilla?

Dimmi, non sei riuscito a trafugare
l'ultimo zolfino?
Ti si legge negli occhi!
Ma ti saltan dagli occhi le faville,
a cento, a cento, a mille!
Tu puoi cogli occhi
bruciare tutto il mondo!

T'è creato il sole,
che bruci al sol guardarti?

Quando tu bruci
tu non sei più l'uomo,
il Dio tu sei!
Mi sento correr per le vene un brivido.
Ti vorrei vedere quando abbruci,
quando guardi le tue fiamme;
tutte quelle bocche,
tutte quelle labbra,
tutte quelle lingue,
non vengono a baciarti tutte?
Non sono le tue spose
voluttuose ?

Bello, bello, bello... e Santo!
Santo! Santo!
Santo quando pensi di bruciare.
Santo quando abbruci,
Santo quando le guardi
le tue fiamme sante!

E voi, rimasti pietrificati dall'orrore,
pregate, pregate a bassa voce,
orazioni segrete.
Anch'io sai, sono un incendiario,
un povero incendiario che non può bruciare,
e sono come te in prigione.
Sono un poeta che ti rende omaggio,
da povero incendiario mancato,
incendiario da poesia.
Ogni verso che scrivo è un incendio.
Oh! Tu vedessi quando scrivo!

Mi par di vederie le fiamme,
e sento le vampe, bollenti
carezze al mio viso.

Incendio non vero
è quello ch'io scrivo,
non vero seppure è per dolo.
Àn tutte le cose la polizia,
anche la poesia.

Là sopra il mio banco ove nacque,
il mio libro, come per benedizione
io brucio il primo esemplare,
e guardo avido quella fiamma,
e godo, e mi rinvivo,
e sento salirmi il calore alla testa
come se bruciasse il mio cervello.
Come mi sento vile innanzi a te!
Come mi sento meschino!
Vorrei scrivere soltanto per bruciare!

Nel segreto delle mie stanze
passeggio vestito di rosso,
e mi guardo in un vecchio specchio,
pieno di ebbrezza,
come fossi una fiamma,
una povera fiamma che aspetta...

il tuo riflesso!
Fuori vado vestito di grigio,
ovvero di nessun colore,
c'è anche per le vesti una polizia,
come per le parole.
E quella per il fuoco
è tremenda, accanita,

gli uomini anno orrore delle fiamme,
gli uomini serî,
per questo anno inventato i pompieri.

Tu mi guardi, senza parlare,
tu non parli,
e i tuoi occhi mi dicono:
uomo, poco farai tu che ciarli.
Ma fido in te!
T'apro la gabbia và!
Guardali, guardali, come fuggono!
Sono forsennati dall'orrore,
la paura gli à tutti impazzati.
Potete andare, fuggite, fuggite,
egli vi raggiungerà!

E una di queste mattine,
uscendo dalla mia casa,
fra le consuete catapecchie,
non vedrò più le vecchie
reliquie tarlite,
così gelosamente custodite
da tanto tempo!
Non le vedrò più!
Avrò un urlo di gioia!
Ci sei passato tu!
E dopo mi sentirò lambire le vesti,
le fiamme arderanno
sotto la mia casa...
griderò, esulterò,
m'avrai data la vita!
Io sono una fiamma che aspetta!
Va, passa fratello, corri, a riscaldare
la gelida carcassa

di questo vecchio mondo!

VI. 2 Visita alla Contessa Eva Pizzardini Ba.¹⁴⁷

- Buona sera Contessa.
- Buona sera carissimo Aldo.
- Oggi giornata bella, Contessa.
- Troppo bella, carissimo Aldo,
non fa né freddo né caldo.
- E la noia. Contessa?
- Ah ! Oh ! Ih ! Hum !
- Sempre la stessa!
- Già. Questo mi dite di nuovo ?
- Bravo.
- Cosa dirvi di nuovo?
- Mi credete così ingenuo?
- Non mi ci provo.
- Bravo! E passate per giovine bizzarro,
per uomo così strano....
strano.... bizzarro....
bizzarro.... strano....
- Bravo....
- Cotesta bella veste, Contessa,
l'ò vista proprio ieri sera
precisa a una borghese.
- E fu inventata a Parigi
che non è ancora bene un mese,
sempre così, si sa già.
- A Parigi fumano l'oppio.
- Ma a Parigi....
- Oh! Verrà presto la moda anche da noi.
- Altro che verrà, poi ;
le belle cose da noi sono un mito,
noi, siamo quelli di ieri, o di poi.
Che governo pitocco!

¹⁴⁷ PALAZZESCHI, A. *L'Incendiario*. op. cit., pp. 173–178.

Ma.... di nuovo?

- Di nuovo?
- E dire che vorrei, solo per una volta, vedermi nuova nel mio specchio.
- Come?
- Nuova, diversa da sempre, e diversa da tutte.
- Aver due bocche?
- Magari, ma è un caso comune.
- Un occhio dietro?
- Dove?
- Nella testa.
- Ah! Sì...
- Un dente sulla punta del naso?
- Meglio senza naso nel caso.
- Due teste?
- Comune, comune.
- Tre teste, quattro gambe?
- Comune comune.

Iersera, per dormire, mi son fatta tre volte la puntura di morfina.

- Tre volte!?
- Sono poche? Sono molte?
- Ma vi pare, la morfina!
- La morfina! La morfina!
- Vorreste d'un tratto diventare Regina, Imperatrice?

Antonietta, Messalina?

- Uhm.... forse sarebbe meglio.... una poveretta.
- Povera molto? Vivere di limosina?

Essere giù, nel fango!

- Oh! Sì!
- Insultata, battuta, essere vilipesa, prostituta.
- Oh! Prostituta! Insultata! Battuta!

Magari nel mezzo della strada come una donna perduta!

Almeno per provare, ma come fare?

Noi.... chi ci può insultare?

- Chi, voi? Io!
- Siete troppo gentile.

- Mi proverò.
- Siete troppo corretto, e non riuscirete che a farmi annoiare di più.
Dirò io per la prima.
Piccolo sciocco!
- Stupida d'una donna!
- Poetucolo pitocco!
- Vescica colla gonna!
- Imbecille, cretino!
- Omuncolo da nulla!
- Povera grulla!
- Grullone, libertino, buffone,
ruffiano, lenone!
- Smencitissima vacca!
- Porcona, puttana, vigliacca....
- Basta basta basta
mio carissimo Aldo,
non crediamo di dirci
qualche cosa di nuovo,
sensazione nuova, io già non provo,
la cerco, ma non la trovo.
Amiamoci piuttosto,
l'amore è tanto vecchio
mi sembrerà più nuovo.
- Sì? Purché voi ritorniate
come allora, ma ora....
- Quando?
- Quando m'ascoltavate
senza pensare al male,
ed erano assai meno noiose
le vostre serate.
- Mi avete amata voi?
Ed io vi ò amato?
Doveva essere molto noioso
il nostro povero amore, se lo abbiamo
troncato e nemmeno ce ne ricordiamo.
- Era.... una parola sola allora....
- Vi ricordate ieri sera?
- Ieri sera?
- Quella mia parola....
- Quale? Dite, mi fate venir male.
- Quando fu?....
- Certamente vi sbagliate,

fu la sera avanti.

- Ve l’avevo già detta?
- Uh! Centomila sere,
capirete se è sempre la stessa!
Basta basta, non la ridite,
lasciatemi morire in pace,
sono malata.
- Che sarà di Voi?
- Di me?
- Buona notte Contessa.
- Buona notte carissimo Aldo.

VI. 3. IL CONTRODOLORE¹⁴⁸ – Manifesto futurista – (1914)

“Dio non à né corpo, né mani, né piedi, è un puro e semplicissimo spirito”.

Ma chi volle dare un’immagine agli uomini di questo fattore dell’universo, dovette servirsi di una immagine umana e ce lo fece vedere uomo. Fu un omone grande grande, o nudo, dalle membra e dai muscoli ciclopici, o con un magnifico peplo e con sandali, con capelli e barba meravigliosi, con l’indice titanico della mano levata in aria terribile di comando: luce o tenebre, vita o morte.

Se uomo volete raffigurarvelo, per comodità del vostro cervello, questo spirito supremo ed infinito, perché grande, quando voi dovete forzatamente fissare dei limiti a questa grandezza? La vostra non potrà mai arrivare alla sua, dunque pensate addirittura ad un uomo come voi e sarete al vostro posto. Perché in peplo e non in tait? Perché in coturno e non con un comune paio di scarpe walk-over? Perché un’immagine seria e relativamente grande è più facile di una relativamente piccola e allegra. E’ il suo spirito che voi dovete riuscire a scoprire; il suo corpo, che non esiste, potete raffigurarvelo come vi pare e piace.

Se io me lo figuro uomo, non lo vedo né più grande né più piccino di me. Un omettino di sempre media statura, di sempre media età, di sempre medie proporzioni, che mi stupisce per una cosa soltanto: che mentre io lo considero titubante e spaventato,

¹⁴⁸ PALAZZESCHI, A. *Il Controdolore*. In: “PALAZZESCHI, A.; Tellini, G. (Org.). Aldo Palazzeschi: Tutti i Romanzi”. Milano: Mondadori, 2004, pp.1221-1232

egli mi guarda ridendo a crepappelle. La sua faccettina rotonda divinamente ride come incendiata da una risata infinita ed eterna, e la sua pancina tremola, tremola in quella gioia. Perché dovrebbe questo spirito essere la perfezione della serietà e non quella dell'allegria? Secondo me, nella sua bocca divina si accentra l'universo in una eterna motrice risata. Egli non à creato no, rassicuratevi, per un tragico, o malinconico, o nostalgico fine; à creato perché ciò lo divertiva. Voi lavorate per alimentare bene voi e i vostri figli, non per fare con essi lunghi sbadigli di fame. Egli lavorò per tenere alimentata la gioia sua ed offrirne alle sue degne creature. E comprenderete bene che per divertirsi tutti in eterno, ce ne vogliono dei curiosi ed eterni spettacoli!

Come avevate potuto pensare che egli avesse creato se ciò fosse stata cosa tediosa? Come poteva venirci da questa forza smisurata, opera da perditempo senza spirito? Bando dunque a tutta la vostra serietà, se volete comprendere qualche cosa di lui e della sua creazione, e specialmente di questa piccolissima parte che ci riguarda: la nostra terra. Il sole sarà, per esempio, il suo giuoco preferito per lunghe interminabili partite di pallone; la luna il suo specchio comico dalla luce tutta bitorzoluta, cosicché egli potrà vedersi nelle più ridicole maniere, La nostra terra non è dunque che uno di questi suoi tanti giocattoli fatto precisamente così: un campo diviso da una fittissima macchia di marruche, spini, pruni, pungiglioni. A' posto l'uomo da un lato dicendo ad esso: attraversala, là è la gioia, è il largo, la vita degli eletti, vivrai coi pochi coraggiosi che come te l'attraverseranno. Riderai del dolore dei poltroni, dei paurosi, dei caduti, dei vili, dei vinti,

Fino dal primo momento l'uomo è in massima parte rimasto fuori a lamentarsi, a considerare lo spessore dell'oscuro ammasso del prunaio, a misurare la proporzione, la lunghezza, la quantità, la posizione degli spunzoni, a tentare di contarne il numero, a cercarvi un introvabile pertugio, a far paragoni fra questo e quello, invece di buttarvisi dentro risoluto. Alcuni vi sono in mezzo, incapaci di andare avanti o indietro, preferendo vivere con un pruno in un occhio, piuttosto che affrontarne uno non si sa dove. Questi gridano disperatamente, e i loro lagni scoraggiano sempre più quelli che sono ancora fuori, mentre fanno sempre più sganasciare dalle risa e tenersi la pancia per non liquefarsi dalla gioia, quei pochissimi che vivono ridendo, protetti dal loro signore, che al centro di tutte le cose ride più di loro. Il piagnucolamento delle moltitudini esterne, solletica perennemente il bollore della loro allegrezza; le grida disperate di quelli che stanno dentro la siepe gli fanno dare lanci di giubilo. Ecco press'a poco il giuoco.

L'uomo che attraverserà coraggiosamente il dolore umano godrà dello spettacolo divino del suo Dio. Egli si farà simile a lui, attraversando questo purgatorio di spine ch'egli gli à imposto per godere primo lui e comunicare la stessa gioia ai suoi dilette, egli, corpo umano, ma perfettissimo, che non à sulle sue membra di gioia una sola cicatrice di dolore.

Uomini, non siete creati, no, per soffrire; nulla fu fatto nell'ora di tristezza e per la tristezza; tutto fu fatto per il gaudio eterno. Il dolore è transitorio (voi soli ne eternate l'esistenza con la vostra paura); la gioia è eterna. Ecco il vero peccato originale, ecco il solo fonte battesimale. Vili! Paurosi! Poltroni! Incerti! Ritardatari! Passate la macchia! **Se credete che sia profondo ciò che comunemente s'intende per serio siete dei superficiali.** La superiorità dell'uomo su tutti gli animali è che ad esso solo fu dato il privilegio divino del riso, Essi non potranno mai comunicare con Dio. Un piccolo e misero topo, può farci udire il suo pianto, i suoi lamenti; nessun animale ci à fatto ancora udire una calda sonora risata.

Che il riso (gioia) è più profondo del pianto (dolore), ce lo dimostra il fatto che l'uomo, appena nato, quando è ancora incapace di tutto, è però abilissimo di lunghi interminabili piagnistei. Prima che possa pagarsi il lusso di una bella risata avrà dovuto seguire una buona maturazione.

Bisogna abituarsi a ridere di tutto quello di cui abitualmente si piange, sviluppando la nostra profondità. **L'uomo non può essere considerato seriamente che quando ride.** La serietà in tal caso ci viene dalla ammirazione, dall'invidia, dalla vanità. **Quello che si dice il dolore umano non è che il corpo caldo ed intenso della gioia ricoperto di una gelatina di fredde lagrime grigiastre.** Scortecciate e troverete la felicità.

Si è fino alla nausea fatto del vieto romanticismo sopra le sventure umane; le deformità del corpo, le malattie, le passioni, la miseria, la vecchiaia, i cataclismi, le carestie, furono ritenute sciagure tutte da bagnare di pianto. Se esse fossero state un tantino approfondite, noi le avremmo già come le fonti più vive della nostra allegrezza. Nulla fu creato con malinconia, ricordatelo bene; **nulla è triste profondamente, tutto è gioioso.**

Un giorno natura, questa vecchia pittrice da accademia, dopo avere impartite al suo quadro mille spasmodiche sfumature di luci e di colori, coi suoi tramonti e colle sue aurore, mille toni di verde e di azzurro, "Ecco! - ella avrebbe detto alla fine aprendo la

porta del suo studio a un uomo senz'occhi: - venite, guardate!" E credete proprio che essa fosse così sciocchina da farlo, se ciò non era spiritoso?

Il cieco ci rappresenta la profondità, il privilegio di tutte le viste. Egli à chiusa in sé la gioia di tutte le luci e di tutti i colori. Se voi lo guardate con aria lagrimosa siete dei poveri cervellini da tre centesimi. E ridetegli pure in faccia, a questo beniamino! Natura ve lo indica per questo. Siete ancora degli esseri compassionevoli? Egli non vi vedrà. Siete ancora dei vili paurosi? Ma egli è il solo che non potrà battersi con voi.

Un gobbo, natura ve lo indica perché gli ridiate dietro, e proprio dietro nella schiena essa gli pose il tesoro della sua giocondità. Un poeta gobbo che continuasse per tutta la vita a cantare dolorosamente non potrebbe essere mai e poi mai un uomo profondo, ma il più superficiale di questa terra. Egli si sarebbe fermato a piagnucolare alla superficie della sua gobba come un fanciullo alla parola "bao" dopo averci rubato lo scrigno del suo tesoro dorsale per non essere stato capace di penetrarlo.

Maggior quantità di riso un uomo riuscirà a scoprire dentro il dolore, più egli sarà un uomo profondo.

Non si può intimamente ridere se non dopo aver fatto un lavoro di scavo nel dolore umano. L'uomo che ride del riso stesso, o servendosi della gioia già scavata da altri, o è un poltrone, o un impotente, e ride, come se uno gli facesse il solletico sotto la gola, un riso meccanico. E' come se uno credesse di sfamarsi guardando mangiare. Così furono fino ad ora le arti, il teatro, la letteratura: galleggiare sul dolore umano, servirsi della gioia già scavata da un altro, facendocela vedere già fuori senza insegnarci il modo di scuoprirla. **Il soliloquio di Amleto, la gelosia di Otello, la pazzia di Lear, le furie di Oreste, la fine di Margherita Gautier, i gemiti di Osvaldo, veduti ed ascoltati da un pubblico intelligente devono suscitare le più clamorose risate.**

Fissate bene in viso la morte, ed essa vi fornirà tanto da ridere per tutta la vita. **Io affermo essere nell'uomo che piange, nell'uomo che muore, le massime sorgenti della gioia umana.**

Bisogna educare al riso i nostri figli, al riso più smodato, più insolente, al coraggio di ridere rumorosamente non appena ne sentano la necessità, all'abitudine di approfondire tutti i fantasmi, tutte le apparenze funebri e dolorose della loro infanzia, alla capacità di servirsene per la loro gioia.

Per esercitare questo spirito di esplorazione nel dolore umano, fino dai primi anni li sottoporremo a prove facili. Gli forniremo giocattoli educativi, fantocci gobbi, ciechi, cancrenosi, sciancati, etici, sifilitici, che meccanicamente piangano, gridino, si

lamentino, vengano assaliti da epilessia, peste, colera, emorragie, emorroidi, scoli, follia, svengano, rantolino, muoiano. Poi la loro maestra sarà idropica, ammalata di elefantiasi, oppure secca secca, lunga, con collo di giraffa. Le due saranno alternate ad insaputa della scolaresca, messe vicino, fatte piangere, fatte tirarsi i capelli, i pizzicotti, dire ahi! ohi! in tutti i toni possibili e immaginabili, nelle maniere più desolanti.

Un maestro piccolino piccolino, gobbo rachitico, ed uno gigantesco dalla faccia impubere, dalla voce esilissima, e dal pianto come un filo di vetro. Un altro lo basterà, o lo rimprovererà con voce cavernosa, mentre il gobbettino gli farà il pizzicorino dietro i ginocchi. I vari tipi messi insieme, alternati, fatti piangere, rincorrere, dire ahi! ohi! in tutti i toni, fatti morire.

Gl'insegnanti entreranno nelle classi sempre con svariata sapientissima maniera. Una mattina il maestro sarà fasciato per male di denti; una mattina avrà gonfia una guancia come per una patata ricevuta o levandosi il cappello avrà sopra il cranio lucido un enorme bitorzolo in mezzo, roseo lucente grosso come una mela, bubboni e foruncoli geniali, bendaggi, e fisserà gli alunni, e girerà per la classe serio, irato o malinconico, nostalgico, romantico, stupidamente innamorato della maestra idropica, o non corrisposto dalla giraffa. Sarà zoppo, guercio, marcio, sciancato. A seconda delle loro più o meno intense qualità naturali saranno questi insegnanti retribuiti.

Per abituare i loro alunni a ridere sinceramente di tutte le cose dette serie dovranno certo possedere specialissime attitudini, intelligenza pratica delle giovani coscienze, dei teneri cervelli.

La signora idropica darà tre enormi soffi e cadrà morta sulla sua poltrona, Quella lunga lunga secca, col collo di giraffa, morirà con lanci da cavalletta e cadrà contro il muro colle gambe all'insù, dopo aver percorso in tutti i sensi la sua classe. Lunghe sapienti lezioni di boccacce, di pianti i più svariati, di tutti i possibili lamenti. Si faranno nel cortile della scuola falsi funerali: le bare verranno, dopo l'estrema benedizione del cadavere, scoperte e trovate piene di dolciumi o di figurine per i più piccoli, o partiranno da esse centinaia di topolini, prima bianchi, poi grigi, poi neri, o il cadavere sarà di pasta frolla per i più grandi, di cioccolata per i più piccoli, ed essi se ne contenderanno allegramente le membra. O si alzerà in aria terribile, o all'alzarsi del coperchio il suo naso si eleverà oltre due metri sulla sua faccia, per i più grandi ancora.

I tardivi, **quelli predisposti irrimediabilmente alla malinconia**, incapaci di addentrarsi un solo millimetro nell'interno delle cose, quelli che ridono poco e male, gl'imbecilli insomma delle nuove generazioni verranno prima curati con amore, con

lezioni private, con ogni possibile mezzo, per sviluppare ogni loro possibilità, verranno poi espulsi, messi in appositi ricoveri, dove cresceranno e vivranno i poveri infelici serii.

Le morti delle persone più care, tutte le loro sciagure, vi forniranno i momenti della vostra gioia più intensa. Pensate: essi ne toccano in quegli istanti il fondo e ve ne comunicano la profondità, che voi rispecchiandoli sottrarrete dal dolore, Io credo che anche un povero idiota che sia stato per tutta la vita incapace di vedere da sé, dovrà almeno ricordarsi in quell'ora i soffi della maestra idropica, gli stiracchiamenti di quella lunga e secca, i gemiti, i gridi, le boccacce degli insegnanti ecc.; il funerale dal quale saltarono fuori tanti topolini, quello nel quale il cadavere gonfiò gonfiò e salì per l'azzurro, o quello nel quale gustò un delizioso dito di pasta dolce, o un occhio caramellato. Oh! i bacchanali dei nuovi funerali! I ritorni dai cimiteri, nuovi carnevali! Gli spettacoli negli ospedali, teatri delle nuove generazioni! Pensate alla nostra felicità e a quella dei nostri malati abituati a vedersi intorno facce tetre che rispecchiano la morte, quando si vedranno intorno negli appositi palchetti di osservazione, dame gobbe torte guercie, piene di bubboni, in décolleté, sbirciarli coi loro occhialini; elegantissimi giovani intignati, senza naso, gobbi, guerci, guardarli ridendo a crepappelle, come non si sentiranno essi padroni della gioia che è in fondo alla loro stessa carne? Tutto è da sperare dalla buona educazione dei giovani. Combattiamo dunque una educazione falsa e sbagliata, il rispetto umano, la compostezza, la linea, la bellezza, la giovinezza, la ricchezza, la pulizia, la libertà! Cioè, approfondiamo queste cose e troveremo in esse la loro ultima sostanza, il vero.

Ridere quando se ne à voglia, quando cioè il nostro ingegno, il nostro istinto più profondo ce ne suggeriscono il diritto, sviluppare questa che è la sola facoltà divina dell'essere umano. O' veduto persone giovani, in special modo fanciulli, scappare a ridere istintivamente alla notizia di una sciagura che colpiva la loro famiglia o taluno dei loro amici. Se vi fosse stato taluno che avesse rimproverato quella creatura precocemente geniale, sviandola dal giusto cammino sul quale istintivamente muoveva i primi suoi passi, per colui s'innalzi pure la ghigliottina, che il giocondo spettacolo dell'universo non è per i suoi occhi.

Io affermo che anche nelle attuali circostanze della nostra coscienza umana rovesciata, sviata da una falsa educazione, l'uomo il più grave, il più maturo, che dopo aver superata una delle più gravi difficoltà della sua vita non si è sentito la voglia di fare

uno sgambetto e non l'abbia addirittura fatto, era indegno di vincere quella battaglia. D'ora in poi, pensate, tutta la nostra vita sarà una serie interminabile di sgambetti.

Giovani, la vostra compagna sarà gobba, orba, sciancata, calva, sorda, sganasciata, sdentata, puzzolente, avrà gesti da scimmia, voce da pappagallo, ecc. Sono queste le sole creature che hanno in loro realizzato già il patrimonio della felicità. Non vi attardate sulla sua bellezza, se disgraziatamente per voi ella vi sembra bella, approfonditela, e ne avrete la deformità. Non vi adagiate mollemente sull'onda del suo profumo; una spira acuta di quel puzzo ch'è la verità profonda della sua carne che adorate, potrebbe un giorno sorprendervi, sfasciare d'un tratto il vostro fragile sogno, farvi prigionieri del dolore. Non vi attardate sull'ora breve della vostra e della sua giovinezza, rimarrete per forza a galla sul dolore umano. Approfonditela e ne avrete la vecchiaia, verità che altrimenti vi rimarrà sconosciuta quando la possederete e sarete preda della nostalgia. Non vi fermate a nessun grado del deforme, del vecchio, essi non hanno come il bello e il giovane un limite; essi sono infiniti.

Voi godrete di più a veder correre tre carogne, rassicuratevi, che tre puro-sangue, Il puro sangue è in sé la carogna che sarà; cercatela, scuopritela, non attardatevi sulle sue linee di fugace splendore, Pensate con gioia alla sua ed alla vostra vecchiaia. In fondo ad essa è la profondità della vostra vita. Avrete la gioia di creare un nuovo essere. Pensate alla felicità di vedervi crescere attorno tanti piccoli gobbettini, orbiciattoli, nanerelli, zoppuncoli, esploratori divini di gioia. Invece di far mettere la parrucca alla vostra compagna, se non è calva del tutto voi la farete radere fino alla lucidità, e fatele imbottire la schiena, se non è proprio gobba.

Sganasciata sia la mobilia della vostra casa; sedie, letti, tavolini che cadono, che si rovesciano, che s'infrangono. Quando le vostre scarpe sono nuove pensatele e vedetele vecchie e rotte, per carità non cercate di vederle in buono stato quando saranno sfasciate: voi sarete perduti. Sganasciate, sdruccite mentalmente il mobilio della vostra casa, rompete mentalmente le vostre scarpe, i vostri abiti. Prevedete fra i vostri figli un gobbo, o sappiate vedere uno storpio nel vostro figlio più sano, una vecchia bagascia rauca in una giovinetta dalla voce d'usignolo. Approfondite, approfondite sempre; fissate la vecchiaia.

Venite! Venite! Nuovi eroi, nuovi genii della risata, sbucate nelle nostre braccia che vi attendono, fra le nostre bocche che ridono ridono ridono, fuori dalla macchia pungente del dolore umano.

CONCLUSIONI

Noi futuristi vogliamo guarire le razze latine, e specialmente la nostra, dal dolore cosciente, lue passatista aggravata dal romanticismo cronico, dall'affettività mostruosa e dal sentimentalismo pietoso che deprimono ogni italiano. Vogliamo perciò sistematicamente:

1. Distruggere il fantasma romantico ossessionante e doloroso **delle cose dette gravi**, estraendone e sviluppandone il ridicolo, col sussidio delle scienze, delle arti, della scuola.

2. Combattere il dolore fisico e morale con la loro stessa parodia. Insegnare ai bambini la massima varietà di sberleffi, di boccacce, di gemiti, lagni, strilli, per preservarli dagli abituali pianti.

3. Svalutare tutti i dolori possibili, penetrandoli, guardandoli da ogni lato, anatomizzandoli freddamente.

4. Invece di fermarsi nel buio del dolore, attraversarlo con slancio, per entrare nella luce della risata.

5. Crearsi fino da giovani il desiderio della vecchiaia, per non essere prima turbati dal fantasma di essa, poi da quello di una giovinezza che non potemmo godere. Sapersi creare la sensazione di tutti i possibili mali fisici e morali nell'ora di maggior salute e di serenità della nostra vita.

6. Sostituire l'uso dei profumi con quello dei puzzi. Fate invadere un salone da ballo da un odore fresco di rose e voi lo cullerete in un vano passeggero sorriso, fatelo invadere da quello più profondo della merda (profondità umana stupidamente misconosciuta) e voi lo farete agitare nell'ilarità, nella gioia. Voi prendete ai fiori le loro cime, i loro petali: siete dei superficiali; essi vi domandano quello che ci avete in fondo al vostro corpo di più intimo, di più maturo per la loro felicità: sono più profondi di voi.

7. Trarre dai contorcimenti e dai contrasti del dolore gli elementi della nuova risata.

8. Trasformare gli ospedali in ritrovi divertenti, mediante five o' clock tea esilarantissimi, café-chantants, clowns Imporre agli ammalati delle fogge comiche, truccarli come attori, per suscitare fra loro una continua gaiezza. I visitatori non potranno entrare nei palchetti delle corsie se non dopo esser passati per un apposito istituto di laidezza e di schifo, nel quale si orneranno di enormi nasi foruncolosi, di finte bende, ecc. ecc.

9. Trasformare i funerali in cortei mascherati, predisposti e guidati da un umorista che sappia sfruttare tutto il grottesco del dolore. Modernizzare e rendere confortables i cimiteri mediante buvettes, bars, skating, montagne russe, bagni turchi, palestre. Organizzare scampagnate diurne e bals masqués notturni nei cimiteri.

10. Non ridere nel vedere uno che ride (plagio inutile), ma saper ridere nel veder uno che piange. Istituire società ricreative nelle stanze mortuarie, dettare epitaffi a base di bisticci, calembours e doppi sensi. Sviluppare perciò quell’istinto utile e sano che ci fa ridere di un uomo che cade per terra e lasciarlo rialzare da sé comunicandogli la nostra allegria.

11. Trarre tutto un nuovo comico fecondo da una mescolanza di terremoti, naufragi, incendi, ecc.

12. Trasformare i manicomi in scuole di perfezionamento per le nuove generazioni.

V.4. TRADUÇÃO: NOTA GERAL DO TRADUTOR

La fedeltà è piuttosto la tendenza a credere che la traduzione sia sempre possibile se il testo fonte è stato interpretato con appassionata complicità, è l’impegno a identificare quello che per noi è il senso profondo del testo, e la capacità di negoziare a ogni instante la soluzione che ci pare più giusta. Se consultate qualsiasi dizionario vedrete che tra i sinonimi di *fedeltà* non c’è la parola *esattezza*. Ci sono piuttosto *lealtà*, *onestà*, *rispetto*, *pietà*¹⁴⁹. (Eco, 2007, p. 364)

Este tópico se inicia justificando o motivo da escolha, nesta tradução, dos pronomes pessoais de tratamento “senhor (a)” e “você” em vez de “vós” e “tu”, os quais foram utilizados por Palazzeschi em sua obra.

¹⁴⁹ A fidelidade é mais uma tendência para acreditar que a tradução seja sempre possível se o texto fonte foi interpretado com cumplicidade apaixonada, é o empenho para identificar aquilo que para nós é o sentido profundo do texto, e a capacidade de negociar a todo instante a solução que nos parece mais justa. Se consultassem qualquer dicionário veriam que entre os sinônimos de *fidelidade* não existe a palavra *exatidão*. Existem antes *lealdade*, *honestidade*, *respeito*, *compaixão*.

O padrão da norma culta do português brasileiro, baseado no modelo do latim, determinava o uso dos pronomes “tu” e “vós” para os interlocutores da segunda pessoa. No entanto, o pronome “você”, derivado do pronome de tratamento formal “vossa mercê”, que era utilizado de maneira formal, passou a ser empregado sem que houvesse uma distinção entre as classes sociais, desligando-se das exigências que satisfaziam a sociedade no que diz respeito aos tratamentos formais e informais e, com o passar do tempo, substituiu-se o termo “tu” (informal) por “você” e “vós” (formal) por “senhor (a)”. Atualmente, em quase todo o território brasileiro, “você” é usado para uma abordagem íntima entre as pessoas do discurso e “senhor (a)” para um tratamento formal.

Ocorreu na Itália um processo semelhante: se antigamente o “voi” era o pronome do tratamento formal, hoje isso se perdeu (a não ser em algumas regiões do sul da península) e o “Lei” passou a ser o pronome preferencial para isso. Para o tratamento informal, o “tu”, segunda pessoa singular, permanece em uso.

No início da análise das características textuais do *Il Codice di Perelà*, seu aspecto por assim dizer “fabular” induziu a experimentar a utilização dos pronomes “vós” e “tu” em português. No decorrer da tentativa, no entanto, percebeu-se o quanto o “vós” distancia o texto do leitor. E essa distância, apesar de evocar, de fato, a estrutura da fábula, pareceu excessiva, se comparada com o estranhamento que causa no leitor brasileiro e no não estranhamento que causa ao leitor italiano. Diante disso, optou-se pelo tratamento mais habitual dos dias de hoje: se é verdade que o tom fabular se perde um pouco, também é verdade que o leitor não se sentirá excessivamente alheio ao narrado.

Decidiu-se, também, pela tradução dos nomes das personagens quando carregados de significação, e pela manutenção do nome original quando este não possui maior significado.

Além disso, quando não havia um equivalente em português brasileiro de alguma palavra do italiano, buscou-se, como diria Umberto Eco, “negociar” os significados e os sentidos presentes no texto original, levando-se em consideração o leitor, “destinatário desta tradução”. Essa busca incessante visou encontrar uma “semelhança” que garantisse o mesmo valor presente no “texto de partida”, para aproximar o leitor da leitura da tradução, sempre refletindo sobre a “visão de mundo encontrada na estrutura e no uso” tanto do italiano quanto do português brasileiro. Quando necessário, recorreu-se a “mecanismos de compensação”, tudo isso como

orienta Francis H. Aubert em seu texto “As (In)fidelidades da tradução: servidões e autonomia do tradutor”. Em relação à pontuação, a do italiano não corresponde à do português brasileiro (e vice-versa), por isso, foram inseridas e feitas adaptações, quando necessário, sempre pensando nas “palavras em liberdade” que Palazzeschi tanto valorizava. Vale ressaltar que as observações aqui tecidas serão apontadas no texto traduzido, em notas de rodapé, para instruir o leitor a respeito de algumas decisões tomadas, no intuito de ilustrar as reflexões ocorridas durante o ato tradutório.

O Código de Perelá

Romance futurista

(1911)

AFETUOSAMENTE DEDICO: AO PÚBLICO! ÀQUELE PÚBLICO QUE NOS COBRE COM VAIAS, COM FRUTAS E COM LEGUMES, NÓS O COBRIREMOS COM DELICIOSAS OBRAS DE ARTE.

O ÚTERO NEGRO

Pena! Rede! Lâmina! Pena! Rede! Lâmina! Pe... Re... La...

- O senhor¹⁵⁰ seria um homem, por acaso?
- Não, senhor, eu sou uma pobre velha.
- É verdade, sim é verdade, tem razão, a senhora é uma pobre velha, um homem sou eu.
- O senhor o que é?
- Eu sou... eu sou... muito leve, eu sou um homem muito leve; e a senhora é uma pobre velha: como Pena, como Rede, como Lâmina, elas também eram velhas. Queria me dizer se aquilo que se vê lá embaixo, no fundo desta rua, é a cidade?
- É.
- A que se vê lá embaixo... seria, então, a casa do Rei?
- Aquelas são as portas da cidade. A casa do Rei está situada no meio, e é rodeada por muros, e é protegida pelos guardas. Aqueles cidadãos sempre matam o Rei deles. Agora o Rei é Torlindao. Está indo para a cidade, senhor?
- Estou.
- Estará lá daqui a pouco. De onde vem?
- Lá de cima.
- Nunca o viram na cidade?
- Vou lá pela primeira vez.
- Olhe, olhe, está vendo aquela nuvem de poeira vindo em nossa direção? São os guardas do Rei, é a escolta a cavalo, vem para fazer a inspeção dos arredores, eu me despeço, adeus, adeus senhor, vendo-me aqui com o senhor poderiam suspeitar, saiba responder-lhes se for o caso, o senhor pode chamar a atenção deles. Adeus, boa viagem.

- Você viu como o empoeiramos? Não dava mais para entender o que era.
- Quando chegamos perto me parecia tê-lo visto desaparecer.
- Desaparecer?
- Sem dúvida, a mim também.
- Mas aquilo não era um homem, viu?
- O que era então? Diga lá!

¹⁵⁰ Traduzimos por "O Senhor", embora Perelá esteja falando com uma mulher, justamente porque ele ainda não viu um ser humano pessoalmente e, por isso, não sabe distinguir a diferença entre homens e mulheres.

- Parecia uma nuvem.
- Cobrimos ele¹⁵¹ de poeira, nós é que parecemos uma nuvem, meu caro, nesta maldita rua!
- Não, não, eu o vi antes que o caminho fosse tomado pela poeira, é um homem de fumaça!
- Imbecil!
- Ah! sei, homem de fumaça, vai ver é um assado de burro, você se enganou.
- Eu vi muito bem os sapatos dele.
- Tinha umas botas de cano alto brilhantes como as dos nossos oficiais.
- Mas é um cavaleiro antigo.
- Vamos parar um instante.
- Por que não voltamos?
- Para fazer o quê?
- Para vê-lo, ao menos para interrogá-lo.
- Nada disso. Eu não dou nem mais um passo.
- Quer apostar?
- O quê?
- Digam lá.
- Um par de botas como aquele do seu burro antigo, burro da moda!

Pena! Rede! Lâmina! Pena! Rede! Lâmina! Pe... Re... La...

- Ehi, cavaleiro, aonde vai?
- Para a cidade.
- Sabe nos dizer por acaso que espécie de animal o senhor é?
- Eu sou... muito... um homem.
- O senhor de homem tem pouco, me parece que de homem, o senhor só tem as botas.
- De onde vem?
- Lá de cima.
- Essa é boa, ehi cavaleiro, o senhor sabe com quem está falando?
- Com a escolta do Rei.

¹⁵¹ Para maior coloquialismo.

- Ainda bem, então já sabe que conversa fiada não resolve.
- Vamos perguntar do que ele é feito.
- Pergunte você, imbecil.
- O senhor é feito do quê?
- Eu sou... muito leve.
- Queria dizer: de que matéria é formada o seu corpo?
- Fumaça.
- Eu disse, não disse? Está vendo! Está vendo! É um homem de fumaça. Um homem de fumaça! Fumaça! Fumaça! Fumaça!
- Cale-se pirralho, se você também não quiser virar fumaça.
- Mas ele tem razão!
- Por que teimar, afinal?
- Não estamos todos vendo?
- Fumaça! Fumaça! Fumaça!
- Cale-se...
- Mas é verdade mesmo, ele tem razão.
- Vocês ligam é para aposta que fizeram, é isso.
- Que sapato lindo, hein?
- Calem-se...
- Mas não adianta, é verdade.
- Fumaça! Fumaça! Fumaça!
- Todos nós estamos vendo.
- Vamos contar para o Rei?
- Vamos contar para o Rei!
- Sim, sim, vamos.
- Pode gostar de vê-lo.
- Sabe-se lá o que vai dizer!
- Um homem de fumaça!
- Fumaça! Fumaça! Fumaça!

Pena! Rede! Lâmina! Pena! Rede! Lâmina! Pe... Re... La...

- Nada a declarar, senhor? Cavalheiro não se faça de surdo! Não tem nada aí? Dentro dos sapatos?

- Eu sou... muito leve.
 - Eh meu caro, existem coisas muito leves que pagam impostos. Com suas botas, o senhor poderia muito bem fraudar o governo. Que sujeito engraçado!

- Você viu que cor estranha?
- Cor de névoa, meu caro.
- Não!
- O quê foi?
- Entendi.
- O quê?
- É de fumaça!
- Ah! ah! ah! ah! ah!
- É, é de fumaça.
- Escutem só , viu passar um homem de fumaça.
- Sem dúvida.
- Ah! ah! ah! ah! ah!
- Louco!
- Quanto você cobrou dele ?
- Sujeito divertido, você e ele.
- Garanto para vocês, não podia de outro modo, ele disse que é muito leve, eu o vi

bem de perto!

- Ah! ah! ah! ah! ah!

- O senhor é um homem não?¹⁵²
- Naturalmente.
- Saberria me dizer quem é aquele homem ali? Ele também é um homem?
- Mas dá para ver, é um soldado. Ele está pronto para a guerra.
- A guerra!

¹⁵² Na passagem “Voi siete un uomo vero?” Palazzeschi, propositadamente, não separou com vírgula a palavra “vero” da frase anterior. Para a tradução há duas interpretações: a primeira é apenas uma confirmação (O senhor é um homem não?) e a segunda uma dúvida (O senhor é um homem de verdade?). Aqui, apesar da tradução escolhida, optamos por não inserir a vírgula para a manutenção da ambiguidade criada pelo autor.

- Não vê como está equipado com ferro, chumbo e aço? É um soldado, dá para ver.
- A guerra! Chumbo... ferro... aço... mas essas coisas não são muito pesadas?
- Naturalmente. Não dá mesmo para enfrentar um inimigo com doces . Mas o senhor o que é?
- Eu sou... um... muito leve, sim, um homem muito leve.
- Que sujeito estranho!

Quantas vezes ouvi este nome: guerra. Pena, Rede, Lâmina, sempre liam sobre guerra, e eu tinha imaginado que os homens fossem pelados para a guerra, e que se tornassem leves, que seus passos fossem ágeis, silenciosos, como os passos de um leopardo; saltos furtivos, volutas de serpente para insinuar-se, esconder-se, subtrair-se; e eu os via arrancar asas dos pássaros para usar como instrumentos. Chumbo... aço... ferro... Mas eles não caem esmagados sob o peso de seus equipamentos? Como podem rapidamente perseguir o inimigo, e perseguidos como podem rapidamente escapar?

Eu via alguns campos todos selados¹⁵³ de sangue rubro, como se aqueles homens tivessem se libertado dele para correrem mais leves para gritar sua vitória!

Agora eu vejo a guerra como uma enorme sopa cinza, servida com estridente grugulho, escachoadado fragor¹⁵⁴, e que sobrou... intragável.

- Gente! Gente! Gente, muita gente!
- Senhor! Senhor!
- Senhor! Corra!
- Venha!
- O senhor também!
- Corram rápido!

¹⁵³ Aquilo que tem selo ou estampilha, ou seja, é oficializado, referindo-se à guerra.

¹⁵⁴ As palavras aqui escolhidas foram para a preservação das onomatopeias utilizadas por Palazzeschi. Elas remetem ao ruído provocado pela guerra e quando se toma uma sopa.

- Ajudem-nos!
- Socorro!
- Olhem, venham!
- Estão vendo, estão vendo este poço? Debrucem-se, olhem. Agora mesmo desceram lá embaixo duas mocinhas e não é possível tirá-las de lá.
- A essa hora devem estar mortas.
- Ajudem-nos senhor!
- Dizem que este poço não tem fundo.
- Como eram lindas!
- Os olhos delas pareciam quatro estrelas do céu!
- Tinham os cachos pretos como anéis de ébano!
- As bocas delas pareciam dois porta-joias de coral repletos de pérolas!
- Nasceram para saudar a aurora!
- Para o amor! Para o amor!
- Quiseram se matar!
- As duas estavam apaixonadas pelo mesmo homem!
- Até a perdição!
- Ele está lá chorando e rolando pelo chão, a mãe dele o segura, caso contrário já teria descido no poço!
- Duas mocinhas!
- Venezianas!
- Vieram aqui para fazer colares de pérolas para as damas da cidade.
- E por amor acabaram com seus dias.
- Amavam um mesmo homem?
- Amavam, senhor.
- E por que se atiraram no poço?
- Ora bolas, porque eram infelizes. Como podia ele, com só um coração, corresponder a dois corações tão ardentes?
- E então somente uma devia se atirar no poço.
- Cale-se, o que é que o senhor sabe?
- Quem é o senhor?
- Somente uma! Sujeito engraçado!
- Mandem-no embora. Façam-no ir embora.
- Estão vendo que homem engraçado?

- Não há de ser nem mesmo um homem, sabem?
- O que deve ser?
- Não é flor que se cheire, isso é que ele é!
- É uma nuvem enorme que desceu bem baixo.
- Uma nuvem enorme! Uma nuvem enorme, plúmbea!¹⁵⁵
- Não é um homem, não é um homem!
- Sim é um homem, mas está vestindo pele de elefante.
- Olha que sapato bonito!
- Roubou, roubou em algum lugar!

O amor! Quantas vezes ouvi essa palavra subindo até mim. Amor. Eu me lembro de Pena, Rede, Lâmina quando pronunciavam essa palavra; as vozes delas se faziam incertas, trêmulas, como se a palavra tivesse que se elevar, como o mover dos passarinhos no ninho, nos primeiros pruridos vitais, quando eles ainda inconscientes intuem suas asas e seus voos. Amor. E eu via duas criaturas loiras cobertas de vestes leves, rosas, olharem-se com um sorriso cândido, em uma auréola de asas brancas, e as via subir, subir levadas por uma nuvem de rosas...

Lá em baixo, no fundo daquele poço sombrio... ele está lá rolando pelo chão...

Agora vejo uma velha com as carnes verdes, enrugada, toda envolta em um xale preto, puído que foi ficando azul-claro com o tempo, está ajoelhada, tem nas mãos uma caçarola alongada de barro, cautelosa, sinistra, se vira, espia, para que ninguém a surpreenda enquanto derrama uma água amarela em uma fenda preta do chão.

- Entre, entre senhor!
- Suba. O grande mestre de cerimônias da corte lhe espera com todos os cavalheiros.

¹⁵⁵ A tradução de “À una cappa di piombo” por “Tem uma capa de chumbo” não faz sentido, se levarmos em consideração que Perelá é um homem de fumaça e, portanto, leve. Por isso, optamos por repetir “Uma nuvem enorme” e colocar “plúmbea”, porque remete tanto à coloração cinzenta do chumbo quanto à aparência soturna de Perelá.

- Senhor, em nome do Rei, da Rainha, e de toda a corte, eu o saúdo como hóspede do palácio real.

O Rei foi informado da sua presença nessa cidade e imediatamente expressou o desejo de tê-lo sob o teto real.

A guarda real não exagerou nem um pouco trazendo-nos notícias sobre o senhor, o senhor é realmente o homem mais singular que já se viu em todos os reinos deste mundo. O senhor vem de onde mesmo?

- De lá de cima.
- Lá de cima, onde?
- Lá em cima onde eu sempre fiquei antes de descer para a luz.
- Ficou muito tempo antes de vir para a luz?
- Terá ficado como todos os outros, nove meses.
- Talvez mais de trinta anos. Aliás, precisamente, trinta e dois ou trinta e três anos.
- Mas está caçoando da gente sabem, está caçoando da gente.
- Não tem o menor jeito de quem está caçoando, cale-se.
- Pergunte para ele quando nasceu.
- Quando o senhor nasceu?
- Não sei. Esta manhã, ao amanhecer, eu descí para a luz.
- Mas que diabo quer dizer com esse descer?
- Quer dizer que veio para a luz esta manhã, nascer e vir não é a mesma coisa?
- Mas ele diz que desceu.
- E quando alguém nasce faz o quê, sobe?
- Mas tampouco desce. E nasceu grandão assim?
- Mas é de fumaça, é de fumaça, o que tem para se espantar?
- Desculpe, o senhor nasceu de sapato?
- Não, encontrei assim que descí.
- E dá-lhe com esse descer!
- Mas ele diz descer no lugar de nascer, o que tem para se espantar?
- Mas tendo vivido tinta e três anos ou talvez mais, como o senhor diz, no ventre materno, o senhor deveria guardar uma lembrança, uma visão daquele tempo.
- Uma lembrança, não uma visão. Eu me lembro de tudo, hora após hora, mas ver não me era possível, ao meu redor estava tudo preto.
- Mas então o senhor via?

- Preto.
- O senhor via preto?
- Mas claro, mas claro, porque tanto insistir, no ventre materno só se pode ver preto. O que mais há de ver?
- Meu caro, no ventre materno não se vê porcaria nenhuma!
- Vai ver que ele via ali, e via preto, um útero negro, isso é tudo!
- Útero negro?
- Mas naturalmente, o que tem de estranho?
- Diga-nos uma coisa senhor, como foi que deixou sua mãe?
- Quando eu descí, elas não estavam mais, e eu descí justamente porque não ouvi mais as vozes delas.
- Elas? Quem?
- Pena! Rede! Lâmina!
- Quem são?
- São as mães dele.
- Mas é louco, é louco!
- Como, como, como?
- É.
- É? O senhor tem três mães?
- É louco!
- Claro tem três mães, o que tem de estranho, é um homem estranho, é estranho em tudo, o que tem de estranho?
- Pena! Rede! Lâmina! Pena, Rede, Lâmina! Pe... Re... La...
- Vamos chamá-lo Perelá!
- Vamos chamá-lo Perelá!
- Perelá não! O que quer dizer Perelá?
- Aqui houve um Rei que se chamava Goela, o que quer dizer Goela? Podemos chamá-lo Perelá.
- Mas então, nos explique, nos explique, pelo amor de Deus, o que devemos contar para o Rei?
- Onde eu fiquei até esta manhã, não era só o ventre de uma mãe qualquer, era o topo de uma chaminé.
- Ahaaaaa!
- Uhuuuuu!

- Ohooooo!
- Claro!
- Uma chaminé!
- Pobre diabo!

- Abaixo de mim ardiam constantemente alguns troncos, um perene, brando foguinho, e uma espira de fumaça que ia subindo pela chaminé onde eu estava. Não me lembro quando nasceu em mim a razão, mas eu comecei a existir, e conheci gradualmente o meu ser, ouvi, compreendi, senti. Ouvi inicialmente uma confusa cantilena de vozes que me pareceram iguais, compreendi que abaixo de mim existiam seres que tinham alguma relação comigo, percebi que eu era uma vida.

A cada dia ouvi melhor as vozes, comecei a distinguir as palavras, a entender o significado delas, e percebi que elas não permaneciam inertes em mim; mas começavam a trama de um trabalho delas.

Sem interrupção o fogo ardia e a espira candente subia para alimentar a minha vida. Eu já era um homem.

Abaixo de mim havia três velhas que liam alternadamente, alternadamente falavam. Aprendi, assim, aquilo que os outros homens aprendem com os seus professores. Pena, Rede, Lâmina não deixaram de me preparar sobre nenhum conhecimento útil.

Eu aprendi sobre guerra, sobre amor, sobre filosofia...

- Também sobre filosofia?
- Também..., uma filosofia leve... leve...
- Ainda bem.
- As três velhas se chamavam, então?
- Pena, Rede, Lâmina.
- Que nomes!
- Eu conheci um homem que se chamava Dado, que façanhas!
- Aqueles não eram os nomes delas, eram apenas três palavras que usavam para se distinguirem. Oh! O nome delas havia de ser bem diferente!

- Mas sabiam que o senhor estava lá em cima? No topo da chaminé?

- Sabiam? Eu nunca consegui descobrir. Elas nunca disseram uma palavra a meu respeito.

- E o senhor nunca falou?

- Somente esta manhã eu percebi que posso falar, quando pela primeira vez eu as chamei. Pena! Rede! Lâmina! Pena! Rede! Lâmina! Pe... Re... La...

- Não chore mais.
- Anime-se.
- Oras bolas, eram as mães dele, sabe, deixem-no chorar pobre diabo.
- Mas se estavam sempre lá lendo, não de ter tido lá suas razões.
- Podiam estar perto da lareira para se aquecerem, ora essa!
- Mantinham o fogo aceso também no verão?
- Sempre.
- Então sabiam, estavam de acordo em não falar sobre isso.
- Mas o que o senhor pensa sobre o senhor?
- Fui amontoado e composto por aquela espira de fumaça, célula por célula, como as pedras de um edifício? De modo que todo produto daquele fogo fosse usado para a minha construção...
- Mas a fumaça não saia da chaminé?
- A chaminé estava obstruída no topo que eu alcançava com a minha cabeça.
- Ah! O útero negro estava então fechado.
- Como todos os outros úteros me parece, até aí...
- Ou fui colocado lá em cima homem, como sou agora, mas de carne e com roupas iguais às daquelas de todos os outros homens?
- Claro!
- Agora sim! Esconderam o senhor lá!
- Aquelas três velhas tinham o segredo delas.
- Mas é evidente, o fato de não quererem que se soubessem seus nomes...
- E, além do mais, de não quererem falar disso.
- Então, sob a ação do fogo, eu seria dia após dia carbonizado muito lentamente, transformado, transformado com o passar dos anos, até ficar intato, mas de fumaça extremamente compacta. Essa foi a mais cuidadosa purificação que o fogo já fez na carne?
- Purificação!
- Purificação!
- Purificação!
- É assim, é assim.
- Mas sim, sim é assim.
- A purificação!

- Há de ter sido um amante delas, daquelas três velhas, e elas para lavá-lo do pecado...
- Mas que amante do Egito!
- Quantos anos tinham as velhas?
- Cem!
- Caramba!
- E o senhor quanto tempo permaneceu no seu útero negro?
- Ele já disse, mais ou menos trinta anos.
- E com setenta anos tinham um amante?
- E, além disso, um amante para três!
- Eram tão velhas!
- Tenha certeza senhor Perelá, esconderam o senhor lá em cima homem tal e qual o senhor é, de tanto ficar sobre fogo o senhor se tornou de fumaça, a coisa é muito natural, se queimamos algo vemos que se carboniza e depois vira fumaça.
 - Mas a fumaça vai embora pelo ar.
 - Mas visto que aquela chaminé estava obstruída no topo, não podia ir pelo ar; me parece tão natural... Mas imaginem só, amontoado, construído de fumaça? O germe de um homem havia de estar lá no topo da chaminé! O útero, negro ou branco, precisa de uma semente para gerar.
 - Mas para uma chaminé, a semente é a fumaça!
 - Mas não senhor que ele é um homem! Tenha certeza senhor Perelá, foi colocado lá tal e qual o senhor é, e pode ter justamente de trinta e dois a trinta e três anos, o que o senhor acha?
 - É, é.
 - Ele parece ter mais.
 - Sim, pode parecer o que quiserem, mas não pode ter mais.
 - O tanto que viveu como homem, é o tanto que ele precisou...
 - Para se purificar.
 - De fato! Trinta e três anos de pecado precisam de trinta e três anos de penitência.
 - O senhor é, senhor Perelá, um homem purificado, e isso o tornará a nossos olhos um ser privilegiado e excepcional.
 - Com certeza o Rei ficará contente com isso!
 - Dois de vocês vão imediatamente até Sua Majestade que espera ansiosamente, digam-lhe que vimos, tocamos e interrogamos o homem, e é mesmo de fumaça, é um

grande cavalheiro, e não há nada a temer. Que pode ficar tranquilo, depois lhe daremos todas as explicações necessárias. Tudo se explica muito mais facilmente e naturalmente do pode parecer na primeira impressão. Rápido, vão, vão.

- E então aqui estamos, muito bem, muito bem senhor Perelá, mandaremos preparar imediatamente seu aposento, e para aquilo que precisar é só pedir.

- Claro, claro, não pode ser de outro modo, o senhor foi colocado lá em cima, por que motivo não se sabe muito bem, as próprias roupas do senhor revelam isso.

Tenha a bondade de se virar. Isso... provavelmente o senhor é um espanhol.

- Ou um francês.

- É um francês.

- Que francês, o quê!

- Se fosse francês se perceberia.

- Parece um mosqueteiro.

- Que mosqueteiro, o quê!

- É um cavalheiro fugido da revolução, dá para ver por seus trajés.

- Isso mesmo, é um mosqueteiro!

- Fugiu da revolução.

- E aquelas botas, por acaso lhe parecem da revolução?

- Mas as botas ele encontrou, meu caro, encontrou esta manhã antes de ir embora do lugar dele lá em cima...

- Não têm nada a ver com ele! Não são de fumaça!

- Aquelas velhas senhoras dele, as encomendaram recentemente a um ótimo sapateiro, aquelas botas são idênticas às de todos os nossos oficiais.

- Pelo corte me parecem do sapateiro de meu irmão.

- Mas é claro que sabiam! O que fariam três velhas com um par de botas?

- Senhor Perelá, termine a sua história, como o senhor decidiu deixar o seu esconderijo?

- Três dias atrás eu senti se apagar abaixo de mim a cantilena, esperei, não ouvi mais a voz adorada das minhas velhas, depois, o fogo também se apagou lá embaixo, e tudo à minha volta tornou-se frio e silencioso. Os meus membros perderam a sua imobilidade, começaram a agitar-se. Esperei ansioso Aonde tinham ido Pena, Rede, Lâmina? Por que tinham me deixado sozinho? Talvez tivessem me abandonado? Talvez para sempre? Eu me agitava, me torcia em um espasmo terrível, aquele lugar tinha se tornado insuportável para mim, e me revirava por todos os lados como uma bola de um

prato indigesto num estômago humano. Finquei as mãos nas paredes, e me apoiando com as costas e firmando os joelhos, consegui descer, onde a chaminé se alargava, ali começavam os anéis de uma corrente, me agarrei nela e descí bem para baixo até o chão. Embaixo ainda estava a última cinza e em volta da chaminé três poltronas vazias, um livro grosso fechado no chão. Onde eu tinha apoiado os pés, ao lado, um belo par de botas bem brilhantes. Eu que me sentia tão estranho ao chão e ainda atraído pelo topo da chaminé, inconscientemente coloquei as minhas pernas naquelas botas, e então me senti seguro, reto, plantado, larguei a corrente e comecei a andar. Corri por todas as salas da casa, vazias, nenhum móvel, nenhuma pessoa, nenhum sinal de vida! Gritei até me dilacerar a garganta: Pena! Rede! Lâmina! Ninguém! Berrei como um louco, chorei, me desesperei, e quando acreditei que tudo tivesse terminado para mim, que a minha vida tivesse acabado, me encontrei à porta da casa. A porta estava aberta, em frente se estendia a empoeirada estrada vicinal que conduz para esta cidade.

Eu sabia tudo sem nunca ter visto nada. Mil histórias de homens, sem saber exatamente como os homens fossem, todos os nomes das coisas, sem saber quais eram as coisas que correspondiam àqueles nomes. Agora eu tinha de ver.

- O Palácio Real está cercado pelo povo, todos querem saber, querem ver, conhecer Perelá.
- Já se sabe o nome dele em toda parte.
- Muitos dizem tê-lo visto passar, querem vê-lo a todo custo.
- O povo se acotovela à porta.
- Todas as damas da cidade telefonaram para obterem informações.
- O Rei ordenou que Perelá seja hospedado com toda honra como se convém a um príncipe real.
- A Rainha anunciou que o receberá em audiência particular.
- O grande mestre de cerimônias da corte prepara enquanto isso a ordem do dia.

- Algumas personalidades da cidade pedem para serem admitidas na presença do senhor Perelá. Podem ser admitidas?

- Senhor Perelá, o seu nome está na boca de todos, não se ouve falar de mais ninguém além do homem de fumaça! Perelá! Perelá! Perelá daqui, Perelá de lá, seriam necessários dez homens de fumaça para contentar toda essa gente!

- Que o senhor Perelá seja conduzido para a sala de audiências, o cavalheiro de serviço mandará entrar os que chegarem primeiro.

- O grande pintor Pacote Crescente.

- Ilustríssimo senhor Perelá, permita-me apresentar-lhe junto com as mais devotas reverências, os sentimentos do meu vivo reconhecimento. A honra que o senhor me concede fazendo-me conhecer um homem como o senhor é por mim altamente considerada.

Tenho certeza que o senhor responderá afirmativamente à proposta que eu venho lhe fazer.

Eu desejaria ser o seu primeiro retratista. Tenho certeza que o senhor será o modelo da minha obra-prima, já tenho muitas ideias a respeito, e para a próxima exposição nenhum retratista do mundo poderá competir com a minha obra.

Suplico-lhe, portanto, calorosamente de não conceder a outro o mesmo privilégio.

Deixe que eu exponha ao seu julgamento meu último trabalho que aqui e alhures recebeu elogio incondicional. Pronto, venham, podem vir mais para frente, descubram.

Como o senhor pode observar bem, senhor Perelá, aquela é uma dama do século quinze, aquele cavalheiro que está ao lado dela acabou de se levantar, estava ajoelhado, para fazer sua declaração de amor. A nobre dama, em pé, aponta, com o indicador de sua pálida mão, a janela, vê aquela rosa púrpura da pequena roseira do peitoril? Bom, ela diz para ele com o gesto, pegue-a. E não é como dizer: a sua declaração é coroada pelo meu amor? Conserve aquela flor sobre o seu peito? Como prova do primeiro beijo? Não vê como ela o observa? Como ela indica a rosa sobre o peitoril?

Esse quadro se chama precisamente: A Rosa.

- O que diz aquela senhora?

- Pegue, a flor é sua.

- Eu vejo ao contrário que ela diz, senhor, saia!
- Oh! senhor Perelá, mas o que está dizendo? Não vê como os seus olhos brilham, como seus lábios são ávidos por amor?

- Ela diz: saia senhor.
- Mas como pode falar assim? Se ela aponta a janela?
- Não se pode sair por uma janela?
- Mas não, mas não, não se pode sair, é como se dissesse para ele, eu quero vê-lo morto brutalmente. Ela não pode absolutamente dizer isso, que tolice, o significado do meu quadro seria absolutamente deturpado... Eu suplico-lhe calorosamente de não falar disso com ninguém, o senhor prejudicaria enormemente minha obra, a sua interpretação nesse momento seria fatal para mim. Vocês vão, cubram de novo, rápido. Eu lhe agradeço por conceder-me essa audiência, e ainda mais pelo privilégio de eu ser o seu primeiro e único retratista. Agradeço-lhe ainda pelos altos elogios realmente imerecidos que o senhor quis tão generosamente conceder para a minha modesta obra.

- Alguns fotógrafos. Calma, calma, dois por vez. Há tempo para todos!
- Teria a complacência de se virar senhor?
- Isso, vou aproveitar para o perfil.
- Gostaria de se sentar-se?
- Gostaria de fazer de conta que lê esse jornal?
- Gostaria manter nas mãos esse cigarro. E esse fósforo, assim, nesta, isso.
- Quer cruzar as pernas assim?
- Quer colocar braços assim?
- E a perna esquerda assim?
- Quer tirar as botas?
- Não!
- Não tem problema, pode deixar, teria sido útil para o essa encenação, mas não tem problema, deixe, deixe.

- Não!
- Mas o senhor acha? Pronto.
- Certo.
- Obrigado.
- Obrigado.
- Meus respeitos.

- Senhor Perelá
- Obrigadíssimo.
- Obrigadíssimo.

- O Banqueiro Rodela.

- Assim que tive o conhecimento de sua presença na nossa cidade, me apressei para prestar-lhe as minhas homenagens, e para rogar-lhe de ouvir o que vou dizer-lhe.

Eu também ouvi que o senhor veio aqui desprovido de tudo e em posse apenas de um par de sapatos muito bonitos.

- Aqui estão.

- Muito bem, então eu venho para colocar à sua disposição o meu dinheiro; e isso bem entendido não para beneficiar somente o senhor, mas para que possamos fechar os melhores negócios como sócios.

- Eu?

- O senhor naturalmente.

- Eu sou de fumaça...

- Por isso mesmo.

- Como eu posso ser fonte de ganho, sendo de natureza tão modesta?

- Não quer dizer nada, com a fumaça, veja, se podem fazer as melhores especulações desse mundo. Basta saber dar o valor às coisas, todas as coisas que nos rodeiam são o nosso patrimônio, todas são nossa riqueza se soubermos nos valer delas. Veja o sol, o sol, nada mais é do que uma enorme nota bancária que se o senhor conseguir trocar em notas menores poderia gastar a seu bel prazer.

- O sol?

- Sim, o sol.

- É verdade, só pode ser assim, porque se fosse de moeda metálica pesaria muito...

- E cairia, naturalmente, aliás, já teria caído.

- Mas sendo uma nota...

- Nada mais é do que um pedaço de papel... é leve...

- E está no alto.

- Isso. Aqui está meu endereço, e à primeira oportunidade não deixarei de avisar-lhe, para tudo aquilo que precisar estarei imediatamente à sua disposição... Senhor Perelá, as minhas saudações.

- O poeta Isidoro Escova.
- Ao ouvir pronunciar o seu nome pela rua, passeava então com a minha amante.

O nome que pronunciado pela plebe me deixara indiferente, em seus lábios adquiriu seu pleno significado.

Pedi que repetisse muitas vezes o seu nome, como todas as noites lhe peço que repita a grande palavra: poesia. Naqueles lábios Pe...re...là, se vê esta palavra escapar quase rapidamente, ao passo que se vê partir para elevar-se leve e delicadamente a palavra: poesia. O senhor ouve o som desta palavra, aquelas vogais o... e... i... a... e aquela primeira p, que é como a força do sopro que a anima, e aquela s que a impulsiona e a sustenta, a eleva bem alto... alto...

A poesia, senhor Perelá, é um globo azul, o poeta é o hálito que o infla, que o prepara para a sua ascensão celeste. Qual a sua arte?

Saber inflá-lo, inflá-lo, até torná-lo transparente para que ele possa elevar-se.

- O senhor vigiará enquanto o infla, o seu balão, para que nada vá dentro dele?
- Eh! Bastaria um grãozinho da coisa mais simples para que o globo não subisse mais. Dentro se deve poder obter o vazio, eis aí arte do poeta.

Irei compor para o senhor uma ode que o quanto antes lhe enviarei publicada na principal revista da cidade.

Trouxe para o senhor o meu livro de versos: *Baladas Adoentadas*.

- E qual é a doença delas?
- Oh nenhum, estão muito bem.
- E então por que diz que estão adoentadas?
- Porque senão ninguém cuidaria da saúde delas.

O senhor conte com minha amizade, e eu espero contar com a sua, nós somos dois poetas: poderemos colaborar na lavra de um poema dramático.

- O doutor Augustinho Onanistar¹⁵⁶.
- Eu sou o médico da corte, senhor Perelá, vim para prestar-lhe pessoalmente as minhas homenagens e entrementes emitir o boletim de sua perfeita saúde para o Rei.

¹⁵⁶ Foi acrescentada a letra “r” na palavra “onanista” para se aproximar do som da palavra “Pipper” (as duas terminam com “r”).

Poderia eu verificar seu pulso? Muito bem, excelente, quer colocar sua língua para fora? Muito boa.

Aqui está o meu cartão em caso de uma necessidade em que possam ser-lhes úteis os meus serviços.

- O grande filósofo Angelino Pilha, mais conhecido por Pilhão.
- Não sou mesmo filósofo, sabe senhor Perelá, nunca dê ouvidos àquilo que lhe dizem. Eu sou daqueles que normalmente chamam de língua de trapo, uma língua de trapo, isso é tudo.

Quando um homem disse dos seus semelhantes tudo aquilo que era possível dizer de obsceno, eis que é imediatamente um filósofo, quanto mais os tratar como merecem, tanto maior será o filósofo.

Os homens precisam sempre difamar os próprios semelhantes, mas a inteligência deles nunca chega a ser bastante e então inventam a verdade dita por alguém mais. Todas essas asneiras eles as imprimem, as passam, copiam, aprendem, e depois quando as repetem percebem que é justamente o que eles teriam pensado, e assim prosseguem adiante. Cada qual vê todos os semelhantes afogados no pântano, enquanto ele os observa bem feliz, lá do alto. Mas o senhor, diga lá, o que veio fazer aqui?

- Nada.
- Ótimo, faça uma coisa, volte para lá, onde ficou até agora, conhecerá os homens em outra ocasião e será melhor para o senhor, não lhe desejo que os conheça desta vez. O senhor quer tornar-se também uma traça como todos os outros? Os homens roem os aposentos da natureza da mesma maneira que as traças roem os seus aposentos.

Sabe qual motivo alegam para justificar a roedura deles? Dizem que a terra os atrai! Os atrai! Salteiam-se e jogam-se da frigideira para a terra, rolando ali, meio vivos e meio fritos! Oh! A terra vomitaria todos eles de bom grado até o infinito! Pobre terra, ele são o prato mais indigesto, está com todos eles entalados entre a garganta e o estômago, nenhum ainda passou pelo intestino.

Existe, porém, uma coisa que as traças realmente criaram, inventaram, é preciso reconhecer o mérito delas: o pó! Veja bem onde eles andam, onde eles raspam suas misérias esfarrapadas, observe as ruas que eles pisotearam, e pelas quais se arrastam com todo tipo de ferramenta para esfregar o melhor possível a pobre terra de maneira que dê quanto mais pó puder.

Servem-se dos rochedos maiores para fabricar uns pedaços de coisas que cabem na palma de uma mão. O senhor hoje vê uma bela montanha de rochas que lhe parecem inacessíveis, se os homens começarem a percorrê-las, a introduzirem-se lá, a trabalhar lá, pouco tempo depois o senhor não verá mais aquela montanha, a terão pulverizado por inteiro. Tem uma bela árvore grande, reta, que ocupa nobremente o seu reino legítimo, eles, essas sarças ambulantes, irão para suas raízes, com pequenos instrumentos, de tanto estridular, roer, com o mais longo e mais vil afã fazem-na cair, e não há perigo de que caia sobre suas cabeças! Na hora certa se afastam.

Ouçame, não fique aqui, volte para sua casa, não confie neles, não se apegue se fazem para o senhor todos esses dengos, eles às vezes enaltecem um homem de tanto empurrá-lo, mas o senhor acredita que suportam aquela fadiga por nada? Empurram-no porque depois eles se deleitam horrores em deixá-lo cair de chofre!

- Mas eu sou de fumaça.
- Sim é verdade, tem razão, o senhor é de fumaça, e então, tchau, prezado amigo!

- Sua Eminência o Arcebispo.

- O senhor se chama então?

- Perelá.

- Claro, muito bem Pe... relà, sem dúvida Perelá. Então meu caro senhor Perelá eu tenho certeza de ter o senhor entre minhas ovelhas mais eleitas, porque no fundo o senhor nada mais é que um homem.

- Muito leve.

- Ah! Não, não, não, meu caro, ser leve de corpo não conta nada, o senhor mais do que qualquer outro precisa de ajuda e de proteção, precisa ser leve de alma, e não de corpo, e a alma não pode se tornar mais leve a não ser com a remissão dos próprios pecados; só então pode subir ao céu.

- A alma é feita do quê?

- Alma é espírito.

- E dá para ver?

- Mas o espírito não se vê.

- O senhor então nunca viu um homem subir ao céu?

- Todos os espíritos eleitos sobem ao céu sem que nós os vejamos.

- E os outros?

- Os outros tombam para baixo, no inferno.
- Porque pesam mais.
- Naturalmente, não foram libertados do peso de suas culpas.
- Claro.

- Eu nada mais sou que um humilde e fiel servidor do palácio real, Louro, o mais velho criado dos aposentos do Rei. Eu vi e amei aqui tantos Reis, e me alegrei por seu esplendor, e chorei pelo assassinio deles. Mas hoje quando ouvi falar do senhor, e quando depois o vi, tive a visão de um novo Rei, maior e mais belo que todos os outros. Mas é verdade, senhor, que o senhor é realmente de fumaça?

- Sou.

- Como o senhor pôde permanecer sobre o fogo sem se queimar? Como pôde chegar a isso? A minha pequena mente não alcança tamanho prodígio. Permita-me senhor que eu lhe beije a mão. Considere-me como seu mais humilde e devoto servidor, e qualquer coisa que eu possa fazer pelo senhor lembre-se que só ficarei feliz se me comandar, se me demonstrar sua altíssima benevolência.

- O mestre de cerimônias lê a ordem do dia.

- Ordem do dia.

“Amanhã, sexta-feira, às cinco horas, as principais damas da cidade oferecerão um chá em honra ao senhor Perelá.”

- Com a participação da Rainha?

- Não. “Não serão admitidos outros homens a não ser ele. Sua Majestade o Rei deu especiais disposições para que a festa seja solene.

Depois de amanhã, sábado, às cinco horas, Sua Majestade a Rainha receberá o senhor Perelá em audiência particular.

Domingo à noite, às vinte e uma horas, o senhor Perelá será apresentado ao povo. Será levado por todas as ruas da cidade e subúrbios, nas carruagens da corte acompanhado pelos nossos principais cavalheiros e pelas nossas principais damas. A cidade será iluminada, e nos pontos mais frequentados tocarão nada menos que quatorze bandas.

Na mesma noite, às vinte e três horas, grande baile na Corte com participação do Rei.

Além disso... silêncio! Além disso, Sua Majestade o Rei nomeia o senhor Perelá terceiro membro na onerosa compilação do novo Código do nosso País.”

O CHÁ

- Todas nós estamos tão lisonjeadas, não é verdade minhas queridas?
 - Tanto!
 - Todas!
 - Muito!
 - Infinitamente.
 - É verdade!
 - Estamos!
 - Realmente!
 - E como!
 - Estamos tão lisonjeadas de receber, senhor Perelá...
 - Um homem como o senhor!
 - Imagine que o Rei nos convidou a recebê-lo com toda honra.
 - Com a máxima honra.
 - Como há muito tempo não se fazia na corte com ninguém.
 - O Rei.
 - Será uma glória do seu reino.
 - A única.
 - E nos mandou dizer que para cada pedido seu nós não poderemos responder: não.
 - Por que você contou para ele? Fez mal, nunca se sabe.
 - Mas o senhor será discreto, não é mesmo?
 - Oh! Discretíssimo você vai ver.
 - Será como ele achar melhor.
 - Nós apelamos desde já para a sua delicadeza.
 - Como poderemos obter o seu interesse?
 - Se o aborrecermos nos dirá: chega. Estamos aqui para obedecer-lhe, não é verdade minhas queridas?
- Certamente!
 - Claro!
 - É verdade, sim.
 - Sim, é verdade.
 - É verdade, é verdade.
 - Sim, sim.
 - Como podemos provar-lhe a nossa devoção?

- Nos já sabemos tudo sobre o senhor, o senhor deveria saber alguma coisa sobre nós.
- Mas é verdade senhor Perelá que o senhor vai redigir o novo código para o nosso país?
- Certamente, não ouviu ontem à noite?
- Não disseram que o redigia, disseram que iria auxiliar o ministro e Torlindao.
- Não senhora, disseram que o redigia, o redigia, o redigia.
- Melhor, o redigia, o redigia, o quê me importa?
- Disse que não o redigia, o redigia sim.
- Minhas queridas é uma questão inútil, se vai redigir veremos e saberemos; calem-se. As nossas leis atuais, senhor Perelá, precisam de modificações muito radicais: pouco se fala, no velho código, da mulher, e para despropósito, a mulher deve entrar em muito mais questões, precisa, para que as coisas tomem o rumo certo; os senhores homens não entendem quase nada.
- Nada mesmo.
- E fingem entender bem de tudo.
- Uma xícara de chá?
- O chá.
- O chá.
- Aqui está.
- Senhor Perelá.
- Toma?
- Aceita?
- Quer?
- Posso?
- Olhe como bebe!
- Degusta um gole de cada uma de nós.
- Como o senhor é gentil!
- Bonitinho!
- Da minha também, não é verdade?
- E da minha?
- E da minha absolutamente nada?
- Agora eu vou beber nesta xícara.
- E você, porque ficou para trás?

- Senhor Perelá não beba o chá dela!
- O que fez com ele?
- Sintam, sintam como está amargo! Estava dando para ele sem açúcar!
- Malvada!
- Indelicada e mão-de-vaca!
- Desaforada, desaforada, desaforada!
- Gosta?
- Mesmo?
- Ah!
- Toma chá, além de tudo!
- Mas o senhor é um homem como todos os outros, então?
- Oh! Melhor que os outros, minha querida.
- Eu nunca teria acreditado em conhecer um homem de fumaça de verdade.
- E oferecer para ele chá.
- E que ele o bebesse!
- Quando ontem anunciaram o senhor na cidade eu não pude acreditar.
- Eu fui uma das últimas a acreditar... mas agora... aqui está o senhor...
- Eu sempre amei a fumaça e isto não me espantou nem um pouquinho.
- Eu também sempre me extasiei diante da fumaça. Sabem, da janela da casa, quando fico hospedada na minha sogra, se vê uma grande chaminé de uma indústria, e eu passei horas a fio seguindo a fumaça que se desprendia. Uma vez a fumaça saía como soprada pelos lábios da chaminé, como se ela falasse com uma pessoa bem distante, e fizesse todo esforço para se fazer entender: ha! pha! lha! Outra vez eu vi muito bem sair uma longa fila de meninas que estavam todas de mãos dadas, lembram daquelas bonequinhas que se fazem com o jornal quando somos pequenininhas... todas coladas pela mão...
 - As noivas de Perelá.
 - E quando me disseram que tinha na cidade um homem de fumaça, eu não me espantei nem um pouquinho e disse: eh! Mas eu vi homens assim cem mil vezes, da janela da minha sogra! Permita senhor Perelá que eu acaricie o senhor um pouco aqui no braço. Sintam, sintam minhas queridas, é macio mais que o mais fino veludo, sintam.
 - Uh!
 - Um veludo inverossímil.
 - É inacreditável!

- Mas é sensacional.
- Meu Deus!
- Que maciez!
- Mas sintam, mas sintam!
- Sintam-no aqui, sintam-no aqui.
- Um cisne.
- Uma nuvem mansa
- Ou um daqueles lindos penachos que saem das locomotivas...
- Mas sintam nesse ponto, aqui, aqui.
- Ehi descarada!
- Antes de queimar, senhor Perelá, a sua roupa deveria ser de um veludo magnífico.
- Oh! Vermelho vivo! Ardente como...
- Mas cale-se, tolinha.
- E agora assim todo cinza...
- Uma pluma sinistra.
- Por que sinistra minha querida?
- O senhor tem um aspecto tão leal...
- E bom.
- Gentil, pensando bem...
- Eu esta noite não pude adormecer pensando no senhor, diga-me senhor Perelá diga-me, o senhor também não dormiu?
- Não responda, ela diz isso para constrangê-lo.
- Não sabe que ele nunca dorme?!
- É verdade, depois da sua transformação!
- E eu também não mais.
- Cale a boca de uma vez por todas! A nossa querida amiga, a Marquesa de Bel'Onda, é uma criatura doce e cordata, mas tem um gênio tão melancólico que se o senhor lhe der atenção acabará vítima de suas fantasias românticas.
- Antes vamos começar uma história.
- Mas uma história leve, leve... como o senhor gosta.
- Vamos conseguir manter o senhor contente?
- Diga se aborrecemos o senhor, e nós pararemos.
- Precisa de algo?

- Quer mais chá?
- Um sanduiche?
- Um *fondant*?
- Os senhores homens ontem devem ter divertido muito o senhor com seus variados argumentos, mas nós... pobres mulheres, temos tão poucos...
- Para um homem como ele.
- O quê quer dizer?
- Quero dizer...
- Cale-se tola, o quê você sabe dele?
- Cada uma de nós vai procurar no fundo da sua alma, a coisa... a coisa mais leve.

E se de todas souber a mesma coisa, perdoe-nos, nós somos tão excluídas... Os senhores homens podem colocar-se à espreita sobre um pedestal com suas, com suas astúcias, com seus dinheiros, a nós somente a beleza pode dar um pequeno privilégio.

A política não permite ao menos uma pincelada da nossa cor em seu quadro, a religião admite-nos somente como moldura.

- Não podemos comemorar.
- A ciência não nos oferece nenhuma confiança... a arte... se não for a do canto...

Os senhores homens nos deixam a prerrogativa da ciência, mal e mal, sobre um pouco de amor, que eles nos pedem depois como passatempo.

Zoe vai falar primeiro. A ela sempre cabe prioridade. Como vê, senhor Perelá, ela supera todas nós, e muito, pela beleza, ela é considerada a mulher mais bonita do nosso reino. Adiante Zoe, comece.

A Duquesa Zoe Bolo Espetado.

- Ela fez virar a cabeça de todos os homens, o senhor sabe.
- Ridicularizou todos eles.
- Riu-se de todos.
- E nunca se concedeu a ninguém.
- Quer permanecer fiel ao seu marido.
- Cinco ou seis se mataram por ela.
- Cinco ou seis? Pelo menos doze minha querida.
- Baste saber que ela fez um barão de setenta anos cometer suicídio!

- Milionário.
- Cheio de netos.
- Um daqueles homens, senhor Perelá, que desde que o mundo é mundo, mesmo o pai eterno pena para conseguir que os outros se vejam livre dele.
- Ela rendeu às ferrovias muito mais que as peregrinações ao Santo Pai.
- Um jovem advogado prometeu a ela se matar depois de um único beijo, ela não quis conceder-lho e ele... se matou assim mesmo.
- Minha querida, mas daquela vez você foi diabolicamente malvada.
- Não conceder ao homem que morre por nós poder pelo menos morrer com o nosso beijo nos lábios.
- E você é de um romantismo totalmente teórico; o advogado depois do beijo não teria mais se matado, e teria ao contrário espalhado pelo mundo que os beijos da mulher mais bonita têm no fundo o mesmo sabor daqueles da mulher mais medíocre. Veja senhor Perelá, todas essas minhas boas amigas no ímpeto de conceder-se a todos não reservam um instante para estudar seus planos, e ficam quase sempre aviltadas, desgostosas, vítimas da brutalidade dos homens. É preciso ao contrário que eles permaneçam vítimas do nosso capricho.

A vida deles pode se desenvolver nos mais variados campos de ação, nos quais podem exercer livremente suas atividades, a nós, nos restringiram a um único campo, muito bem, nós vamos esperá-los lá.

Para quê forçar as portas deles? Preparamo-nos para quando eles vierem bater à nossa. E empreguemos toda a nossa esperteza para esse objetivo.

O quê me importa se os homens que vêm a mim entendam de política, de medicina, de comércio, de literatura, de ciência, quando são absolutamente inexperientes na minha ciência. Eles são absolutamente despreparados, eu vou vencê-los sempre. De um olhar nosso, um gesto, um ato qualquer de sedução, eles não sabem que existe o equivalente por parte deles, o gesto, o ato capaz de neutralizá-lo, nada, absorvem-no de olhos fechados, eles nos absorvem, nos engolem, nos bebem, nos colocam goela abaixo como um beerrão esvazia os copos um após o outro.

Quando eles estão bem encharcados da gente, realmente saturados entende, então explodem, e nós os deixamos explodir.

A nossa habilidade está toda no fazê-los beber, beber, beber, descer, descer, descer, sem que eles percebam isso. Eles só tem que, no final, sentir-se bêbados.

Eu tenho tanto prazer ao vê-los cambalear à minha volta tão acesos! Eles iluminam grotescamente a escuridão desta nossa vida monótona.

Quando eu era menina, de noite, no jardim de um bom ancestral meu, mandava procurar todos os sapos e em cada um deles derramava no dorso uma boa quantidade de álcool ou de gasolina, depois com um fósforo os acendia, e os deixava bem livres para correr e saltar. Os pobres animais saltavam acesos, e se viam por todo jardim todas aquelas chamazinhas...

Quanto mais o fogo alcançava suas peles, mais os saltos se tornavam gigantescos; eu ria!... ria!... senhor Perelá... ria...

O meu bom ancestral morreu, e eu não estive mais naquele jardim, mas tantos bons juvenzinhos quiseram continuar à minha volta o espetáculo dos sapos fora do jardim.

E agora me observe senhor Perelá, eu coloco meus cinco dedos assim, no quadril esquerdo suavemente (estamos num baile ou num chá), percebi atrás de mim um jovem que não conheço e que há poucos minutos me fixa, me segue sem pestanejar. Seus olhos vão pouco a pouco aumentando, o senhor poderia jurar que em dez ou quinze minutos eles vão até exorbitar. Eu continuo falando distraidamente com minha boa amiga. Tiro do quadril os cinco dedos e com os dois braços me apoio no encosto de uma cadeira muito baixa, assim, cruzo suavemente as pernas, assim. O meu vestido que será... de um suavíssimo cetim preto, justo, terá me envolvido, terá me acompanhado em cada movimento, como a pele de uma foca. Mais ainda que o vestido, porém, terá me seguido o jovem atrás de mim. Dê-lhe uma olhada, verá que ele está com o mais perfeito ar de imbecil deste mundo. A certa altura ele leva a mão à testa, todo vermelho, todo encharcado de suor. Eu me levanto repentinamente e retiro com as duas mãos alguns fios de cabelos soltos que sinto na nuca e pelo pescoço, assim... assim. O jovem, olhe-o, não pode mais se conter. Volto-me, arrasto meus olhos sobre ele, rapidísimamente, e vou detê-los lá no fundo da sala, onde estará sem dúvida uma querida amiga minha à qual eu sorrio dando aos meus lábios ondulações particulares. Nove em dez, senhor Perelá, aquele homem vai pedir para ser apresentado a mim, vai rodear minha casa, vai conseguir se introduzir, vai me sufocar com bilhetes, com flores, vai fazer a sua desequilibrada declaração de louco amor, chegará à beira do corriqueiro suicídio, concluindo com uma pequena viagem para Montecarlo. Eu não traio meu marido. Por acaso é verdade que de todas as mulheres do nosso reino eu sou a mais bela? Então a mais assediada, a mais perturbada pelos senhores homens, e note, com uma expectativa que é dupla, tripla, quádrupla, daquela que eles têm por todas as outras. O dia que eu me

concedesse a um, não podendo no fundo dar-lhe além de tudo aquilo que as outras deram antes de mim, vou terminar por conceder-lhe uma grande decepção; depois correria pelas bocas de todos que as mulheres bonitas ou feias no fim das contas se equivalem. E isso seria bem pouco agradável para mim, o senhor concorda, senhor Perelá?

A Princesa Nadina Juncos Do Barquinho.

Ilustre senhor e minhas pobres amigas, eu me recuso decididamente, dizer qualquer coisa sobre minha vida, mas também a dirigir a palavra a este ser que vocês acolheram com tanto cuidado. Eu estou mareada com sua presença, e muito mais com a atitude de vocês.

- Uh!
- Minha cara você comete a mais imensa grosseria contra ele e contra todas nós!
- E trai a ordem do Rei!
- Cada cidadão, em primeiro lugar o Rei, decidiu oferecer grande hospitalidade a este senhor.
- Começando pelo Rei!
- Pior para ela, provocará rompimento com a corte.
- Mas com certeza.
- Aqui você é a única que fala de tal maneira, nenhuma de nós recusa ao senhor Perelá a sua confiança completa.
- Ele deverá redigir o novo código!
- Está frita minha querida!
- Tontas! Insensatas! Ele afirma impunemente ser de fumaça não é verdade?
- Certeza.
- E é.
- Como, não o acariciou agora mesmo?
- De fumaça? Mas se pode imaginar uma coisa mais nojenta? Mais nojenta? A fumaça!
- Ao contrário, é uma coisa tão graciosa!

- Mas não entendem que ele vai acabar estragando da maneira mais indecorosa as nossas roupas? Que ele vai se introduzir em nossas narinas, nos olhos, para dar-nos o maior tormento?

- Mas, cale-se!

- Boba!

- O senhor Perelá não é homem de fazer isso.

- Oh! Ele é muito bem educado, bem mais até de quem eu sei.

- É o homem mais requintado que eu já conheci.

- Assim melancólico na sua excepcional natureza!

- Eu digo para vocês só isso: não dirijam nenhuma pergunta a mim, e podem continuar com suas tolas confidências. Lembrem-se, porém, que não só este delicioso senhor rirá das suas ridículas aventuras, mas eu também com ele.

- Que grosseira!

- Faremos com que isso chegue aos ouvidos do Rei.

- Será expulsa da corte.

- E não poderá mais pôr os pés aqui.

- É verdade que o senhor vai rir de nós?

- Não, não é?

- Não seria possível.

- Perdoe senhor Perelá o pequeno incidente, aquela pobre mulher não sabe o que diz, o senhor deve perdoá-la.

- Mas o perdão é a sua alegria.

- Ele não foi feito pela única doçura do conceder?

- Minha querida Oliva, você também se torna cada dia mais insuportável com todas essas suas melancolias. O que há com você que te faz ficar tão mal? Você sofre minha querida, é evidente. Não repare nela senhor Perelá, ela é de um caráter tão aflito que frequentemente aflige todas nós e nos faz passar dias horríveis. Dona Gioconda a senhora quer dizer alguma coisa?

*Dona Maria Gioconda De Papelada*¹⁵⁷.

De todas estas, senhor, meu prezado amigo, eu sou justamente aquela que deveria se calar. A minha vida foi só resignação e recolhimento. Como pode ver bem eu não sou mais tão jovem. Há vinte e cinco anos fui dada em casamento ao senhor De Cartinha, mas ele não conseguiu com minha virgindade, não conseguiu naquele tempo nem nunca mais. Eu ainda sou aquela donzela que a minha amada madre superiora entregou um dia nos braços da minha mãe.

Jovem, ardente, desiludida, ferida, eu cheguei ao ponto de meditar uma vingança e procurar em outro lugar aquela vazão natural para a minha exuberante juventude, que à minha união legal era negado.

Depois... quis esquecer, quis usar toda a minha força para vencer uma pequena batalha sobre mim mesma, e venci.

O meu bom companheiro que não podia ter de mim amor, teve a mais fiel e afetuosa companhia que uma irmã possa prodigalizar.

- Sua generosidade é fabulosa.
- Era tão despachada!
- Encontrar quem suprisse a falta.
- E quando necessário mudar.
- Minhas boas amigas, vocês sabem que eu levei como dote ao senhor De Cartinha todas as dívidas da minha mãe, e minha mãe ainda hoje não deixa de escrever todos os meses para ele cartas repletas de repreensões amargas para extorquir-lhe dinheiro.

Ocupei-me de trabalhos femininos, fui presidente de todas as instituições de beneficência, fundei a associação para a emancipação da mulher. Os meus dias seguiram cheios de trabalho e de interesse, e a minha existência não foi infeliz por isso. Há, porém, senhor Perelá, uma coisa que muito me preocupa, e muito me faz ficar mal. O senhor De Cartinha, em certos períodos... direi quase com prazo marcado... com a mudança das estações... aproximadamente a cada dois meses... ele... se sente... acredita... poder tentar novamente a dura prova. Passaram-se agora vinte e cinco anos, eu sei tintim por tintim o que vai acontecer, mas devo agradar-lhe. Ele acredita... se

¹⁵⁷ Campo semântico; a papelada remete à vida de Dona Maria: o casamento foi consumado só no papel e, também, à mãe dela que manda cartas para o marido de Dona Maria para extorquir dinheiro.

ilude... tentando novos impulsos... procurando novas maneiras... ainda se ilude... sofre...
Oh! senhor Perelá, que pena... que pena...

A condessa Carmem Hilário Denza.

Eu tive, senhor Perelá, uma adolescência muito precoce, desde os doze anos assumi um ar másculo muito imponente, e a minha figura se delineou viril em todos seus detalhes. Pouco em mim tem aquela graça que envolve minhas boas amigas.

Quando aos quinze anos eu deixei o monastério já sentia em mim, mesmo ignorando todas as informações sobre tal fato, já sentia uma necessidade incitante, terrível de me aproximar de um homem. O caso sempre me foi adverso, enquanto crescia em mim este terrível anseio eu não tinha ainda encontrado um jovem que tivesse se aproximado de mim olhando-me com intenção.

Ao meu horizonte eu não via uma promessa, uma esperança de terminar o meu martírio.

Não conseguia mais sufocar o mal em mim, sofria, sofria, passava noites inteiras me debatendo no chão, me comprimia, me esmagava, martirizava minhas carnes rebeldes, me machucava, mas nada, nada, nada.

O meu rosto ficava com uma horrível coloração vermelha violácea e algumas manchas permaneciam aqui e ali. Tudo isso fazia com que os homens reparassem menos ainda em mim. Era pura e inocente e queria conservar-me como tal, mas eram as minhas veias que não podiam conter o sangue, e eu as sentia acesas por dentro, e nelas circular como banha de chumbo ardente, e transformar-se em dinamite para explodir horrivelmente no coração em uma enorme poça de toda minha infeliz robustez.

Talvez eu tenha passado cem vezes pela rua onde morava o homem que, ao me ver, poderia ter se apaixonado por mim. Era preciso, porém passar cinco minutos antes ou cinco minutos depois. Talvez nós caminhamos no mesmo sentido, em vez do sentido contrário, e não conseguimos nos encontrar.

Na minha família houve naqueles anos três ou quatro lutos fechadíssimos e assim toda vestida de preto parecia, mais que uma donzela, uma viúva enorme.

Já tinha naquela altura vinte e cinco anos e sequer o primeiro homem tinha se aproximado de mim, e eu teria aceitado o último dos homens.

A minha sensibilidade tinha se intensificado tanto que eu sentia à distância o odor acre do macho, como um animal, eu seguia pelas ruas este exalar de perfumes selvagens, que me faziam depois delirar uma vez fechada no meu quarto, me faziam enlouquecer, me davam os mais atrozes martírios.

Uma noite fugi descendo pela minha janela até a varanda do jardim, saí resolvida a deitar-me com o primeiro homem que passasse. Fui pelas ruas desertas, fui até aos quartéis, lá onde tantos homens estavam deitados. Talvez cada um deles acordasse feliz por ter-me e eu entrementes morria de desejo, e não entendia mais, e teria me perdido para sempre. Depois, retomei um pouco a consciência, e fui atacada pelo horror de ser encontrada, levada quem sabe aonde... Talvez para meus pais. Corri para casa, pensei que poderia encontrar igualmente, mandaria um homem subir pela janela, faria entrar no meu quarto um serviçal, mas ser surpreendida, pega ali, não, não, não, Deus! Que horror! Fugiu, e subi pela varanda e conseguir transpor a janela do meu quarto.

Poucos dias depois, foi até meu pai um amigo, vinha mandado pelo conde Hilário Denza.

Jamais tínhamos nos visto, nos encontramos, e em poucas semanas foi celebrado o meu matrimônio.

Nos dias que o precederam, eu notei certa calma que começava a brotar em meu espírito, como um frescor no sangue, como se tivessem sido injetadas ampolas com um bálsamo restaurador.

No breve período de noivado eu e meu noivo estivemos muito pouco tempo juntos, e nunca estivemos sozinhos até o dia das núpcias.

O conde Hilário Denza jogou-se sobre mim com aquela violência, acredito, de qualquer outro homem saudável e robusto. Não quero culpá-lo de coisa alguma, mas eu... eu, o que tive que sofrer, e a que preço de angústia e de lágrimas, eu consegui ficar inerte e deixá-lo agir. Eu já sentia as unhas afiadas da loucura revolver-me dentro do cérebro, para esmigalhá-lo, para tirar-lhe toda sua coesão, toda unidade vital.

Ao amanhecer fugi até minha mãe, lhe disse que se o conde se jogasse sobre mim outra vez eu me mataria na hora.

A nossa separação foi acordada no mesmo dia. Uma expectativa animal, feroz, de dez anos, uma laceração longa, interminável, oculta de todo meu espírito, que se concluiu no último grito de dor à laceração da minha carne, com desgosto supremo de todos os meus sentidos.

A Condessa Cloe Volúvelzinha¹⁵⁸ Ba.

Meu caro senhor Perelá ou o senhor está maravilhado com as histórias das minhas ótimas amigas, ou se maravilhará neste momento com a minha.

Diga-me francamente, não as acha um tantinho exageradas?

Eu considero este fato simples e comum, como uma necessidade cotidiana da nossa vida. Não sei conceder-lhe nenhum fascínio de mistério, e não vale para mim mais que meu almoço ou que meu café da manhã. Eu como com muito bom apetite pelo menos quatro vezes ao dia e o resto... me entende? E como não poderia pensar em ficar um dia inteiro sem tocar comida, não poderia ficar sem... me entende? Não quis que nenhum homem fosse embora com minha recusa, e isso, veja bem, não foi virtude totalmente minha. Os nossos homens podem tornar-se úteis, do jeito que eu gosto, na melhor das hipóteses uma vez por semana.

Então o senhor vê que a minha virtude, no fundo, é bastante relativa.

De todos geralmente não guardo nenhum detalhe pela pouquíssima importância que eu concedo justamente a tal fato.

Mas o que o senhor diria de mim, se eu lhe confessasse que por vezes não me enjoou o cheiro do meu curral, mas ao contrário... me apeteceu... e que nunca me pareceram duras nem incômodas as camas de feno, de palha, de erva, de terra, de parede...

E o que o senhor diria enfim se confessasse ainda que, por ventura deixaram pequenos resquícios na minha memória, algum estribeiro indomável... algum simples jardineiro...

- Senhor Perelá pode seguir em frente, Cloe nunca mandou ninguém embora com uma rejeição.

- Gostaria de se pronunciar negativamente logo desta vez?

- De jeito nenhum minha querida. Somente me permito exprimir ao senhor Perelá certas reservas minhas... para certas coisas eu nutro por vocês uma confiança muito limitada, me perdoem, mas me parece que a fumaça... não seja exatamente o ideal, mas podemos ver, veremos, veremos.

¹⁵⁸ “Pizzardini” é uma expressão de baixo uso, no sentido figurado e irônico, que significa uma pessoa muito irrequieta e vivaz, ou seja, é capaz de mover-se incessantemente e, também, que muda facilmente de afeto, de atividade ou de opinião.

A Marquesa Oliva de Bel'onda.

Está à sua frente a mulher que não amou, que não pôde amar.

O senhor sabe que cada um de nós ao nascer traz consigo o coração de outra pessoa, e uma donzela tem o coração de um jovem, o jovem tem aquele de uma donzela. Nós procuramos, procuramos o nosso coração pelo mundo, como um mendigo procura seu pedaço de pão; e vagueando assim com o coração do qual procuramos o proprietário, nós acreditamos em certo momento de termos nos encontrado com ele, todas as aparências nos enganam, todas as esperanças nos traem. Quando nós estamos por colocar os nossos corações boca a boca um sobre o outro, nos percebemos, muito tarde, que aquele que encontramos não é o nosso, e que não temos exatamente aquele do nosso companheiro.

Eu não encontrei o meu coração e ainda guardo inutilmente o coração daquele que não encontrarei mais. Estou ligada ao homem que não tinha o meu, e ao qual não podia dar o seu, que eu não tinha. Rodei tanto à procura dele, onde está? Está morto, talvez? Onde o esconderam de mim? Onde ele foi colocar o meu pobre coração, como eu posso viver sem ele? Já estou desolada, e já me vejo vagando de porta em porta com meu fardo de amor. Vou encontrar aquele a quem pertence, para fazer com ele a troca, mediante amor indissolúvel? Onde ele procura? Onde eu procuro? Por que não podemos nos encontrar? Quem tem o meu coração? Quem o roubou de mim? Quando vou poder ter você que o conserva?

- Pobre infeliz!
- Desgraçado!
- Eu desejo àquele inocente que nunca consiga encontrá-la.
- Você, minha querida, necessita de quem tenha todo tempo a perder para escutar os seus sentimentalismos.
- Não dê ouvidos a ela, senhor Perelá, ela tem como marido um dos melhores homens deste mundo, saudável e robusto.
- Blasfemadora! Da saúde do meu marido eu não tive nada mais do que a mais obscena brutalidade, à qual desoladamente me sujeitei.
- Se seu marido tivesse sido adoentado, minha querida, você teria choramingado para ter um marido saudável.
- Insensatas! Quem de vocês conheceu o amor?
- Chega, chega pelo amor de Deus.

- Pois sabemos muito bem onde Oliva vai chegar.
- É de um romantismo tão ridículo com aquele seu coração sempre tropegante...
- Não estão vendo que o senhor Perelá está aborrecido?
- Que fale outra.
- Outra.
- Dona Giacomina!
- Sim! Sim!
- Dona Giacomina!

Dona Giacomina Berbere¹⁵⁹ De Culpa Bo.

- E agora teremos a parábola das roscas!
- E a apoteose do Rei Carlomindinho!
- Rei Carlomindinho! Vai ouvir senhor Perelá, é para morrer de rir.
- Aquilo que para o senhor é novo, meu querido, para nós é tão velho.
- Calem-se, este Carlomindinho é repugnante, eu não posso pensar nele sem sentir-me toda enjoada.
 - Dona Giacomina tem a palavra da ciência.
 - Bem melhor que Oliva, no entanto, Dona Giacomina e o seu Carlomindinho pelo menos são muito simpáticos.
 - Por favor, deixem-na falar.
 - Silêncio!
 - Os doceiros, que fazem as roscas, manejam a massa com grande rapidez e colocam numa assadeira, uma ao lado da outra, as roscas prontas para o forno. Assim o senhor não pode absolutamente avaliar seu resultado.

O cozimento, a maior ou menor consistência da massa, o fermento, farão com que ao saírem do forno as roscas não sejam iguais entre si. Algumas terão um grande buraco redondo, outras alongado, um pouco menor, mais oval, algumas sairão até sem, entupidas. Haverá uma também, a qual o buraco terá ficado imperceptível, mal se pode ver ao colocar a rosca na contraluz. Somente um raio pode penetrá-la.

¹⁵⁹ Indivíduo dos berberes, povos nômades que habitam o Norte da África (Argélia, Egito, Líbia, Marrocos, Tunísia) e o Saara, principalmente as regiões montanhosas. Como Dona Giacomina ficou mal falada, pelo fato de seu casamento ser dissolvido legalmente (daí o “De Culpa”), ela foi obrigada a se afastar de seu povoado por um tempo.

A natureza que todos louvam como mestra da perfeição, meu querido senhor Perelá, não é menos manual do que o doceiro que faz as roscas, e os homens embora todos se assemelhem, trazem em si as mais estranhas variantes. Pois bem, aquela rosca onde somente um raio pode penetrar... sou justamente eu.

- Não é uma gracinha?
- Esta historinha sempre me faz rir muito.
- A mim, porém, o caso de Carlomindinho sempre enjoa.
- Prossiga, diga, diga como foi que encontrou Carlomindinho?
- É com a palavra da ciência que eu lhe falo, senhor Perelá. Na manhã após as núpcias, o meu casamento foi dissolvido legalmente. Eu estive na boca de todos e tive que me afastar por algum tempo do meu povoado.

Minha boa mãe levou-me para viajar para distrair-me.

Encontrei algumas vezes alguém que, por recíproca simpatia, e por aquele êxtase de amor juvenil, pareceu-me aquele com o qual tentar novamente a prova. Cheia de esperança e ainda que trêmula de dúvida fui em sua direção. Ai de mim! O senhor sabe melhor do que eu, senhor Perelá, que quando se procura algo, exatamente então nós encontramos o seu contrário.

Com minha boa mãe visitei a Europa e boa parte da Ásia, fui para Índia e para o Japão, e preparava-me para passar o oceano, arrastando assim pelo mundo inteiro a minha infelicidade, e para usar também um pouco aquela grande riqueza que me era negado usar de maneira melhor.

Nós estávamos num pitoresco vilarejo para passar o calor do verão quando minha mãe ouviu falar por uma lavadeira de certo Carlomindinho. Minha mãe sem enxergar minimamente o significado deste nome, mas atraída apenas pela curiosidade, perguntou para a mulher quem era aquele tal e por que o chamavam assim. A mulher se mostrou imediatamente tão embaraçada para responder que minha mãe, cada vez mais curiosa, insistiu com as perguntas. Ele tem... minha cara senhora, uma coisa... uma coisa minha cara senhora, dizia a mulher rindo, mas ruborizada e cheia de embaraço, uma coisa... que parece o dedo mindinho de uma criança de quatro ou cinco anos.

Minha mãe, que não esperava a solução do enigma, deu um grito, e quase desmaia. E enquanto isso a mulher insistia: é um infeliz, senhora, todas as mulheres da aldeia caçoaram dele, ele no começo não entendia a própria desgraça... mas todos agora sabem e o caçoam e ele acabará se fechando no claustro dos frades capuchos. Não! Não! Não!

gritava minha mãe correndo de um lado para o outro na mais feroz impaciência. Carlomindinho venha até a mim!

Minha mãe combinou tudo sem meu conhecimento, e sem o conhecimento de Carlomindinho. Numa manhã ela me conduziu para um bosquezinho e me deixou pedindo-me que a esperasse ali um pouco.

Lá no fundo, no começo do bosque, se abriram de repente, como dois grandes portões, dois enormes ramos belíssimos, e aparece no meio deles um jovem alto grande robusto, loiro, com um belíssimo rosto infantil rosado e sem um único pelo. Em seu aspecto ele poderia ter vinte e dois ou vinte e três anos e podia ser o filho de um pequeno comerciante do vilarejo ou de algum fazendeiro.

Ele avançou; e embora embaraçado e trêmulo, também com ar majestoso por sua belíssima figura. Passando perto de mim me perguntou com um fio de voz: a senhora sua mãe deve vir aqui? Estará aqui em momentos, se precisar pode esperá-la. Cada vez mais embaraçado veio sentar-se junto a mim no chão de terra.

Como era bonito! Deitado assim entre o verde, em uma atitude máscula forte, quase como um herói, e também extremamente infantil. Comecei também a sentir-me um pouco embaraçada. Não sabendo que dizer perguntei para ele: como se chama? Carlo... e se interrompeu.

Os seus olhos azuis claros se cobriram por duas nuvens turquesa. Eu estava toda perturbada e ele muito perturbado.

Quantas vezes tinha tremido assim ao lado de um homem! Tinha esperado loucamente, tinha tentado outra vez, e tudo tinha acabado em uma risada, na mais ridícula aventura, na mais cruel perturbação.

Carlo estava ao meu lado e tremia, e eu tremia, teríamos nos lançado um nos braços do outro, mas alguma coisa nos detinha, o quê?

Nenhum dos dois sabia então o que detinha o outro, tremíamos ambos pelo mesmo problema. Como vencemos a nossa dúvida terrível? Não sei. Alguns momentos depois, após não sei quanto tempo de sonolência, acordei feliz, não acreditando no milagre.

Eu tinha conhecido um homem, Carlo tinha encontrado a sua mulher. A minha boa mãe com sua sagacidade tinha preparado um milagre.

O meu primeiro desejo foi de retornar à pátria, mas dada a inferior condição social do meu Carlo eu não pude apresentá-lo à sociedade e nem à corte, ele é filho de um pequeno hoteleiro do campo. A princípio ninguém soube de nada e eu pude também passear impunemente com meu amado marido, mas como todos fantasiavam sobre

minha vida, a verdade veio à tona, e os bons caçadores queriam trazer em triunfo para a cidade o meu Carlomindinho.

Ele vive comigo, no meu palácio, ou em alguma de minhas casas, longe dos olhares de todos.

- Dizem que é um homem muito bonito de se ver.
- Robusto!
- Dona Giacomina cuida muito bem dele...
- Não tenho dúvida, onde encontraria outro?
- Dizem que come por quatro!
- Sem dúvida, aquele enorme garanhão!
- Eu, veja, senhor Perelá, se eu não tivesse tão bom apetite, só de pensar naquele

Carlomindinho bastar para embrulhar-me o estômago pelo resto da vida.

- Oh! Mas você tem um estômago de avestruz!
- Que pena não terem filhos!
- Oh! A raça dos Carlomindinhos!
- E das roscas quase tapadas!

*A Condessa Rosa Escalfador Liço*¹⁶⁰.

Eu nasci vestida, senhor Perelá. Conhece o misterioso feitiço desta palavra: pudor? Ela não lhe faz pensar em algo que é tão, tão vestido, mas que depois à frente deve permanecer nu?

Quando eu estava no monastério era tomada por uma crise violenta de calafrios voluptuosos que começavam nos meus calcanhares e serpenteavam por dentro todos os meus ossos, agarrando-se no pescoço em espirais vertiginosas. Isso, só de eu imaginar que um homem pudesse ver um de meus pulsos ou um pouco do meu pescoço. Oh! Como eu nasci vestida! Costumava vestir no monastério os hábitos monacais e envolvia meu rosto com faixas até acima das pálpebras e quase abaixo do lábio inferior. Também sempre usava luvas.

¹⁶⁰ Sistema de vários fios longitudinais seguros entre duas travessas (liçaróis), suspensos verticalmente, através do qual passam os fios da urdidura de qualquer tear, e que, pelo seu abaixamento ou elevação ao passar a lançadeira, determina o feitiço e qualidade do tecido. Como o método produz tecidos compactos e a Condessa Rosa nasceu “vestida”, a imagem é apropriada.

Quando me tiraram do monastério me entregaram aos quinze anos nos braços de meu noivo, o tenente Liço. Aquilo que eu senti durante as práticas amorosas não poderia de maneira alguma descrever para o senhor; o meu noivo compreendeu o meu temperamento, e me fez subir a escada um degrau por vez sempre presa dessas vertigens pelo meu excessivo pudor. Ele tinha que violentá-lo dia após dia com os atos, com as palavras, com os olhares, e à medida que um passo se tornava hábito ele tentava um passo a mais.

Quando nos casamos ele teve que praticar meses e meses para obter aquilo que todos os outros maridos obtêm da própria mulher no mesmo dia das núpcias. Somente o hábito suavizava a minha hipersensibilidade pudica.

Eu nasci revestida com pelo menos mil mantos, leves, impalpáveis, e com o único objetivo de ficar, no fim, totalmente nua.

O casamento nos primeiros anos teve tantos daqueles mantos que tirar-me, que as minhas horas passaram sempre mais novas sempre mais interessantes. Porém, chegou o dia em que já acostumada com o último passo dado, eu já desejava me aproximar do novo; meu marido não soube tirar aquele dia de mim outro manto, e eu, daqueles mil que falei para o senhor, sentia ter ainda sobre mim pelo menos quinhentos. Fez todo esforço, mas não conseguiu ir adiante. Ele não sabia fazer mais, os seus mantos talvez terminassem ali, ele já estava nu, e eu, e eu sentia ainda tantos sobre mim!

Aqueles que antes carregava insensivelmente, leves, impalpáveis, que tinha deixado tirar de mim com tão doce sofrimento, agora me pesavam, oh, me sufocavam, como centenas de capas de chumbo.

Um dia tomávamos café, enquanto meu marido me fazia alguns habituais e já inúteis elogios, os empregados estavam ali não sei para qual serviço, eu deixava me acariciar as mãos e a testa, fria, insensível, tive a visão e o gesto resolutivo que podia me liberar de um novo manto e talvez de muitos outros a mais! Corri para trancar a porta, e me acomodei no sofá puxando meu marido por uma mão, os meus olhos tornaram-se aqueles de um tempo, ele entendeu. Aquilo que eu sofri naquele dia, que espasmos, que calafrios, o empregado correu para a porta, mas não pôde sair, então se meteu em um canto com dois olhos quase lacrimosos, e olhou, olhou como um estúpido até o fim. E eu sofria, sofria todos aqueles calafrios terríveis que me sacudiam e me libertavam, como uma serpente das vestes, a cada instante de um novo manto. Depois meu marido sempre implorou para o empregado, o bom e ingênuo camponês se prestou primeiramente confuso, depois mais desenvolvido, depois perspicaz, os seus olhares se

tornavam cada vez mais maliciosos, ele começava a sorrir, a realçar com os gestos imperceptíveis a nossa cena; e eu fitava-o ocupada só com seu olhar do qual extraia toda minha indispensável vergonha.

Mas o bom e simples jovenzinho teve, ele também, um prazo, e eu comecei a sentir novamente sobre mim o peso de todos os mantos que permaneceram.

Depois foi um amigo de meu marido, um jovem tenente. Ele estava na janela lendo o jornal, fumando um cigarro, virando-se de vez em quando. Aqueles olhos! Eu sentia caírem, caírem aos meus pés os mantos que tinham se tornado escarlates pelo horror. Depois também o gentil amigo exauriu a sua possibilidade de neutralização, e um dia foram dois...

Senhor Perelá, eu sinto ter ainda sobre mim muitos destes horríveis indumentos, eu penso com terror na maneira de libertar-me deles, seu peso aumenta a cada dia, e eu me sinto esmagar, sufocar sob o meu insuportável vestido de pudor.

- Minha cara, com esta sua equivocada teoria de mantos, eu não ficaria mesmo espantada ao vê-la, mais dia, menos dia, no meio da rua sem nenhum manto.
- Por que não convida o senhor Perelá para ver?

A Baronesa Gelasia Do Prado Solies.

Para dar-lhe uma ideia dos diversos efeitos que possa obter a mesma causa eu vou lhe falar, senhor Perelá, dos olhos de Bobì.

A minha ilustre família, em decorrência de insensatas especulações por parte do meu avô e por parte também do meu pai, caiu num estado de quase absoluta miséria; e foi com grande alegria de todos para tornar a levantar um pouco sua sorte, conseguiu me dar em casamento ao Barão Solies, um homem podre de rico, de sessenta anos, libertino famosíssimo, paralítico, cheio de achaques. Eu tinha então acabado de fazer dezoito anos. O meu marido, que foi nos primeiríssimos tempos razoavelmente suportável, me conduziu para a vida solitária na sua grande propriedade de Albè.

Eu vivia conformada, chateada, ao ponto de não ser capaz de pensar que no dia em que o meu velho marido morresse e me deixasse metade de seu dinheiro, eu estaria ainda em plena primavera da minha juventude.

Ele adoeceu mais gravemente, não pôde mais sair; mais gravemente ainda, e ficou restrito em sua poltrona macia invadido cada vez mais desta paralisia que o tinha

atacado muitos anos antes. Como ele era muito ciumento, só me permitia afastar-me dele por brevíssimos instantes. Eu lia, lia, lia para mantê-lo distraído e aos meus pés repousava Bobì, meu cãozinho, o meu velho e inseparável companheiro desde quando era donzela. O homem adoeceu cada vez mais e teve que acabar pedindo para ver o seu sobrinho tenente, que era comigo o herdeiro de todo o patrimônio. Ele veio lá em cima e entreteve-se para reavivar um pouco aquela languidez de vida.

Familiarizamo-nos com ele, e ele ia e vinha, ficava, ia embora, retornava de novo... Chamava-se Silvio, e era um jovem muito bonito, loiro e tinha vinte e seis anos.

Eu lia, lia, lia, o velho na sua poltrona cochilava, cochilava, cochilava, o sobrinho me olhava, me olhava, me olhava, Bobì junto à minha saia se encolhia, se encolhia, se encolhia.

E só nasceu aquilo que devia nascer, por mais que eu estivesse abobalhada e ausente, uma corrente de simpatia, uma corrente de amor, uma corrente de paixão.

Mas como deixar o desconfiado velho? Quando um se afastava, ele sempre encontrava a maneira para que o outro permanecesse ali, e quando Silvio não estava eu não podia me mover. Sequer quando partia eu podia acompanhá-lo, e devia sempre comer e dormir junto do meu insuportável companheiro. Ele sempre cochilava e nunca dormia. E eu tive que recorrer a uma daquelas pequenas astúcias que para nós mulheres geralmente não falham. Aproveitei justamente da insônia do meu marido para falar dela com o médico. Ele me aconselhou algumas pequenas pílulas para administrar-lhe no chá ou no café todas as noites antes de deitá-lo, e prescreveu a receita.

Daquelas pequenas pílulas, inócuas, eu administrei bem abundantemente ao meu querido marido, tanto que ele começou a cair, inclusive no meio do dia, nos mais deliciosos e abençoados soninhos deste mundo.

E com Silvio eu então passeava pelo jardim, no parque, no bosque, e justamente lá embaixo entre o verde intenso onde ninguém podia nos ver, nos entretínhamos.

Sobre um macio e fresco tapete verde eu não via além dos abismos de dois olhos que atraíam os meus bem para baixo, pelos barrancos vertiginosos do olvido, até o fundo, em um fundo inatingível, infinito, e toda minha boca ficava imersa, perdida numa nuvem suave de fios de ouro. Oh! Este amor fresco, novo, após todas as horas concedidas ao velho paralítico!

Eu não sei, mas justamente quando todo o meu espírito sucumbia, não sei como o canto do meu olho pôde ter força para distinguir.

Bobì, o pequeno Bobì, que não me abandonava um só instante, estava sentado a poucos centímetros da minha face e me fitava com seus olhinhos pretos, redondos, firmes, como dois botões de azeviche, suplicantes.

Foi como um balde de água fria no instante mais quente da minha vida. Silvio percebeu, perguntou, mas eu não quis explicar-lhe.

E Bobì ainda estava ali ao lado, ele não compreendeu, não o viu olhar, não pensou nisso... quem sabe; eu não quis explicar-lhe a minha perturbação.

Meu marido resistiu à beira da sepultura ainda por três anos, mas daquele dia em diante não o trai, nem com Silvio nem com ninguém mais.

Depois que ele morreu eu não pude ainda aproximar-me de alguém, por muito tempo. Sentia muito bem que Bobì me seguiria, e eu não poderia absolutamente livrar-me dele sem estragar todo encantamento.

Três anos depois da morte do meu marido, o meu Bobì também quis morrer; tinha dezenove anos o inesquecível companheiro da minha juventude.

Depois eu conheci outros homens, mas... naquele famoso momento... ah ah ah! Eis ali, Bobì, Bobì, o meu Bobì, ali está, a poucos centímetros da minha face, com os enormes olhos escancarados, parados, redondos, pretos, como dois botões de azeviche.

- Seja sincera, você daria todos os amantes deste mundo para ressuscitar o teu Bobì.
- Eh!... Talvez.

A Princesa Bianca Golfinho Bico Das Cadeias.

Se o senhor escutou bem as minhas amigas, certamente terá compreendido, senhor Perelá, como elas sempre fazem do amor uma questão mais ou menos essencial de vida.

Eu nunca pude refletir sobre este fato, nem lembrar um só detalhe de mim.

Para mim sempre foi uma questão de morte.

Com um homem eu só soube chegar a um ponto, a morte, depois eu vivi naturalmente morta, e não lembrei.

A morte no seu mais exuberante desabrochar de pétalas frias, com todo o gelo da sua vida.

Quando ao lado de um homem eu renascia para o mundo, e os sentidos começavam a funcionar, o meu companheiro já tinha fumado um cigarro e acendia o

segundo, enrolava placidamente os bigodes, lia tranquilamente o seu jornal. Eu, à beira da sepultura, ainda toda imersa, branca, ainda morta por bons três quartos, vislumbrava seu rosto calmo, sereno, o seu aspecto florido, satisfeito, o seu colorido róseo.

O que tinha acontecido? Quanto tempo tinha ficado enterrada?

Eu então me desenterrava gradativamente, mas eu estava realmente morta, tinha sentido a minha temperatura abaixar, os calafrios insinuarem-se por todos os meus ossos, por todas as minhas fibras, tinha sentido meus músculos enrijecerem-se, e a minha pele contrair-se em uma convulsão suprema. Eu tinha entrado no nada.

A indiferença, a cínica irreverência com a qual os senhores homens trataram o meu excepcional, quase sagrado sentir, exasperou-me a tal ponto que decidi retirar-me para a vida solitária na minha casa fora dos muros da cidade onde hoje ainda vivo.

Como teria podido suportar ainda ao meu lado a presença de um material tão animal?

Eu vivia ali sozinha, raramente visitava alguma amiga, e fazia continuamente visitas ao cemitério vizinho onde tem sua sepultura minha adorada mãe.

Vagando entre os mortos pensava frequentemente em seu momento supremo.

Quantas vezes estava morta como eles!

No que consistia a diferença?

Que eles ainda não tinham despertado novamente.

À noite passeava ao longo da alameda junto à minha casa, e uma noite vi passar um jovem de vinte anos, doce figura delgada, com um andar aristocrático, com as faces brancas, com os olhos encovados muito pretos, e com cabelos escuros cacheados. Tinha nas mãos algumas flores amarelas. Um adolescente com boca sensual prematuramente sem viço, um ar viciado... porém triste, sem o raio de um sorriso nem nos lábios nem dentro dos belíssimos olhos.

Eu o olhei, ele me olhou. Eu também passeava como ele, triste, com meu ar de bela desenterrada.

Na noite seguinte, no mesmo horário, o jovem tornou a passar, passou ainda tantas noites, todas as noites.

Cada vez mais branco, a boca cada vez mais sem viço, sensual.

Olhávamos-nos como em um espelho. Uma noite eu saí de madrugada, não sei por que, a lua brilhava e fiquei tentada a sair, estava invadida por um tormento... por uma opressão... tinha necessidade de tomar ar.

Junto ao portão, eis que percebo a sombra de alguém apoiado no murinho. A lua tinha se liquefeito na testa dele.

Permaneci parada, imóvel, e ele imóvel: o espelho! E a imagem nele se aproximou, se aproximou, como se mergulhasse em um charco de mercúrio. O líquido gelado filtrava pela minha boca, e se insinuava rápido por todas as minhas veias.

Quando eu tirei meus lábios do espelho e abri os olhos, ele ainda os tinha entreabertos, abriu-os rápido, sobressaltado como por ter demorado um instante para refletir.

Aquele jovem tinha vindo para morar, com sua mãe, numa casa a pouca distância da minha, e desde aquela noite, nos encontramos todas as noites.

Senhor Perelá, eu tinha finalmente encontrado o meu amor!

Mas... ai de mim... o garoto que morria, que sabia morrer comigo, todas as noites, aparecia para mim cada vez mais branco, e os olhos cada vez mais pretos que estavam cada vez mais cavados, cercados por duas coroas negras que transbordavam cada vez mais a cada dia.

Uma noite ele me disse: vamos lá, ao longe... tem a lua...

Qual desejo do meu garoto não teria satisfeito?

Passamos os campos e saímos justamente na parte inferior do cemitério, lá onde o muro é baixo, ele me convidou a escalá-lo e descemos entre os mortos. E ele me empurrou, me empurrou entre os túmulos, esquivando as cruzes, passando entre os pequenos portões, as luzes, as pilastras, os arbustos de flores sobre os mortos, e parou num ponto, se deitou, eu o segui, e fomos naquela noite dois mortos que o coveiro se esqueceu de sepultar.

Muitas, muitas noites ainda voltamos, demorando-nos até tarde da noite.

Eu sentia, senhor Perelá, que uma vida já tinha se derramado por inteiro na minha, e contava os goles empalidecendo com a ideia de que cada gole fosse o último.

Uma noite o meu garoto estava ainda mais branco, mais frio, eu morri ainda mais, e quando comecei a despertar, e o calor voltava povoar o meu corpo, senti que ele ainda estava imóvel.

A sua boca fria começava a parecer como uma borracha na minha que retomava a temperatura. Eu permaneci imóvel, ele sempre tinha feito assim, agora a morte o detinha um pouco mais; mais, mais, nada; o meu corpo tinha voltado a ser vivo e quente, e o outro ainda estava gelado. Estremeci, talvez um mal súbito, acariciei-o, apalpei-o,

apertei-o, nada, nada, esperei ainda em uma ansiedade desesperadora, esperei, nada! Mas então... mas então... mas então era verdade... estava realmente... morto.

Me levantei, a noite, o lugar, a razão perfeitamente de volta me deixei vencer pelo horror!

Deveria dar conta de sua morte! Tantos me viam à noite com ele, teriam certamente suspeitado, e depois... como fugiria deixando ali morto o meu garoto?

Não!... Não!... Não!... Precisava encontrar uma saída!

E o delírio me levou a carregá-lo nos braços: levantei-o... e subi... subi... subi... escalei o muro, e subi, fui... pelos campos, subi, subi, subi, com meu garoto, subi, subi... juntando toda a força do meu corpo exausto, subi, subi, pelo poder de meu espírito exaltado, subi... subi, consegui sem ser vista arrastando-o para casa, subi, subi... pela escada... subi, no meu quarto, reclinei-o... subi, em minha cama, e caí, para baixo, esgotada.

As forças retornaram pouco depois, e o meu cérebro descansou um pouco. Fechada lá dentro, eu olhava o meu pobre garoto branco... com os olhos entreabertos, no fundo das duas guirlandas negras, enormes, assustadoras.

Ele vivia ainda tranquilo o último instante de ebriedade que eu tinha lhe dado. O meu garoto estava morto... para mim... comigo... lá longe.

E eu que o tinha levado embora do seu lugar! Por que o tinha levado embora? Por medo! Por medo de mim, que me encontrassem lá, que me pegassem, que me punissem, que me torturassem, que me fizessem morrer? Mas quem nessas alturas poderia me matar, agora, que o meu garoto estava morto?

E ali, eu não deveria igualmente dar conta de sua morte?

Como tinha morrido em meus braços? Não devia igualmente submeter-me às mais horríveis explicações? Tinha-o arrancado do seu ninho, lá onde ele quisera ir naquela noite, e onde sempre quisera voltar para permanecer...

E eu, eu que o compreendera, a única no mundo, tinha-o tirado, não soube coroar o nosso amor, tinha profanado tudo em um instante de medo! E medo de quê? Medo de mim!

Carreguei-o de novo, com os braços abandonados caídos para trás, e com a cabeça apoiada no meu ombro, e fui, fui para baixo, pela escada, atravessei a rua, atravessei ainda os campos, sem ser vista, sem ser ouvida por ninguém o arrastei para cima do muro do cemitério, e sem desarrumá-lo, esquivando as cruzes, os portões, os arbustos, reencontrei o seu ninho, o nosso, e onde a terra ainda estava amassada pelos nossos

corpos, o coloquei com toda a devoção, parada, segura, sem sentir-me nem um pouco cansada, nem um pouco prostrada, agora que tinha reencontrado a minha alma; erguida diante do meu caminho, erguida por meu garoto morto, imóvel, esperei. Começava a amanhecer.

- É bonita e assustadora a história de Bianca, não é verdade senhor Perelá? Permanece-se tão calado depois de ouvi-la...

- Ela sempre para neste ponto, como naquela manhã.

- Oh! Se soubesse senhor Perelá, correram para vê-la, de todos os vilarejos próximos. Ela permaneceu em pé, imóvel sobre seu morto até a noite seguinte.

- E para aos que acorreram primeiro ela gritou: eu matei ele! Eu matei ele! Eu o matei! Com meu amor!

- Com toda força que tinha na garganta.

- E explicou tudo.

- Ela foi por muitos meses a fábula de todo o reino.

- Não foi punida porque tem laços de parentesco com a corte, mas havia quem queria puni-la a todo custo.

- A mãe de seu amante.

- Mas já estava doente antes!

- É verdade, ele teria morrido do mesmo jeito, a sua vida já estava desfolhada quando Bianca o encontrou naquela noite na alameda. Poderia somente gastá-la em um tempo muito maior.

- Todas as noites, senhor Perelá, eu saio de casa, paro na frente do portão, atravesso a rua, os campos, escalo aquele muro, e me deito lá onde está meu garoto para devolver-lhe aquele último instante de vida. É a nossa comunhão. Eu morro naquele instante, e ele revive o momento supremo do nosso amor. Sou apenas o cibório que guarda aquela relíquia.

Os padres se iludem em ter em sua hóstia aquela parte de um Deus que eles não têm, mas eu ainda tenho em mim o último gole de vida que suguei dele.

- Quem é que ainda não disse nada?

- Aquela desafortada da Nadina.

- Enos, Enos, não falou!

Mlle Enos Cobertinho.

- Enos Cobertinho, a maior violinista do reino!
- Senhor Perelá não adianta perguntar a ela. A grande artista nunca abriu a nenhum coração sua confiança. Ela não responderia.
- Ela mora junto com a famosa atriz Catulva.
- Os outros, porém, falam até pelo que ela não fala.
- Enos vive numa casa de sua propriedade onde ninguém pode entrar; nenhum homem nunca penetra ali. Catulva a grande atriz dramática é sua companheira.
- Dizem que à noite, no jardim delas, às vezes se veem duas sombras, que parecem duas saias escuras muito longas, que rolam entrelaçadas no chão. Mas... dela... ninguém sabe... ninguém pode dizer...

DEUS

Eu agora penso como o senhor, senhor Perelà, naquelas três mulheres, eu estou no alto de uma chaminé e as ouço falar. O murmurinho delas atrai todo meu sentido, eu sou incapaz de ver, e de mover mesmo que pouco os meus membros. Elas falam agora, da dor humana.

Qual das três fala? É Pena, é Rede, é Lâmina?

Uma conta toda a pena de um coração; uma explica agora toda a rede que o laçou, aquele coração; e uma ainda segura na mão a lâmina que o atravessa!

- Deus.

- Sim! As ouço, as ouço! E não sei o que me leva a distinguir alguma coisa delas. Diga, senhor Perelà, diga, o quê o senhor mais desejou ver daquelas três mulheres? O quê mais imaginou, ou o quê o iludiu de ter imaginado melhor?

- Os olhos de Pena, as mãos de Rede, o sorriso de Lâmina.

- Olhe, olhe-me nos olhos, olhe as minhas mãos, olhe o meu sorriso. Eu sinto neste instante que resumo todos aqueles membros.

- Deus.

- Diga, o senhor acreditava, diga, que a Rainha tivesse outros olhos? Outras mãos? Outro sorriso? As damas da cidade certamente ontem lhe entretiveram alegremente, mas eu... eu sou a Rainha...

- Deus.

- A Rainha não pode remexer seu passado, e se ela indagar o futuro, ai de mim, o senhor a vê recolher uma espada pesada banhada de sangue, e arrastar-se com ela, ir embora para longe, ir... desaparecer.

Mas eu posso ensinar para o senhor um jogo, um jogo da Rainha, o jogo que se chama do Estado.

- Deus.

- Pegue, aqui estão as cartas, estas são as damas, segure, e estes os valetes, eu fico com eles; aqui as cartas de espadas. O senhor embaralhe as damas, eu embaralho os valetes, embaralhe as cartas de ouros, eu as cartas de espada.

Eu viro um valete, o senhor vira a dama, vire agora uma carta de ouros; o valete que se encontra com a carta mais alta de ouros é o Rei, a dama que lhe corresponde é a Rainha.

Aqui, este é o Rei, esta a sua Rainha, o ouro para o Estado. Embaralhe o Rei com as cartas de espadas, quando o Rei se combina com a carta mais alta de espadas morre.

- E se não se combina?

- Até ele se combinar reina.
- E depois?
- E depois disse para o senhor, morre...
- Deus.
- Mais uma, outra. Este Rei tem um reino muito longo. Eis que encontrada, o Rei está morto, a sua Rainha recolhe aquela espada aqui, no fundo da mesa.
- E o ouro?
- O ouro fica para o Estado.

Um novo Rei, uma nova Rainha, o ouro para o estado, se embaralha o Rei com as cartas de espada até ele se combinar com a carta mais alta que fica, a Rainha recolhe aquela espada e aqui, no fundo da mesa.

- Este jogo termina?
- Este jogo nunca termina.
- Deus.
- Fazem-se novos Reis, novos corações a transpassar, novas cartas de espadas, novo ouro, novas rainhas com as quais permanece uma espada para arrastar.
- Deus.
- Majestade, por tantas vezes eu ouvi aqui dentro pronunciar uma palavra, me virei e não pude ver...
- Uma palavra?
- É. Deus.
- Oh! Não ligue, eu já estou tão acostumada que quase nem percebo mais. Venha, olhe, é o meu papagaio, está aqui na janela na sala ao lado, venha.

Vê como é bonito? Eu não consegui ensinar-lhe uma coisa sequer, não quer aprender nada, guarda na memória só esta palavra que ouviu sabe-se lá como... e a repete sempre. É estranho não é verdade? Ele diz uma grande palavra, e não pode compreender o significado dela; como quer, pobre animalzinho, que ele saiba quem é Deus!

- Mas a senhora sabe?
- Como? Quem não sabe? Deus! Mas Deus é... Deus! Todos nós sabemos bem, mas ele... Agora me fará companhia no meu passeio quotidiano pelo parque real. Daqui um pouco está para se pôr o sol, o carro¹⁶¹ já espera, está na hora, venha.

¹⁶¹ “vettura” significa “carro, veículo ou viatura”; em português, viatura significa qualquer veículo utilizado para transportar pessoas ou coisas. No entanto, aqui no Brasil, essa palavra está quase atrelada aos automóveis utilizados por policiais, portanto,

- Majestade! Todas aquelas Rainhas que a senhora colocava de lado com a carta de espadas... as rainhas dos reis mortos... no fundo da mesa...

- Ei-las, estão no fundo do parque real. Observe-as caminhar, como arrastam pesadamente seus mantos de luto! Observe-as como estão cobertas, por um invólucro preto somente a palidez da face se ressaltam. Na mão direita têm a espada.

- E circulam sempre aqui?

- Vivem neste parque sombrio e úmido, ficam sempre fora vagando, dentro de suas grades que as prendem.

- E não se devoram uma com a outra?

- E por quê? Não são todas iguais lá dentro? Todas não foram Rainhas, iguais? Todas não têm um manto igual, um véu igual? Só devoram a mim com os olhos, e acenam me olhando a entrada do portão.

Amanhã aquela porta se abrirá outra vez, talvez...

Todas as tardes a Rainha vem visitá-las ao pôr do sol. Existem lá dentro algumas jovens e outras velhas também. A Rainha Cleofe está lá há cinquenta anos, é a mais velha.

- Odeiam ou amam?

- Odeiam a Rainha sem espada, amam a própria memória, arrastam a espada que espetou o coração do seu Rei.

O que lhes pareceram senhor Perelà?

- Pareceram-me... uma gaiola enorme cheia de grandes merlos aos quais as asas foram cobertas com piche.

traduzimos por “carro”. Em algumas passagens do texto, Palazzeschi utiliza as palavras “carrozza” e “vettura” com o sentido de “carruagem”; em outras, “vettura”, com o sentido de “carro”. Como em 1911 as carruagens ainda eram utilizadas (praticamente deixaram de existir no final do século XIX com o aparecimento dos automóveis), já existiam os carros e a história de Perelá se passa em um reino (em que, geralmente, a imagem da carruagem está presente), dependendo do contexto traduzimos ora por “carruagem” ora por “carro”.

O BAILE

- Como foi bonito!
 - Lindo, lindo, lindo!
 - O quê?
 - Ora, o cortejo.
 - Boa noite minha querida.
 - Boa noite.
 - Boa noite Gelásia.
 - Boa noite Nadina.
 - Você já está aqui?
 - Bem vinda.
 - A Zoe está?
 - Ainda não chegou.
 - Estava no segundo carruagem
 - Mas lindo! Lindo! Lindo!
 - Sabem? Eu não consegui encontrar lugar nos carros, em nenhum, tive que ir com um carro de praça para a casa da minha prima Corilla, para ver alguma coisa de suas janelas, passaram ali embaixo duas vezes, quando estava exatamente abaixo de mim, eu fiquei tão emocionada, não sabendo o que fazer tirei do seio dois cravos vermelhos e joguei-os para ele, ele ergueu a cabeça, cumprimentando-me com tamanha cortesia, toda para mim, entendem. Senti um nó na garganta, chorei, chorei entendem.
 - Eu o teria abraçado!
 - Que festa imponente!
 - Como a coroação do Rei.
 - É verdade.
 - E a curiosidade das pessoas!
 - Fabulosa! Fabulosa!
 - E ele, que porte!
 - Que desenvoltura!
 - De Rei!
 - Cá entre nós, Rei de verdade.
 - Eu sempre tive medo de algum tiro de espingarda.
 - Ora bolas! É amado, sabe, é estimado por todos!
 - Ele, em pé no seu carro, cumprimentava de um jeito tão refinado... tão refinado...
- Deus, Deus, Deus!

- Fascinante!
 - Que charme!
 - Vocês viram quando as donzelas jogaram as flores para ele!
 - Que belos sorrisos deram para ele!
 - Escarlates.
 - E ele com seu sorriso cinza...
 - É verdade?
 - Eu acreditava que lhe tivessem atirado alguma obscenidade.
 - Mas você sempre pensa mal, minha querida.
 - Oh! Lembra do Iba?
 - Iba! O que o Iba tem a ver? Quer comparar o senhor Perelá com Iba?
 - Eu estimo muito, muito mais o Iba.
 - Porque você é uma tola!
 - Uma malvada!
 - Desaforada!
 - Insolente!
 - E também porque você quer bancar a extraordinária, acreditando que todos se preocupam com você. Errou sabe, querida menina, temos coisa melhor, muito melhor para cuidar.
 - Como é desconcertante!
 - Se eu fosse o senhor Perelá, encheria os pulmões dela todinhos com fumaça para asfixiá-la, sua detestável!
-
- Mas diga-me uma coisa, se realmente tivessem atirado nele...
 - É mesmo, era aquilo que eu também estava pensando, teriam causado algum estrago?
 - Talvez não... porque sendo de fumaça...
 - É verdade, sendo de fumaça, a bala o teria atravessado...
 - E talvez teria acertado outro.
 - Provavelmente.
 - Pelo amor de Deus, meu marido estava ao lado dele.
 - Mas não pense nisso minha querida, o amam. Eu ouvi o tagarelar das rodinhas pelas ruas! Adoram ele! Cá entre nós, bem que o Rei gostaria de ser amado desse jeito.

- O melhor é que todos agora acreditam nisso.
 - Todos, sabem!
 - É verdade porque antes muitos duvidavam.
 - Ao ouvir dizer que era de fumaça...
 - Mas agora que o viram...
 - Natural.
 - Todos, todos o amam, a não ser aquela estúpida da Nadina que sempre o hostiliza.
 - Mas ela faz isso para chamar a atenção, vocês não sabem como é aquela mulher?
 - E nós faremos de conta que não percebemos, vão ver como ela fica mal.
 - A tolinha!
 - Daqui a pouco estará aqui.
 - Iam levá-lo até as últimas casas da periferia, sabem?
 - Os camponeses também iluminaram as janelas de suas casas.
 - Eu nunca poderei esquecer o frontão da porta Calleio, com todos aqueles lampiõezinhos azuis, e no meio, com lampiõezinhos cinza, estava escrito: Perelá.
 - É verdade, porque quando ele entrou na cidade entrou pela porta Calleio.
 - Ah! É?
 - É, não sabia? Entrou pela porta Calleio, por isso escreveram seu nome lá.
-
- Sabem o que dizem na antessala?
 - O quê?
 - Dizem que esta será a última vez poderemos tê-lo entre nós.
 - Por quê?
 - Por quê?
 - Por quê?
 - Porque deve se retirar para refletir sobre o Código.
 - Oh! Meu Deus, só faltava o Código!
 - Agora que temos um homem tão atencioso vão tirá-lo de nós por uma de suas habituais idiotices.
 - Mas é importante, sabem, é importante, é o novo Código!
 - Confiaram-no a ele definitivamente?

- Mais ainda! O Rei e o ministro colocarão suas assinaturas abaixo daquela de Perelá, eles não poderão replicar sequer sobre um dos artigos que ele tiver redigido.

- E como fará para estar a par?
- O que isso significa?
- Em certas coisas me parece tão ingênuo...
- Não é ingênuo sabe, é que ainda não pegou a prática da nossa vida.
- Ingênuo! A prática! Não quer gastar à toa o seu fôlego com vocês, isso sim.
- E agora se retira para estudar. Deverá começar o Código ainda neste ano.

- Sabe o que devemos fazer?
- O quê?
- Devemos começar a partir desta noite a não perder um só momento Perelá de vista.
- Para quê?
- O que você acha? Nós podemos exercer uma grande influência sobre ele. Se quisermos ir ao parlamento!

- E como?

- Se ele se apaixonasse perdidamente por uma de nós?

- Mas é que ele não pode se apaixonar.

- Sim. Nós poderíamos influenciá-lo de modo a fazer-lhe escrever tudo aquilo que quisermos.

- É verdade.

- E aí, depois ele não vai redigir?

- Sim, claro.

- Vamos fazer com que ele o dite para nós, vai poder dizer tudo o que quiser. Nós escreveremos o que nós quisermos.

- É mesmo.

- Entende?

- Naturalmente.

- Mas o problema é que ele não pode amar, não sente, não dorme, não come, aquele bendito homem não faz nada.

- É de fumaça...
- Mas como é que pode ser tão insensível?

- Disseram que a Catulva vai se representar em homenagem a Perelá.
 - A senhora Das Camélias.
 - E Enos Cobertinha tocará nos *entr'actes*.
-
- Você gostou de minha produção?
 - Muito, muito bonitinha. Aquelas três rosas ali caíram como uma luva. E o meu vestidinho, é bonitinho?
- Um *rêve*.
 - Muito simples.
 - Mas te deixa tão bonitinha... quinze anos!
 - A metade então.
 - Só?
 - Malvada!
-
- Você viu o Giorgio?
 - Como é pontual, né?
 - Impus-lhe que chegasse aqui dez minutos antes de mim.
 - Por quê?
 - Você não percebeu que quando ele entra, eu já estou na sala?
 - Eu nunca percebi isso.
 - É um escândalo.
 - Vou observar.
 - Todos percebem.
 - E com Federico então como estão?
 - Nem me fale nisso! Fizeram-me enlouquecer sabe, morrer!
 - Mas o que você está dizendo! Giorgio queria desafiá-lo.
 - E aí?
 - Eu não quis.
 - Por quê?
 - Imagine só! E se eles se matam? Eu preciso dos dois, viu?

- Tem razão.
- Mas Giorgio é um garoto, um moleque malcriado, é isso!
- Que mãezinha malvada!

Pe... perepe... pepepe. Pe... perepe... perepe... Pepe.

- Ah!
- Ali estão eles! Ali estão eles!
- Ali estão eles!
- Aproximam-se!
- Estão chegando!
- O carro está entrando agora no pátio!
- Deus! Deus!
- Viva! Viva!
- Viva Perelá!
- Perelá! Perelá!
- Viva!
- Lindo! Lindo!
- Viva o grande Perelá!
- O único Perelá!
- Deus, Deus!
- Viva! Viva!
- Bravo! Viva!
- Que emoção!
- Viva!

- Silêncio!
- Façam silêncio!
- Como está emocionado!
- Silêncio!
- O Ministro está falando!
- Meu Deus!
- Silêncio!

“Gentis damas, ilustres cavalheiros aqui reunidos, eu tenho a altíssima honra de anunciar-lhes que em decorrência da proposta do Conselho, com confirmação Real, e aprovação do nosso eminentíssimo Arcebispo, a obra do novo Código para o nosso amado território está confiada totalmente a este sábio, a este superior, a este extraordinário homem que é Perelá.

Qual homem de carnes frágeis e de fracos sentidos poderia assumir tal obra, sem medo de incorrer naquelas inevitáveis parcialidades que inconscientemente nos são ditadas pelo nosso sangue, pelas nossas opiniões, pelo nosso interesse, pelo nosso partido? Qual homem poderia assumir este grande feito seguro de esquecer-se de ser ele, também, um homem e de ele também ter, como, homem os mesmos interesses de todos aqueles para os quais o Código é elaborado?

Ele não é um homem, ou melhor, é o homem pelo qual o fogo, purificador supremo, passou para interromper, aniquilar o egoístico trabalho de todos os seus sentidos!”

- Bravo!

- Muito bem!

“Não é ele a sublimação do corpo e do espírito humano? Ele não vem quase para dar-nos prova de outros destinos, de outra vida, vida e destinos nos quais os egoísmos humanos, os instintos humanos, não têm mais a sua palavra?

Nós não devemos agradecer a sorte, por tê-lo feito aparecer justamente neste momento, quando deveríamos imparcialmente pesar as nossas consciências, para constituir um grau único capaz de pesar as consciências de todos?

E a sorte não nos enviou-o para que nós devêssemos a ele este grande, novo, imenso, favor?

Nós te agradecemos ó benéfica sorte que no momento da dúvida você quis chegar ao nosso socorro.

Nós te agradecemos, e juramos que sabemos merecer o teu grande favor, de nos tornarmos dignos do teu enviado!”

- Bravo!

- Viva o ministro!

- Muito bem!

“Ele, ser vital, que da vida conhece os mais ocultos segredos, ele da vida não sente as necessidades comuns. Ele, ser só de pensamento, só de cérebro, não desdenha, mas aceita feliz, com felicidade, de usar para nós todo este pensamento, todo o nobre trabalho deste cérebro.”

- Bravo!
- Viva Perelá!
- Viva o ministro!

“Dele só podemos esperar obra de pureza e de equilíbrio, obra de justiça.”

- Muito bem!
- Bravo!

“Uma comissão especial será nomeada para acompanhar o senhor Perelá aonde ele acreditar ser oportuno. Ele visitará os cantos mais ocultos da nossa terra, depois se retirará para um período de profunda meditação e empreenderá a sua colossal obra.”

- Viva!
- Viva Perelá!
- Viva o ministro!
- Viva o novo Código!
- Viva o Código de Perelá!
- Viva! Viva!

- Como o senhor foi gentil!

- Eu estava na segunda carruagem, não me viu? Olhe, sobraram algumas rosas para as donzelas, e elas jogaram para mim. Aqui estão. Não me viu?

- Me viu na janela da minha prima, não é? Viu, não é? Como sorriu bem para mim! Sabe que chorei, chorei pela grande emoção. Não aguentava mais.

- E então... a partir de amanhã o senhor também terá que ocupar-se com os seus afazeres.

- Estes senhores homens ocupadíssimos também deram para ele uma ocupação.
- Fizeram para tirá-lo de nós.
- Era o único homem gentil com o qual podíamos contar...
- E eles... nada! Porcos!

- Mas quanta gente!
- Meu Deus!
- Estou começando a suar.
- Tá um calor...

- Eu nunca vi o palácio real em confusão como esta noite.
- Mas sabe no quê acredito?
- No quê?
- Devem ter entrado muitos não convidados, se veem certas caras...
- Naturalmente, nestas confusões, sempre tem quem se aproveita.
- Olhem! Olhem!
- Oliva!
- Oliva!
- A marquesa de Bel'onda!
- Uh!
- Em cinza!
- Em cinza fumaça!
- Ah! Teve uma ideia genial.
- Justamente ela que nunca se destaca em nenhuma festa.
- Como está bonitinha esta noite!
- Mas como fez?
- Que ótima ideia!
- Meus trajes são cinza...
- Mas os dela são flamejantes, como conseguiu?
- Sabem? As costureiras estiveram na casa dela a noite inteira e hoje o dia inteiro para terminá-los o salão estava reduzido em um laboratório. A roupa foi terminada dez minutos atrás, viram como chegou atrasada?
- Como cai bem nela!
- Falta pouco para poder competir com Zoe.
- Esta noite Zoe não está bem naquele vestido vermelho.
- Mas você sabe como é aquela mulher, para que não se perca um grau de suas curvas, estraga todas as roupas do mundo.
- Mas Oliva! Mas Oliva!?
- Eu tenho um magnífico boá, exatamente cinza fumaça.
- Mas não se usam mais.
- Não necessariamente, esta noite era bem o caso de usá-lo.
- Eu tenho uma roupa cinza, mas é tão mixuruca, usei-a a estação inteira no ano passado.
- Sabe o que eu pensei?

- Vou mandar fazer um chapéu grande na forma de uma chaminé, e do alto vão aparecer muitos tufo de plumas cinza, de modo que pareçam fumaça.

- Muito bem e eu torno a usar o meu boá.
- Para a apresentação de Catulva quero usar o chapéu de qualquer jeito.
- Olhe, olhe, vai até Perelá.
- Como ele cumprimenta-a gentilmente.
- Pegou-a pelo braço.
- O casal de fumaça!
- Bonitinhos!
- É mesmo!
- Como estão bem!
- Com seu carão rosado, ela parece uma rosa em uma nuvem.
- Mas está maquiada sabem, está maquiada!
- Está, mesmo?
- Oh! Claro que sim, está sempre verde.
- Como são bonitinhos!
- Mas olha logo quem acabou tendo a ideia genial para esta noite.

- Como está atraente, minha querida Oliva.

- Estou?

- É verdade, até seu olhar mudou, esta noite.

- Mudou o sorriso... parece outra mulher.

- Mas o que foi que você fez?

- Que excelente ideia você teve.

- Nenhuma de nós pensou nisso.

- Justamente, nesta noite, aqui, vestida de cinza, só tem você.

- Cor da ocasião.

- Não fiz por mim sabem, oh! não, mas para fazer a ele esta pequena homenagem.

Eu não inventei nada, só o copieei, ele, ele... sua cor. E se alguém quiser fazer o mesmo estará certa de não ter me imitado, mas ele, ele... para homenageá-lo.

- Fez muito bem!

- Brava.

- É verdade.

- Vocês ouviram?
 - Como falava! Com que êxtase!
 - Mas ficou louca?
 - Louca? Está apaixonada!
 - Aquele seu coração... que ela procurava...
 - É o do Perelá.
 - Um coração de fumaça?
 - Claro, que não conseguia encontrá-lo!
-
- Oi amigo.
 - Saudações.
 - O quê faz?
 - Eu? Nada. E o senhor?
 - Estou contando quantas cadeiras tem aqui. Nas festas eu sempre faço isso, conto as cadeiras. Geralmente existem tantas quantos são os convidados, menos um. Ninguém senta. Todos acreditam estar destinados ao lugar que falta, e quando voltam para casa dizem que estão cansados.
 - Mas não lhe parece, meu caro amigo, que os homens se sentando encolhem?
 - É! Pode até ser. Mas só um pouquinho, repare.
 - E afinal, falta uma cadeira neste baile?
 - Acredito que sim.
 - A minha, eu não me sento.
 - Ah! é verdade, é mesmo, tem razão, não tinha pensado nisso. O senhor aperfeiçoou até os bailes.
-
- Diga-me sinceramente senhor Perelá, o senhor é realmente como todos os outros homens?
 - Com certeza, ilustríssima senhora.
 - Ah! Certas coisas, de fumaça... como desprezo o senhor!
-
- Você viu como os bigodes de Perelá estão enrolados?

- Parecem um desejo¹⁶² de cigarro.
- Genial.
- Genial.

- Queria dar uma volta com ele, não dança.
- O que acha? Já está pensando no Código. Aqueles estúpidos estragaram-no!
- E ele também começará o quanto antes a se exhibir.
- É inevitável.

- Sabem o que Perelá me disse?
- Quê?
- O quê?
- Me disse: a senhora me parece tão, tão leve! Quase mais que eu.
- Que meigo!
- Eu não sei o que aquele homem tem nos olhos, não consigo olhá-lo fixamente.
- Perturbador.
- É verdade, é a palavra, a palavra verdadeira, perturba, perturba.

- Mas é um homem de verdade, sabem, um homem como todos os outros.[Um homem? É o homem, queria dizer minha querida, o homem.
- Qual? Aquele que procurava Diogene?
- Naturalmente.
- Digam-me uma coisa: quando foi que se viu, antes desta noite, alguém participar das festas do palácio real com um par de botas de caça ou de cavalgada?
- São tão bonitas!
- Nele ficam um encanto!
- E depois tão brilhantes.
- Oh! Só faltava mesmo, que não estivessem limpas.

¹⁶² “Capriccio”, no italiano antigo, significa, também, um desejo imprevisto e de rápida duração, que nasce da volubilidade ou de pouca reflexão. Refere-se, também, um desenho feito pela fumaça do cigarro, formando círculos.

- Por mim ficaria com ele mesmo com os sapatos cheios de lama.
- Oh! Não tenham dúvida, ele arrasta lama mesmo com os sapatos limpos! Quem é? De onde veio? Qual é o seu nome?
- Tá, tá, como quiser, tudo aquilo que quiser desde que você não nos encha.
- Você tem toda razão, pode pensar a seu modo, quanto quiser. Mas nos deixe em paz.
- Antipática!
- Sinto chegando a vontade de cegá-la!
- Estão vendo todos estes seres de cores delicadas? Não lhes parecem todos pequenos anjos? Assim cobertos de flores... de véus... de pedras preciosas... pois bem, sabem, que cada uma destas pedras que eles estão usando, cada uma delas, é o olho de um crime. Eu sempre lhes digo: leviandades de saia! Elas engolem e não retrucam porque têm medo que lhes diga coisas piores.
- Senhor Perelá, o senhor não deve ficar com aquele indivíduo, absolutamente, não é o amigo que o senhor precisa. Esta noite já é a segunda vez que vejo o senhor falar com ele. É um sujeito mau sabe! Todos reclamam dele, todos reconhecem sua perversidade, mas ninguém quer se decidir a rechaçá-lo da sociedade. Ele diz que é um filósofo, não dê atenção a ele, é um linguarudo, é um mau sujeito! Diz de nós coisas infames que não são verdadeiras, porque é feio e nojento e nenhuma de nós jamais o dignou com um olhar. E nós devemos suportar todas as suas baixarias por medo que nos diga coisas piores.

- Diga-me uma coisa.
- O que há, sua chata?
- Mas ninguém percebeu que aquele homem horroroso está aqui há quase duas horas e ainda não tirou o chapéu?
- Minha cara Nadina, como foi profunda desta vez!
- O que é?
- O que ela disse para vocês?
- Disse que o senhor Perelá não tirou o chapéu.
- Estúpida!
- Mas não sabe que não pode tirá-lo? Porque o chapéu também é de fumaça!

- Mas deixem ela falar, é bom que diga bobagens, assim todos vão perceber que mulher ela é.

- O Rei!
- O Rei!
- Sua Majestade!
- Viva! viva!
- Viva o Rei!
- Viva o nosso Rei!
- Viva Torlindao!

- A Rainha!
- A Rainha!
- Viva! Viva!
- Viva a Rainha!
- Viva! Viva!
- A Rainha sorriu para Perelá.
- Como sorriu bem para ele!
- Docemente.
- Através um véu de tristeza.

- Perelá não viu o Rei.

- Mas é verdade, senhor Perelá, que o senhor não viu o Rei?
- Não ilustríssima senhora.
- Era aquele sozinho na segunda fileira. Vinham primeiramente os dois cavalheiros da corte, depois ele, logo atrás meu marido e o conde...

- Aquele que usava a faixa amarela era seu marido?
- Não, era o Rei, meu marido tinha a faixa verde. Ouçam, ouçam, Perelá pensou que o Rei fosse meu marido!

- Não viu o Rei!
 - Mas viu como a Rainha lhe sorriu.
 - Quem não sorri para o senhor!
-
- Amigo, é verdade que não viu o Rei?
 - Não meu caro.
 - Nem eu o vi. Como é possível vê-lo, passa entre tanta gente, entra por uma porta e antes que seja possível sai por outra... Por qual? Não se sabe. Por qual porta entra o Rei? Por qual sai? Mistério. Hoje é esta, amanhã é aquela ali, depois de amanhã você acredita que vai mudar de novo, nada disso, sai de novo pela mesma.
 - Mas ele pode temer aqui, em sua casa?
 - Eh! Meu caro, nunca se sabe se uma destas gentis mulheres não lhe fará cheirar algum buquê de flores. Bastaria que o Rei se entretivesse pouco tempo no buffet. No almoço da corte o Rei nunca come, prefere entreter o cavalheiro da direita, e o manda embora morrendo de fome, já que ele comeu antes, o outro, pobre diabo, vai comer depois, e assim é o almoço da corte.
-
- As salas do buffet foram abertas.
 - Perelá! Perelá!
 - Onde está? Perelá?
 - Venham tomar um refresco.
 - Oliva! Oliva!
 - Você dá o braço para Perelá.
 - Como são bonitinhos!
 - O casal de fumaça!
-
- Dê, para mim a primeira garrafa!
 - Pha!
 - Aqui, aqui.
 - À saúde de Perelá!
 - Viva Perelá!

- Viva o ministro!
- Viva Torlindao!
- Viva a Rainha!
- Viva o novo Código!
- Viva o Código de Perelá!

**VISITA À IRMÃ MARIANINHA FONTE.
IRMÃ POMBA MEZZERINO...**

Um carro espera no pátio do palácio real, Perelá, acompanhado por três cavalheiros, hoje fará a sua primeira ronda de inspeção.

Enquanto ele está para pegar lugar no carro se aproxima dele Louro, o velho servidor, e lhe entrega, sem ser visto, esta carta.

Perelá e os cavalheiros partem, Louro permanece parado, encantado atrás do carro, com seu sorriso luminoso de admiração e de devoção. Ele repete sempre para si mesmo estas palavras: “Como é que pode? Como conseguiu? De fumaça!”.

“Lembra -se de mim senhor Perelá? Eu sou a marquesa Oliva de Bel’onda. lembra-se que dois dias atrás lhe falei da minha pobre alma junto com minhas amigas? Elas me interromperam então e protestaram às justas palavras de desconforto.

Não as culpo, repare, elas reclamaram da minha desolação não por maldade, mas porque elas vivem iludidas de amar, ou de ter amado. Eu sou aquela... que não amou, se lembra?

Procurei, então, pelo senhor, enfeitar as minhas palavras, e, como minhas boas amigas, talvez tenha lhe falado com demasiado rebuscamento. Eu disse ao senhor: cada um de nós, ao nascer, traz consigo o coração de outra pessoa, uma donzela tem o coração de um jovem, um jovem tem aquele de uma donzela... lembra? Isto talvez seja até verdade. Então pense, pense na horrível dificuldade de encontrar aquela pessoa em nossa breve vida. Isto é verdade, este coração já inútil, todos nós o carregamos conosco, este pedaço de coisa mole que se torna em nosso peito, dia após dia, uma esponja horrível cada vez mais carregada de lágrimas, talvez seja a tragédia que inconscientemente arrastamos, isto pode até ser verdade, mas hoje eu não lhe falo mais daquele modo, hoje eu lhe falo de outra maneira, e com toda a minha simplicidade digo ao senhor: eu não amei porque até agora não encontrei o homem para amar, e depois, hoje não saberei mais falar-lhe daquele modo, dois dias atrás eu era infeliz, agora não sou mais: amo o senhor.

Disseram-me que o senhor não come, que o senhor não bebe, que o senhor não dorme, que o senhor não faz nada, pois bem, eu sou como o senhor, desde sexta-feira, quando eu lhe vi, não fiz mais nada, tampouco, não fiz nada a não ser pensar no senhor.

O senhor tem trinta e três anos, não é verdade? Como eu, eu também tenho trinta e três anos. Trinta e três anos atrás o senhor foi colocado lá no alto, em sua chaminé, justamente quando eu nascia. Se tivesse continuado a sua vida então, o senhor teria

agora sessenta e seis anos, não é verdade? O dobro que eu. Seria... um velho... um homem prestes a morrer... talvez... talvez seria... não, não, não... já morto, ao contrário, não, não, não! O senhor ainda é jovem, um jovem bonito, jovem como eu; e como eu, renovado para a vida, novo para o amor?

Só pergunto ao senhor uma coisa em troca de todo o meu amor, somente uma palavra, diga-me que não é loucura minha, mas o senhor foi lá no alto para me esperar! Na metade do seu percurso, o senhor parou para me esperar, para me dar tempo de modo que eu o alcançasse; eu estava tão longe do senhor, e corria... ofegava... Deus... morria, sem esperança de poder chegar para levar ao senhor o que eu tinha de seu, mas... o senhor foi tão bom comigo... me esperou... e eu aqui estou... agora lhe alcancei!

A expressão puríssima do seu rosto está diante de mim, eu sou de fumaça, ela me diz, ah! e o senhor acha que esta seja a barreira que vai deter o passo da marquesa Oliva de Bel'onda? O senhor acha que eu vou repetir alguma daquelas observações que as minhas amigas lhe fizeram sobre a sua natureza? Mas o que isso me importa? O senhor é de fumaça? Muito bem, eu também sou de fumaça, amo o senhor, e quem ama nada tem a perguntar, quem ama deve sempre e somente dar, dar! Perguntar quer dizer: amar-se, não quer dizer: amar!

Agora o meu amor floresceu! se a chuva de suas pétalas pode ser-lhe agradável sobre o belo rosto, e descer, descer por sua delicada figura, se realmente minhas pétalas amorosas não lhe desagradam... se o senhor não as recusar... pois bem, saiba que o meu coração é um mundo para o senhor, inteiro de jardins!

Não precisa me responder, nunca precisará dizer se me amou, não é isso o que eu quero, porque eu amaria o senhor mesmo que me odiasse, amaria se o senhor fosse indiferente a mim, lhe amaria se me amasse! Escrevi para o senhor por uma só razão: aquela mulher que lhe fez escutar os seus lamentos, que lhe mostrou a sua face dolorosa, que lhe disse que era infeliz, hoje não fala mais daquele modo, não se queixa mais, tem outro rosto, a sua boca encontrou o sorriso, o seu coração a alegria, aquela mulher é feliz, e é justo que o senhor saiba a razão disso.”

- Eis a irmã Marianinha Fonte penitente.
- Quantas vezes pecou, irmã Fonte?
- Um dia três vezes, senhor Perelá.
- E agora a senhora sempre pede perdão por seu pecado?

- Todos os dias três vezes.
- E aqui está a irmã Pomba Mezzertino.
- Penitente?
- Pecadora ela não é, senhor Perelá, a irmã Pomba trouxe para cá a flor da sua pureza e a conserva, ela reza pelos pecadores.
- Existem, então, duas espécies de pessoas, aquelas que pedem perdão pelos próprios pecados e aquelas que imploram pelos pecados dos outros?
- E mais uma espécie senhor Perelá, aquelas pessoas que só pecam. Por elas a irmã eleita Pomba reza. Vá, irmã Pomba, vá implorar por aquelas pessoas. Eu o conduzo pelo monastério, senhor Perelá. Por favor. Por favor.

ASA

- Os homens morrem no pior momento da vida deles, ou a morte é o pior momento da vida deles?

- A morte é o momento no qual os homens anseiam mais fortemente a vida. Ela nada mais é do que a porta da vida, mas à sua soleira ficam queimados pelo seu calor.

- Se um deles pudesse novamente despertar, então ele poderia dizer-nos o que é a vida? E talvez ele nos perguntasse o que é a morte.

- Talvez.

- Uma vez eu ouvi dizer de homens que retornaram à vida depois de terem morrido.

- Os que foram atingidos pelo sono da síncope. Porém eles não souberam o que era aquele momento supremo, foram detidos a um passo daquela porta e só sentiram dele a primeira labareda que os deixou sem sentidos. Quando eles realmente morreram só então puderam sentir toda a força dela. Havia outrora uma pequena cocote, a qual, no momento supremo do amor, sucumbia como afogando. Da sua garganta partiam ingurgitações violentas em um glu, glu, glu, glu precisamente como de uma garganta que se enche imergindo na água. Permanecia no fundo não menos que cinco minutos sem dar sinal de vida. Depois ela sempre retornava à tona como se nada tivesse acontecido. Os amigos a chamavam a cocote mergulhadora.

Eis Ala, a porteira do cemitério.

Afundada em uma poltrona a velha vigia nunca perde de vista a soleira. A sua cara envolvida em um trapo parece uma noz muito seca dentro de sua meia casca.

- Esta mulher, veja, ninguém sabe quando nasceu, ela mesma é esquecida do tempo. Acredita-se que ela tenha mais de trezentos anos.

- E como pôde resistir?

- O senhor sabe, senhor Perelá, que a morte se serve de uma foice para recolher as ervas da terra e transportá-las em seu palheiro, pois bem, quando ela chega ali, carregada com sua paveia, não descansa um só instante, mas com a máxima pressa a deixa ali, e foge de novo para o trabalho. Sua pressa em sair daqui é tanta, que chegando à soleira, dá como um pequeno salto rapidíssimo, e a sua lâmina nunca toca a terra para recolher este fio.

O PRADO DO AMOR

- Senhor Perelá, eis o prado do amor.
- Todos eles se amam?
- Um ama e um se deixa amar, de todos aqueles pares de corações grudados, aquele que ama tem a certeza de deixar-se amar, aquele que se deixa amar tem a certeza de amar.

- E se os dois se amassem?
- O amor deles não existiria, só existiria o amor de cada um deles, eles caminhariam como duas linhas paralelas e nunca se encontrariam.

- E se nenhum deles se amasse?
- Eles não viriam aqui.
- E o amor deles para onde os conduz?
- Para lugar nenhum, talvez para um quarto mobiliado.
- O grande prado redondo se estende lá no meio do vale, é cercado por uma alameda ladeada, aos pares, por duas magníficas fileiras de castanheiras, lá no meio, lá embaixo, vão, vêm, se encontram, se cruzam sem olharem-se entre eles, aas centenas os casais de amantes, vão, vêm, se detêm, apertando-se um ao outro, enleados, com as cabeças próximas, sussurram, sorriem, se roçam, se apertam, se olham, se bebem...

Ninguém dá atenção para o que acontece em volta, e cada par de olhos só sabe ver mais dois.

Donzelas que torcem nas mãos ramos de rosas, donzelas que mal desabrocharam, sorriem enquanto o amante fala, e calam, escutando arrebatadas e quando se sentem muito penetradas pelos olhos dele, abaixam os seus, e torturam aquele ramo de rosas, o torcem de novo. Mulheres maduras, quase velhas, passeiam com um jovem, quase um garoto, elas incitam as suas palavras e empurram os seus olhos em ponta de um ângulo muito agudo, como um punhal árabe. Então é ele que abaixa o olhar, e continua o caminho com um sorriso pensativo.

- Mas diga-me, o que dizem um para o outro?
- Falam a linguagem do amor. O senhor pode supor que os mais brilhantes e variados argumentos sejam tratados por todas aquelas pessoas. Pois bem: nenhum argumento, e o repertório deles pode atingir vinte ou vinte e cinco palavras iguais para todos, alguém mal dispõe de quatro ou cinco, outros compõem toda a sua eloquência de silencio quebrado aqui e ali pelas monossílabas mais estúpidas.

- Mas então o amor não necessita de palavras, ele vive como as grandes obras da natureza, aquelas coisas que os homens chamam mudas porque não entendem a linguagem delas.

Do centro do prado, no fundo alonga-se uma alameda gramada, ladeada por álamos os quais se refletem com o sol na grama do caminho, e parece cavalgar nas costas de um zebra. E os casais vão e vêm, e se cruzam sobre as sombras dos álamos e parece então estar cavalcando nas costas de um tigre. E se passa, se vai, se vem, sem ser observados na azáfama destes casais...

- Eles pensam?

- Tampouco, a vida de um se derrama na do outro de modo que ninguém vive mais a própria vida, mas aquela do amor.

Quando se chega ao limite da alameda, se vê, longo e ao fundo, como pendurado nesta reta, o grande prado redondo. Os casais se movem lentamente numa doce ondulação de berço, agora parece que os álamos tenham se aproximado entre si e estejam se beijando, e também as castanheiras, no fundo, caminham aos pares em volta da alameda, como abraçadas, lentamente como em uma doce sonolência de vertigem tudo se move de repente, na doce ondulação de berço em oscilações iguais, a grande haste do caminho e o disco do prado lá no fundo... o pendulo, o imenso pendulo sobre o mundo que marca o instante para os homens.

- Senhor Perelá a hora está adiantada.

- E todos eles ficam?

- Após o pôr do sol o senhor veria os casais desfilar, um por vez, indo embora do prado, dirigindo-se para a cidade e ir embora, voando. Se o senhor voltasse assim que escurece, e por um acaso adentrasse no prado, poderia ouvir aqui e ali alguns gemidos longos, mal reprimidos...

- Alguém tinha ficado?

- Sim.

Na escuridão da noite o pendulo vai, vai, vai, vai nas suas oscilações regulares, sem interrupção.

IBA

- Iba, senhor Perelá.

A cela está iluminada por poucos raios de luz que sobem por uma pequena grade no solo, uma daquelas aberturas onde se alojam os pombos nas catedrais. A porta é hermeticamente fechada, tem um olho mágico pelo qual se pode ver o prisioneiro.

É preciso ficar por muito tempo parado, mergulhado na escuridão da espelunca antes de poder distinguir alguma coisa. Aos poucos avançam, como por uma nuvem se dissipando, os contornos de um invólucro que só com muito custo se pode reconhecer como um invólucro humano.

Eis que aparece um enorme nariz verrugento como três grandes sorvas vermelhas grudadas, postas em um emaranhado de lã. A cara é toda recoberta por um véu escuro, e na testa caem grandes tufos de cabelo eriçado para escondê-la, por último se veem dois olhos pretos, imóveis, que nunca se cobrem pelas pálpebras, mas que se encolhem e se dilatam em seus círculos como sob a potência do calor.

- O senhor sabe, senhor Perelá, que quando um Rei morre, o cidadão mais rico é aquele que ascende ao trono. O homem que puder derramar a maior quantidade de ouro nos caixas do Estado é aquele que será o novo Rei.

Dez anos atrás morria, não foi muito bem especificado se de cólica natural ou provocada por veneno, morria então o Rei Galo. O senhor há de saber também que nunca se aprofundam as investigações sobre a morte de um Rei, e o novo Rei interrompe com frequência qualquer pesquisa, e mesmo que o culpado fosse descoberto, aquele homem poderá ter certeza, acima de qualquer outro cidadão que é o favorito na graça real.

Era a manhã do contrato de Estado.

Os cavalheiros mais ricos do reino, os banqueiros mais notáveis estavam na sala do trono com o inventário de suas riquezas.

Ao subir a grande escadaria do palácio real com os bolsos repletos de ouro, cada um já o via sendo fundido ao longe, e já se via descê-la com uma coroa na cabeça.

O palácio real nesse dia¹⁶³ apresenta um aspecto muito imponente, todas as guardas de honra, as escoltas, em alto uniforme, os criados com suas libré mais deslumbrantes, formam uma barreira na entrada e pela escada e pelas laterais da sala do trono. Esse dia

¹⁶³ Nesse capítulo, Palazzeschi utilizou largamente o presente histórico (o presente do indicativo no lugar do pretérito), com o intuito de sugerir a atualidade dos fatos narrados e causar mais impacto, mesmo tendo eles acontecido no passado. Assim, a narrativa torna-se mais forte e contundente, como se os fatos estivessem acontecendo naquele momento.

é o silêncio que reina, ele está pronto somente para o barulho tilintante do ouro, para que nenhum pedaço escape do cálculo.

Qualquer um pode ser o rei na nossa lei, senhor Perelá, qualquer um que queira doar o seu ouro para o Estado.

Naquela manhã eis que chega à entrada do palácio real, Iba, o homem que o senhor vê lá embaixo no canto escuro. Iba, o alcoólatra, muito conhecido na cidade, o mais famoso beberrão, o homem ao qual o álcool tinha aos poucos engrossado a língua até impedir-lhe de falar, a piada dos moleques pela rua e de todos os beberrões nas tabernas mais imundas, o homem que pela manhã os vigias recolhiam pelas ruas como um monte de sujeira infame...

Na hora querem impedir que passe pela porta, mas o homem carrega nos braços, um em cada lado, dois grandes sacos, e depois nesse dia todo cidadão tem o direito de entrar, todos são um pouco o Rei, como todos os jogadores são um pouco o ganhador da loteria antes que os números sejam sorteados.

Ele avança cambaleante, mas o peso dos dois sacos serve quase para mantê-lo em equilíbrio sobre as pernas, e se sustenta melhor do que o de costume, mas, como de costume, sua cabeleira está vergonhosamente desgrenhada, lanosa, encharcada de pó, de lama, de palha, de tudo aquilo que ele recolhe em seus catres noturnos, que são em sua maioria a rua ou as valas, a barba bestial lhe cobre a cara, o grande nariz fungoso e violáceo parece tenha de jorrar sangue só de apalpá-lo, o seu sorriso escangalhado mostra só dois dentes nos lados, as suas roupas se esfarrapam em rasgos de lama e de sujeira... sobe, sobe pela escadaria do palácio real entre as fileiras dos debruados de galões, os brilhos das decorações das sabres, as cores flamejantes dos uniformes das libré, sobe, sobe se firmando bem em cada degrau com os dois pés para ali se estabilizar antes de tentar a ascensão ao degrau superior.

Quando chega à sala do trono, os cavalheiros recuam todos de uma só vez em um oh!... oh!... oh!... prolongado, interrompido em todos os tons, um oh!... de espanto, mas não porque aquele homem esteja ali, mas porque o tenham deixado passar.

No salão se forma uma moldura preta de impecáveis *redingotes*, todos se afastaram, recuaram emoldurando aquele quadro de estupor, parece um *presentat'arm* para Iba que no meio cambaleia, ri, olha sem distinguir...

Quando ele está no meio da sala deixa cair os dois sacos. Ninguém mais abre a boca, ao redor há uma fila de olhos que crescem... o homem se deixa ir quase deitado no chão e com um movimento infantil desamarra um dos sacos e despeja tudo no chão.

Todos aqueles cavalheiros vão à direção dele como atraídos pelo exorbitar de seus olhos, e sem mais pensar na aversão por aquela pessoa asquerosa se apertam em volta do alcoólatra. Os sacos estão cheios de ouro, de notas de dinheiro, dinheiro, dinheiro, dinheiro... pacotes de notas, todos já bem dispostos e contados, saquinhos cheios de moedas de ouro, um tesouro!

Aquilo que Iba estava jogando aos pés do trono para poder subir nele superava, e muito, aquele de todos os cavalheiros e de todos os banqueiros do reino.

Iba, deitado no chão, enfiava as mãos em seu tesouro como um garoto brinca com a areia na praia; e aos poucos lhe era tirado para ser contado e inventariado.

Ninguém naquele momento soube encontrar uma palavra.

Ria, o lobo do mar, ria, deitado no meio da sala do trono, mostrando de seu sorriso escancarado, os dois longos dentes cobertos por uma horrível camada verde.

Onde tinha encontrado o dinheiro? O mais vil dos maltrapilhos, o mais vilipendiado de todos os homens, que com frequência roubava algum dinheiro para alimentar a sua segura feroz de álcool, estava ali com todo aquele dinheiro... tinha vindo para fazer doação ao estado... se tornava... o Rei! Era um absurdo!

Onde o tinha encontrado? Roubado? Tinha talvez descoberto algum tesouro?

Foi de repente minuciosamente procurado na cidade, mas nada, não foi possível naquele momento encontrar uma pista. Ninguém tinha sido roubado, ninguém tinha sido assassinado... então? E nem era possível rechaçá-lo, não era possível, não havia saída, aquele homem se tornava Rei. Era preciso coroá-lo.

Como manda a lei, vinte e quatro horas depois, Iba foi coroado Rei.

O palácio real se esvaziou de todos os cavalheiros, de quase todos os soldados e criados, permaneceram alguns vigias. A berlinda da coroação estava pronta no pátio, Iba subia nela para se apresentar ao povo, para seu povo, percorrendo as principais ruas da cidade. Ao meio dia em ponto, entre o patear dos cavalos sai do palácio real o novo Rei. Ele tem um copo levantado na mão direita, e ri, o lobo do mar, ri, o seu sorriso estático que parece mantido aberto pelos dois dentes verdes como dois arrimos, seus olhos resplandecem, e a sua cara imunda peluda não foi tocada para a ocasião, está com suas roupas rasgadas cobertas de lama e de imundices, não vestiu o manto real nem a coroa, subiu com seu copo.

A berlinda da coroação, preciosíssimo berço de prata com frisos de ouro, é forrada de púrpura, estão atrelados nela oito cavalos com arreio de ouro e com ferraduras de ouro, e a guiam quatro postilhões em libré de solenidade.

Assim que sai, nenhum grito, nenhum assobio, as ruas estão desertas, nem um único cidadão saúda o novo Rei, enquanto isso, de uma janela parte um tiro, mas em vão, e durante o percurso atiraram nele pelo menos vinte vezes sem que nenhuma bala pudesse acertá-lo, nitidamente uma bala arrancou um daqueles seus tufos lanosos de cabelo silvando-lhe sobre a cabeça, e ele impassível, o braço no alto com o copo, a cabeça bestial levantada, e para frente sorridente.

Eis que de uma janela vem para baixo um grande invólucro que vai se arrebentar justamente sobre a cabeça do novo Rei: merda!

Então, de todas as janelas de todas as casas de toda a cidade chove sobre ele nas mais variadas maneiras a mesma coisa! Os postilhões saltaram fora, abandonaram os cavalos para escapar do arremesso, os cavalos começaram a andar devagar, com a cabeça baixa, como em um comboio fúnebre, como se o insulto os tivesse irreparavelmente aviltado, e o comboio continuou lentamente pelas ruas desertas, sem nenhum guia, sob a tempestade sombria.

Somente o Rei sorria impassível, mas o seu sorriso quase não se via mais, a sua boca estava cheia, os olhos... tudo nele pingava, e o copo ainda no alto transbordava continuamente, e os cavalos, a berlinda, tudo estava cheio. Senhor Perelá, não só os homens, nem foi confiada tal tarefa a serviçais apropriados, mas os primeiros cavalheiros da cidade deixaram escapar da própria mão o seu fardo, e se viram pequenas mãos brancas, delicadas, aparecer pelas janelas para jogar uma esmerada trouxinha da tal coisa.

Dos tetos se despejavam enormes recipientes, nem uma só pessoa permaneceu pela rua na cidade toda, o percurso da coroação do novo Rei foi em resumo um rio tão turvo como nunca foi nenhum rio.

Quando o comboio real voltou tão triunfalmente para o palácio real, até o último serviçal, todos tinham fugido estarrecidos.

Iba sobe ao trono e vai se sentar nele, os rastros foram testemunhas disso.

As tapeçarias da sala do trono, a púrpura da berlinda real que tinha servido a mais de cem coroações de rei: foi preciso queimar tudo, o palácio real foi inundado de água, e toda a cidade foi alagada por alguns dias para limpá-la da coroação deste Rei. Ninguém ousou abrir as próprias janelas por uma semana.

Iba ficou sozinho no palácio real. Todos, no entanto, estudavam a maneira de resolver a situação, e a maneira logo foi encontrada. Em uma cabana onde Iba, nas raríssimas noites que reencontrava a rua, ia se deitar, naquele escuro e imundo cantinho

foram encontrados dois sacos de dinheiro iguais àqueles que ele tinha levado no dia do contrato de Estado. O crime não precisa nem de processo, ele tinha roubado do Estado a metade do seu dinheiro, a condenação é a prisão perpétua.

Iba foi muito brevemente interrogado e trancafiado: reinou por quatro dias. O seu fabuloso patrimônio permaneceu propriedade do Estado.

Como tinha encontrado somas tão enormes? No subúrbio onde ele morava tinha morrido pouco tempo antes um daqueles pequenos obscuros banqueiros, que fazem os negócios deles nas províncias, o velho agiota era considerado cheio de dinheiro e não foi encontrado após a sua morte em posse de nem sequer um centavo.

Teria ele entregado o dinheiro a Iba? Ou Iba teria estado casualmente na casa do misterioso homem depois da sua morte, e teria se apossado do dinheiro? Talvez o velho agiota desejasse se tornar o novo Rei, e com a morte evidente quer se vingar de seu destino colocando a fortuna em tais mãos? Ou quer assim devolver para o bem de todos aquele dinheiro que tinha aos poucos desonestamente arrancado de todos?

Iba nunca disse uma única palavra.

Eis, senhor Perelá, o homem que foi rei por quatro dias e que deu para o Estado tanto quanto quatro reis somam juntos. Veja, ele tem aos pés uma moringa cheia de vinho. O Estado lhe passa vinho até quanto pode bebê-lo. Ele pode chegar a cem litros nas vinte e quatro horas. A cela é murada, o vinho chega na moringa por um duto. Venha, olhe, este é o barril que o fornece para ele, este homem é o guardião dele. O melhor vinho das nossas vinhas é reservado para este Rei prisioneiro, é a graça que o Estado lhe concede. Talvez ele seja feliz, afunda a sua barriga obscena na imundice com a qual foi coroadado.

VILA ROSA

- Os religiosos, senhor Perelá. Três cardeais em conclave, aqui deveria haver a missa cantada.

Ei! Ei! Ei! Silêncio!

- E se calam sempre?

- Desde que a voz seja muito vigorosa. Essa mulher fala com Santa Catarina de Siena. Pegue, pegue senhor Perelá, se quiser ter a bondade de ajoelhar-se... as hóstias novas são fornecidas todas as manhãs e ele as conserva em seu cibório com tanto cuidado como em poucos outros, acredito, são conservadas. É o melhor, o mais delicadamente gentil de todos os internos. Passando diante dele só não pode esquecer o ato cristão. Observe com que expressão de doçura e de serenidade ele olha para o senhor. Todo o seu rosto é composto pelo sorriso mais cândido. Se alguém passando com pressa não se detém para pegar a hóstia que ele estende, o seu rosto se torna doloroso, e seus olhos mostram duas lágrimas da mais sincera, mais profunda dor. Nunca dirige a palavra para ninguém, e, interrogado, não responde. A Verônica, ela enxuga todos os rostos, não se aproxime porque o seu lenço está encharcado. Geralmente o mantém estendido por doze horas consecutivas na mais absoluta imobilidade. São Pedro, não tem mais as chaves porque uma vez partiu a cabeça de um assistente. A Madalena, o Batista, cuidado, cuidado, aquele pote está cheio d'água, a experiência não é muito agradável, quando pode alcançar não poupa ninguém. Algumas vezes nós o colocamos debaixo da Madalena, quando ela se queixa muito.

Deus. Aqueles véus brancos e pretos que ele envolve incessantemente em volta de sua pessoa, são as nuvens, através daquele jogo de dança ele olha, aparece, some. Este homem tinha imaginado a divindade como uma imensa pérgula sobre a cabeça dos homens. Dela, de seus cachos de ouro, descia o licor da divina clemência. Um dia ele ouviu, pela viva voz de seu bispo, que Deus era tremendo na sua justiça, a sua mente ficou perturbada, não viu mais a abençoada pérgula sobre si, mas se viu diante de um homem como os outros com as suas iras e as suas paixões. Olhe que faíscas satânicas soltam os seus olhos e com que horríveis atitudes torce os músculos de seu rosto.

Os políticos. Um rei... não se sabe bem de onde. Vê aquele que perfura aquele pedaço de madeira? Aquela é a cabeça do Czar. Este é um anarquista, ele sempre explica de certo partido, mas nunca se chega a entender que partido seja.

- Um novo partido?

- Provavelmente. Agora vamos passar para várias manias, todos mais ou menos furiosos. Neste estabelecimento, senhor Perelá, está em vigor o sistema de deitar e amarrar os internos não em plena crise, mas assim que a crise vai se manifestar. O doente amarrado em seu pleno furor desperdiça uma quantidade enorme de energia, isso se usa geralmente nos estabelecimentos onde não se paga, aqui, uma vez que todos pagam, não temos nenhum interesse em limar a existência deles. Este, o senhor vê, garante não ser um homem e acredita que todos estejam errados em relação a este fato, o homem, segundo ele, seria outra coisa, porém nunca soube dizer o que acredita ser. Ele faz, para todos aqueles que vêm diante dele, uma careta de desprezo, você acredita ser o homem, ele quer dizer, não! não! não! Em certas mudanças de tempo ou de estação ele grita furiosamente o seu não! A todos.

O inimigo. Observe os olhos dilatados deste jovem. Ele tem em si o inimigo e fixa todos na mais terrível angústia de se encontrar de uma hora para outra de frente com ele. Os seus olhos não se cerram mais, ele não pode descansar, só vigia e olha. Lá fora estava reduzido a andar girando continuamente sobre si mesmo para ter certeza que o inimigo não o atingisse pelas costas.

- Aquele homem talvez exista, ou ele o imagina?

- Pode existir, aliás, certamente existirá, o caso é bastante comum, e é ao mesmo tempo um dos estados da alma mais espasmódicos. Uma senhora tinha esta horrível mania, o rosto odiado realmente existia, aquela pessoa por uma estranha coincidência pudera observar um terrível segredo da vida dela, a senhora viveu no temor de encontrá-la por mais ou menos vinte anos, o estado de tensão aumentava nela em um grau todos os dias, ela não podia pensar em mais nada a não ser nisto: “aqui está ela, eu vou ver agora aquele rosto diante de mim!”. Ela não conhecia a pessoa, mas aquele rosto estava tão gravado nela o bastante para tomar o lugar de seu cérebro, de sua consciência, de todo o seu ser. Sabe onde ela finalmente encontrou aquele rosto após vinte anos? No cemitério, em um pequeno retrato de porcelana emoldurado em uma daquelas colunetas de recordação. A pessoa temida estava morta havia muito tempo. A senhora perdeu a razão e pouco tempo depois ela morreu. A tensão de seu espírito tinha se elevado tanto que ela se sentiu de repente abandonada como um corpo deixado sozinho no vazio, cai se desmantelando numa explosão.

Mania suicida, este é o único interno vigiado dia e noite, não se pode abandoná-lo um só instante, é o mais furioso de todos e ao mesmo tempo pode falar com o senhor com simpática espontaneidade tamanha a ponto de convencê-lo de que não é louco; tem uma especial filosofia divertidíssima que termina inteira em suicídio, tentou se matar com as próprias mãos abrindo o seu ventre, debatendo a cabeça furiosamente no chão, algumas vezes se meteu a não querer mais respirar para sufocar-se, foram necessários quatro homens para abrir-lhe a boca. Não é possível deixá-lo por dois segundos, noite e dia é observado, e a passeio, enquanto vai conversando como a pessoa mais equilibrada deste mundo, é conduzido por dois homens robustos pela mão.

- Se deixado sozinho ele se mataria imediatamente?
- Instantaneamente. Enlouqueceu porque foi apanhado pelas pernas enquanto se jogava de uma janela.
- Cumprimento-lhe senhor, eu lia justamente sobre o senhor esta manhã no jornal, é o homem de fumaça, não é verdade? Nestes dias estou muito interessado no senhor, mas me perdoe, só posso aprovar o senhor pela metade. O senhor tem um mérito infinito sem dúvida, mas já que foi capaz de uma coisa tão grande, deveria preparar o fogo de modo a queimar de verdade. O senhor está na mesma condição que a minha, aquele vil do meu pai me pegou pelos pés quando eu já tinha me jogado no vazio, o senhor soube parar quando não estava a mais que a um metro do solo. O senhor ama Deus?
- O homem que vimos há pouco tempo?
- Não, aquele é um pobre tolo, Deus, não sabe o que é Deus? Deus é nada. É a perfeição inventada pelos homens, eles quiseram criar uma palavra para o nada, e por consequência fizeram-no se tornar algo. Como o senhor, o senhor ainda é homem, o senhor é algo, fumaça não é nada, é fumaça, como Deus que não é nada não pode ser nada se é Deus. O senhor poderia ser muito bem um Deus para os homens. Eles precisam de um nada que se possa pintar em uma tela e esculpir na pedra. Os homens rezam para Deus, sabe por quê? Para que Deus os mantenha o mais longe possível de si, se o diabo estivesse na terra, o diabo seria o Deus deles. Eles nunca morrem, e consideram a morte como um caso excepcional. Quando têm um morto por perto não param mais, fazem vomitar as pedras, giram-no, giram-no de novo, o levam para um passeio o colocam, o pegam de novo, o colocam outra vez, é uma indecência acrediteme, inspiram suas fétidas exalações com toda a volúpia de seus sentidos, e não se cansam, de jeito nenhum, de embalá-lo nos ombros, e suas gargantas nunca ficam secas

de tanto gritar à sua volta. Fato é que nasceram carcaça, caro senhor Perelá, e sentem desde o nascimento o fedor de morto sair de seu corpo, e se cobrem de trapos cor do céu e das rosas, se sufocam de flores e de incensos tal qual se faz nos cemitérios, e o interessante é que sentem de mais o fedor. Quando então um deles morre, eles fazem a festa, todos se amontoam muito bem em cima dele, e se asseguram assim que o fedor que cobre o ar é todo daquele morto, e se aproximam o máximo possível, aliás, apoderam-se dele, e saem dando voltas para compartilhar a exalação com o próximo, e se envaidecem, se envaidecem numa expressão satisfeita, ouça, eles dizem com aquela cara deles, sente este horrível fedor que nós levamos para passear? Este indecoro que contamina o ar? Sente que coisa reprovável? Muito bem não somos nós sabem, é ele que temos aqui em cima, é ele, é só ele!

Os homens ergueram para Deus uma grande quantidade de torres para aproximarem-se dele, e para enganá-lo, meu caro senhor Perelá, aquelas torres servem só para salvá-los do raio, elas deveriam ao contrário ser as estações das quais os homens partem para alcançar o Deus deles, deveria a todo instante se deixar cair dos tetos sobre a multidão, e os homens encharcados de dinamite e de álcool deveriam estrondosamente explodir nos teatros públicos, na multidão das mais importantes casas noturnas...

- Amarrem-no, amarrem-no, é preciso prevenir, ele pode ser atacado por uma crise. Veja se a sua excelência pode receber o senhor Perelá. Faremos o senhor conhecer o príncipe Zarlino, o louco voluntário, ou o louco amador, ou melhor ainda, o mais louco de todos aqui dentro. Um cérebro construído de propósito para a loucura que não encontrou em seu caminho um ponto de apoio para justificá-la, ele não tem nenhuma mania, é louco por ser louco, o refinamento do mal. É um dos homens mais ricos do reino, e poderia ter sido o rei. Ele dissipa todas as suas riquezas neste sanatório onde mora, tem sob seu comando vinte ou vinte e cinco homens que o satisfazem em tudo, uma espécie de companhia para encenar cada nova criação sua. Muitos internos são subsidiados por ele, vive entre eles por eleição, é o patrono e vêm até ele cobertos de presentes; satisfaz cada mania, se identifica com todos os cérebros, não tendo ele uma mania fixa e esclarecida pode sentir-se louco em todas as diversas formas que lhe agrade.

- O Príncipe esperava com ansiedade o senhor Perelá. Façam-no entrar neste momento.
- Oh! Caro, caro, caro amigo! Sou muito grato ao senhor por sua bela visita, e permita-me antes de tudo que eu lhe observe atentamente, há alguns dias o senhor

exerce em mim um fascínio muito grande. Estou sempre informado sobre o senhor e de suas coisas e ansiava o momento de poder conhecê-lo, e de poder falar-lhe. É claro que o senhor há de ter despertado em todos uma grande surpresa, os homens que não têm a sorte de estar internados em um manicômio, se admiram com muita facilidade, uma mosca que voa faz com que façam oh! eh! uh! ih! ah! o senhor escutará sempre estas vogais. Aqui dentro é uma coisa bem diferente, não se desperdiça o fôlego por tão pouco, e não se gasta o próprio cérebro a não ser para se ocupar da coisa que vale o gasto.

O senhor há de ter ouvido que eu sou o louco voluntário... o louco amador, não é verdade?... que eu sou o louco mais louco de todos os loucos! Não quer dizer nada, isto não me interessa, aquilo que se diz não me diz respeito. Eu falei sobre o senhor com todos os internos e procurei fazer com que eles compreendessem seu justo grande significado, seu excepcional valor. Fiquei muito entristecido de não ter encontrado certas cabeças preparadas para compreender-lhe, mas tenha certeza que vou conseguir, é preciso apreender os vários momentos dos vários cérebros. Quando acontece um fenômeno pelo qual todos lá fora ficaram com a boca aberta, não sabendo encontrar argumentos além daqueles famosos ah! eh! ih! oh! uh!, aquele fato aqui dentro não desperta nenhum espanto e o definimos frequentemente com a expressão mais simples, mais verdadeira, mais justa.

Todos aqueles que se introduzem aqui dentro nós os vemos passar com um olhar apalermado e piedoso, e no fim nós os ouvimos com a máxima seriedade, fruto de toda ponderação deles, dizer uma grande asneira. Eles para serem profundos dizem coisas estúpidas, mas é preciso, ao contrário, dizer coisas estúpidas para ser profundos, meu caro amigo. Eles passam lastimando tudo sem ter entendido nada de nada, e compadecem estes pobres de cérebro com uma palavra que revela imediatamente a pobreza que eles têm. Oh! estejam também tranquilos que eles nunca enlouquecerão! Para se tornar louco é necessária só uma coisa: um grande cérebro para jogar magnificamente em um só punho ao vento, eles não têm tanto para chegar a arremessá-lo para o alto com dois dedos. Aqui estão os grandes senhores, os bilionários das cabeças humanas que gastaram todo o seu dinheiro por um único capricho, eles agora estão satisfeitos, felizes, o objeto que puderam comprar preenche toda a vida deles.

Senhor Perelá, eu poderia ser o rei, mas sentia que após dois dias eu teria sido aquele rei que queria ser tudo menos o rei. Eu vivo aqui dentro a minha vida cerebral que me faz ser tudo! Dizem que sou louco, muito bem, o que me importa, vim para me

hospedar em um manicômio, então... mas atenção, não sou louco como os outros querem, sou louco como quero eu, eis o meu sistema. O louco nunca anuncia aquilo que faz, eu ao contrário sempre anuncio tudo. Eu digo, por exemplo: agora vou emitir oitenta e oito gritos altíssimos. Outro louco no segundo ou no terceiro grito já está amarrado. Todos se preparam resignadamente para o meu exercício pulmonar. No octogésimo oitavo grito em ponto, eu paro. No octogésimo nono já teriam me amarrado.

Não menos que uma vez por semana eu me deleito em dar a bênção papal. Lá fora esta operação me era quase impossível, pode acreditar era impossível. Veria como todos ficam prostrados no chão, no meio em que religião e devoção eu posso brandir o pastoral e vestir a mitra.

Eu gosto de me despir e ficar nu¹⁶⁴ na frente de todos, depois sou o rei, sou ferreiro, sou aranha, sou mesa, sou o sol, sou a lua, sou tudo aquilo que me dá prazer. Uma noite eu fui cometa, entre as duas torres do casarão estava pendurada minha cauda de tela de prata iluminada por apropriados refletores elétricos, fiquei lá em cima uma noite inteira, e me senti cometa de verdade, eu não fui mais homem, nada, eu fui astro. Ouvi tudo aquilo que disseram lá em baixo, recolhi a observação de cada interno, de cada auxiliar, enquanto me sentia tão longe da terra, bem alto no céu.

Apreendi muitas sensações que estão na minha mente como um poema que se intitula: O Cometa.

Agora me diga uma coisa meu caro amigo, eu posso sair pelas ruas comuns com uma cauda de tela de prata com setenta e cinco metros de comprimento? Assim que me notarem me prendem, me amarram e me trazem para cá como um louco.

¹⁶⁴ Como o príncipe Zarlino é um dos homens mais ricos do reino e, portanto, poderia ser o rei, optamos pela tradução “nu”, justamente por se referir à fábula “A nova roupa do rei” de Hans Christian Andersen. A fábula também está presente na cultura italiana “Il Re è nudo” (O Rei está nu); o próprio Palazzeschi declara que sua avó materna tem importância em sua vida, pois sempre se lembra das fábulas que ela contava quando ele era criança; talvez essa seja uma delas...

DELFO E DORI

Estes dois pequenos vilarejos, senhor Perelá, são os mais graciosos dos nossos arredores. Nas margens desse grande rio eles vivem sua vida fraterna olhando-se amorosamente. Observe a simetria do seu conjunto, duas torres idênticas, tem entre eles uma igreja igual, com igual número de coruchéu, se pode dizer que seus tetos tenham o mesmo número de telhas e as casas o mesmo número de janelas. Eles vivem na mais serena paz, e o rio corre ali no meio límpido e tranquilo. À noite no claro da lua o senhor veria passar com uma balsa, de um lado para o outro, alguns jovens, eles se encontram e se cumprimentam, trocam as palavras mais corteses entre si, o cumprimento mais cordial.

Vão cantando e com a alegria no coração, fazem uma visita para as suas futuras esposas. É costume que os homens de Delfo escolham em Dori a sua companheira e aqueles de Dori em Delfo. Mas esta bela paz nem sempre reinou entre eles, e este rio que se abandona no mar em uma última onda de doçura, lhe trouxe um dia o bocado mais amargo que o seu estômago já tenha digerido Este rio foi um dia campo de uma estranhíssima batalha.

Saiba, entretanto, que desde então Delfo é habitado por aqueles de Dori, e Dori por aqueles de Delfo.

Os dois lugarejos se odiavam desde os tempos mais remotos. Não era possível plantar um arbusto sobre a margem de Dori, sem que fosse plantado um semelhante sobre aquela de Delfo. Nem uma única telha era movida daqui sem que ela recaísse ali como uma bólide de ira.

Um dia, um horrível temporal castigou estes vilarejos e nada menos que oito raios caíram juntos sobre as pequenas casas de Dori, sem que uma única vítima se lamentasse. Os pobres aldeões assustados escapados do flagelo quiseram levantar uma torre em agradecimento à Virgem santíssima, e colocar em cima da dita torre uma estátua da mesma Virgem. A torre é aquela que o senhor vê. Quando ela chegou à altura dos tetos, foi observado pelos olhos perscrutadores de Delfo primeiramente certo fervilhar de homens, depois o levantar-se de um prédio, estes aldeões não contiveram mais a sua ira. O que deveriam fazer? Eles deveriam também levantar uma torre?

Mas ficariam para trás e teriam terminado a obra com grande atraso em relação aos odiados da frente. E depois não tinham caído raios sobre Delfo para agradecer a Virgem santíssima. E ainda: uma vez ao trabalho quem dos dois teria colocado a última pedra da torre no temor que o outro também tivesse prolongado um pouco mais o trabalho? Quando teriam terminado? Aonde chegaria a torre do ódio? A terra deveria equilibrar-se

com a construção de duas novas torres de Babel? Não, não, era preciso terminá-la, eram necessários meios muito mais rápidos. Em Dori se trabalhava incansavelmente para a construção de uma torre? Ótimo. Em Delfo foi começado o trabalho de outra construção, barcos, barquinhos, jangadas, canoa, varapaus e remos. O rio amarelo pelo ódio nunca foi até então navegado, esta era a vez.

Dori dia após dia assumia um bonito aspecto másculo com a elevação da bela torre, enquanto armazenada no ventre de Delfo já se agitava uma monstruosa criatura: a guerra.

Os barcos, as jangadas, os pequenos navios, os varapaus, os remos, tudo em breve ficou pronto, a noite destinada chegou.

Os aldeões de Delfo lançam aos poucos suas madeiras no rio, todos pegam lugar ali e com a força dos braços a aldeia inteira atravessa, está em Dori. Aqueles habitantes dormiam tranquilos no mais abençoado sono quando ouviram bater violentamente em suas casas, derrubar suas portas, bloquear suas janelas. Os surpreendidos fugiram nus de suas camas, subjugados pelo horror, ainda por cima incapazes de se defenderem pegos assim de surpresa.

Todos fugiam gritando, e enquanto isso o inimigo se instalava em suas casas.

Como eles não esperavam um ultraje tão vil do vil lugarejo de frente? Como não tinham previsto uma defesa contra tão malvada gente? Todos corriam, fugiam subjugados pelo desespero, e na fuga todos se encontraram na margem do rio. Alguns tinham corrido para lá talvez para se jogarem dentro, outros para se distanciar ao longo da margem e colocarem-se a salvo.

Todas as casas de Dori já estavam na posse do inimigo, todos os habitantes estavam em alto-rio. A margem estava apinhada de madeiras, de barcas, de barquinhas, eles viram, entenderam, e dali se lançaram para dentro e com a força dos remos todos foram rapidamente para Delfo. Lá encontraram o vilarejo vazio, ninguém tinha ficado ali, as casas abertas, as despensas bem fornecidas, as camas comodamente preparadas para se deitar, um vilarejo igual em tudo aquilo que tinham deixado, se instalaram ali.

Ao amanhecer, aqueles da frente tinham vindo para o rio triunfantes para já estabelecer a posse deles sobre os dois lugarejos. Segundo eles, aqueles de Dori já estavam longe milhas e milhas de distância e nunca mais ousariam tentar a volta, chegaram ao rio.

O que tinha acontecido? Não tinha acontecido nada, ambos tinham conquistado a aldeia rival, a guerra não podia ser mais vitoriosa.

Ficaram assim, e assim ninguém pôde mais insidiar o lugarejo da frente, as barquinhas serviram para os bons relacionamentos de interesses e de afetos, que entre os dois vilarejos depois reinaram para sempre.

Amanhã de manhã às dez horas, na Praça das Armas, o senhor Perelá passará em revista as tropas.

O FIM DE LOURO

Ao crepúsculo, quando o carro com Perelé e seus seguidores voltava para o pátio do palácio, o palácio real estava totalmente em alvoroço por este fato ocorrido, muito estranho.

Louro, o decano dos criados reais, desde a noite anterior não tinha sido visto. E como ele era encarregado dos aposentos do Rei a sua ausência foi notada logo pela manhã.

Foram procurá-lo em seu quarto, e lá foi encontrado tudo em ordem, a cama estava feita, o velho não devia ter dormido ali.

Tinha uma filha que morava na cidade, e que sempre visitava nas horas vagas, e então correram até ela, mas ela não sabia nada, não tinha visto o pai havia dois dias, a pobre jovem entrou imediatamente na mais horrível agitação, disse que tinha pressentimentos ruins, temia que seu pai tivesse cometido uma grande estupidez. Quando dois dias antes estivera com ela pela última vez, tinha se mostrado com uma alegria tão impetuosa e tão insólita que ela tinha ficado perplexa com isso; parecia arrebatado por um pensamento fixo que o fazia rir como um doido. Também tinha se mostrado impaciente, ele que era geralmente quieto e calmo, tinha se tornado irrequieto, não podia permanecer muito tempo sentado, se levantava, ia até a janela olhando distraído, não ouvia mais aquilo que lhe falavam, perdia o fio do discurso, e depois começava a esfregar muito rapidamente as mãos uma contra a outra encolhendo a cabeça nos ombros todo sorridente de esperança, como uma pessoa que pensa em vencer um grande prêmio da loteria.

Foi procurado em todas as partes. Que motivo poderia fazer com que se escondesse? Na hora da refeição não apareceu. Talvez tivesse tido um mal-estar enquanto desempenhava algum serviço? Como? Onde? Já tinha setenta anos e o caso era muito provável. Cada canto foi revistado, cada esconderijo, nada. Iniciaram então a procura nos subterrâneos, nos porões, nos velhos depósitos de armas, nas antigas prisões. Eis que finalmente chegamos na última grande abóbada, aquela que sustenta o torreão angular do palácio real, a abóbada está fechada, a sua porta está trancada por dentro, mas de algumas imperceptíveis fissuras se insinuam muito intensamente, quase imperceptíveis, espiras de fumaça, e se sente cheiro agudo de fumaça em toda volta. Aquela porta foi rapidamente desmantelada com enormes picaretas e caiu. Uma nuvem violenta, formidável de fumaça densa se alastra sobre os presentes que recuam meio cegos. É preciso esperar que a fumaça se dissipe um pouco, assim é impossível entrar,

mas assim que ela começa a desaparecer, a se expandir, todos se apressam novamente para a entrada.

Sob a ampla abóbada do subterrâneo começa-se, entre a nuvem de fumaça que se dissipa, a distinguir. No meio, no chão, uma grande esplanada de cinzas e de carvão ainda aqui e ali acesos; no teto, do círculo central, desce uma corrente de ferro, a cerca de dois metros do solo, na qual está pendurado no fundo... como um cruzamento de troncos carbonizados, que se balançam horizontalmente no meio. Parecia realmente a união de dois troncos de árvore tão rudimentarmente ligados e não era nada mais que um último resto humano: Louro.

Imediatamente o Rei foi informado e toda a corte; o fato fez com que todos se horrorizassem, a pobre Rainha, que se esforçou para ouvir a história, deu ao fim um grito agudíssimo e cai perdendo os sentidos.

Após poucos minutos, todos se encontravam na penumbra do subterrâneo em volta das cinzas e dos carvões ainda não completamente apagados, e todos olhavam com ar estarecido o resto daquele homem pendurado que balançava girando lentamente sobre si mesmo com muito custo, como para se equilibrar na sua postura horizontal.

Por que aquele homem quis terminar de modo tão infeliz os seus dias? Qual razão o tinha impelido para o ato desesperador? Ninguém conseguia encontrar esta razão. E depois, como tinha podido pensar em tirar a própria vida escolhendo uma maneira tão atroz para morrer? Todos em volta olhavam ausentes, fantasiando no próprio cérebro e comunicando de tempos em tempos aos outros o próprio horror. Um gordinho, pequenino, com as mãos colocadas sobre a barriga redondinha, de vez em quando dava duas sacudidinhas, como se sentisse um grande prurido pelas costas e quisesse se esfregar dentro das roupas.

A cena do subterrâneo era impressionante, o ar quente, o cheiro muito agudo de fumaça ainda não muito bem dissipado, a esplanada de cinzas brancas, o silêncio rompido pelos sussurros.

Anoitecia, quase não se via mais lá embaixo, e foram acesas nos cantos da abóboda algumas tochas.

A corrente bastante grossa pendia dos anéis do teto, e no fundo o homem estava amarrado ali com uma corrente menor que o envolvia pelo peito embaixo das axilas. Agora todo carbonizado, o peso do crânio equilibrava perfeitamente com o resto do corpo e fazia-o permanecer assim na horizontal; as mãos, os pés não existiam mais, as

pernas terminavam como dois tições pontudos, e dos braços ficaram somente os dois pedaços superiores que estavam escancarados.

Devia ter juntado pacientemente um belo monte de lenha, depois subindo nele ou com algum banquinho, devia ter amarrado à corrente que pendia do teto aquela que lhe envolvia o corpo, e depois de algum modo aceso a lenha... e ficou ali... pendurado como salame¹⁶⁵ ... para esperar a morte.

Como se pode fazer um preparativo de morte tão longo sem um arrependimento? Como não pôde se soltar com o primeiro lambem da chama em suas míseras carnes?

Não foi encontrada nenhuma carta que justificasse, que explicasse... nada, o velho não deixava nenhum escrito.

Eis que chega correndo, ofegando, uma jovem mulher despenteada, esbaforida, não foi mais possível segurá-la, se desvencilhou como um réptil e escorregou das mãos piedosas que a detinham. Chega com os olhos arregalados e ao aparecer à soleira do subterrâneo escancara a boca como se devesse sorver todo o ar do universo em seus pulmões de uma só vez para que o seu grito pudesse depois chegar até o céu.

- Doido! Doido! Meu pai! Meu pai! O que você fez? O que você fez? Doido! Doido! E eu que nem imaginei! Você acreditava poder se tornar como Perelá?

- Perelá! Perelá! Perelá! – todos exclamam, ninguém ainda tinha percebido uma ligação entre Perelá e este fato. Agora todos pensam, deduzem, fantasiam, cada um reconstruindo o acontecido ao seu modo. – Perelá! Perelá! Perelá! Perelá!

- O que você fez? Por que meu pai? Por que meu pai? Por que me deixou? Por que você quis acabar com nossas vidas?

- Perelá! Perelá! Perelá! – todos exclamam; a mulher se contorce entre os espasmos de seus soluços.

- Quis imitar Perelá?

- Não é possível!

- Por que não é possível? Muito possível, esperava se tornar de fumaça!

¹⁶⁵ “salame”, em italiano, significa tanto um embutido, feito de pedaços de carne picada (de boi ou de porco) misturados com pedaços pequenos de toucinho e, às vezes, grãos de pimenta, quanto uma pessoa boba, palerma. Apesar de no Brasil o sentido figurado não ser muito utilizado, optamos por manter salame, já que no regionalismo gaúcho existe a expressão “se fazer de salame”, usada quando uma pessoa quer se fazer de bobo. Assim, temos a imagem da “carne” pendurada (como, geralmente os salames são armazenados nos estabelecimentos comerciais) e, também, de uma pessoa “boba” por ter cometido tamanha atrocidade, acreditando ser possível se tornar de fumaça.

- E ficou de carvão.
- Diga-nos pobre moça, como lhe veio esta suspeita?
- Desde quando aquele homem está aqui, me entendem, Perelá, o meu pobre pai ficou louco! Ele, uma vez, poucos dias atrás, quase me fez vislumbrar a sua loucura, mas eu nunca imaginei que ele fosse capaz de tanto! Tinha ficado demente de admiração por aquele monstro que veio aqui para introduzir a desgraça!

- A desgraça? A desgraça? – todos repetem cada vez mais estupefatos. – A desgraça?

- Sim a desgraça! Assassino! Meu pai se matou por ele! ele sempre repetia: “Como pôde se tornar de fumaça? Como fez?”. E um dia me disse: “gostaria de ser também como ele”. E ria de alegria só de imaginá-lo. Oh! Mas eu nunca teria acreditado que ousaria tanto! E eu sempre lhe respondia: “você acredita que se nós queimássemos ficaríamos como ele? Louco! Louco!”. Eu lhe dizia: “se você queimasse, você morreria pobre homem, e faria com que eu morresse também de dor”. Meu pai! Meu pai!

As suposições eram muito variadas, havia quem não sabia ver uma única ligação entre Perelá e o acontecido, havia quem, ao contrário, via muitas e muito estreitas. Garantiam que Perelá e Louro tinham sido vistos amiúde em conversas secretas. Perelá sempre confiava suas incumbências, e o velho o servia cheio de júbilo, com tanto zelo, quanto nunca tinha tido por nenhum Rei. O próprio Perelá não teria lhe inoculado a ideia fixa no cérebro?

- Neste caso ele erraria a sua propaganda. – disse alguém com um tom de extraordinária importância.

- Como, como, como? Propaganda autoincendiária? É formidável! – Repetiu outro com uma barriga enorme e uma grande cara violácea.

- O incendiário de si mesmo! – Insistiu um baixinho com uma vozinha de pintassilgo, com dois bigodinhos em forma de agulhas e as lentes sobre um narizinho tão fino na aresta que parece uma lâmina de faca.

- Doido! Doido!
- Que liquidação! – Interrompeu bondosamente um belo oficial.
- Um alumiaria o outro! – rebateu o cavalheiro pintassilgo – como nos tempos de Nero, como nos tempos de Nero! – e ria em seu ihihih...

Alguém reconstruía o ato com Perelá colaborador de Louro; Perelá teria amarrado o velho na corrente, e o velho fanático teria se deixado amarrar.

- Ou então... quem sabe... – dizia balançando a cabeça quadrada um alto magro com os cabelos muito curtos grisalhos que lhe nasciam a meio centímetro das sobrancelhas, tipo delinquente de verdade – quem sabe... Quem podia ouvir aquilo que acontecia aqui em baixo esta noite ou esta manhã, antes do amanhecer?

Enquanto faziam todas estas suposições o carro com Perelá e seus seguidores retornava no pátio do palácio real. Perelá foi imediatamente conduzido para o subterrâneo.

- Viu? Viu o que você fez? Velho asqueroso esfumaçado?

Fizeram a mulher se calar, todos em volta fitavam Perelá espiando a sua expressão, ansiando sua palavra. Ele, calmo, sereno, olhava o homem pendurado e após alguns minutos de absoluto silêncio deixou escapar da boca quase sussurradas docemente estas três palavras: “queria se tornar leve”.

A perfeita calma com a qual foram pronunciadas, a doçura da expressão com a qual Perelá olhava aquele resto de suicídio, aquele teatro de morte, exacerbou e espantou de tal forma os presentes que todos falaram de uma só vez.

O ajudante do Rei se aproximou de Perelá em tom muito manso, grudento, quase para conduzi-lo a raciocinar, e lhe disse devagar com muita gentileza:

- Se tornar leve... tudo bem meu caro... mas... ele queria se matar me parece! Se tornar leve... que leve, que nada!, se matou... não é a mesma coisa...

- Caramba! – agudou o pintassilgo.

- Precisaré esclarecer este mistério – resmungou o cavalheiro delinquente.

- Se não sairmos daqui vamos morrer! – bufou o gordão da cara violácea que tinha se inchado como um balão. – Uhff!

Perelá não disse mais nada.

Aos poucos não permaneceu ninguém no subterrâneo, além da filha de Louro, meio abobalhada pela dor e com duas lágrimas cristalizadas à margem dos cílios que não podiam mais desaguar, permaneceram alguns criados e os cavalheiros e os oficiais e soldados todos subiram de volta para os aposentos reais.

Fizeram grandes observações sobre a indiferença de Perelá, ele foi considerado pela primeira vez indiferente.

Foram até o Rei para relatar o acontecido. O fim de Louro e a indiferença de Perelá, indiferença que alguém ousou chamar timidamente de cinismo. Ninguém, porém, quis exprimir claramente a própria opinião, e cada um invocava tacitamente a do outro, cada

um esperando que o outro fosse primeiro lançador de uma acusação sem que ninguém quisesse sê-lo.

Concluíram convocando para a mesma noite o conselho de Estado.

A revista militar, que deveria acontecer amanhã de manhã, foi adiada.

O CONSELHO DE ESTADO

“Eu ainda vejo aquele pequeno velho da face serena, dos doces olhos azuis, ele está lá, calmo, tranquilo, chegou aos seus setenta anos de vida laboriosa, de probidade, de obediência. Nem uma sombra em sua honesta vida, nem uma mancha em sua consciência. O amor por seu Rei, que ele serviu com coração pio e manso, o amor pela filha querida, o amor por seu Deus sobre todos e sobre tudo.

O homem que viveu até o limite da sua existência neste candor de doçura, nesta serenidade de espírito, muda de repente, se modifica; a sua cabeça se perturba, se transtorna, os seus pensamentos mais suaves, mais puros, mais luzentes se obscurecem e tornam abismos tenebrosos onde se aninha a paixão mais insana, a mais vertiginosa loucura.

E depois do espetáculo de amor e de piedade que ele nos ofereceu por setenta anos, nos prepara ao fim o espetáculo horrendo do suicídio, do mais louco suicídio, ele coloca diante de nossos olhos uma cena infernal de chamas, de cinzas, de fumaça.

Meus bons filhos, eu agora lhes pergunto, como pôde esta consciência se arrebatara de repente, como ela pôde germinar de repente a planta estéril do mal, se no passado nela não havia estas sementes, como pôde, sem que ao fim uma destas sementes tenha conseguido se introduzir ali? Como podia por si só aquela alma se perder, se alguém não tivesse aproveitado precisamente da fraqueza de sua mente de velho para empurrá-la e guiá-la para a irreparável via da perdição?”

- Note, porém, eminentíssimo, que ele sempre foi um admirador excessivamente fanático de todos os Reis.

- E o que quer dizer com isso, Onanistar?

- Quero dizer que era um pequeno vaidoso e nada mais.

- Meu caro Onanistar, como o senhor pode dizer uma coisa dessas, quem serviu como um cão fiel ao próprio dono, o senhor o chama de vaidoso, o que é isso?...

- Serviu porque era impotente no mal assim como no bem, percebendo-se inábil para prover de alimento sua vaidade, ele não soube nada mais que admirar aqueles que aos seus olhos eram os privilegiados. Quando se tratou de poder ele mesmo tornar-se um ser privilegiado, capaz aos seus olhos de atrair a vã admiração dos outros, sequer considerou a própria vida.

- Aquilo que para vocês ovelhas é o cúmulo.

- Pilhão não comece com seus habituais palavrões.

- Ovelhas!

- Pilhão fique quieto!

- Mas precisaria realmente expulsá-lo do conselho, se torna todos os dias mais insuportável.

- Ovelhas não? Macacos! Quais são os animais mais engraçados? Os macacos vocês respondem, precisamente, são aqueles que mais se parecem com vocês.

- Pilhão, faça o favor de se calar até chegar a sua vez.

- Então, eminentíssimo, a sua opinião seria...

- A minha opinião então... bem... a minha opinião é muito simples... e é precisamente esta, bem... há algum tempo nesta terra não se faz nada além de semear fumaça, agora a terra começa a fumar, e me parece lógico natural naturalíssimo.

Se os senhores semearem trigo sobre a sua terra, colherão espigas de trigo, se semearam fumaça, terão colheitas de fumaça, e claro não poderão decerto colher feixes de lenha. Deram um excessivo valor para um fato que não o merecia, parecia que não existisse no mundo nada melhor do que a fumaça, parecia que com isso todas as maiores questões fossem resolvidas, não se via nada mais que a fumaça, homens e mulheres vestidos da cor da fumaça, festas, bailes, almoços todos em honra desta fumaça...

- Eminentíssimo, o senhor mesmo, porém, lembra, foi ao encontro dele para prestar-lhe homenagens, quando ele chegou o senhor também caiu então no engano como todos nós.

- Tudo bem, é verdade, eu também corri, mas... um momento, um momento, eu corri, anotem bem isso, corri antes de mais nada para ver de qual animal se tratava, todos corriam, parecia que o mundo devesse se tornar todo seu de uma só vez, vão entender, quis ver com meus olhos que raça de animal era... e percebi imediatamente... que só poderia prejudicar.

- E por que não disse logo?

- Como poderia dizer? Todos: bravo, bravo, muito bem, muito bem! Por pouco não o fizeram imperador! Eu ao contrario disse: este não é o momento de falar, deixemos passar, hã de parar.

- O que disse para o senhor na audiência que teve com ele eminentíssimo?

- Me disse... sei lá... as suas habituais palavras desconexas... que era leve, e que parecia que não estimasse outra coisa no mundo além desta sua leveza... quatro asneiras de herege da pior espécie.

- E o que proporia fazer?

- Reparar, os senhores ainda estão em tempo para reparar. Os senhores o enalteceram? Então os senhores o rebaixem. Os senhores lhe confiaram obras sérias, graves obras, sem compreender quais enormes despropósitos estavam cometendo, então os senhores tirem aquelas obras dele, rápido, imediatamente, e sobretudo... afastem-no da sociedade... façam com que ele desapareça, para o bem de todos... excluam-no.

- Pilhão se tem algo para dizer...

- Hoje está um belíssimo dia, realmente bonito, um magnífico e vívido esplendor de sol, os homens estão todos lá fora sem grada-chuva, e se regozijam, passeiam estupidamente rebolando como patos¹⁶⁶, balançando entre eles, encontrando-se, esfregando-se, misturando-se como as rãs em uma poça d'água... de repente o céu se anuvia e num piscar de olhos cai um belo aguaceiro; todos fogem saltando as sapo daqui e dali, gritam, escorregam, as velhas toupeiras se entocam, e todos se regam¹⁶⁷ que dá gosto de ver. Ah! Ah! Ah!

- Que homem inconveniente!

- Amanhã o temporal se amansou e só se veem passar rapidamente, altíssimas, leves, leves, as últimas nuvens descarregadas. Todos aqueles que passam têm embaixo do braço seus guarda-chuva, e os macacos e berberes seguram-no bem apertado, ninguém passa sem. Chega a noite, não choveu. Ah! Ah! Ah!

- Mas que maneira horrível de rir! Que paradoxos, santo Deus!

- E então?

- O que pretende dizer com este seu discursozinho?

- Que são um bando de imbecis!

- E de Perelá o que pensa?

- Aquilo que penso de vocês.

- E o senhor o que é?

- Ele acredita estar tão por cima porque deve publicar um livro que nunca sai.

- Caro Pilhão a sua grandeza está inteira no seu desprezo.

- Naturalmente.

- E acredita que isso possa engrandecer-lhe tanto?

¹⁶⁶ “oca”, em italiano, significa “ganso”. Traduzimos por “pato”, justamente por significar uma pessoa que se deixa enganar facilmente, ou seja, um bobo ou um idiota, como usado, popularmente, no Brasil.

¹⁶⁷ “annaffiare” significa “regar”; no Brasil, além do significado de “aguar” se utiliza, também, como “encharcar” ou “molhar muito”.

- Oh! Pouco me basta, um palmo, tanto para poder cuspir-lhes na cabeça.
- Que homem irracional!
- A sua presença no conselho já é perfeitamente inútil, se sabe muito bem aquilo que Pilhão dirá: “imbecis, imbecil” conforme o caso.
- Muito bem, Pilhão o senhor passa pelo homem mais culto da terra e não sabe dizer nada além de imbecil?
 - Mas se é meio analfabeto?
 - Afinal, o que diz disso?
 - Vocês que resolvam
 - O que o senhor diz de Louro?
 - Vocês que resolvam.
 - O que o senhor diz de Perelà?
 - Vocês que resolvam.
 - Rodela, o que o senhor diz?
 - Eu digo que o nosso tempo é muito mal gasto.
 - Mas nós lhe confiamos o Código por Deus!
 - É preciso tirá-lo dele!
 - E como?
 - Bem, se tira dele, não se deixa ele escrever.
 - Mas lhe foi confiado publicamente, com decreto real!
 - E se tira dele publicamente, com decreto real!
 - E a opinião pública?
 - Para o diabo!
 - Mas quem foi aquele idiota que falou primeiro do código?
 - O Rei!
 - Foi o Rei!
 - O que ele sabe disto, o que ele tem a ver isso?
 - Fez para se livrar daquele peso das costas, não entendeu?
 - Acreditava que o homem de fumaça lhe tinha sido mandado de propósito vai saber de que planeta!
 - Ele sempre espera mensagens de novos mundos, identificou-se tanto com o papel...
 - Mas o Rei fez isso para ele não escrever o novo código, é claro, pensou: vai saber que bobagens vão aparecer, assim eu não tenho nada a ver, tem a ver com Perelá,

que descontam nele, Perelá é de fumaça, Perelá, é preciso respeitá-lo, e eu não estou nem aí com nenhum código.

- E depois, sabem o que mais?
- O quê?
- O Rei não teme Perelá, o vê como um amigo e não como um inimigo, não tem um centavo, nunca poderá ser o seu rival.
- Mas depois da reforma do código?
- Ah! Agora essa...
- O que quer dizer com depois da reforma do código?
- Veem a que ponto chegamos?
- Não pensaram que aquele homem, reformando o código poderia, por exemplo, redigir um artigo no qual dissesse que só os homens de fumaça podem reinar? Não pensaram nisso?
- É um absurdo!
- Que gravidade!
- Meu Jesus!
- Mas por que fomos tão tolos?
- Por quê?
- Por quê?
- Por quê?
- De certo modo nós entregamos em suas mãos as chaves do nosso reino, da nossa casa, para um homem de fumaça! Pensem nisso!
- Meu Deus!
- Ao primeiro que chegou!
- Sabe-se lá quem é!
- Sem nem mesmo saber se era um homem ou não.
- É um absurdo!
- Que gravidade!
- Desculpem, desculpem, e mesmo que ele tivesse até escrito todos os artigos deste mundo, nós temos medo dele, de um senhor de fumaça? Com dois tapinhas ele foge correndo mesmo depois de ter escrito dois mil códigos!
- E a opinião pública?
- Uma ova!
- Mas se fosse realmente um enviado?

- De quem?
- De onde?
- Não sei...
- Do inferno!
- E por que não?
- Querem dizer do diabo?
- E por que não?
- E para o diabo o mandaremos de volta!
- E se fosse a sombra do diabo?
- E por que não?
- Meu Deus!
- O filho de Satanás sobre a terra!
- E por que não?
- Deus não enviou o seu, agora o diabo nos enviou, vai ver.
- Pobre de nós!
- E nós o recebemos!
- E como!
- É o filho de Satanás!
- É o filho de Satanás!
- Naturalmente, todo preto daquele jeito!
- Agora entendo!
- De onde querem que venha um homem todo preto daquele jeito, se não vem do inferno? Poderia apostar nisso.
- E diz isso com tanta indiferença?
- Meu Jesus!
- E se fosse enviado por Deus?
- Impossível!
- Não tem nada a ver!
- Ele tornou a mandar seu filho.
- Impossível!
- Vamos lá, não tem nada a ver!
- Mas ele disse sim que retornaria.
- Mas é impossível!
- Ouçam...

- Aquele era de cândidas e puras carnes, ser de amor e de dor, este é uma coisa de fumaça que não sente nada, como se fosse de barro.

- Podem ter certeza, escapou do inferno.

- Ouçam, eu sou o arcebispo de vocês, garanto que o bom Deus está de saco cheio tanto quanto eu dessa fumaça de vocês! Foi enviado pelo diabo!

- É filho do diabo!

- Deus! Deus!

- Brrrrr!...

- E nós o acolhemos!

- E como!

- Eminentíssimo! Benza-nos, benza-nos por caridade, ele talvez já tenha entrado um pouco em todos nós!

- É preciso expulsá-lo!

- Como?

- Se fosse embora por si só seria melhor.

- É verdade, é verdade, não é prudente, sabem, se meter em brincadeiras com o diabo.

- Pelo amor de Deus!

- Precisa afastá-lo afavelmente.

- Sem fazê-lo perceber que nós notamos isso.

- Não! Oras! Deixem-se guiar por mim, sou o arcebispo de vocês, com a ajuda do bom Deus podemos esmagá-lo!

- E a opinião pública?

- Revelaremos tudo!

- Diremos o que é!

- Matou!

- Muito bem!

- Diremos que é filho do diabo e o povo fará justiça por si só, vão massacrá-lo!

- Não, não, não! Não vamos brincar com o diabo, estou dizendo...

- Então ele matou!

- Revelaremos!

- É preciso um processo!

- Muito bem!

- Um processo!

- O processo!
- O processo do filho do diabo!
- Não, sem dizer que ele é filho do diabo, não precisa dizer!
- É preciso fingir que não percebemos isso!
- O processo como para um malfeitor qualquer, vamos encontrar o modo.
- Matou!
- Queria queimar todos nós!
- Ele abriu fogo no palácio real!
- Incendiário!
- Homicida!
- Vil!
- Deve terminar como vilão!
- Enganou a opinião pública!
- É um absurdo!
- Zombou de todos!
- Zombou de nós!
- Matou!
- Incendiário!
- Morte!
- Morte!
- Morte!
- Imbecis!
- Mas Pilhão...

POR QUÊ?

O conselho acontecera na mesma noite do dia em que Louro foi encontrado carvão.

Antes de subir para o palácio real o eminentíssimo arcebispo descera no subterrâneo para dar a absolvição ao mísero corpo do velho. Na manhã seguinte, os pobres restos tinham de ser transportados para o cemitério. E foram transportados para lá muito cedo, quase secretamente, poucas pessoas assistiram, poucas pessoas puderam perceber. A filha de Louro tinha ficado piedosamente retida no palácio real, até para que não alvoroçasse a cidade toda com a sua dor desesperada.

Custava-se ainda a tomar uma decisão exata sobre a atitude a ser adotada diante da opinião pública. Era preciso, de repente, fazer cair a acusação, resultado do conselho de urgência, como um meteorito sobre a cidade, era preciso declarar a prisão de Perelá, ou era melhor agir com alguma reserva, observando bem qual direção tomaria a opinião pública? Não seria melhor induzi-la, com alguma astúcia, para o rumo desejado?

Uma vez que o povo gritasse “morte” tudo estaria em seu lugar, mas era melhor, porém, fazer a última palavra ser proferida pela boca dele.

Entretanto Perelá desde o momento da cena do subterrâneo não tinha mais saído de seu aposento. Ninguém tinha ido chamá-lo, ninguém para pedir-lhe explicações... nada. “Por quê?” foi convocado o conselho de urgência, a reunião aconteceu sem que ninguém aparecesse para avisá-lo, como fizeram todas as outras vezes, para convidá-lo a participar dela.. “Por quê?”

Ele passou a madrugada pensando em todos estes acontecimentos, lembrando-se um por um os rostos dos presentes no subterrâneo no momento de sua chegada. Aqueles rostos tinham mudado muito para com ele, aqueles cavalheiros tinham olhado-o de tal maneira que a ele pareceu completamente nova. “Por quê?” pela escadaria, quando tinham subido para os aposentos do palácio real, tinham feito discursos em voz baixa, de modo que ele não pudesse entender, embora percebesse que se falava dele, precisamente. “Por quê?” O que tinha feito? Não tinha dito a verdade? Não tinha se comportado como sempre? Ele não tinha tido as habituais atitudes? Talvez sua frase não tenha sido compreendida? Do que podiam suspeitar dele? O que ele sabia daquilo? Aquele velho nunca lhe tinha feito nem de longe desconfiar de sua ideia, ele o teria dissuadido na mesma hora. Como poderia indicar-lhe a maneira, se ele mesmo não se lembrava como tinha se transformado? O que o velho Louro tinha em comum com ele?

Ele espontaneamente lhe tinha entregado as palavras da mulher que o amava, mas ele não tinha feito nada além de aceitar aqueles papéis sem nunca entregar-lhe de volta um papel seu. Lembrava-se ainda do sorriso luminoso de Louro, quente como os raios

do sol, aquele rosto que enquanto o olhava enrubescia, quente, algo que realmente gerava luz e calor. Pobre velho, pensava Perelá, agora vão dizer que ele é minha vítima, queria se tornar leve, mas será verdade? Por que não dizer-me uma única palavra? Por que ninguém veio aqui ontem à noite, por que ninguém vem tampouco esta manhã?

Na manhã inteira ninguém apareceu no aposento de Perelá.

As horas passavam e ele não sabia o que fazer. Deveria sair e ir perguntar? Ou deveria esperar pacientemente? Apareceu-se à janela, olhou longamente o céu, quase mergulhando ali. Estava um dia magnífico, e o sol esplendia soberano e potente em seu infinito reino celeste, o ar estava azul, e Perelá com olhos entreabertos se sentia todo mergulhado naquela luz.

Veio o meio dia, ainda esperou. Eram duas horas, hora na qual nos outros dias vinham chamá-lo para fazer seus giros de inspeção. Ele saiu, desceu no pátio, mas o carro não estava ali a esperá-lo, os cavalheiros que o acompanhavam não estavam, nada, ninguém. “Por quê?” O pátio estava insolitamente deserto. No terraço do primeiro andar passaram dois cavalheiros falando entre eles baixinho, quando viram Perelá se retiraram rápido, provavelmente se colocaram atrás de uma janela para espiar. Ele não sabia se deveria voltar, subir novamente e se fechar de novo em seus aposentos, ou sair; permaneceu por um bom tempo perplexo, depois a luz, o sol, a cor turquesa o atraíram, atravessou o átrio do palácio real e foi para o portão. As sentinelas o olharam de soslaio e deixaram-no sair sem nenhum aceno. Não o tinham cumprimentado. Costumavam sempre cumprimentá-lo, lhe apresentavam as armas como para os oficiais! O que tinha acontecido, por que não o tinham cumprimentado? Por que o deixavam sair? Por que ninguém lhe dizia nada? Se pelo menos ele soubesse aquilo que deveria fazer e como deveria se comportar.

Saiu. Poucas pessoas estavam àquela hora na rua e ele pôde chegar à porta da cidade quase sem ser visto.

No palácio real, entretanto, cada movimento seu tinha sido vigiado, e esta saída, enquanto contrariou alguns, agradou a muitos. Ele desaparecia, partia para não retornar nunca mais, tudo seria salvo sem recorrer à violência. Mas havia aqueles que queriam explicações, queriam fazer justiça, ele de certo modo se safava facilmente demais desse jeito. Este bom senhorzinho safava-se sem prejuízo, sem prejuízo algum. Era preciso retê-lo e puni-lo. Sabe-se lá se de longe não pudesse igualmente prejudicar a cidade. Aonde ia? Certamente fazer outras vítimas em outro lugar. Semear fumaça em outros lugares. Zombar de outros homens. Era preciso fazê-lo passar por um processo e dar-lhe

a punição que merecia, assim se deveria fazer e não de outro modo. Agora ele estava livre e ria uma última vez dos idiotas do cacete, que soubera tão bem ridicularizar desde o primeiro dia que apareceu.

Por outro lado, se dizia que era melhor se fosse embora por suas próprias pernas, bem quietinho, ele não poderia prejudicar mais ninguém depois que todos estavam precavidos contra ele, em vez de colocarem-se em guerra sabe-se lá como poderia terminar. Que animal seria aquele? De onde tinha vindo? Não sabiam com quem estavam lidando, era um milagre do céu poder se livrar dele tão rapidamente. No fundo este ir embora pacificamente demonstrava que, ainda que Perelá fosse um diabo, era um bom diabo, daqueles que prejudicam com certa discrição.

Assim, durante o dia inteiro só faziam era dizer “volta, volta, fiquem sossegados, ele volta” e “não volta, não volta, fiquem sossegados, ele não volta”.

No entanto, era bom começar a divulgar a notícia, e foram espalhados pela cidade os rumores, servos do palácio real, cavalheiros, soldados, para começar a preparar o povo. Quem foi à tabacaria, enquanto escolhia charutos deixou escapar algumas palavras, quem deixou escapar algumas palavras enquanto se encontrava em um restaurante para beber; quem foi levar seus cumprimentos para alguma dama, todos, no próprio grau, informaram. As bocas para as pessoas da rua e dos negócios, os telefones para as senhoras, em uma hora todos sabiam que Perelá era fortemente o suspeito da morte de Louro, e que antes que o Rei instaurasse um processo ele tinha fugido por uma porta dos subterrâneos. Houve quem dissesse que tinha fugido pela janela, quem dissesse que passando diante do soldado de infantaria à porta do palácio real, o soldado não o teria visto a seu lado, ninguém o teria visto, e que este homem em certas circunstâncias tinha um estranho poder de se transformar na sombra, e que especialmente à luz do sol não podiam mais distingui-lo, e que alguém teria esbarrado nele pela rua sem perceber. Aquilo que foi dito é impossível relatar aqui. Foi mais ou menos ouvido o que disseram os mais eminentes homens da cidade no conselho de estado, isso faz de longe entender o que foram capazes de dizer todas aquelas mulheres mulherzinhas e comadres que se juntam às portas das casas, e aquilo que foi dito nos várias tabacarias, e cabeleireiros ou farmácias, nos cafés, nos restaurantes.

- Porém, – repetiam todos – se na corte supõem que seja culpado, por que deixá-lo ir tranquilamente? Os culpados dever ser punidos.

Isto foi logo repetido na corte, a opinião pública tomava seu curso neste viés que desagradava lá em cima, e por outro lado, não queriam nem mesmo confessar que

preferiam sair dessa, sem agir diretamente sobre aquele indivíduo que supunham em posse de poderes estranhos, diante dos quais a corte, com todas as suas escoltas à pé e a cavalo, não sabia como conter-se.

Mas por boa sorte, sem saber qual era a fonte da boa ideia a opinião pública deu razão à corte. Sim, sim, era melhor deixá-lo ir, não valia a pena entrar em choque com ele, era melhor tratá-lo superficialmente. Parece que um famoso fofoqueiro disse estar a par de todo o segredo por suas estreitas relações com pessoas muito influentes no palácio real. Ele contava que de manhã fizeram uma tentativa de arrancar a cabeça do culpado, mas que a lâmina passou de um lado para o outro do pescoço, sem desalinhá-lo minimamente. Quando os expectadores o viram se levantar e caminhar com sua cabeça intacta, ficaram tão estupeficionados que não tiveram mais força de barrá-lo, e ele saiu livremente.

- Claro, – todos responderam – que imbecil não entenderia uma coisa tão simples, como podem cortar a cabeça de um homem de fumaça? É melhor, é melhor que tenha ido assim.

No palácio real, ao contrário, o dilema era este: “vai voltar, ou não vai voltar?” – se não voltar é melhor não fazê-lo passar tanto por culpado, mas se voltasse é absolutamente preciso se desfazer dele, e para se desfazer dele é preciso ter o povo a favor. De todo modo seria melhor esperar pelo pior, agora que a opinião pública estava a favor, podiam aumentá-la ou diminuí-la a seu bel-prazer. Aonde quer que tivesse ido, era bom espalhar que aqui tinha sido tratado severamente.

- E se para onde vai fazer a fortuna daquele lugar, aqui nos chamarão de imbecis por tê-lo deixado escapar, aí sim que Pilhão gritará pelos quatro cantos a sua grande palavra! – Dizia um. Mas ninguém tinha mais suspeitas otimistas sobre Perelá, e quem ainda tinha algum resquício o acompanhava com tais reservas... Todos o odiavam, e precisava fazê-lo ser odiado também pelo povo. E o povo, que em suas violentas manifestações de massa não conhece meios termos, com uma facilidade sem explicações, sem princípios, lança-se no caminho da adoração, assim como, pelas mesmas pequenas causas incompreensíveis, se lança no caminho do ódio.

O Rei ordenou que a filha de Louro fosse liberada para voltar para sua casa, e que no dia seguinte iria ter com ela um administrador, para conceder-lhe uma justa pensão que lhe garantisse uma existência confortável.

A moça foi, de propósito, liberada, em pleno dia, quando toda a cidade estava ocupada discutindo sobre Louro e Perelá, fizeram-na, então, sair a pé do palácio real.

Após poucos passos lá fora, é inútil dizer, todos foram atrás dela para pedir explicações, para chorar, para lamentar, para rezar, para aconselhar, e enquanto isso para por lenha na fogueira, para depois poder queimar de fofocas toda sua vizinhança.

A moça gritou, chorou do mesmo jeito que no dia anterior, e Perelá, após dez minutos, foi odiado, tão odiado como ninguém nunca foi. Na corte se dizia: “vai voltar, não vai voltar?”.

- Meu caro, se voltar, tá frito!

Perelá, fora das portas da cidade fora direto em direção às colinas e caminhava ao longo de um riacho com seus pensamentos, e se sentia ir, ir, como sustentado pelo zéfiro azul que tudo soprava em volta e tudo iluminava. Sentia-se tão leve como nunca se sentira, e em certos momentos lhe parecia ter perdido o chão e de estar no alto sobre ela. Olhou-se e o seu corpo lhe pareceu, em lugar de cinza, escuro intenso, azul, e seus sapatos luzentes, duas corolas das quais saía o seu corpo como uma flor do ar.

Começou a subir a colina admirando as belas árvores que lhe estendiam seus ramos robustos e ágeis todos repletos de folhas verdes, ouvia o fio d'água prateado grugruhar infantilmente em seus pés e se insinuar e escapar pelas encostas entre as belas samambaias.

Era verdade, nunca tinha se sentido tão leve, conforme subia elevando-se sobre a cidade, seus pensamentos também se elevavam, as preocupações do palácio real e de toda aquela gente lá em baixo se distanciavam, se atenuavam, se perdiam agora quase diante de seus olhos. A luz o vencia, o calor do sol, a leveza de seu corpo, o verde das folhas, a infantilidade daquele fio d'água, o ar puro, lhe fizeram sentir pela primeira vez que tudo aquilo que se fazia lá em baixo naquele enorme amontoado de casas estava algo grave, pesado, altamente pesado, de um modo que agora começava a se tornar insuportável. As torres, as grandes construções de pedra, os telhados, enormes chapéus esmagadores das casas, e tudo gravava sobre a terra tão impiedosamente, os cavalheiros, os soldados revestidos de ferro, os carros, tudo, tudo, era de uma gravidade insuportável. Olhou uma árvore que se esparramava no alto expandindo-se no ar enquanto seu tronco só ocupava um pedaço muito pequeno do terreno, e olhou para uma casa onde morava um pequeno homem que se apoiava desapidadamente sobre a terra por tantas centenas de metros quadrados, olhou as torres do palácio real, lá no meio a mole escura do palácio real reinava também sobre as outras construções da cidade.

Então se lembrou do primeiro dia, quando ele chegou ali, todas as coisas lhe tinham dado esta impressão, mas depois, a rotina a tinha atenuado, e as coisas que o rodeavam acabaram por tornarem-se familiares para ele, perdendo um pouco da sua gravidade. E ainda, ele pensou então, lá embaixo eu vou adquirir tantas boas qualidades, mas vou terminar por perder a minha melhor qualidade, talvez a única e verdadeira qualidade: a minha leveza. Pensou em Pena, em Rede e em Lâmina, olhou em volta a coroa das colinas na esperança de reconhecer a sua velha casa; mas não conseguiu, tantas casas distantes lhe pareceram aquela, mas não tinha certeza.

Tinha chegado ao cume da colina, a cidade ficava em baixo no vale a cerca de trezentos metros e inteiramente visível. Primeiro olhou o céu, quanto pôde ver dele, quanto o vasto horizonte lhe concedia, depois ainda abaixou os olhos sobre o enorme amontoado descomposto de amarelado, avermelhado, esverdeado que formava o panorama da cidade e sentiu naquele momento que a desprezava como tomado por uma náusea natural, aquele amontoado lhe parecia um vômito do pai eterno, após um almoço seu... de pai eterno.

Olhou de novo o céu e se sentiu reanimado por inteiro, vagava no cume da colina e percebeu na sombra de um carvalho uma menina sentada no chão, tinha os cotovelos apoiados nos joelhos e o rosto fechado entre as palmas das mãos que formavam uma concha, um bastão repousava no canto de seu do colo, e algumas ovelhas dormiam perto dela, ela estava absorta encantada com o panorama da cidade.

Quando Perelá chegou junto dela a menina se alvoroçou como uma galinha, levantando-se, recuando alguns passos, deixando cair o bastão no chão, mas conservando as mãos no rosto desalinhado. – Oh! – a menina gritou.

- Está com medo? – lhe disse Perelá sorrindo. – Do quê?
- Perdoe-me senhor, o senhor a princípio me pareceu um fantasma... se o senhor não me assustar eu não terei medo.

Perelá a olhou docemente e a menina foi a seu lado composta e tranquilizada.

- Onde estava olhando?
- Olhava a cidade. Quando minhas ovelhas dormem, eu me divirto a olhar a cidade, senhor, o senhor vem de lá?
- Venho.
- E eu nunca pude ir até lá. Quando eu saio estou sempre acompanhada pelas minhas ovelhas, e não posso deixá-las. Oh! certas vezes eu sinto uma vontade louca de abandoná-las e fugir lá longe... mas depois vestida assim... o que diriam de mim, talvez

não me deixariam sequer entrar. A minha tia malvada não me concede um único dia e eu morro de vontade de ver a cidade. Mas o senhor é por acaso de fumaça?

- Sou.

A pequena permaneceu muda sem ter coragem de olhar de novo para Perelá após a sua afirmação, mas depois, como para quebrar com o silêncio, como se tivesse medo de permanecer calada com aquele homem, começou a dizer em voz alta:

- Aquelas quatro torres lá no meio são da casa do Rei, e tudo aquilo que se vê lá preto é o seu palácio real. Aquela cúpula e aquele campanário são da igreja que se chama a Catedral. Aquilo que termina na ponta com aquelas estátuas brancas na frente é o teatro, aonde as grandes damas vão à noite meio nuas, cobertas só de pedras para serem notadas por seus amantes. Aquilo que se vê reluzir aqui e ali são os carros que as levam passear. Aquela grande casa toda preta sem janela é o monastério onde se trancam aquelas que pecaram demais, as pobres penitentes, elas choram lá dentro para que o Senhor esqueça suas culpas. Aquela casa toda vermelha é onde são trancados os pobres loucos...

- Diga-me menina, mas você sempre olha lá no chão e nunca volta os seus olhos para cima, ao céu?

- Oh! Se soubesse, eu vejo tanto o céu, eu o vi tanto que não levantarei mais a cabeça para olhar, o céu é sempre igual, é tudo igual, mas eu quero olhar lá para baixo, onde nunca vi. O céu se olha à noite, quando as estrelas resplandecem, mas eu gostaria de ver as outras estrelas da noite, aquelas que brilham lá em baixo nas salas do Rei ou no teatro todas nuas para seus amantes.

O sol estava se pondo e Perelá ao cumprimentar a pequena que olhava a terra e ele, olhando uma última vez o céu, começou a descer rapidamente para a cidade. Quando lá chegou o sol tinha se posto havia pouco e começava, então, a escurecer.

À porta as guardas alfandegárias olharam-no insolentemente e assim que passou lhe voltaram palavras de desprezo que ele não pôde muito bem entender, a primeira pessoa que encontrou, uma mulher, quando chegou perto dele disse em alta voz “phue!” e se afastou dele como se tivesse uma doença contagiosa. E todos começavam a aparecer às portas e às janelas enchendo a sua passagem de gestos e palavras banais, de insultos, de gritos de desdém e de desprezo.

Um garoto que se encontrava no meio da rua se aproximou dele e lhe deu um empurrão com o qual Perelá cambaleou repetidamente sobre os sapatos e depois bateu no muro; então o menino, radiante de irresponsável maldade pelo golpe bem sucedido,

voltou junto dele e com outro empurrão o jogou para o outro lado da rua, e outro menino então correu para ajudar o companheiro na ação, e o fizeram rodopiar de lado para outro, e depois outro e ainda outro, o fizeram dele como um brinquedo, um daqueles balões cheios de gás, que manipulavam de um lado para o outro, gritando e rindo loucamente. E em breve foram tantos, uma nuvem, um mais perverso que o outro, um mais cruel que o outro na brincadeira. Perelá no meio, lívido, humilhado, sem defesa contra o enxame terrível, se sentia arrastar pelos pequenos choques, e os gritos, as risadas lhe feriam o coração. Às janelas, às portas das casas ninguém agredia mais, todos riam indecentemente, até gargalhar, e a frota dos meninos aumentava, incitados e espicaçados pelos adultos para não pararem o jogo tão acertado, e Perelá no meio, chorando, humilhado da maneira mais atroz olhava os adultos enquanto era tão ferozmente arrastado pelos pequenos, e o seu olhar piedoso parecia dizer: “por quê?”. Por que ninguém corre para me defender? Por que ninguém vem me livrar destas pequenas mãos impiedosas tanto quanto as mãos muito grandes do maior inimigo? Agora o rolavam no chão, o levantavam, e todos riam rumorosamente, obscenamente, ninguém se intrometia, aliás, todos davam passagem para que a cambada infantil estivesse livre para realizar o seu massacre por inteiro. Ele estava exposto ao ridículo, e que terrível ridículo, o mais humilhante que a um homem já coubera! Impotente para se defender entre uma nuvem de cabecinhas com cabelos cacheados, com tinidos argentinos de vozes. Havia um que mal havia ter três anos com um palito comprido na boca, como um charuto, ria, ria, se aproximava para dar o seu empurrão com uma serenidade angelical em sua expressão, e sempre apertando entre seus dentinhos o palito, ria...

A cena foi uma das mais humilhantes que a um homem já ocorreu, as pequenas cabeças inconscientes, tinham inconscientemente encontrado a maneira mais horrível, mais feroz de humilhar um homem. E todos à volta riam indecentemente às portas, às janelas, sem perder a compostura, “muito bem! bravo!” gritavam, quando a ferocidade dos insetos alcançava o auge, para incitá-los cada vez mais. E o homem, naufrago lá no meio, abandonado, passava de um para o outro sacudido, abatido, absolutamente impotente para se defender por sua extrema leveza contra só um dos meninos, transformado na brincadeira mais ridícula no meio da rua, a expressão chorosa do seu pobre rosto dizia: “por quê? por quê?”.

A INDISPOSIÇÃO DE PERELÁ

Perelá está fechado em seus aposentos, indisposto.

O médico da corte foi visitá-lo, mas disse que não sabia absolutamente o que fazer, sequer conseguiu encontrar o coração e o pulso do enfermo, concluiu recusando-se peremptoriamente a oferecer seus cuidados para um homem de fumaça, e acrescentou considerar a indisposição uma verdadeira lorota, saindo do aposento de ombros de uma maneira bastante grosseira sem ao menos cumprimentar Perelá.

Não é uma lorota, Perelá está passando mal de verdade, após a cena da rua, só conseguiu se pôr a salvo quando os garotos estavam fartos de sua brincadeira, ao voltar ao palácio real, ontem à noite, estava passando mal, muito mal, todos os seus membros estavam dilacerados, não podia dizer precisamente do que padecia, mas com certeza estava sofrendo muito, prostrado, humilhado, seus belos olhos cinza estavam ainda chorosos, sentia a cabeça vazia e era de tempos em tempos acometido por calafrios fortíssimos.

Suas botas lhe pareceram agora frias ao contato com as pernas, e todo o ambiente frio... sente uma necessidade excessiva de se aquecer, mas dada a bela estação primaveril não pode haver um aquecedor aceso e ele não ousa perguntar.

Ninguém foi ter com ele, somente aquele médico por dois minutos e que se foi embora de um modo tão grosseira.

Ele pensa: “o que está acontecendo? Oh! quem dera nunca tivesse voltado! Eu estava feliz ontem à noite, e já me sentia tão próximo ao céu. Por que voltei? O que tem, então, esta terra que me atraiu outra vez no profundo de suas enseadas, no frio de seus vales? Oh! a bela colina, e o azul que eu já tinha sentido meu! O que farão comigo? Com certeza alguma coisa vai acontecer, estão preparando algo contra mim. O que eles fizeram? Oh! se pelo menos ainda existisse o velho Louro! Ele está morto, morto... morto... dirão que morreu por mim, dirão que eu sou a causa de sua morte, ele está morto... e agora talvez seria a única pessoa que teria piedade de mim, que ao menos viria me dizer aquilo que acontece, aquilo que querem fazer comigo, aquilo que estão preparando para mim, porque alguma coisa com certeza estão preparando contra mim. Tudo se revirou diante dos meus olhos em um instante...”.

Enquanto Perelá está absorto nestes seus pensamentos, a porta do quarto se abre cautelosamente, se introduz como uma nuvem preta ciciante de sede e de véus: a Marquesa Oliva de Bel’Onda.

- Não queriam me deixar entrar, tive que lutar corpo a corpo com o soldado de infantaria... ameaçou enfiar-me em sua baioneta... abrir fogo contra mim...

Invoquei a ajuda do Rei, nada, ministros, cavalheiros, nada, nada, nada, ordinários! Somente de uma mulher pude conseguir ajuda, a Rainha, não sei o que teria feito, implorou por mim, não sei, conseguiu que me deixassem entrar. Vim só para dizer-lhe que eu ainda o amo, depois que fiquei sabendo de tudo, depois que me contaram a cena de ontem à noite... fiquei um pouco arrasada, esmagada... oh! poderia correr para libertá-lo... ontem à noite olhando minhas crianças senti uma labareda de ódio na cabeça contra eles... mas... depois pensei que somente os adultos são culpados, e que vale muito mais a pena se vingar deles... oh! se eu pudesse ter corrido, para ajudá-lo, para libertá-lo!

Então, meu amigo... não sei aquilo que será do senhor... acredito que justamente neste instante o conselho daqueles pilantras esteja reunido para decidir sobre o senhor... sabe-se lá qual decisão será tomada... mas... com certeza... com certeza vão querer uma vítima, duas, três, quanto for possível... a fome daqueles animais ferozes é insaciável, vão querer prejudicá-lo, eu lutarei, farei tudo para salvá-lo, tudo, tudo, qualquer coisa que fizer será lícita! Nada será inviável diante dos meus olhos! Para favorecer o senhor até o fim, quando já lhe tiverem esmagado direitinho, só me restará perecer com o senhor, e só então estarei tranquila, serei feliz! Mas eu tremo... tremo só por isto, se o senhor devesse cair sem mim... quero perder-me com o senhor entende, quero morrer com o senhor! Somente esta será a minha hora de vida... e se me impedirem serei implacável! Vou me servir do fogo, vou incendiar, queimar, vou me servir de lâminas para transpassar os corações rindo, vou amarrar com minhas redes almas e corpos, com todas as covardias, com todas as mentiras, vou envenenar, vou destruir, destruir, destruir com um único sorriso do meu ódio, até me deixarem morrer com o senhor. Pena! Rede! Lâmina! Deem às minhas mãos implacáveis os arsenais para a minha destruição, e deem-me a força para vingar-lhes!

Não sei aquilo que acontecerá... mas... se lembre... que eu estou sempre ao seu lado... sempre, sempre... adeus... meu grande amor!

Assim que a Marquesa Oliva de Bel'Onda desapareceu como um fantasma, Perelá pensa no amor desta mulher, em seu sacrifício. A única criatura que o amou. Pensa nela,

e pensa em Louro. “Talvez ela também será esmagada, queimada pelo seu amor, como Louro pela sua devoção. Mas então eles têm razão de me odiar, os outros, se me amar significa sucumbir, têm razão, obedecem aos seus instintos de conservação. Por que Louro se matou? Por que esta mulher quer morrer? E no entanto eu não disse uma só palavra, nem sequer dei motivos para eles suporem que retribuí o afeto deles, o amor deles...”

A porta neste momento se abre novamente, o cavalheiro da cabeça quadrada e de óculos dourados aparece na entrada, às suas costas se mostram duas cabeças, que olham, cheias de curiosidade, no quarto.

- Senhor Perelá, o senhor foi chamado amanhã de manhã às dez horas diante do ministério da justiça. Prepare a sua defesa e os seus defensores.

O PROCESSO DE PERELÁ

A sala da audiência está lotada.

Perelá está há poucos minutos na gaiola dos culpados, rodeada por dez vigias em alto uniforme.

Ao aparecer, milhares de gritos de desprezo, assovios e gestos obscenos se entrecruzaram furiosamente. Só depois de alguns minutos foi possível reestabelecer a calma e o silêncio na sala.

Ele está com o seu aspecto habitual, não está minimamente alterado, mostra-se pouco interessado por aquilo que acontece à sua volta.

Os balcões estão até transbordando, as elegantes senhoras e senhoritas estão amontoadas ali, se vê homens e mulheres de todas as idades.

A balaustra está apinhada pelo povo que enche imponentemente a sala até as portas.

Já desde as sete da manhã a rua e as adjacentes do palácio da justiça estavam povoadíssimas.

Quando o carro com Perelá chegou, os gritos, os assovios se desencadearam em uma tempestade vertiginosa.

São dez horas, espera-se o ministro da justiça com os juízes.

Todos os olhares estão voltados para o réu, da maré do povo, no fundo, se vê continuamente cabeças pulando, procurando ver o homem, aquele abaixa-levanta dá a sensação de uma grande tempestade em um mar de batatas.

Sussurram, sussurram, mas não se distingue nenhuma voz.

Respira-se já aquele ar vaporoso e úmido, horrível receita de poeira, de madeiras decrépitas, de decrépitas tapeçarias, e de exalações frescas da velha humanidade. Conseguem de vez em quando se introduzir com toda sua ironia algumas espiras de Houbigant¹⁶⁸, muito semelhantes a certos maliciosos risinhos femininos. Aquela mistura que se aperfeiçoa com a própria mistura das pessoas, assim como em certos teatros populares, em certas salas de aulas universitárias, mas que nas salas da justiça em dia de grande processo atinge a perfeição absoluta.

¹⁶⁸ Jean-François Houbigant (1752-1807) foi um dos perfumistas mais famosos da França. Após sua morte, seu filho deu continuidade aos negócios, expandindo a “fama” da marca. Aqui, os perfumes das mulheres parecem se introduzir, como algo “malicioso” (“certos risinhos maliciosos”), no meio do mau cheiro (“da velha humanidade”) descrito na cena. Palazzeschi, por um período de tempo, morou na França; além disso, o perfume francês é reconhecido internacionalmente, com marcas mais vendidas no mundo: daí a referência.

Fazem silêncio sepulcral, entra o ministro da justiça. Na sala, que parece de repente esvaziada, ouve-se agora o alto estrondo de imponentíssimas poltronas arrastadas sobre as tábuas do assoalho.

O ministro da justiça fica em pé, passa os olhos em torno na absoluta cristalização do ambiente. Somente Perelá balança ligeiramente.

- Antes que o processo se abra, quem é o defensor do réu? – Silêncio, o ministro fixa Perelá, Perelá balança ainda imperceptivelmente. – Réu, quem é o seu defensor? – Silêncio, a compacidade do ambiente começa a rachar-se. – Não tem um defensor? O senhor também tem o direito de ser defendido! – O corpo começa sua rachadura com algum rumor. – Muito bem, quem quer ser o defensor dele? – As rachaduras se alargam ruidosamente. – Ninguém responde? – Algumas se fazem voragens, começam a desabar os primeiros pedaços grandes com estrondo. – Não tem alguém que queira defendê-lo? – É um rolamento geral de pedaços que à volta deles rolam e se desfazem. – E não bastaria esta prova para já assinar a sua condenação? – Tudo se desfaz, se esmigalha, se perde, o ambiente está despedaçado.

- Silêncio!
- Pela última vez, há aqui dentro alguém que queira falar em defesa do Réu?
- Eu.
- Uma mulher!
- Oliva!
- Oliva!
- A Marquesa De Bel'Onda!
- É louca!
- As mulheres não são admitidas!
- Fora as mulheres!
- As mulheres nunca defenderam ninguém!

Berram, gritam, discutem, riem, assoam o nariz, espirram, injuriam, no balcão da justiça soam algumas campainhas, uma delas é esganiçada, gritam silêncio, aquela esganiçada é justamente a do ministro.

- Senhora, a palavra das mulheres nunca teve nenhum valor nas salas da justiça.
- O senhor Perelá tem o direito de ser defendido.
- Mas não por uma mulher.
- Já que a generosidade dos homens não tem uma única palavra, que seja pelo menos ouvida a palavra de uma pobre mulher.
- Este processo toma um péssimo rumo.

- Ato de acusação!
- Silêncio!
- Silêncio! – as campainhas estão todas de pernas para o ar, aquela esganiçada parece uma velha condessa em bate boca com alguns de seus férvidos admiradores dos quinze aos vinte anos.

- Ato de acusação!

“Réu, o senhor é acusado de ter se servido de artimanhas para enganar a opinião Real, a opinião do conselho dos ministros, a opinião pública! O senhor fez acreditar, pela sua excepcional natureza, de ser capaz de compor uma grande obra para a nossa cidade, ao passo que estava plenamente consciente da sua absoluta impotência.

E isso por causa de suas intenções desonestas e tiranas. O senhor manteve até o último minuto a missão que lhe foi generosamente oferecida, em vez de renunciar resignadamente.

O senhor é acusado de ter se servido também de tais artimanhas para induzir um homem ao suicídio. Louro é a sua primeira vítima, o senhor teria continuado a sua propaganda de massacre, incendiário e homicida, fazendo queimar homens e coisas para o senhor ser o dono definitivo do pedaço¹⁶⁹. O senhor é acusado de ter se infiltrado em nossa cidade com o único objetivo de prejudicar, servindo-se do seu ilegal, sujo poder. Desculpe-se.”

Ficam um pouco em silêncio, aqui e acolá algumas pessoas se calam, querem ouvir a defesa de Perelá. As campainhas têm as sotainas em seus lugares.

Assim que Perelá começa a se mover, a se balançar um pouco em atitude de falar, a sala retoma o silêncio mais perfeito.

¹⁶⁹ No sentido: do lugar, da região (“ele se sente dono do pedaço”).

- Eu sou leve. – Ele diz estas palavras com voz tranquila, com a serenidade mais absoluta de toda sua expressão.

- Prossiga, se desculpe!

- Eu sou leve. – A sala rumoreja, ouvem-se muitas vozes de indignação.

- Ah! Com esta única palavra o senhor quer lançar-nos seu último insulto! Quer mais uma vez brincar conosco com sua maléfica ironia culpada! O senhor quer dizer que ao homem mais leve nós havíamos confiado a obra mais grave, não é isso que quer dizer? Mas daquele homem nós a tiramos! E agora lhe daremos a pena que ele merece. O misterioso poder da sua pessoa já foi desvendado, o senhor é o filho... de três bruxas!

- Não! Não! Não! Pena! Rede! Lâmina! Olhem para mim, as senhoras veem agora onde estou, venham para fora de suas sepulturas, digam-me , digam-me que não eram três bruxas!

O momento dramático indigna muitas caras que vão se torcendo, mas aqui e acolá veem-se branquear alguns lenços.

- Senhor Perelá, pela última vez, se desculpe.

- Eu sou muito leve.

- Está começando a se tornar pesado.

- Mas como deve se desculpar, se fica muito à vontade sendo culpado!

- Espera resignado a condenação!

- Silêncio!

- Não tem outra coisa para dizer? Passa-se ao interrogatório das testemunhas.

Momento de vivaz discussão, de pequenos bate bocas, de cumprimentos, de sorrisos, de gestos, todos estão em movimento, somente uma mulher no meio, pouco abaixo do banco da justiça, em pé, com a cabeça baixa, espera: a Marquesa Oliva De Bel'Onda.

- O Eminentíssimo nosso Arcebispo.

- Teve relações com o réu?

- Tive.

- O que lhe pareceu?

- Um ser nocivo para o estado e para a igreja.

- O senhor acredita que ele tenha se valido de artimanhas para enganar a opinião Real, a opinião dos ministros, a opinião pública?

- Valeu-se de más teorias.
- Acredita ser ele responsável pela morte de Louro?
- Acredito.
- Acredita que ele teria continuado a sua propaganda homicida e incendiária?
- Acredito.
- O que faria com ele?
- Verificaria se é possível a degolação.

- O Pintor Crescente Pacotinho.

- Teve relações com o réu?
- Tive.
- O que lhe pareceu?
- Um covarde.
- Acredita que ele tenha se valido de artimanhas etc...
- Acredito.
- Acredita ser responsável pela morte de Louro?
- Acredito.
- Acredita que ele teria continuado a sua propaganda etc...
- Acredito.
- O que faria com ele?
- Eu o colocaria em uma chaminé, que muraria, porém, com muita cautela.

- O Banqueiro Afortunado Rodela.

- Teve relações com o réu?
- Tive.
- O que lhe pareceu?
- Um calhorda.
- Acredita que ele tenha se valido de artimanhas etc...
- Acredito.
- Acredita ser responsável pela morte de Louro?

- Acredito.
- Acredita que ele teria continuado etc...
- Até porque não lhe custava nada...
- O que faria com ele?
- Um leilão.

- O Poeta Isidoro Escovinha.
- Teve relações com o réu?
- Tive.
- O que lhe pareceu?
- Um vaidoso muito reles.
- Acredita que ele tenha se valido etc...
- De artes de meia tigela.
- Acredita ser responsável pela morte de Louro?
- Autor.
- Acredita que ele teria continuado a sua propaganda etc...
- Em colaboração.
- O que faria com ele?
- Dá-lo-ia de presente aos críticos.

- O Filósofo Angeolino Pilha, mais conhecido como Pilhão.
- Teve relações com o réu?
- Tive.
- O que lhe pareceu?
- Um imbecil.
- Acredita que ele tenha se valido de artimanhas etc...
- Artes de imbecil.
- Acredita ser responsável pela morte de Louro?
- Eram dois imbecis.
- Acredita que ele teria continuado a sua propaganda, etc...
- Acredito, com os imbecis.
- O que faria?

- Imbecil a mais, imbecil a menos...
- Você também, filósofo covarde, que está na terra para mostrar os seus cancos, liberte-nos pelo menos do seu que é o mais nojento!

- Senhora Marquesa, não é o seu momento.
- Façam-na calar!
- Façam-na calar!
- Este processo me parece uma *pochade*¹⁷⁰!
- É uma farsa, uma farsa!

- A Duquesa Zoé Bolo Espetado.
- Teve relações com o réu?
- Tive.
- O que lhe pareceu?
- Muito feio.
- Acredita que ele tenha se valido de artimanhas etc...
- Artes feias.
- Acredita ser responsável pela morte de Louro?
- Acredito.
- Acredita que ele teria continuado a sua propaganda, etc...
- Acredito.
- O que faria com ele?
- Colocaria entre as múmias.

- Dona Maria Gioconda De Cartinha.
- Teve relações com o réu?
- Tive.
- O que lhe pareceu?
- Impotente para a sua missão.
- Acredita que ele tenha se valido de artimanhas, etc...
- Acredito.

¹⁷⁰ Por parecer ser executado rapidamente ou apenas esboçado.

- Acredita ser responsável pela morte de Louro?
 - Acredito.
 - Acredita que ele teria continuado a sua propaganda, etc...
 - Acredito.
 - O que faria com ele?
 - Uhm... nada.
 - A Condessa Cloe Voluvelzinha Ba.
 - Teve relações com o réu?
 - Tive.
 - O que lhe pareceu?
 - Um imprestável.
 - Acredita que ele tenha se valido de artimanhas, etc...
 - Acredito.
 - Acredita ser responsável pela morte de Louro?
 - Acredito.
 - Acredita que ele teria continuado a sua propaganda, etc...
 - Acredito.
 - O que faria?
 - Não sei mesmo...
-
- A Princesa Nadina Juncos Do Barquinho.
 - Teve relações com o réu?
 - Não.
 - Então, minha cara senhora, não adianta continuar o interrogatório.
 - Mas o senhor poderia perguntar-me o que quero fazer.
 - O que faria?
 - O caçaria nos olhos de todas as minhas boas amigas.
 - Vulgar!
 - Quis se mostrar também em pleno processo!
 - Com todas aquelas pessoas lá embaixo!
 - Se nos perseguirem estamos fritas!

- A Princesa Bianca Golfinho Bico Das Cadeias.
 - Teve relações com o réu?
 - Tive.
 - O que lhe pareceu?
 - Um morto desenterrado.
 - Acredita que ele tenha se valido de artimanhas, etc...
 - Acredito.
 - Acredita ser responsável pela morte de Louro?
 - Acredito.
 - Acredita que ele teria continuado a sua propaganda, etc...
 - Acredito.
 - O que faria?
 - O enterraria novamente.
-
- Mademoiselle Enos Cobertinho.
 - Teve relações com o réu?
 - Tive.
 - O que lhe pareceu?
 - Um pederasta.
 - Acredita que ele tenha se valido de artimanhas, etc...
 - Contra a natureza.
 - Acredita ser responsável pela morte de Louro?
 - Acredito.
 - Acredita que ele teria continuado a sua propaganda, etc...
 - Acredito.
 - O que faria?
 - O daria a Iba como companhia.
-
- A Condessa Carmem Hilário Denza.
 - Teve relações com o réu?
 - Tive.
 - O que lhe pareceu?

- Um impostor.
 - Acredita que ele tenha se valido de artimanhas, etc...
 - Acredito.
 - Acredita ser responsável pela morte de Louro?
 - Acredito.
 - Acredita que ele teria continuado a sua propaganda, etc...
 - Acredito.
 - O que faria?
 - Prepararia sua fogueira.
-
- A Condessa Rosa Escalfador Liço.
 - Teve relações com o réu?
 - Tive.
 - O que lhe pareceu?
 - Um despudorado.
 - Acredita que ele tenha se valido de artimanhas, etc...
 - Acredito.
 - Acredita ser responsável pela morte de Louro?
 - Acredito.
 - Acredita que ele teria continuado a sua propaganda, etc...
 - Acredito.
 - O que faria?
 - Despiria na praça pública e o açoitaria!
-
- A Baronesa Gelasia Do Prado Solies.
 - Teve relações com o réu?
 - Tive.
 - O que lhe pareceu?
 - Um horrível espantalho.
 - Acredita que ele tenha se valido de artimanhas, etc...
 - Acredito.
 - Acredita ser responsável pela morte de Louro?

- Acredito.
- Acredita que ele teria continuado a sua propaganda, etc...
- Acredito.
- O que faria?
- Eu o fincaria em um campo de cânhamo.

- Dona Giacomina Berbere De Culpa Bo.
- Teve relações com o réu?
- Tive.
- O que lhe pareceu?
- O terceiro sexo.
- Acredita que ele tenha se valido de artimanhas, etc...
- Acredito.
- Acredita ser responsável pela morte de Louro?
- Acredito.
- Acredita que ele teria continuado a sua propaganda, etc...
- Acredito.
- O que faria?
- Eu o colocaria em uma jaula enorme e o exibiria por curiosidade.

- Marquesa Oliva De Bel'Onda, o que tem a dizer?
- Uma única palavra, após o depoimento das testemunhas eu só posso dizer uma palavra: eu sou muito leve.

Berros e assovios desencadeiam-se de todos os lados, ouvem-se barulhos obscenos produzidos com a boca, ouve-se também o som de um pequen trompete. A Marquesa Oliva De Bel'Onda parada, espera.

- Tranquem-na também na jaula!
- Com aquele covarde de seu amante!
- Amarrem-nos juntos!
- Louca!
- Desavergonhada!
- Deem-lhe palmadas em praça pública, junto com aquele porco do Perelá!

A Marquesa ergue um braço mantendo ainda a cabeça baixa, fazem um silêncio relativo.

- Sim, insultem... amaldiçoem... é bom... é bom, porque vocês só amaldiçoam coisas grandes! – Berros, assovios. – vocês não poderiam se trair melhor!

Homens gerados no útero sanguíneo, saídos como répteis viscosos das contorções dos músculos no delírio da dilaceração da carne, ele está acima de todas as estirpes, acima de todo sangue!

O filho da fértil velhice de três virgens que o nutriram não com o nauseante humor animal do seio delas, mas com o encanto de suas vozes, com o calor da chama dos belos carvalhos e dos abetos. Vocês um dia abençoaram cegamente a sorte que o tinha mandado aqui, e agora com a mesma cegueira o condenam.

Homens covardes! Que só sabem servir-se de insultos ou de mentiras! – Berros, assovios, rumores obscenos. – Vocês preparam para este homem a mesma pena que dão para os ladrões e para os homicidas, mas ele foi original com vocês, consigam pelo menos ser originais com ele! – Berros, assovios, cornetas, rumores de todo tipo, a Marquesa grita até perder o fôlego, mas somente os mais próximos podem ouvi-la.

- O fim de Louro não é a prova maior do seu poder? E mesmo que ele tivesse feito tudo e todos queimar com o seu encanto ele não seria o maior, o infinitamente maior de todos os homens?

- É Louca!
- Façam-na calar!
- É uma mulher!
- Está apaixonada!
- Estúpida!

Os rumores crescem, pegam aqui e ali algumas ofensas, alguns insultos, no balcão do ministro grande tim, tim das campainhas.

- Silêncio!

- Homens de caras arrogantes, verdes pelo tóxico de suas ofensas, olhem-no! Ele está lá sereno, imutável, tranquilo! O que ele disse para se desculpar? “Eu sou muito leve.” E eu também deste momento em diante me sinto leve, como ele, e desafio, desafio as iras de todos, desafio todos vocês, que estão todos contra mim, sozinha!

- Façam-na calar!
- É uma mulher!
- Está apaixonada!

- Olhem-me, olhem-me no rosto! Os meus olhos brilham, os meus lábios sorriem!

Eu estou feliz no meio de vocês porque me deixaram sozinha com ele.

- Chega!
- Chega!
- A senhora é mulher!
- A senhora está apaixonada!
- É a sua defesa!
- É a sua condenação!
- No meio deles, eu me sinto sozinha com você, como se estivéssemos no meio do

deserto sozinhos! Sim! E posso te dizer agora finalmente te amo...

- Puta!
- Chega, pelo amor de Deus! Silêncio!
- Sabiam como havia de terminar a defesa de uma mulher!
- Que escândalo!
- Eu vou embora, tenho medo.
- Não, não, fique, por favor.
- Prejudicou todas nós agora!
- A senhora prejudicou todas nós!
- Silêncio!
- Nunca mais poderemos tentar entrar em um tribunal!
- Silêncio!
- A pena!
- A pena!
- O jaulão!
- Entre as múmias!
- Na cela de Iba!
- Sim!
- Sim!
- Com Iba!
- A Catulva!
- A Catulva!
- A famosa Catulva!
- Veio ao processo!
- Perguntem a ela!

- Ela conhece todos os dramas humanos!
 - Senhorita, diga, fale.
 - Fale!
 - Diga uma palavra de acusação ou de defesa!
 - Sim.
 - Disse que sim.
 - Disse sim.
 - Sim o quê?
 - Continue!
 - É culpado?
 - É inocente?
 - Silêncio!
 - Sim? O quê?
 - Não diz mais nada.
 - Mas não sabe o que dizer!
 - Estas atrizes fora dos dramas delas são estúpidas.
 - Não sabe fazer nada além de caretas.
 - Deixem-na.
-
- A pena!
 - A pena!
 - Para o Calleio!
 - Para o Calleio!
 - Sim para o Calleio!
 - O príncipe Zarlino!
 - O príncipe Zarlino?
 - Libertaram os loucos, libertaram os loucos!
 - O que acontecerá?
 - Olha, olha!
 - Abraçam-se!
 - Lindos os dois!
 - Abraçaram-se!

- Diz que o príncipe Zarlino está vestido todo de veludo cinza, empastou muito bem a cara com certa pomada mercurial e depois por dois dias passou-se por Perelá lá dentro do seu manicômio.

- A pena!
 - A pena!
 - Para o Calleio!
 - Para o Calleio!
 - O mensageiro da Rainha!
 - Deixem-no falar!
 - A Rainha está em seus aposentos e passeia duvidosa, ela vai e vem pelas salas com os braços abandonados, diz só uma palavra: “Deus”.

- Todos os grandes personagens têm poucas palavras!
 - Viva a Rainha!
 - Abaixo a marquesa de Bel’Onda!
 - Ela invoca Deus? Mas quem invoca alguém que acredita ser mais forte que si, é um fraco que tem medo!

Os assovios mais agudos cobrem totalmente a voz da Marquesa.

O ministro se levanta está para ler a sentença, a sala com muita dificuldade volta ao silêncio mais absoluto.

- Resulta por parecer unânime a culpa do réu, a justiça o condena à prisão perpétua.
 - Covarde! Covarde! Covarde!
 - Levem-na embora!
 - Fora! Fora!
 - Ele não será colocado nas prisões comuns, mas lhe será feita uma pequena cela no alto do monte Calleio, do qual ele desceu para trazer a confusão entre nós, e ali será murado!
 - Bravo!
 - Muito bem!
 - Nós o acompanharemos!

- Covarde! Covarde! Covarde!
- Murado!
- Muito bem!
- Viva o ministro!

- O Rei!

Somente o Rei pode cancelar a condenação.

- O juízo do Rei.

No alto, no meio da sala, se abre uma grande porta e atrás de um grande cristal aparece a pessoa do Rei.

Todas as respirações são neste instante suspensas, o quadro no meio da sala atrai todos os sentidos. Ouvem-se somente o suspiro de um peito feminino que se sacode – para cima, para cima, para cima, para cima – como se ela quisesse com sua alma levantar a mão do Rei. Se ele levantar a direita durante os sessenta segundos em que a porta permanece aberta, a sentença é cancelada, se a direita permanecer pendente a sentença é irremediavelmente aprovada.

Os átimos sucedem-se espasmodicamente.

- Pa...ra... ci...ma... Pa...ra... ci...ma... Pa...ra... ci...ma... Pa...ra... ci...ma...

Covarde! Covarde! Você também! Patife!

- Ao Rei!
- Ao Rei!
- Amarrem-na!
- Mandem amarrá-la!

- Covardes, todos! Eu vou correr para todos os povos para contar como foi condenado um inocente. Em todas as cortes, em todos os reinos, como foi consumida esta infâmia. E você, ministro da mentira, quando te perguntarem a razão da condenação de um inocente, quando te perguntarem o que fez daquele homem, o que vai responder?

- Ele não era um homem.
- E o que responderá da Marquesa Oliva De Bel'Onda?
- A partir deste momento a Marquesa Oliva De Bel'Onda não é mais responsável por suas ações!

- Ah! Muito bem! Bravo!... Oh! me... me... esmagaram! Eu... fui vencida, estou perdida, pisoteada, e agora como vencida eu falo.

Eu posso como vencida ao menos suplicar. Os vencedores concedem uma pequena graça a quem é fraco, a quem caiu...

- Fale.

- Ele não lhes pede na sua prisão comida, como todos os outros reclusos, nem mesmo uma cadeira na sua cela ele lhes pede, ao próprio Iba pelo menos foi concedido tanto vinho quanto queira, após terem-lhe roubado o seu tesouro, mas vocês não podem esquecer que ele é filho da chama, vocês não podem negar-lhe isto... Eu suplico a piedade da justiça, que conceda que ele tenha em sua cela estreita apenas uma pequena chaminé, a sua chaminé, onde nasceu, e onde sempre viveu feliz alimentado pelo fogo e pelas vozes de suas nutridoras. Vocês não terão de pensar em fornecer-lhe um único tronco, eu, eu irei até ele todas as noites com o fogo para que possa esquentar seus membros, reavivar seus pobres olhos nas gélidas noites. Vocês me concedem esta pequena graça, que eu lhes peço... de joelhos.

- Vamos, levante-se, levante-se, senhora Marquesa, a graça está concedida, a cela terá a chaminé e será feito um orifício do qual a senhora poderá passar-lhe toda a lenha que quiser, e do qual poderá todos os dias ver o seu amante.

- Uh!

- Que punhado de lama!

- Cobriu-a de lama!

- Lama? Minhas boas amigas?

O senhor Perelá ouviu um dia de viva voz de todas vocês, pronunciar com muita indiferença, a palavra amante.

- Não é verdade!

- Mentirosa!

- Está mentindo!

- Nenhuma disse então a palavra lama. O amante que naquele dia eu não pude ostentar aqui está, hoje o ostento, somos companheiras.

- Desaforada!

- Não é verdade!

- Mentirosa!

- A sessão está encerrada.

- Adeus minha querida Gelasia.
- Adeus Zoe.
- Que horror!
- Oliva até agora era aquela que menos deu motivos para falarem dela.
- Ela fez para ficar a par.
- Qual o quê!
- Parecia tão branda em sua melancolia...
- Tão doce...
- Enlouqueceu, minha cara.
- Precisa concordar.
- Bianca Das Cadeias em seu cemitério não fez um clamor assim.
- E o pobre marido!
- Que sempre se calou.
- Cobriu-o de ridículo, como poderá levantar-se?
- Agora vai reduzir a casa em um armazém de lenhador.
- Fará com que seu marido corte a lenha.
- As crianças, quando ela passa no carro, gritam atrás dela, e esta manhã quando chegou todos exclamavam: Madame Perelá.
- Que imbecilidade fenomenal ela cometeu!
- Você vem esta noite na casa da Nadina
- Com certeza.
- Até a vista, minha querida.
- Até mais ver.
- Ninguém faltará.
- Com certeza, ah! sim... Madame Perelá!
- Que pena!

O CÓDIGO DE PERELÁ

Depois do processo, Perelá foi reconduzido ao palácio real, fechado em seu aposento vigiado por dois vigias, ele ficará ali por todo o tempo necessário para a construção do seu túmulo lá em cima, no alto do Calleio.

Este ato espontâneo do Rei e do ministro, de trancá-lo sob o teto real após a condenação, azedou muito à maioria. A delicadeza com a qual continuam a tratá-lo cai agora no ridículo.

- Por que esta conduta tão excessivamente piedosa da parte do Rei? Ele deveria ser tratado como todos os outros culpados, aliás, mais duramente, muito mais duramente! Que culpado não sabe encontrar ao menos uma palavra para justificar ou somente atenuar a própria culpa? Pois bem, esta palavra aquele homem não a tinha encontrado! Que diabo estavam preparando para ele lá em cima no alto do monte? Alguma casinha talvez? Um confortável veraneio para o próximo verão? A justiça mostrou claramente até o fim a sua fraqueza para com ele. – Eis as vozes em circulação. – Os delinquentes devem ser tratados como se deve, como delinquentes, alguma vez se viu receber no palácio real os condenados à prisão perpétua? E usarem de todos os cuidados como se fossem príncipes de sangue? E aquele pobre Rei que tinha corrido os maiores perigos com este malfeitor pela casa, agora continuava a mantê-lo ao lado como uma sanguessuga! Grande tolo ele também! A bondade tem seus limites como qualquer outra coisa, fora deles é estupidez, é negligência, ridiculeza! Queria, então, estender-lhe as mãos até o fim? Uma prisão inteira para ele! Ou aquela não era uma ideia errada? Que exagero! Que diacho foram inventar? Seria bom que de agora em diante para cada pilantra se devesse fabricar uma casa sobre um lugar ameno à escolha! Logo, logo, todas as nossas colinas seriam cobertas por elas, e indo ali para os passeios dominicais nós teríamos como meta um destes vigaristas! Além de desfrutar de ar fresco eles se veriam honrados por contínuas peregrinações como o Santo Pai de Roma! Talvez seria a lei do progresso que levava esta última invenção para punir os perversos? – A ideia mostrava só um lado apreciável: para ir do palácio real à Porta Calleio o condenado deveria atravessar a cidade, suas ruas principais, e deveria cruzá-la a pé, uma vez que não conduzem os condenados no carro, cada um poderia dirigir-lhe comodamente o último insulto, uma piada novamente, uma careta de escárnio final!

Esperavam com ansiedade o momento.

O cubículo em cima do monte ficou pronto em pouco mais de dois dias, e construído com as próprias pedras do Calleio. Uma cela com cerca de dois metros por dois, enfiada terreno abaixo, alta aproximadamente três metros acima dele, um horrível

poço tenebroso. Em baixo, uma pequena porta forrada com chapa, e toda selada com enormes pregos, em sua parte superior, uma portinhola de cerca vinte centímetros toda emoldurada de ferro e atravessada por duas barras, dali o condenado deveria receber a luz e o ar, e a lenha se alguém lhe tivesse levado. Casebre inexorável como nunca foi construído para nenhum culpado. Olhando para lá de fora, por aquela portinhola, precisava primeiro acostumar os olhos com a escuridão, e procurar de não cobri-lo parcialmente com o próprio rosto, caso contrario não se via mais nada. O recluso podia mantê-lo aberto ou fechado à vontade, por dentro estava fincada uma chapa de ferro que corria sobre trilhos. A parede da frente estava ocupada por inteiro pela lareira que avançava mais que a metade da cela, em cima, no teto estava a pequena coluna pela qual sairia a fumaça, se alguma vez aquele homem tivesse lenha para queimar.

O Calleio é o cume mais alto das colinas que coroam a cidade. Tem pouco mais de quinhentos metros de altura. As suas encostas são revestidas por belas árvores verdes e até a metade da montanha os campos regularmente cultivados parecem um manto. Mas da metade para cima não há mais nenhuma vegetação, a natureza calcária do solo, a aridez pelo abrupto escoar das chuvas, impedem qualquer cultivo e só crescem ali plantas de terrenos áridos, pedregosos das areias; ele termina então em um cúmulo de ruínas que descem em uma torrencial fuga de pedras e de terra.

Da rua principal se destaca uma bela alameda flanqueada por ciprestes que sobe bem alto até onde o Calleio é verdejante, depois, para chegar ao topo é preciso seguir um caminho mal traçado que se enrola em espiras e se retorçe para cima como uma fita, tortuosamente. Sobre a pequena esplanada do cume foi construído o poço do condenado. Lá de cima se domina a cidade que fica verticalmente abaixo das encostas do monte, e se abraçam num único piscar de olhos todos os seus encantáveis arredores.

Já desde o meio dia as ruas do percurso estão animadíssimas, a praça real está repleta até a escadaria que está fechada pelo cordão de soldados até a porta do palácio real para que a multidão não penetre além da porta do paço. Em todas as janelas fervilha grande agitação. As casas estão cheias de gente, amigos, parentes, conhecidos, todos aqueles que moram fora do percurso, mas que têm a sorte de conhecer alguém ali. Ele tem de percorrer aquela rua do primeiro dia quando chegara à cidade, aquela rua que ele percorreu triunfante na noite em que o povo o aclamou como um soberano.

A hora estabelecida é a uma após o meio dia, mas ela já passou sem que ainda se veja algo. As janelas do palácio real estão fechadas.

Todos, como sempre, começam com as indefectíveis suposições. Nestas circunstâncias, se conta muito com o atraso do personagem esperado em meia hora e talvez uma hora. Aquela espera é tudo, é indispensável para o sucesso, constitui a solenidade, a importância do acontecimento. Se for um Rei será aclamado muito mais, as pessoas não querem se cansar por pouca coisa, ao esperar, e, no entanto, todos tiveram comodidade para tagarelar, para se escalar, para se aquecer uns aos outros para a ocasião. Um Rei, um arcebispo, um ministro, um personagem qualquer, que chegasse ou passasse cinco minutos antes da hora estabelecida seria acolhido com uma frieza generalizada, e todos o veriam passar à sua frente saindo sorrateiramente como um homem qualquer, cheio de ocupações, que tem pressa, que quer andar logo, que olha o seu relógio, feliz por estar adiantado, sem nenhuma solenidade.

No nosso caso a espera aumenta, com a curiosidade, o ódio pelo culpado. Começam a temer que o Rei o tenha feito conduzir lá em cima de mansinho durante a noite, para subtraí-lo do justo desdém da multidão, do santo desdém do povo! – com certeza, o Rei quer subtraí-lo deste apuro e nós esperaremos aqui por horas como uns imbecis quaisquer e seremos ludibriados! A predileção do Rei por este homem tornou-se fabulosa! Fabulosa! Os próprios ministros o estão tratando com uma doçura capaz de tirar do sério até os mais pacíficos! Daqui a pouco serão duas horas...

Bdbum... Bdbum... Bdbum... Bdbum... bum bum. Bdbum... Bdbum... Bdbum... bum bum... Dam... Dam... Dam... Dam... Dam... Dam... Dam... As sentinelas no portão do palácio real recuam, saem os dois primeiros tambores que fazem fila a dois metros de distância um do outro. Eis Perelá, atrás mais dois tambores que se enquadram com os dois primeiros. O condenado, no meio, avança muito agilmente, leve, quase saltando a cada passo, enquanto o cortejo se encaminha pesadamente, lento, com cadência fúnebre. Atrás deles estão quatro fileiras de soldados com o fuzil em posição de segurança, com a distância de dois passos uma fileira da outra.

Ao rufo dos tambores o cortejo desce a passos cadenciados a grande escadaria; somente Perelá parece elevar-se a cada degrau, como para levantar voo e fazer o resto em um salto, de tão ágeis que são seus movimentos.

Das prisões, no fundo da cidade, o sino fende o acolchoado aéreo com seus torpedos de morte contra o condenado à prisão perpétua.

A praça do palácio real está em um clamor geral, começam a partir, como foguetes, os primeiros gritos, as primeiras injúrias, os primeiros assovios.

O cortejo está no plano e se encaminha para a rua principal, cujas calçadas, cujas janelas tão apinhadas de cabeças parecem aqueles grossos maços de nabos ou de beterrabas que os verdureiros têm amontoados em suas bancas com o talo de fora. Às janelas do palácio real se entreveem cabeças se movendo, que espiam às escondidas atrás dos vidros fechados.

O cortejo está na rua cruzada por gritos, insultos, pilhérias, como as serpentinas, de uma janela cai um grande cuspe que cai aos pés do condenado. Perelá não se vira, mas já que o exemplo é imitado, os tambores vão para os lados para as linhas da multidão todos procurando afastar-se do alvo o mais possível. Eis outro, outro, outro, as pessoas começam a fugir, os soldados recuam cada vez mais, Perelá permanece sozinho no meio, imutável sob o granizo de flechas líquidos. – *tchó, tchiá, xu, crptu, crplah, crxu* – de todas as partes chovem, alguns como flocos de neve, alguns rodam no ar como pequenos cabos de mercúrio, luzentes, acinzentados, amarelos, enormes que vão se dissolver no chão como claras de ovo... todos pararam de gritar e exprimem assim seu desgosto.

Os homens que por todas as coisas de sua vida inventaram máquinas e dispositivos tão complicados, quando querem exprimir seu desprezo, quando querem jogar na cara a um ser odiado o insulto mais atroz, se servem daquilo de mais íntimo guardam o seu peito.

À porta Calleio muitas pessoas esperam para seguir o grupo, uma carruagem está parada com as cortinas abaixadas. Perelá passa no meio dos tambores que retomaram seus postos, a cortina daquela carruagem se abre um pouco, se percebe o brilho de um rosto pálido.

Os tambores com seus rufares, as quatro filas de soldados, e muitas centenas de pessoas, depois uma carruagem preta escondida, anda devagar como atrás de um funeral.

À medida que se sobe a rua, a massa do povo vai ficando cada vez menor, alguns aos poucos param e voltam.

Estamos no começo da alameda flanqueada pelos ciprestes que começa a subida do Calleio, atrás não há mais que uma centena de pessoas e a carruagem preta.

Estamos no fim da alameda onde começa a trilha, a maior parte das pessoas para e fica olhando de baixo a subida do último trecho, a carruagem para, desce a marquesa Oliva De Bel’Onda. Perelá, os soldados, um grupinho de vinte ou trinta pessoas, os mais impenitentes curiosos, e atrás a mulher arrasta seu manto preto pela ladeira cansativa. Lá em baixo veem-se em fila, com nariz empinado, aqueles que ficaram.

Perelá é fechado na cela, irreparavelmente.

Os soldados voltam e com eles as pessoas descem, a mulher que ficou de lado se aproxima da prisão, bem devagar anda à sua volta duas vezes, depois para à portinhola e olha longamente. O homem está reto na boca da ladeira, alto, sereno – deve estar com frio – ela pensa, – amanhã à noite – olha de novo, ele a olha, sem forças para trocar uma palavra, para abrir a boca para articular.

Os soldados seguidos pelas pessoas já estão andando pela rua, no começo a carruagem preta espera. A mulher começa com passos incertos, inconsoláveis, a descida. O sol está se pondo, o disco sobre a montanha da frente está como uma hóstia ardente, hóstia pura de luz e de calor, e lá em baixo, lá em baixo pelas ruínas do Calleio o ponto preto desce, hóstia pura de amor e de dor.

O sol desaparece atrás do monte, a mulher entra na carruagem, e os cavalos se movem ao trote.

“Eu estou sob esta chaminé e olho para cima, no alto, aquele pequeno círculo azul, ele me pertence. Neste pôr do sol, deixo minhas últimas vontades, os meus pés estão unidos, meus sapatos pousam como naquela manhã quando dificilmente descí até eles, e eu os deixo assim... como elas o prepararam. Pena! Rede! Lâmina! As senhoras me deram estes sapatos para que eu andasse sobre a terra, não é verdade? Talvez eu devesse andar até que eles estivessem totalmente gastos. Se tivessem sempre me levado como hoje, eu poderia deixar um velho par de sapatos furados aqui em baixo, mas já que sempre me fizeram andar nos carros, ainda estão em bom estado, ainda estão bonitos, brilhantes, e o solado deles não está nem um pouco gasto. É a única coisa que eu possuo e os deixo para vocês, oh! homens, eles me ligaram a vocês, agora vocês estarão persuadidos de que eu não valia muita coisa, valia este par de sapatos. Vocês me chamaram pelos nomes mais bonitos, rastejaram à minha frente com suas reverências mais profundas, me adoraram como uma relíquia, depois perceberam aquilo que eu valia e me desprezaram, pisaram em mim como em um réptil, me injuriaram, e me

quiseram para sempre longe de vocês, para sempre esquecerem-se de mim. Quiseram tantas coisas de mim, que eu lhes ditasse o Código, aqui está, só este pode ser o Código que eu lhes deixo, ele guardava na terra minha única virtude. Neste pôr do sol uma pequena nuvem cinza em forma de homem, as nuvens possuem tantas formas, voará bem para o alto, atravessará o horizonte rumo ao sol, ninguém vai percebê-la, talvez uma pobre mulher, e terá por mim um último soluço. Ela é o meu último pensamento, ela que sequer entendeu aquilo que eu era somente: leve, leve, leve, leve.”

- Ouçam! Todos! Venham aqui! Corram! Aqui... comigo! Covardes! Todos covardes! Corram...
- A Marquesa Oliva De Bel'Onda!
- A Marquesa Oliva De Bel'Onda!
- Está louca!
- Ouçam! Lá em cima!... na cela... Perelá... não está mais lá! Eu fui levar-lhe o fogo para a noite, não está mais lá... a cela está vazia... sob a chaminé não tem nada mais do que os seus sapatos!...
- Fugiu!
- Fugiu!
- Não! Voou!
- Onde?
- Como?
- Onde?
- Para o céu!
- Louca!
- Louca!
- Olhem-na, está enlouquecendo!
- Está enlouquecendo!
- Está louca!
- Cachorros!
- Agarrem-na!
- Covardes!
- Está delirando!
- Patifes!

- Agarrem-na!
- Está louca!
- Voou!
- Está louca!
- Sigam-me... sigam-me todos... vamos... vamos embora para matar... para contar... para matar... é preciso mat... Ah!...
- Está louca!
- Caiu louca!
- Caiu louca, agarrem-na!
- Não! Não se aproximem!... caiu morta. Quis correr demais... pobre mulher, explodiu-lhe o coração.

- Como o céu está sulcado hoje! Parece um povo novo, de homens novos, não é verdade?
- Realmente.
- Olhem! Olhem!
- Olhem o que tem lá em cima no céu!
- Águias brancas, cândidas águias, como cisnes, vão para cima, para cima, vão com seus bicos aduncos...
- Vão arrancar de Deus o véu sobre o seu mistério!
- Que nada!
- Aquelas bandeiras lá em cima, sobem para estapear o azul com o sangue de sua vitória!
- Que nada!
- Como o céu está sulcado!
- Aqueles homens vão entregar a Deus, com as próprias mãos, a alma deles!
- Que nada!
- Aonde vão?
- Vão procurar Perelá.
- Perelá!
- Perelá?
- O senhor Perelá?

FIM